

LORETTA CHASE



SRTA. MARAVILHOSA



FAMÍLIA CARSINGTON - 1

Editora
Charme

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LORETTA CHASE



SRTA. MARAVILHOSA



FAMÍLIA CARSINGTON - 1

Editora
Charme

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Este livro é uma obra de ficção. Embora referências sejam feitas a eventos históricos reais ou a locais existentes, nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia, e quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

1ª Impressão 2024

Produção Editorial - Editora Charme
Capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Imagens - AdobeStock
Tradução - Monique D'Orazio
Revisão - Equipe Editora Charme

Esta obra foi negociada pela Agência Literária Riff Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C436s

Chase, Loretta

Srta. Maravilhosa / Loretta Chase ; tradução Monique D'Orazio. - 1. ed. -
Campinas [SP] : Charme, 2024.
376 p. ; 22 cm. (Família Carsington ; 1)

Tradução de: Miss wonderful
ISBN 978-65-5933-173-4

I. Romance americano. I. D'Orazio, Monique. II. Título. III. Série.

24-91927

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

ELOGIOS AOS ROMANCES DE LORETTA CHASE

“Pungente, belamente escrito... e ardentemente sensual.”

— *Mary Jo Putney*

“Excelente construção de personagens.”

— *Library Journal*



PRÓLOGO

Londres

Fim do outono, 1817

OMuito Honorável Edward Junius Carsington, conde de Hargate, tinha cinco filhos, o que era três a mais do que ele precisava. Como a Providência — recebendo alguma ajuda de sua esposa — o abençoara cedo com um robusto herdeiro e um filho de reserva igualmente saudável, ele preferiria que os três últimos bebês fossem meninas.

Isso ocorria porque o conde, ao contrário de muitos de seus pares, tinha uma aversão mórbida à acumulação de dívidas, e todos sabem que filhos, especialmente os filhos dos nobres, eram terrivelmente onerosos.

A modesta educação requerida por garotas aristocráticas pode ser providenciada de forma satisfatória em casa, enquanto os meninos devem ser enviados para internatos e depois para a universidade.

Ao longo da infância, garotas que recebem a devida criação não se envolvem em encrencas das quais seus pais deverão livrá-las por meio de enormes despesas financeiras. Meninos não fazem muita coisa além disso, a menos que sejam mantidos em gaiolas, o que é impraticável.

Isso, ao menos, era verdade para os filhos de Lorde Hargate. Tendo herdado a boa aparência, a vitalidade abundante e a obstinação do pai e da mãe, eles se envolviam em problemas com uma regularidade deprimente.

Permita-nos também observar que uma filha pode ser casada bem jovem a um custo relativamente pequeno; depois disso ela se torna problema do marido.

Filhos homens... Bem, o resumo da ópera é que seu nobre pai deve lhes comprar cargos — no governo, na Igreja ou no Exército — ou encontrar-lhes esposas ricas.

Nos últimos cinco anos, os dois mais velhos de Lorde Hargate haviam cumprido sua obrigação no quesito matrimonial. Isso deixava o conde livre para voltar seus pensamentos àquele rapaz Exasperante-

Para-Além-de-Toda-a-Compreensão-Humana, de 29 anos, o Honrável Alistair Carsington, seu terceiro filho.

Isso não queria dizer que Alistair permanecesse longe dos pensamentos de seu pai. Não, de fato, ele estava presente, dia após dia, na forma de contas de comerciantes.

— Pelo que ele gasta com alfaiate, sapateiro, chapeleiro, fabricante de luvas e diversos armarinhos (sem mencionar as lavadeiras, comerciantes de vinhos e destilados, confeitheiros etc.), eu poderia equipar uma frota naval — queixou-se o conde para sua esposa, certa noite, quando se deitou ao lado dela.

Lady Hargate deixou de lado o livro que estava lendo e voltou toda a sua atenção ao marido. A condessa tinha cabelos escuros e estatura imponente, elegante em vez de bonita, com olhos pretos brilhantes, um nariz intimidante e um maxilar forte. Dois de seus filhos haviam herdado seus traços.

O filho em questão herdara os traços do pai. Ambos eram homens altos e construídos em linhas esbeltas, o conde não sendo muito mais avantajado na região da cintura do que o próprio Alistair em sua idade.

Tinham o mesmo perfil aquilino e os mesmos olhos de pálpebras pesadas, embora os do conde fossem mais castanhos do que dourados e tivessem linhas de expressão mais profundas. Além disso, o cabelo castanho-escuro do pai contava com fios prateados. Tinham a mesma voz grave dos Carsington, a qual a emoção — fosse positiva ou negativa — tornava um rosnado.

Lorde Hargate estava rosnando no momento.

— Você deve pôr um fim nisso, Ned — disse Lady Hargate.

Ele virou seu olhar completamente para ela, as sobrancelhas erguidas.

— Sim, eu me recordo do que lhe disse no ano passado — prosseguiu ela. — Eu disse que Alistair se preocupa muito com a própria aparência porque está consciente de seu manquitolar. Eu disse que devemos ter paciência, mas já passa de dois anos que ele retornou do Continente, e as coisas não melhoram. Parece que ele é indiferente a tudo, exceto suas roupas.

Lorde Hargate franziu o cenho.

— Nunca pensei que veria o dia em que nos encontraríamos preocupados por ele não estar envolvido em apuros com uma mulher.

— Você precisa fazer alguma coisa, Ned.

— Eu faria, se tivesse a menor ideia do que fazer.

— Que bobagem! — exclamou ela. — Se consegue lidar com a prole real, para não mencionar aqueles sujeitos indisciplinados na Câmara

dos Comuns, decerto pode lidar com seu filho. Vai pensar em algo, não tenho a menor dúvida. Mas eu insisto que pense nisso logo, meu senhor.

Uma semana depois, em resposta ao chamado de Lorde Hargate, Alistair Carsington estava em pé à beira de uma janela no escritório deste último, examinando um documento extenso. Continha uma lista do que seu pai intitulava “Episódios de Estupidez” e seu custo em libras, xelins e pence.

A lista de indiscrições de Alistair era curta, em comparação aos padrões de alguns homens. O grau de tolice e notoriedade envolvido, no entanto, estava muito acima da norma, como, infelizmente, ele bem sabia.

Alistair não precisava da lista para lembrá-lo; ele se apaixonava rápida, profunda e desastrosamente. Por exemplo: quando tinha quatorze anos, foi Clara, a filha de cabelos dourados e bochechas rosadas de um zelador de Eton. Alistair a seguia como um cachorrinho e gastava toda a sua mesada em doces e quinquilharias bonitas. Um dia, um rival ciumento, um jovem local, fez comentários provocativos. A disputa logo escalou de troca de insultos para troca de socos. A briga atraiu uma multidão. A rusga subsequente entre um grupo de colegas de escola de Alistair e alguns meninos da vila resultou em dois narizes quebrados, seis dentes perdidos, uma concussão leve e consideráveis danos à propriedade alheia. Clara chorou pelo rival machucado e chamou Alistair de bruto. Com o coração partido, ele não se importou que enfrentasse expulsão, bem como acusações de agressão, perturbação da paz do rei, incitamento a tumulto e destruição de propriedade privada. Lorde Hargate, por sua vez, estava obrigado a se importar, e isso lhe custou uma bela nota.

Aos dezesseis anos, foi Verena, que Alistair conheceu durante as férias de verão. Como os pais dela eram pios e rigorosos, Verena lia romances sórdidos em segredo e se comunicava com Alistair em sussurros apressados e cartas clandestinas. Certa noite, conforme combinado, ele foi furtivamente até a casa dela e jogou pedrinhas na janela de seu quarto. Havia presumido que encenariam alguma variação da cena da varanda de Romeu e Julieta. Verena, porém, tinha outras ideias. Ela jogou uma valise para baixo e depois desceu por uma corda de lençóis amarrados. Disse que recusava-se a ser prisioneira de seus pais por mais tempo. Ela fugiria com Alistair. Animado por resgatar uma donzela em perigo, ele não se preocupou com dinheiro, transporte, hospedagem ou outras bobagens desse tipo, e concordou imediatamente. Foram pegos antes de chegarem à paróquia seguinte. Os pais indignados da moça queriam que ele fosse julgado por sequestro e transportado para uma colônia penal na Austrália, em Nova Gales do Sul. Depois de resolver a questão, Lorde

Hargate disse ao filho que encontrasse uma mulher da vida e parasse de ficar babando por virgens de boa linhagem.

Aos dezessete anos, foi Kitty. Ela era assistente de modista e tinha enormes olhos azuis. Com ela, Alistair aprendeu, entre outras coisas, os pontos mais finos da moda feminina. Quando reclamações invejosas de uma cliente de alta classe custaram a Kitty seu emprego, o indignado Alistair publicou um panfleto sobre a injustiça. A cliente abriu processo por difamação, e a costureira buscou reparação por difamação e perda de clientela. Lorde Hargate fez o de sempre.

Aos dezenove anos, foi Gemma, uma chapeleira elegante. Um dia, caçadores de ladrões pararam a carruagem deles a caminho de um idílio rural romântico e encontraram nas caixas de Gemma alguns itens roubados. Ela afirmou que rivais ciumentos tinham plantado provas falsas, e Alistair acreditou nela. O discurso apaixonado que ele proferiu sobre conspirações e funcionários corruptos atraiu uma multidão, que gradualmente foi se transformando em desordem, como costuma ocorrer com as multidões. O Ato de Revolta foi lido, e ele foi preso junto com sua amante mão-leve. Lorde Hargate veio ao resgate mais uma vez.

Aos 21 anos, foi Aimee, uma bailarina francesa que transformou as modestas acomodações de solteiro de Alistair em uma elegante moradia. Eles deram festas que logo se tornaram famosas nos círculos boêmios de Londres. Como os gostos de Aimee rivalizavam com os da falecida Maria Antonieta, e Alistair não sonharia em negar-lhe qualquer coisa, ele acabou em uma casa de endividamento — a última parada antes da prisão por dívidas. O conde pagou a dívida astronômica, encontrou um emprego para Aimee em uma companhia de balé itinerante e disse a Alistair que era hora de se associar a pessoas respeitáveis e parar de fazer um espetáculo de si mesmo.

Aos 23 anos, foi Lady Thurlow, o primeiro e único caso amoroso de Alistair com uma mulher casada. Na alta sociedade, buscam-se os envolvimentos adúlteros discretamente, para proteger a reputação da dama e poupar seu marido de duelos tediosos e demandas judiciais. No entanto, Alistair não conseguia esconder seus sentimentos, e ela teve que encerrar o relacionamento. Infelizmente, um criado roubou as cartas de amor de Alistair e ameaçou publicá-las. Para proteger sua amada do escândalo e de um marido indignado, Alistair, que não tinha como providenciar o enorme resgate exigido, teve que pedir ajuda ao seu pai.

Aos 27 anos, veio sua maior tolice. Judith Gilford era a única filha de um rico viúvo recém-sagrado cavaleiro. Ela entrou na vida de Alistair no início do novo ano de 1815. Ele logo derrotou todos os rivais e, em fevereiro, o noivado foi anunciado. Em março, estava no

purgatório.

Em público, ela era adorável de se ver e encantadora para conversar. Em particular, ficava de mau humor ou fazia birra quando não conseguia exatamente o que queria no instante em que queria. Esperava que toda a atenção, sempre, se concentrasse nela. Seus sentimentos eram facilmente magoados, mas ela não tinha consideração pelos sentimentos de ninguém. Era rude com a família e os amigos, abusiva com os serviçais e caía em histeria quando alguém tentava amenizar seu temperamento ou linguagem.

E assim, em março, Alistair estava desesperado, porque um cavaleiro não deveria romper um noivado. Como Judith não estava disposta a romper, ele só podia desejar ser atropelado por cavalos desgovernados, jogado no Tâmis ou esfaqueado até a morte por assaltantes. Certa noite, a caminho de um bairro sórdido onde a morte violenta era uma forte possibilidade, ele tropeçou de alguma forma — e ainda não sabia como — nos braços reconfortantes de uma cortesã voluptuosa chamada Helen Waters.

Alistair mais uma vez se apaixonou loucamente e mais uma vez foi indiscreto. Judith descobriu, fez cenas terríveis em público e o ameaçou com processos judiciais. Os fofoqueiros adoraram. Lorde Hargate, não. Quando Alistair deu por si, havia sido posto em um navio e despachado às pressas para o Continente. Bem a tempo para Waterloo. Esse foi o fim da lista.

Com o rosto quente, Alistair se afastou da janela mancando e colocou o documento na grandiosa escrivaninha atrás da qual seu pai o observava.

Fingindo uma leveza que não sentia, Alistair indagou:

— Recebo algum crédito por não ter tido um episódio desde a primavera de 1815?

— Você ficou fora de encrenca apenas porque estive incapacitado pela maior parte desse tempo — disse Lorde Hargate. — Enquanto isso, as contas dos comerciantes chegam lotando carroças. Não consigo decidir qual é pior. Com o que você gasta com coletes, poderia manter um harém de prostitutas francesas.

Alistair não podia negar. Sempre fora exigente com sua indumentária. Talvez, ultimamente, dedicasse mais tempo e pensamento à sua aparência do que antes. Talvez isso mantivesse sua mente longe de outras coisas. O dia 15 de junho, por exemplo, o dia e a noite de que ele não conseguia se lembrar. Waterloo permanecia turva em sua mente. Alistair fingia se lembrar, assim como fingia não notar a diferença desde que havia voltado para casa: a idolatria que o fazia se contorcer internamente, a piedade que o enfurecia.

Ele afastou esses pensamentos e franziu a testa para um fiapo de

poeira na manga do casaco. Resistiu à vontade de removê-lo. Pareceria um gesto de nervosismo. Estava começando a transpirar, mas ainda não era evidente. Ainda. Rezou para que o pai terminasse antes que o lenço engomado de sua gravata murchasse.

— Detesto falar de dinheiro — continuou o pai. — É vulgar. Infelizmente, o assunto não pode mais ser evitado. Se você deseja passar a perna nos seus irmãos mais novos e deixá-los desprovidos do que eles têm direito, que assim seja.

— Meus irmãos? — Alistair encontrou o olhar estreito de seu pai. — Por que eu deveria... — A frase ficou no ar, pois a boca de Lorde Hargate estava se curvando para cima, dando a mais leve sugestão de um sorriso. Oh, aquele sorrisinho nunca prometia nada de bom.

— Deixe-me explicar — falou Lorde Hargate.



— Ele me dá até o primeiro de maio — Alistair contou a seu amigo Lorde Gordmor naquela tarde. — Já ouviu algo tão diabólico assim?

Ele chegara enquanto seu antigo camarada de armas ainda estava se vestindo. Gordmor havia lançado apenas um olhar na direção do rosto de Alistair e mandado seu criado se retirar. Uma vez que estavam a sós, Alistair descreveu a reunião daquela manhã com o pai.

Ao contrário da maioria dos nobres, o visconde era perfeitamente capaz de se vestir sozinho, e o fez enquanto seu convidado falava.

No momento, o visconde estava diante do espelho, amarrando o lenço da gravata. Uma vez que o processo envolvia não apenas amarrar um nó adequado, mas arrumar as dobras com uma precisão excruciante, geralmente exigia que se estragasse pelo menos meia dúzia de lenços de linho engomado antes de alcançar a perfeição.

Alistair estava em pé perto da janela do quarto de vestir e observava a cena transcorrer, a disposição das gravatas perdendo parte de seu encanto desde aquela manhã.

— Seu pai é um enigma para mim — declarou Gordmor.

— Ele me diz para casar com uma herdeira, Gordy. Pode acreditar? Depois do fiasco com Judith?

Gordmor havia advertido Alistair na época para ter cuidado — como filhos únicos não sabiam como era compartilhar o afeto e a atenção dos pais com outros irmãos e, assim, tendiam a ser mimados e pouco disciplinados.

Naquele momento, Gordy disse apenas:

— Deve haver pelo menos uma herdeira na Inglaterra que não tenha cara feia ou seja mal-humorada.

— Não faz diferença — respondeu Alistair. — Não consigo pensar em me casar até que esteja bastante velho e debilitado: uns 45... não; melhor, 55 anos. Do contrário, cometerei outro erro catastrófico e serei forçado a viver com ele para sempre.

— Você simplesmente teve azar com as mulheres — opinou Gordy.

Alistair balançou a cabeça.

— Não, é uma falha fatal de caráter: eu me apaixono com muita facilidade, e sempre de maneira imprudente, e então desastre se segue a desastre. Gostaria de saber por que meu pai simplesmente não escolhe uma esposa rica para mim. Seu julgamento com certeza será melhor do que o meu.

Ainda assim, seria um incômodo, Alistair sabia. Ele não traria nenhum benefício para a noiva. Já era difícil o bastante depender financeiramente do pai. Já depender de uma esposa, sentir-se devedor à família dela... A perspectiva fazia sua pele se arrepiar. Ele sabia que outros filhos mais novos se casavam por dinheiro e ninguém pensava que eram inferiores por isso. Era perfeitamente aceitável. No entanto, não conseguia adotar por completo esse ponto de vista.

— Gostaria que ele tivesse me deixado ficar no exército — rosnou.

Gordmor tirou os olhos da gravata por tempo suficiente para lançar um olhar a Alistair.

— Talvez, como alguns de nós, ele sentiu que você tinha consumido seu quinhão de sorte no campo de batalha. Francamente, estou feliz que ele tenha bloqueado essa rota.

Ao que parecia, Waterloo tentara matar Alistair com todas as suas forças. Ele ficara sabendo que o inimigo havia atirado em três cavalos que ele montava, cortado-o com sabres e furado-o com lanças. Um pelotão de cavalaria amiga havia passado por cima dele, alguns companheiros tinham morrido em cima dele e saqueadores o haviam roubado. Dado como morto, ele havia jazido na lama entre os cadáveres por horas. Era ele mesmo quase um cadáver quando Gordmor o encontrou.

Não que Alistair se lembrasse. Ele só fingia. Havia montado o quadro geral a partir de observações alheias. Não tinha certeza se tudo era verdade. Ou se fosse, poderia ser muito exagerado. Estava certo de que Gordy sabia ou pelo menos suspeitava de que algo dera errado com o cérebro de Alistair, mas ambos nunca falavam disso.

— Meu pai poderia ter me deixado continuar servindo o rei e o país — disse Alistair. — Então ele não poderia reclamar que estou desperdiçando minha vida na ociosidade.

— Mas espera-se que um cavalheiro seja ocioso.

— Não este — respondeu Alistair. — Não mais. Preciso encontrar

uma maneira de ganhar meu sustento até o primeiro de maio.

— Seis meses — murmurou Gordmor. — Deve ser tempo suficiente.

— É melhor que seja. Se eu não tiver encontrado uma ocupação até então, devo cortejar e conquistar uma herdeira. Se eu não fizer nenhum dos dois... ele punirá meus irmãos mais jovens! — Este tinha sido o golpe de misericórdia de Lorde Hargate. O condado e todos os seus outros títulos, honras e privilégios, juntamente com a maior parte das propriedades da família, iriam para o irmão mais velho de Alistair, Benedict, quando o pai morresse. Grandes propriedades eram normalmente vinculadas dessa maneira, para mantê-las intactas ao longo das gerações. Mas isso só transferia a responsabilidade pelo sustento dos filhos mais novos do pai para o filho mais velho. Para poupar Benedict desse fardo, o conde havia adquirido certas propriedades, destinadas a serem presentes de casamento para seus meninos.

Naquele dia, ele ameaçara vender uma ou ambas as propriedades dos homens mais jovens e providenciar um pagamento anual para Alistair a partir do dinheiro obtido, caso Alistair não conseguisse encontrar uma ocupação — ou uma noiva de bom dote — no prazo estabelecido.

— Somente seu inescrutável pai poderia elaborar um esquema assim — falou Gordmor. — Acho que há algo de oriental na mente dele.

— Você quer dizer maquiavélico — corrigiu Alistair.

— Eu arriscaria dizer que é desconfortável ter um personagem tão determinado como pai — disse Gordmor. — No entanto, não posso deixar de admirá-lo. Ele é um político brilhante, como todos no Parlamento sabem... e tremem, ao saber. E mesmo você deve admitir que a estratégia é excelente. Ele atingiu exatamente o seu ponto fraco: aqueles paspalhos que você considera seus irmãos caçulas.

— Os pontos fracos não têm nada a ver com isso — retrucou Alistair. — Meus irmãos me irritam excessivamente. Mas não posso permitir que sejam roubados para me sustentar.

— Ainda assim, você deve admitir que seu pai conseguiu deixá-lo perturbado, o que não é pouca coisa. Lembro-me de quando o cirurgião propôs cortar a sua perna, e você disse: “Que pena. Tínhamos nos apegado tanto”. Eu estava lá, ora chorando ora delirando, e você, pisoteado até quase virar geleia, tão calmo quanto o próprio Duque de Ferro.

A comparação era absurda. O duque de Wellington havia liderado suas tropas repetidas vezes para a vitória. Tudo o que Alistair havia feito era sobreviver o suficiente para ser resgatado.

Quanto ao seu comportamento tranquilo, se ele tivesse levado tudo com tanta calma, por que isso não estava claro e evidente em sua

mente? Por que a cena continuava obscurecida, fora de seu alcance?

Ele virou as costas para a janela e observou o homem que não apenas salvara sua vida, mas se certificara de que ele mantivesse todos os membros grudados ao corpo.

— Você não tinha o meu treinamento, Gordy — disse ele. — Você só tinha uma irmã mais velha, enquanto eu tinha dois irmãos mais velhos para me bater e me atormentar desde que comecei a andar.

— Minha irmã encontra outras maneiras de me atormentar — contou Gordmor.

Ele vestiu o casaco com um movimento dos ombros e deu uma última olhada em seu reflexo. Tinha cabelos claros, estatura um pouco mais baixa do que o um metro e noventa de Alistair e o físico um pouco mais robusto.

— Meu alfaiate faz o melhor que pode com o material disponível — comentou Gordmor. — Mas não importa o que eu gaste e o que peça para fazer, sempre acabo ficando um degrau menos elegante do que você.

A perna de Alistair estava latejando, pedindo descanso. Ele deixou seu posto na janela e mancou até a cadeira mais próxima.

— É só que os ferimentos de guerra estão na moda nos dias de hoje.

— Não, é você. Até o seu manquitolar é com elegância.

— Se é para mancar, deve-se fazê-lo bem.

Gordmor apenas sorriu.

— De qualquer forma, devo lhe dar crédito — disse Alistair ao amigo. — Se não fosse por você, eu estaria deitado muito quieto neste momento.

— Não quieto — retrucou Gordmor. — Em decomposição. Acredito que seja um processo ativo. — Ele se dirigiu a um pequeno armário e pegou taças e um decantador.

— Pensei que íamos sair — declarou Alistair.

— Em breve. — Gordmor serviu. — Mas primeiro eu quero falar com você sobre um canal.



CAPÍTULO 1

Derbyshire,

Segunda-feira, 16 de fevereiro de 1818

Mirabel Oldridge saiu dos estábulos e começou a subir o caminho de cascalho em direção a Oldridge Hall. Enquanto ela virava para o jardim, o criado Joseph saiu correndo da moita e entrou na trilha.

Embora a srta. Oldridge tivesse completado recentemente seu trigésimo primeiro aniversário, não aparentava a idade. No momento — com o cabelo ruivo-dourado desarrumado pelo vento, suas coradas bochechas cor de creme e seus olhos azuis cintilantes devido ao exercício —, ela parecia bem jovem.

No entanto, para todos os efeitos, era a integrante sênior da família, e eram para a srta. Oldridge, e não para seu pai, que os serviçais se voltavam quando surgiam dificuldades. Isso talvez se devesse ao fato de seu pai, com frequência, ser o causador de tais dificuldades.

A aparição abrupta de Joseph e seu estado ofegante lhe disseram que havia um problema mesmo antes de ele falar, o que ele fez apressadamente e de maneira um tanto confusa:

— Se me permite, senhorita — disse ele —, tem um cavalheiro e ele veio ver o sr. Oldridge. Inclusive, segundo disse ele, ele tem uma hora marcada. E tem mesmo, o sr. Benton falou, porque o livro do senhor estava aberto, e o sr. Benton viu claro como o dia, na letra do próprio senhor.

Se Benton, o mordomo, dizia que a marcação no diário existia, ela devia existir, por mais impossível que isso parecesse.

O sr. Oldridge nunca marcava compromissos com ninguém. Seus vizinhos sabiam que deviam providenciar visitas sociais com Mirabel se quisessem ver o pai dela. Aqueles que vinham para negócios relacionados à propriedade entendiam que deveriam lidar com

Higgins, o agente do sr. Oldridge, ou com Mirabel, que supervisionava o agente.

— O cavalheiro não aceitaria falar com o sr. Higgins em vez disso?

— O sr. Benton diz que não é apropriado, senhorita, porque o sr. Higgins não é digno da atenção do cavalheiro. Um certo sr. Carsington, cujo pai é o conde de algum lugar. O sr. Benton perguntou de onde. Alguma-coisa-gate, só que não era Billingsgate nem nenhum desses outros de Londres.

— Carsington? — indagou Mirabel. — Esse é o sobrenome da família do conde de Hargate. — Era uma família antiga de Derbyshire, mas não uma com a qual ela mantinha relações de visita.

— Sim, é isso, senhorita. Além do mais, este é aquele cavalheiro que foi pisoteado tão heroicamente em Waterloo, é por isso que o colocamos na sala de visitas, onde o sr. Benton diz que é o lugar de respeito, senhorita, mas não fica bem deixá-lo tomando um chá de cadeira como se ele não fosse ninguém em especial.

Mirabel deu uma olhada em si mesma. Durante toda a manhã, a chuva viera e se fora. Havia bolotas de lama grudadas em seu traje de montaria úmido e, graças à caminhada de ida e volta aos estábulos, estavam grossamente acumuladas em suas botas também. Seu cabelo e os respectivos grampos haviam se separado havia muito tempo, e ela preferia não contemplar o estado de seu *bonnet*.

Ponderou o que fazer. Parecia desrespeitoso aparecer em toda a glória de sua sujeira. Por outro lado, arrumar-se levaria séculos, e o cavalheiro — o famoso herói de Waterloo — já havia esperado mais do que poderia ser considerado cortês.

Ela levantou as saias e correu em direção à casa.



Derbyshire não era onde Alistair queria estar naquele momento. A vida rural não lhe apresentava encantos. Preferia a civilização, o que significava Londres.

Oldridge Hall estava longe da civilização, em um fim de mundo do Peak District, em Derbyshire.

Gordmor havia descrito bem, embora roucamente, os encantos de Peak quando estava em seu leito de enfermo.

— Turistas fitando embasbacados as vistas pitorescas e os matutos pitorescos. Hipocondríacos engolindo águas minerais aos gorgolejos e chafurdando em piscinas minerais. Estradas abomináveis. Sem teatro, sem ópera, sem clubes. Nada na terra para fazer além de olhar boquiaberto para a vista... montanhas, vales, rochas, riachos, vacas e

ovelhas... ou matutos, turistas e inválidos.

Em meados de fevereiro, a região não contava nem mesmo com esse grau de animação. A paisagem exibia tons sombrios de marrom e cinza, e o clima estava amargamente frio e úmido.

Mas o problema de Gordmor — e, portanto, de Alistair — estava naquele lugar, e não poderia esperar até o verão para ser resolvido.

Oldridge Hall era uma mansão senhorial antiga e suficientemente bonita, bastante ampliada ao longo dos anos. No entanto, era situada de maneira muito inconveniente no final de um longo trecho daquilo que, naquela região, era chamado humoristicamente de “estrada”: uma trilha estreita e cheia de sulcos onde a terra poeirenta predominava em tempo seco, e o barro, em tempo úmido.

Alistair pensara que Gordmor exagerava ao descrever a condição das estradas. Na verdade, o visconde havia minimizado o caso. Alistair não conseguia imaginar uma área na Inglaterra mais desesperadamente necessitada de um canal.

Depois de examinar a coleção de quadros da sala de visitas — que incluía várias pinturas superlativas de cenas egípcias — e estudar o padrão do tapete, Alistair caminhou até as portas francesas e olhou para fora. As portas de vidro abriam-se para um terraço, que dava lugar a um arranjo profuso de jardins. Além deles, havia uma paisagem relvada ondulante e, mais adiante, as pitorescas colinas e vales.

Ele não deu atenção a nenhum desses elementos da paisagem. Tudo o que viu foi a moça.

Ela vinha correndo escadarias acima, rumo ao terraço, saias amontoando-se até os joelhos, *bonnet* torto e uma massa selvagem de cabelos da cor do nascer do sol dançando ao redor do rosto.

Enquanto ele observava o cabelo — uma bola de fogo giratória ao ser golpeado por uma rajada de vento —, ela irrompeu pelo terraço. Alistair teve uma visão ininterrupta de tornozelos esbeltos e panturrilhas bem formadas antes de ela abaixar a barra da saia para cobri-los.

Ele abriu a porta, e ela irrompeu na sala de visitas em um turbilhão de chuva e lama, sem dar mais atenção ao seu estado desgrenhado do que um cachorro o faria.

Ela sorriu.

Sua boca era larga, e assim o sorriso pareceu durar para sempre, e para sempre e para sempre, cercando-o. Seus olhos eram azuis, azul-crepúsculo e, por um momento, ela parecia ser o começo e o fim de tudo, desde o halo de cabelo auroral até o azul vespertino de seus olhos.

Por aquele momento, Alistair não sabia de mais nada, nem mesmo seu nome, até ela pronunciá-lo.

— Sr. Carsington — cumprimentou, e sua voz era clara e fria, com um traço de sussurro.

Cabelo: aurora. Olhos: crepúsculo. Voz: noite.

— Sou Mirabel Oldridge — continuou a voz noturna.

Mirabel. Significava maravilhosa. E ela era verdadeiramente...

Alistair se conteve a tempo, antes que seu cérebro se desintegrasse. Nada de poesia, disse a si mesmo. Sem sonhar acordado.

Ele estava ali a negócios e não podia se esquecer disso.

Não podia permitir que seus pensamentos se detivessem, nem por um instante, em qualquer mulher... não importava o quanto sua pele fosse bonita ou o quanto seu sorriso fosse caloroso, como o primeiro calor da primavera após um longo e sombrio inverno...

Nada de poesia. Deveria enxergá-la como... como um móvel. Sim, era isso.

Se ele se enredasse em outro desastre desta vez — e o desastre era inevitável se houvesse alguém do sexo oposto envolvido —, não sofreria apenas a desilusão usual, o coração partido e a humilhação.

Desta vez, sua tolice prejudicaria outras pessoas. Seus irmãos perderiam suas propriedades, e Gordmor estaria, se não completamente arruinado, ao menos em circunstâncias muito embaraçosas. Não era assim que ele deveria retribuir ao homem que salvara sua vida, sem mencionar sua perna. Alistair devia provar ser digno da confiança que o amigo havia depositado nele.

Também devia provar a Lorde Hargate que seu terceiro filho não era um dândi inútil, ocioso e parasita.

Pedindo aos céus para que seu rosto não revelasse nada, Alistair se afastou casualmente, fez uma reverência e murmurou a resposta educada de sempre.

— O senhor queria ver meu pai, eu sei — disse a moça. — Ele marcou de se encontrar com o senhor hoje.

— Entendi que ele teve um imprevisto e foi detido em outro lugar.

— Exatamente — respondeu ela. — Considerei gravar isso como seu epitáfio: “Sylvester Oldridge, Amado Pai, Detido em Outro Lugar”. Claro, seria verdade, não?, se ele precisasse de um epitáfio.

A cor fraca que subiu por suas bochechas contradizia a frieza de sua voz. Era instintivo inclinar-se para aquela sugestão de rubor, para ver se ficaria mais rosado ainda.

Um tanto apressada, ela se afastou e começou a desatar as fitas de seu *bonnet*.

Alistair recobrou o juízo, endireitou-se e disse com compostura:

— Já que a senhorita implica que ele ainda não precisa disso, pode-se assumir com segurança que está detido apenas no sentido usual, não no permanente.

— Usual por demais — revelou ela. — Se o senhor fosse um musgo, um líquen, tivesse estames e pistilos ou qualquer outra qualidade vegetativa única, ele lembraria até mesmo o menor detalhe a seu respeito. Agora, se fosse o arcebispo de Canterbury, e a disposição eterna da alma de meu pai dependesse do encontro com o senhor em tal e tal horário, aconteceria exatamente o mesmo que isto.

Alistair estava ocupado demais tentando sufocar sentimentos inconvenientes para absorver as palavras dela. Por sorte, a vestimenta da dama enfim lhe chamou a atenção, e isso prontamente livrou seu cérebro de bobagens poéticas.

O traje de montaria era de tecido caro e feito com esmero, mas em um estilo não muito elegante e de uma tonalidade de verde que não valorizava o tom de sua pele e seu cabelo. O *bonnet* também era de alta qualidade, mas antiquado. Alistair estava confuso. Como uma mulher que obviamente entendia de qualidade não tinha nenhuma noção de bom gosto ou moda?

A contradição o incomodava, o que, combinado com sentimentos sufocados, talvez explicasse por que ele ia ficando cada vez mais irracionalmente irritado à medida que, em vez de desamarrar as fitas do *bonnet*, ela começou a embaracá-las.

— E assim peço que releve a ausência de meu pai como um capricho ou falha de personalidade — estava dizendo ela, enquanto tentava desfazer o emaranhado — e não se ofenda. Maldição. — Ela puxou as fitas, o que apenas apertou o nó gordiano que havia criado.

— Permite-me ajudá-la, srta. Oldridge? — ofereceu Alistair.

Ela recuou um passo.

— Obrigada, mas não vejo por que ambos devemos ficar irritados com um comprimento obstinado de fita.

Ele avançou em sua direção.

— Devo insistir. A senhorita só está piorando a situação.

Ela segurou a fita enroscada com uma das mãos.

— A senhorita não consegue ver o que está fazendo — disse ele, e tocou-lhe a mão para afastá-la.

Ela trouxe ambas as mãos para os lados do corpo e ficou rígida como uma tábua. Seu olhar azul fixou-se no nó da gravata de Alistair.

— Devo pedir que incline a cabeça para trás — orientou este.

Ela atendeu, e seus olhos se concentraram acima e em algum lugar à direita dele. Seus cílios longos eram mais escuros que os cabelos. Uma mancha rosada surgiu e desapareceu de suas bochechas.

Alistair forçou o próprio olhar para baixo — além da boca excessivamente larga — até o nó, muito duro e muito pequeno. Ele teve que se curvar para procurar uma abertura provável nas fitas.

De imediato, tornou-se consciente de um aroma que não era lá molhada, mas Mulher. Seu coração desembocou em uma série de batidas fortes.

Determinado a ignorar tais perturbações, conseguiu inserir uma unha bem-cuidada em uma fenda estreita de tecido. Porém, a fita estava úmida, e o nó não cedeu nem um milímetro que fosse, e Alistair podia sentir a respiração da dama em seu rosto. Seu pulso acelerou.

Ele se endireitou.

— A situação parece desesperançosa — sentenciou. — Recomendo cirurgia.

Mais tarde, perceberia que deveria ter recomendado que ela chamasse a criada, mas, naquele momento, estava distraído com seu lábio inferior, a ponta do qual estava presa entre os dentes.

— Pois bem, então — resolveu ela, ainda olhando para o ponto acima da cabeça de Alistair. — Rasgue-a ou corte-a, o que for mais rápido. Essa coisa está dando mais trabalho do que vale.

Alistair pegou seu canivete e cortou a fita com destreza. Desejou arrancar o *bonnet* da cabeça dela, picá-lo em pedaços, jogá-lo no chão e pisar em cima, depois arremessá-lo na lareira — e, a propósito, fazer com que a chapeleira fosse ridicularizada por sequer tê-lo feito.

Em vez disso, ele se afastou a uma distância segura, guardou o canivete e disse a si mesmo para se acalmar.

A srta. Oldridge arrancou o chapéu de sua cabeça, olhou para ele por um momento e o jogou com displicência em uma cadeira próxima.

— Está melhor assim — disse a dama, e sorriu para ele mais uma vez. — Eu estava começando a me perguntar se teria que usar essa coisa pelo resto da minha vida.

A nuvem esvoaçante de cabelo flamejante e o sorriso confundiram os pensamentos de Alistair como se fossem um bando de pinos de boliche em sua cabeça. Ele firmemente os colocou de volta em ordem.

— Espero sinceramente que não.

— Peço desculpas por incomodá-lo com isso. O senhor já enfrentou provações suficientes, eu ousaria dizer, vindo até aqui em vão. Embora eu não saiba de onde veio.

— Matlock Bath — respondeu ele. — Não muito longe, de forma alguma. Alguns quilômetros. — Mais de trinta, segundo pareceram, com as estradas imundas e sob os céus que cuspiam chuva gelada. — Não há problema algum. Virei outro dia, quando for mais conveniente. — Quando, ele esperava com fervor, a dama estivesse

detida em outro lugar.

— A menos que seja conveniente para o senhor vir como um pé de mamão-papaia, será mais uma viagem desperdiçada. Mesmo que venha a encontrar meu pai em casa, não o encontrará em casa, se é que entende o que quero dizer.

Alistair não entendia bem, mas antes que pudesse pedir que lhe explicasse, um par de criados entrou, carregando bandejas cheias o suficiente para um regimento de cavalaria dos Dragões da Luz.

— Peço que aceite esta refeição leve — falou ela —, enquanto me retiro por um momento para me colocar em situação mais apresentável. Como o senhor veio de tão longe, poderia muito bem me informar sobre o que o traz aqui. Talvez eu possa ajudá-lo.

Alistair tinha certeza de que seria fatal passar mais algum tempo sozinho com ela. O sorriso o confundia terrivelmente.

— Insisto, srta. Oldridge, não é nada demasiado importante. Posso vir outro dia. Planejo ficar na região por algum tempo. — O tempo que for necessário. Ele havia prometido resolver o problema e não voltaria a Londres até tê-lo feito.

— A situação será a mesma, não importa em que dia retorne. — Ela começou a caminhar em direção à porta. — Mesmo que localize papai, ele não dará atenção a nada do que o senhor disser. — Ela parou para dirigir-lhe um olhar interrogativo. — A menos que seja vegetativo. O senhor é?

— Perdão?

— Botânico — explicou ela. — Tenho ciência de que estive no exército, mas não significa que o senhor não tenha outra ocupação na vida civil. Por acaso é botânico?

— De forma alguma. Então ele não me receberá.

Ela continuou o caminho em direção à porta. Alistair estava começando a desejar tê-la deixado sufocar com as fitas do *bonnet*.

— Srta. Oldridge — disse, então. — Tenho uma carta de seu pai, na qual ele expressa não apenas um forte interesse em meu projeto, mas também uma clara compreensão de suas implicações. Acho difícil acreditar que o homem que escreveu esta carta não prestará atenção a nada do que eu diga.

Isso a deteve em seu caminho. Ela se virou completamente para ele, os olhos azuis arregalados.

— Meu pai lhe escreveu?

— Ele respondeu imediatamente à minha carta.

Houve uma pausa um pouco longa antes de ela responder:

— É sobre um projeto, o senhor disse. Mas não relacionado à botânica.

— Um assunto tedioso de negócios — prosseguiu ele. — Um canal.

Ela empalideceu um pouco, então seu rosto animado endureceu em uma máscara educada.

— O canal de Lorde Gordmor.

— Então ouviu falar sobre ele.

— E quem não ouviu?

— Sim, bem, parece haver algum mal-entendido sobre os planos do visconde.

Ela dobrou os cotovelos e pôs as mãos na cintura.

— Um mal-entendido — repetiu.

A temperatura na sala estava despencando rapidamente.

— Vim esclarecer o caso — revelou Alistair. — Lorde Gordmor está doente no momento... *Influenza*... Mas eu sou um sócio no empreendimento e estou familiarizado com todos os detalhes. Tenho certeza de que posso aliviar as apreensões do senhor seu pai.

— Se acha que estamos apenas apreensivos, está sob uma grave ilusão. Nós, e acredito que falo pela maioria dos proprietários de terras em Longledge Hill, nos opomos inalteravelmente ao canal.

— Com todo o respeito, srta. Oldridge, acredito que a proposta foi mal representada, e estou certo de que os cavalheiros da área de Longledge vão, em nome da justiça, me dar a oportunidade de corrigir e esclarecer a questão. Como seu pai é, de longe, o maior proprietário de terras por aqui, eu quis falar com ele primeiro. A boa opinião dele, eu sei, terá grande peso com os vizinhos.

Os cantos da larga boca feminina se curvaram um pouquinho, criando uma sombra de sorriso desagradavelmente remanescente do pai de Alistair.

— Muito bem — resolveu ela. — Vamos procurá-lo. Mas talvez o senhor me permita alguns minutos para vestir algo mais limpo e seco. — Ela fez um gesto para seu traje de montaria.

O rosto de Alistair aqueceu-se. Ele estava tão agitado com sorrisos, pele e aroma que havia se esquecido de que ela estava molhada e provavelmente com frio. Ele a havia mantido esperando todo aquele tempo, quando ela devia estar ansiosa para se livrar das roupas úmidas.

Ele absolutamente não pensaria que para se livrar dos trajes... ela precisaria abrir botões e desamarrar fitas e cordões do espartilho...

Não.

Concentrou a mente em canais, minas de carvão e máquinas a vapor, e lamentou a própria falta de consideração.

Ela dispensou a desculpa com frieza, pediu que ele se acomodasse e comesse alguma coisa, e ainda com o sorriso que não era um sorriso,

saiu da sala.



O viveiro para onde a srta. Oldridge — usando um vestido diferente, mas não mais atraente — levou Alistair rivalizava com o do Príncipe Regente, em Carlton House. No entanto, o do Regente era usado em especial para entretenimento, e as plantas eram movidas conforme necessário. As plantas do sr. Oldridge, por outro lado, eram muito mais numerosas e menos movimentáveis.

Não era exatamente um jardim de inverno. Era mais como um museu ou biblioteca de plantas.

Cada espécime estava cuidadosamente rotulado, com notas extensas e referências cruzadas para outros espécimes. Em intervalos, havia cadernos abertos sobre a própria terra, contendo mais anotações em latim na caligrafia que Alistair reconheceu como a que pertencia ao sr. Oldridge.

Nem a mão de carne e osso, no entanto, nem o cavalheiro a ela ligado apareceram no viveiro. O mesmo valia para fora da casa, nas estufas e nos jardins.

Finalmente, um dos jardineiros lhes disse que o sr. Oldridge estava absorto no estudo da vida das samambaias em altitudes mais elevadas. O jardineiro tinha certeza de que seu mestre seria encontrado nas colinas, nas Heights of Abraham, um de seus lugares favoritos ultimamente.

Alistair tinha plena consciência de que as Heights of Abraham ficavam em Matlock Bath. Mesmo que, de alguma forma, não tivesse percebido a encosta arborizada com a grande massa de rocha que se projetava diretamente atrás de seu hotel, ele não poderia deixar de saber, porque as imediações eram anunciadas em toda parte por placas e cartões.

Não podia acreditar que tinha percorrido toda aquela maldita estrada, enquanto o homem que procurava estava lá mesmo, no vilarejo de onde tinha vindo, possivelmente caindo de um penhasco e quebrando o pescoço naquele exato momento.

Ele olhou para a srta. Oldridge, que estava com o olhar perdido ao longe. Ele se perguntou no que ela estava pensando.

Disse a si mesmo então que os pensamentos dela eram irrelevantes. Estava ali a negócios. Eram as opiniões do pai dela que importavam.

— Seu pai deve ser excepcionalmente dedicado ao seu... er... passatempo. Não são muitas as pessoas que vão escalar montanhas nesta época do ano. As samambaias não hibernam ou fazem o que a

maioria das plantas faz no inverno?

— Não tenho ideia — respondeu ela.

Uma névoa gelada caía naquele momento, e a perna ruim de Alistair marcava esse fato na forma de espasmos e dores agudas. No entanto, ela continuou afastando-se da casa, e Alistair mancou ao lado dela.

— A senhorita não compartilha de seu entusiasmo — disse ele.

— Isso está além de mim. Sou ignorante a ponto de imaginar que ele poderia encontrar samambaias e líquenes suficientes em sua própria propriedade, em vez de ter que andar até o rio Derwent para procurá-los. Ainda assim, ele sempre consegue estar em casa a tempo do jantar, e eu imagino que a caminhada e a escalada o mantenham ágil, e pelo menos ele não está... Ah, lá está ele.

Um homem de altura mediana e estrutura esguia saiu de uma abertura nas sebes e veio se aproximando deles. Estava bem protegido dos elementos com um chapéu e um sobretudo encerado, e suas botas surradas eram bem robustas.

Conforme o homem se aproximava, Alistair percebia a semelhança familiar. A maioria dos traços da srta. Oldridge, ele supôs, vinha do lado materno, mas seu cabelo e seus olhos pareciam ser uma versão mais jovem e viva dos do pai. A idade havia tirado o brilho do cabelo do cavalheiro em vez de embranquecê-lo e desbotado seus olhos para um azul mais pálido, embora seu olhar parecesse bastante aguçado.

No entanto, seu semblante não ofereceu nenhum sinal de reconhecimento quando as apresentações foram feitas.

— O sr. Carsington lhe escreveu uma carta, papai — iniciou a srta. Oldridge. — Sobre o canal de Lorde Gordmor. O senhor marcou para se encontrar com o sr. Carsington hoje.

O sr. Oldridge franziu o cenho.

— Marquei, de fato? — Ele pensou por um momento. — Ah, sim. O canal. Foi assim que Smith fez suas observações, sabe. Fascinante, fascinante. Fósseis também. Muito esclarecedor. Bem, senhor, espero que fique para o jantar.

E lá foi ele, deixando Alistair para fitá-lo.

— Ele deve visitar seus novos espécimes — veio a voz fresca e sussurrante ao seu lado. — Depois se vestirá para o jantar. Nos meses de inverno jantamos cedo. No verão jantamos como diz à moda, tarde. O único lugar onde se pode ter certeza de encontrar meu pai é na sala de jantar, pontual, sem atrasar um minuto sequer. Onde quer que ele possa perambular, quaisquer enigmas botânicos que possam fasciná-lo, ele sempre consegue estar em casa a tempo do jantar. Recomendo que aceite o convite dele. O senhor terá pelo menos duas horas para

apresentar seu caso.

— Eu ficaria honrado — disse Alistair —, mas vim despreparado e não tenho trajes adequados para o jantar.

— O senhor está vestido com mais elegância do que qualquer pessoa com quem jantamos na última década. Não que papai vá notar seus trajes. E eu não me importo nem um pouco.



Era verdade que Mirabel Oldridge se importava pouco com os detalhes do vestuário. Ela raramente prestava atenção ao que os outros vestiam e achava a vida mais simples quando a tratavam da mesma maneira. Vestia-se de forma simples para incentivar os muitos homens com os quais lidava a levá-la a sério: ouvir em vez de olhar, e manter a mente nos negócios.

Para seu grande desconforto, no entanto, ela havia prestado excessiva e repetida atenção ao sr. Carsington, desde o topo de seu elegante chapéu até as botas reluzentes.

Ele não estava usando o chapéu quando ela o vira pela primeira vez. Como resultado, tinha ciência de que o cabelo dele era um marrom intenso com reflexos dourados que seus olhos profundos pareciam refletir. O rosto era angular, um perfil patricio ao mais elevado grau. Era bonito de uma maneira sombria, alto, de ombros largos, braços e pernas longos. Até suas mãos eram longas. Quando ele se ofereceu para ajudar com as fitas do *bonnet*, ela olhou para as mãos dele e sentiu vertigem.

As coisas não melhoraram quando ele se aproximara tanto para trabalhar nas fitas. Ela sentiu um perfume de sabonete ou colônia de barbear; tão sutil que não conseguia ter certeza do que era ou se tinha apenas imaginado.

Mas estava confusa por causa do nervosismo, disse a si mesma, o que era perfeitamente razoável. Estava inquieta porque tinha sido pega despreparada — algo tão desagradável quanto incomum.

Uma quase catástrofe anos antes a ensinara a se manter informada sobre tudo relacionado a seu pai. Dessa forma, ninguém poderia tirar vantagem dele nem também confundi-la, manipulá-la ou intimidá-la. Do mesmo modo, ela nunca ficaria perdida. Sempre saberia o que fazer em todas as situações.

Por exemplo, lia toda a correspondência de seu pai e resolvia o que havia para resolver. Tudo o que ele precisava fazer era ler o que Mirabel escrevera e assinar seu nome. Ao menos, parecia ler. Não havia como ter certeza de que sua mente estava atenta. Ele passava

tempo demais ocupado em tentar desvendar os segredos da reprodução das plantas para prestar atenção às cartas de seus parentes, ou de seu advogado — ou qualquer outro material não relacionado aos interesses botânicos.

Como Mirabel não havia aberto nenhuma carta do sr. Carsington, não tinha ideia do que ele havia escrito e nem sequer podia imaginar como seu pai havia respondido.

Se não quisesse ser pega despreparada no jantar, era melhor preencher a lacuna de seu conhecimento.

Foi por isso que ela não perdeu tempo em entregar o sr. Carsington aos criados, que cuidariam de secar e escovar seu traje “inadequado” e forneceriam o que mais ele precisasse para sua *toilette*.

No entanto, Mirabel ficou ali parada por um momento, observando-o mancar, apenas para desejar que não o tivesse feito, porque seu coração se apertou, como se sentisse dor por ele, o que era tolo.

Tinha visto e até ajudado a cuidar de homens com lesões piores. Conhecia homens e mulheres que haviam sofrido tanto ou mais do que ele. Sabia de alguns que haviam agido corajosamente também e não haviam recebido nem uma fração da admiração que lhe fora destinada. E de qualquer maneira, disse a si mesma, ele era elegante e autoconfiante demais para precisar da compaixão de alguém.

Mirabel afastou da mente o pensamento do manquitolar e se apressou para o escritório de seu pai.

Conforme Joseph havia relatado, o diário de seu senhor estava aberto naquela data, e o compromisso estava devidamente registrado.

Ela revirou a escrivaninha, mas não encontrou nenhum vestígio da carta do sr. Carsington. Provavelmente, seu pai a havia colocado no bolso e usado para fazer anotações de campo ou a perdido. A cópia da resposta havia sobrevivido, no entanto, porque ele a havia escrito em seu caderno de memorandos em vez de em uma folha solta de papel.

A carta, datada de dez dias antes, era exatamente como o sr. Carsington havia descrito: seu pai demonstrava interesse, compreendia claramente as implicações e parecia muito disposto a discutir o canal mais a fundo.

As palavras fizeram a garganta de Mirabel doer.

Na carta, ela via o pai que havia conhecido uma vez, que se interessava por tantas coisas, por tantas pessoas. Como ele gostava de conversar — e ouvir também, até o tagarelar de uma menininha. Ela se lembrava de sentar nas escadas, ouvindo as vozes abaixo, durante os frequentes jantares, jogos de carteados e outros encontros sociais. Quantas vezes ela o ouvira conversar com a mãe à mesa, na biblioteca, na sala de estar, naquele escritório?

Mas depois da morte da esposa, havia quinze anos, ele se preocupava cada vez mais com a vida vegetal em vez de com a vida humana. Nas raras ocasiões em que emergia dos domínios da botânica, era apenas por um curto período.

Mirabel havia perdido a ocasião mais recente. Ele devia ter dado atenção ao mundo cotidiano durante os poucos dias em que ela estivera fora, visitando sua ex-preceptora, em Cromford.

Durante a visita, Mirabel havia comprado o *bonnet* com o qual quase se sufocara naquela tarde.

Não podia acreditar que havia deixado o homem perturbá-la tão completamente. Não era como se nunca tivesse encontrado alguém do tipo dele antes.

Durante suas duas temporadas em Londres — parecia ter ocorrido uma vida inteira atrás —, ela havia conhecido inúmeros homens como ele: elegantes no vestir, polidos em todas as graças sociais, nunca demonstrando dificuldades sobre o que fazer ou dizer.

Ela havia ouvido as vozes treinadas, os arrastados e os chiados que alguns homens da moda faziam questão de exhibir, a risada, a fofoca e o flerte.

Decerto, tinha ouvido vozes como a dele, tão graves que faziam cada declaração comum parecer de uma intimidade profunda; cada clichê um segredo delicioso.

— Eu ouvi e vi todos eles — ela murmurou. — Ele não é nada digno de nota, apenas outro sofisticado londrino que nos vê como provincianos e caipiras. Somos todos pessoas ignorantes do campo que não sabem o que é bom para nós mesmos.

O sr. Carsington logo descobriria seu erro.

Enquanto isso, a conversa dele com papai durante o jantar deveria ser extremamente divertida.



CAPÍTULO 2

Embora Alistair não fingisse possuir brilho intelectual, normalmente era capaz de somar dois mais dois, e com razoável rapidez.

No entanto, as circunstâncias daquele dia haviam conspirado contra ele. Pelos padrões abismais da srta. Oldridge, ele poderia aparentar elegância suficiente no vestir para um jantar no campo. Já havia entendido tudo.

Graças aos serviçais conscientes e a uma boa lareira, suas roupas estavam escovadas e secas. Mas as roupas eram para uso vespertino e não podiam ser transformadas em trajes adequados para o jantar, nem mesmo pelos serviçais mais diligentes.

Além disso, a equipe não poderia lavar e engomar instantaneamente o seu linho. Sua gravata estava flácida, e vincos haviam se formado nos lugares errados, o que o deixou furioso.

Enquanto isso, sua perna, que detestava a umidade e deveria viver no Marrocos, estava punindo-o pela caminhada na névoa gelada e parecia se enroscar em nós latejantes.

Essas irritações contribuíam para sua falha em perceber o que qualquer idiota teria deduzido horas antes.

A srta. Oldridge havia falado de estames e pistilos e perguntado se ele era botânico. Alistair tinha visto os viveiros, os cadernos, os hectares de estufas.

Mas quando não estava irritado com suas roupas ou sendo atormentado pela perna, tinha sido completamente distraído por ela. Como resultado, não foi até que se encontraram na sala de visitas antes do jantar, e o sr. Oldridge o informou sobre as observações de Hedwig a respeito dos órgãos reprodutivos dos musgos, que a verdade finalmente se revelou: o homem estava tomado por uma monomania.

Alistair estava familiarizado com a doença. Tinha uma cunhada evangélica e uma prima obcecada em decifrar a Pedra de Roseta.

Como essas pessoas, por conta própria, raramente abandonavam o local escolhido para fincar sua residência mental, alguém devia ser firme em pegá-las pelo cotovelo, por assim dizer, e conduzi-las para outro lugar.

Consequentemente, no início do segundo prato, quando seu anfitrião parou de discorrer para se concentrar em destrinchar o ganso, Alistair aproveitou a lacuna para avançar.

— Invejo sua habilidade de ter tantos fatos à disposição — disse ele. — Eu gostaria que o senhor pudesse ter nos aconselhado antes de apresentarmos nossa proposta de canal. Espero que possa nos aconselhar agora.

O sr. Oldridge continuou destrinchando a ave, mas seus lábios se comprimiram e suas sobrancelhas se franziram.

— Mudaríamos o trajeto de bom grado, se essa for a preocupação principal — Alistair persistiu.

— Pode mudá-lo para outro condado? — perguntou a srta. Oldridge. — Somersetshire, por exemplo, onde já desgraçaram a zona rural com montanhas de resíduos?

Alistair olhou através da mesa para ela, o que tinha tentado não fazer desde que a vira com seus trajes de jantar.

Seu vestido era de um lavanda frio, quando ela deveria usar apenas cores quentes e intensas. Tinha um decote alto e um babado de renda para esconder a pequena porção de ombro e pescoço que o corpete deixava descoberto. Seus cabelos gloriosos estavam presos de qualquer maneira em um birote desajeitado na nuca. Como joia, ela usava um simples medalhão de prata e uma corrente.

Alistair se perguntou como ela poderia olhar no espelho sem ver o óbvio: cada peça que havia escolhido para adornar sua pessoa estava completa, absoluta e irreparavelmente errada. Ela devia carecer de uma faculdade mental que todas as outras mulheres do mundo possuíam. Alistair se perguntou se o que ela tinha era uma desordem semelhante à falta de afinação musical, e se a irritação que sentia por ela assemelhava-se à que um amante da música sentiria ao ouvir um instrumento ou cantor desafinado.

Queria ordenar que ela voltasse ao quarto para se vestir de maneira apropriada, mas não podia, o que era enlouquecedor.

Isso talvez explicasse por que ele havia lhe respondido com o tom e a maneira que normalmente reservava para irritantes irmãos mais novos.

— Srta. Oldridge — disse ele. — Espero que me permita corrigir uma pequena compreensão errônea. Canais não produzem montanhas de resíduos. Minas de carvão produzem montanhas de resíduos. No momento, só há Lorde Gordmor minerando carvão em sua vizinhança,

e as minas dele estão localizadas a quase 25 quilômetros daqui. A única paisagem que ele está desgraçando é a dele mesmo, porque a propriedade não serve para mais nada.

— Eu pensaria que ele poderia criar ovelhas com menos problemas e menos barulho, e teria tantas vantagens quanto — comentou ela.

— Decerto a senhorita tem o direito de alimentar qualquer noção fantasiosa que deseje — falou Alistair. — Eu não gostaria de reprimir uma imaginação ativa.

Os olhos dela faiscaram, mas Alistair se dirigiu suavemente ao seu anfitrião antes que ela pudesse retrucar.

— Admitimos livremente que nossos motivos são egoístas e práticos — continuou ele. — O objetivo principal é termos um meio mais eficiente e mais barato de transportar carvão.

Oldridge, ocupado em distribuir pedaços escolhidos de ave para a filha e para o convidado, apenas acenou com a cabeça.

— Lorde Gordmor então será capaz de trazer carvão para mais clientes — Alistair prosseguiu —, e vendê-lo a um preço mais baixo. No entanto, ele e seus clientes não são os únicos que se beneficiarão. O canal fornecerá ao senhor e aos seus vizinhos acesso mais fácil a mais mercadorias. Itens frágeis, viajando suavemente na água em vez de sacudir ao longo de estradas esburacadas, chegarão intactos a seus destinos. Vocês terão um meio econômico de transportar estrume e produtos agrícolas para os diversos mercados. Em resumo, todos nos arredores de Longledge, do proprietário de terras ao trabalhador braçal, colherão seus benefícios.

— Lorde Hargate não tem passado muito tempo em sua propriedade rural ultimamente, mesmo quando o Parlamento não está reunido — disse o sr. Oldridge. — A política pode fazer intensas exigências das faculdades físicas e mentais e também ser desgastante para o espírito. Espero que ele esteja bem.

— Meu pai está muito bem — garantiu Alistair. — Devo deixar claro, no entanto, que ele não está envolvido de maneira alguma no projeto de Lorde Gordmor.

— Eu me lembro bem da febre dos canais do século passado — falou Oldridge. — Construíram o Canal de Cromford naquela época, e começaram o de Peak Forest. Sr. Carsington, posso insistir para que prove o curry?

Alistair estava preparado para exaltar os benefícios do canal de Gordmor em detalhes. Ainda assim, estava jantando onde, normalmente, não se discutiam negócios. Ele introduzira o tema apenas porque a srta. Oldridge sugerira que aquela seria a melhor oportunidade para apresentar o seu caso.

Apesar disso, não era tão difícil deixar temporariamente os negócios

de lado. Alistair estava feliz por ser lembrado de saborear a comida, que era tão superior quanto seria possível esperar, de maneira razoável, tanto em variedade quanto em qualidade de preparo, tão longe da civilização.

A cozinheira, claramente, era um tesouro. Até o mordomo e os criados se adequariam bem em qualquer grande casa de Londres, incluindo Hargate Hall.

Que pena que uma mulher que, de outra forma, dirigia tão bem sua casa não conseguia encontrar uma criada pessoal capaz de evitar atrocidades de moda.

— Como o senhor veio a se interessar por canais? — perguntou-lhe o sr. Oldridge. — Admito que as façanhas de engenharia são fascinantes. No entanto, o senhor não me parece ser um homem de Cambridge.

— Oxford — corrigiu Alistair.

Das duas antigas universidades, considerava-se que Cambridge oferecia um escopo um pouco maior para aqueles com inclinações matemáticas ou científicas.

— Smith foi autodidata, acredito — disse seu anfitrião, pensativo. — O que conhece sobre fósseis?

— Além dos professores de Oxford? — ironizou Alistair.

Ele ouviu um risinho abafado e olhou para o lado, na direção da mesa, mas não rápido o suficiente. A srta. Oldridge tinha uma expressão séria em sintonia com sua roupa séria.

Seu olhar se desviou do pai para Alistair.

— Papai se refere ao livro *Estratos identificados por fósseis organizados*, do sr. William Smith — esclareceu ela. — Está familiarizado com o trabalho?

— Parece ser profundo demais para mim — respondeu Alistair, e viu-a reprimir um sorriso. Ela não era imune a trocadilhos fracos, então. — Não sou um acadêmico.

— Mas é no que diz respeito a depósitos minerais — emendou ela. — Eu deveria ter pensado... — Sua testa franziu, muito mais graciosamente do que a de seu pai. — Então deve ter sido o mapa geológico do sr. Smith que o senhor usou.

— Para o percurso do canal? — indagou Alistair. — Para determinar se valia a pena perfurar carvão em uma área praticamente inacessível. — Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou Alistair como se ele fosse um fóssil em necessidade urgente de organização.

— A Inglaterra tem carvão em quase todos os lugares, mas em alguns é difícil e proibitivamente caro de chegar ou de fazer o transporte — ela disse. — O senhor deve ter tido uma boa razão para

acreditar que as camadas de carvão na propriedade de Lorde Gordmor valiam tanto esforço. Ou simplesmente começou a perfurar, sem considerar as praticidades?

— O Peak District é conhecido por ter abundância de riquezas minerais — falou Alistair. — De uma forma ou de outra, Lorde Gordmor estava destinado a encontrar algo que valesse o trabalho: chumbo, calcário, mármore, carvão.

— Lorde Gordmor? Mas o senhor disse que era um parceiro... “familiarizado com todos os detalhes”, foram suas palavras, acho.

— Somos parceiros desde novembro — afirmou ele. — Gordmor começou a operação de mineração antes, logo após retornar do Continente.

O fato era que Gordmor havia retornado da guerra para encontrar suas finanças em alarmante desordem.

Nem sequer podia pagar as despesas de manutenção de sua propriedade em Northumberland. Seu procurador o havia aconselhado a explorar a propriedade em Derbyshire e, desesperado, Gordy havia perfurado para encontrar carvão.

Alistair, no entanto, não tinha intenção de revelar as questões pessoais de seu amigo a uma jovem curiosa — ou a qualquer outra pessoa, diga-se de passagem.

— Entendo. — A srta. Oldridge baixou o olhar para o prato. — Então ambos estiveram com o duque de Wellington. Porém o senhor é que é o famoso. Até mesmo aqui, nos ermos de Derbyshire, todos já ouviram falar do senhor.

Alistair ruborizou. Ele não sabia se ela se referia a Waterloo ou aos Episódios de Estupidez. Ambos os assuntos eram, em grande parte, de conhecimento público, infelizmente. A essa altura, ele deveria ser indiferente a que o espetáculo de seu passado viesse à tona, já que acontecia com tanta frequência. Mas ele não era indiferente e desejava que as histórias não tivessem viajado até tão longe.

— O senhor se parece muito com Lorde Hargate — comentou o sr. Oldridge. — Ele tem muitos filhos, não é mesmo?

Aliviado com a mudança de assunto, Alistair admitiu ter quatro irmãos.

— Alguns dirão que não são tantos assim — disse o sr. Oldridge. — Nosso desafortunado rei teve quinze filhos.

O rei George III havia sido considerado completamente insano muitos anos antes e, assim, não estava apto a lidar com os assuntos de Estado. Como consequência, seu filho mais velho — que, embora não fosse insano, não ganharia nenhum prêmio por comportamento racional — atualmente reinava como Príncipe Regente.

— Poderíamos desejar que nosso infeliz monarca tivesse gerado menos filhos, e de melhor qualidade — opinou a srta. Oldridge. — Lorde e Lady Hargate tiveram apenas cinco meninos, mas dois são exemplos e um é um famoso herói de Waterloo. Suponho que seus irmãos mais jovens se mostrarão igualmente notáveis à medida que amadurecerem.

— Parece conhecer muito sobre minha família, srta. Oldridge.

— Assim como todos em Derbyshire — respondeu ela. — A sua é uma das famílias mais antigas do condado. Seu pai é conhecido por ser o verdadeiro poder na Câmara dos Lordes. Seus irmãos mais velhos se envolveram em várias causas admiráveis. Todos os jornais de Londres fizeram extensos relatos sobre suas façanhas em campo de batalha, e os locais dedicaram rios de tinta ao assunto. Mesmo que de alguma forma eu tivesse conseguido não notar seu nome na imprensa, não poderia permanecer na ignorância. Por um tempo, o senhor foi mencionado em todas as cartas que recebi de amigos e familiares em Londres.

Alistair se contorceu internamente. Havia se envolvido em combate por nem dois dias inteiros. Dada sua inexperiência, era um milagre que não tivesse atirado contra o próprio nariz. Por que os jornais tinham escolhido glorificá-lo era um mistério, e um mistério irritante, inclusive.

Sua perna começou a ter espasmos.

— Isso é coisa antiga — ele disse no tom gelado que sempre encerrava a discussão sobre o assunto.

— Não por aqui — retrucou a srta. Oldridge. — Recomendo que se prepare para suportar a admiração da população. — Seu tom gélido não a havia afetado nem um pouco. A voz animada o deixou alerta.

Ele sabia — melhor do que muitos homens, na verdade — que o discurso de uma mulher podia estar carregado de significados ocultos sem nenhuma semelhança discernível com as palavras ditas. Ele nem sempre sabia o que uma mulher queria dizer, mas geralmente estava ciente de que ela queria dizer mais do que dizia, e que o “mais” significava, na maioria das vezes, problemas.

Ele sentia problemas no momento; estava ciente de que poderiam surgir a qualquer instante, da escuridão de sua mente, mas não conseguia perceber o que era.

O que conseguia perceber era que aquele arremedo de penteado estava se desfazendo. Uma mecha de cachos acobreados caía do coque e balançava em seu pescoço. No topo da cabeça, cachos saltavam individualmente e em tufo. Ele a viu empurrar uma das mechas compridas para longe do rosto e atrás da orelha.

Era um gesto que uma mulher poderia fazer depois de despir-se e

soltar os cabelos... ou ao se levantar dos travesseiros de manhã... ou após o ato de amor.

Ela não deveria fazer isso na mesa de jantar. Deveria chegar devidamente penteada, vestida e em perfeita ordem. Não deveria estar se desmanchando inteiramente, como se tivesse sido possuída há pouco.

Alistair disse a si mesmo para ignorar aquilo e se preparar para os problemas. Tentou prestar atenção à refeição, mas perdeu o apetite. Estava muito ciente dela — o gesto encantador, os cachos desarrumados — e a tensão no ar. Mesmo quando olhava ou desviava a mente para outro lugar, não conseguia se livrar da consciência da presença dela ali.

Claramente, seu anfitrião não percebeu nada de errado e continuou comendo tranquilamente, exibindo um olhar satisfeito, mas distante. Era sorte que fizesse tantas caminhadas e escaladas, pois o botânico comia o suficiente para dois homens grandes.

O sr. Oldridge falou sobre experimentos com tulipas durante o resto da refeição. Por fim, a srta. Oldridge saiu, deixando os homens com seu vinho do Porto e permitindo que Alistair tirasse da mente o que estava fora da vista.

Assim, concentrou a mente nos negócios e começou a apresentar seu caso a respeito do canal.

Enquanto ele falava, seu anfitrião contemplava o candelabro. Ainda assim, devia ter ouvido alguma coisa, porque, no final da apresentação, o botânico disse:

— Sim, bem, eu entendo o seu ponto, mas é complicado, sabe.

— Canais raramente são assuntos simples — concordou Alistair. — Quando se é obrigado a usar a terra de outras pessoas, é preciso estar preparado para se adequar a elas e compensá-las, e os requisitos de cada parte certamente serão diferentes.

— Sim, sim, mas é muito parecido com o experimento das tulipas. A menos que se aplique o Pólen Fecundante, elas não produzirão sementes. Isso é explicado no relato de Bradley, mas Miller fez experimentos semelhantes. Não se encontra o relato em todas as edições do *Dicionário do Jardineiro*. Vou lhe emprestar um dos meus exemplares, e poderá ler por si mesmo.

Depois dessa resposta incompreensível, o sr. Oldridge propôs que se reunissem com Mirabel, que os aguardava na biblioteca.

Alistair pediu licença para se retirar. Estava ficando tarde e ele precisava voltar para o hotel.

— Mas o senhor deve passar a noite aqui — disse o sr. Oldridge. — Não pode viajar todo esse caminho no escuro. A estrada, lamento

dizer, pode ser árdua, mesmo durante o dia.

Sim, e é por isso que vocês precisam de um canal! Alistair queria gritar. Já que assim ocorria, um recuo, claramente, era necessário.

De qualquer forma, ele precisava pensar racionalmente, o que significava que precisava ir. O pensamento racional era praticamente impossível na proximidade da srta. Oldridge.

As coisas ali não eram nem um pouco como ele e Gordy haviam suposto. Qual, precisamente, era o problema, Alistair não conseguia dizer. No momento, ele só sabia que tanto o sr. quanto a srta. Oldridge tinham uma habilidade incrível para agitá-lo, o que, como Gordy havia observado, era extremamente difícil.

Alistair não era dado a nervosismos. Sim, podia pender para o emocional em relação às mulheres, mas seus nervos eram estáveis, talvez até em excesso. Um homem mais nervoso, ele tinha certeza, não poderia ter se envolvido em tantos problemas, porque esse homem teria hesitado e pensado, pelo menos uma ou duas vezes.

No momento, os nervos de Alistair mostravam sinais alarmantes de colapsar.

Mesmo que tais nervos estivessem em sua forma de rochedo típica, ele não podia ficar. Havia usado as mesmas roupas o dia todo — até durante o jantar —, o que o deixava um pouco nauseado e, sem dúvida, contribuía para seu humor irritadiço. Vestir essas mesmas roupas no dia seguinte estava fora de questão.

Alistair suportara tais privações no campo de batalha porque não tinha escolha. Oldridge Hall, porém, não era um campo de batalha — pelo menos ainda não.

Pouco tempo depois, portanto, tendo também recusado a oferta de uma carruagem de seu anfitrião, Alistair partiu a cavalo, sob uma chuva de granizo incessante, em direção a Matlock Bath.



O sr. Carsington já estava a caminho antes que Mirabel soubesse de sua partida.

Seu pai transmitiu as notícias em estado de perplexidade.

— Ele estava com muita pressa para partir, e foi completamente impossível dissuadi-lo.

Mirabel correu para a janela e olhou para fora. Só conseguia enxergar até onde a luz da biblioteca alcançava, mas foi o suficiente para mostrar o estado das coisas.

— Está chovendo granizo — disse ela. — Não posso acreditar que o senhor tenha deixado o filho do conde de Hargate partir, a cavalo,

para viajar em uma tempestade de gelo até Matlock.

— Talvez você tenha razão — ele respondeu. — Talvez eu devesse ter chamado alguns dos maiores criados para dominá-lo e amarrá-lo a... algo. — Ele olhou ao redor como se estivesse procurando algo adequado. — Mas não consigo pensar em outra forma de impedi-lo.

— Por que não mandou me chamar?

Seu pai franzia a testa.

— Não sei por quê, mas não me ocorreu. Sinto muito por ter sido assim. O problema era que ele me fez lembrar de um cacto, e me vi contemplando as touceiras espinhosas, que podem ter um propósito reprodutivo, embora isso geralmente seja explicado... Ora, minha querida, para onde está indo?

Mirabel estava saindo apressada para o corredor.

— Estou indo atrás dele, é claro. Senão ele quebrará o pescoço ou a perna do cavalo... ou, muito provavelmente, a ambos... e nunca mais ouviremos o fim disso. Meu Deus! O filho de um conde. O filho do conde de Hargate! O famoso herói de Waterloo, nada menos... e ferido no cumprimento do dever. Ah, é insuportável pensar em algo assim. Realmente, papai, o senhor me levará a um ataque nervoso um dia desses. O homem se lança para a morte certa enquanto o senhor está contemplando espinhos de cactos.

— Mas, minha querida, é bastante importante...

Mirabel não o ouviu. Estava em disparada pelo corredor.



Instantes depois, montada em um cavalo feio, mas firme e imperturbável, Mirabel cavalgou para a noite. Alcançou sua presa a uma curta distância dos portões do parque. A garoa espessa havia se transformado em uma chuva gelada, mas poderia facilmente engrossar e afinar novamente um punhado de vezes durante a noite.

— Sr. Carsington! — ela gritou para a chuva. Ele era apenas um vulto escuro em forma de homem em um vulto escuro em forma de cavalo, mas era um vulto alto o suficiente e sentava-se ereto o suficiente, apesar da chuva que escorria da aba do chapéu pelo pescoço; e, de qualquer forma, quem mais poderia ser?

Ele parou.

— Srta. Oldridge? — Ele virou o rosto na direção dela. Estava muito escuro para ver seu semblante. — O que está fazendo aqui? Ficou louca?

— O senhor deve retornar à casa imediatamente.

— A senhorita deve estar insana — retrucou ele.

— O senhor não está mais em Londres. A próxima casa fica a um quilômetro e meio de distância. Nesse tempo, levará pelo menos duas horas para chegar a Matlock Bath... e isso se eu excluir os acidentes.

— É de vital importância que eu volte para o meu hotel — ele retrucou. — Peço-lhe que retorne para sua casa. Não deveriam ter deixado a senhorita sair. Vai pegar um resfriado.

— Estou a apenas alguns minutos de um bom fogo — prosseguiu ela. — O senhor é quem vai pegar um resfriado. O que diremos ao seu pai?

— Srta. Oldridge, ninguém diz nada ao meu pai.

— Ou ao senhor, também, eu imagino — acusou ela.

— Srta. Oldridge, enquanto continuamos aqui discutindo, os animais estão esfriando. Tenho certeza de que eles ficarão melhor se se movimentarem; o seu na direção oposta do meu. Agradeço por sua hospitalidade e por sua preocupação com o meu bem-estar, mas é completamente impossível eu ficar aqui.

— Sr. Carsington, quaisquer compromissos que o senhor tenha para amanhã...

— A senhorita não entende; eu não tenho nada para vestir.

— Deve estar brincando comigo — disse ela.

— Nunca brinco com esse tipo de coisa.

— Nada para vestir.

— Exatamente.

— Entendo — respondeu ela.

Ela já entendera havia muito tempo, mas tinha falhado em chegar à conclusão lógica. A lógica havia ficado em segundo plano em relação às reações mais primitivas.

Ela o havia observado bem de perto, incapaz de evitar essa observação.

Tinha uma lembrança vívida do modo como o casaco bem cortado abraçava os ombros largos e o torso poderoso que se afinava até a cintura estreita. Tinha na mente uma imagem clara dos bordados requintados do colete de seda, com o botão superior desabotoado... e dos calções justos que contornavam coxas musculosas... e pernas tão longas. A simples lembrança fez o calor percorrer seu corpo, embora ela estivesse sentada na escuridão em cima de um cavalo sob uma chuva fria e intensa.

Não conseguia evitar o calor. Era natural o suficiente, dizia a si mesma. Ele era um herói e tinha a aparência de um: alto, forte e bonito. Poucas mulheres poderiam olhar para ele incólumes.

Mesmo assim, retinha inteligência suficiente para compreender sua determinação irracional de viajar à noite naquele tempo horrível.

Ela não tinha passado duas temporadas em Londres sem aprender algo sobre dândis, e aquele era um dândi, se é que ela já tinha conhecido um... embora nunca tivesse conhecido um de constituição tão imponente.

— Bem, isso é diferente então — disse ela. — Boa noite, sr. Carsington.

Ela deu meia-volta e retornou para a casa.

Para sua surpresa, Mirabel encontrou o pai andando pelo vestíbulo quando voltou. Normalmente, ele tomava seu chá na biblioteca enquanto folheava tomos botânicos, e depois ia para o viveiro dar boa-noite às várias plantas ali.

— Oh, querida. Você não conseguiu persuadi-lo — constatou o pai enquanto ela entregava seu *bonnet* e capa pingando ao criado.

— Ele não tem nada para vestir — ela revelou.

O pai piscou para ela.

— Ele é um dândi, papai — continuou Mirabel. — Privado do que considera um vestuário adequado, ele é como uma planta privada de nutrientes vitais. Murcha e morre, e mal podemos imaginar as agonias que sofre no processo. — Ela começou a subir as escadas.

Seu pai a seguiu.

— Eu sabia que algo estava errado. É como os espinhos de um cacto.

— Papai, estou encharcada e um pouco mal-humorada, e gostaria...

— Mas ele manca — seu pai insistiu.

— Eu observei — disse Mirabel. Como ela desejava que houvesse um jeito menos emocionante de mancar! Isso a fazia sentir coisas que ela não queria e não podia se dar ao luxo de sentir. E, de qualquer forma, era ridículo para a idade dela, depois de sua experiência...

Ela continuou subindo as escadas.

— Entendo que ele foi gravemente ferido em Waterloo. — Seu pai continuou atrás dela. — Sim, Benton me contou sobre isso. Mas eu suspeito fortemente de que o sr. Carsington também tenha sofrido um ferimento na cabeça sem perceber. Já ouvi falar de casos assim. Isso explicaria, veja só.

— Explicaria o quê?

— Os espinhos de cacto.

— Papai, não faço a menor ideia do que o senhor quer dizer.

— Não, não, eu imagino. — Ela ouviu os passos pararem atrás dela. — Talvez ele não compreenda sobre as tulipas, afinal. Sim, talvez você esteja certa. Bem, boa noite, querida.

— Boa noite, papai. — Mirabel subiu as escadas e foi para o quarto.

Embora estivesse cansada, atribuía isso à tensão e ao nervosismo. Não estava preparada. Se tivesse sido avisada da chegada do sr. Carsington... mas não tinha sido, nem sequer imaginara essa reviravolta.

Havia feito uma suposição incorreta sobre Lorde Gordmor que poderia se mostrar desastrosa. Nunca sonhara que ele seria tão persistente.

Havia errado, e era tarde demais para desfazer o erro. Tudo o que podia fazer era tomar uma lição do acontecido. Ela havia baseado seus cálculos em informações insuficientes. Não cometeria esse erro de novo.

E, assim, depois de se livrar das roupas úmidas, secar-se e vestir uma camisola e robe quentes, foi para a sala de visitas. Lá, confortavelmente instalada em uma poltrona macia diante da lareira, ela escreveu uma carta para Lady Sherfield, em Londres. Se houvesse algo sobre o sr. Carsington que a tia Clothilde não soubesse, não valeria a pena saber.



Alistair levou as duas horas completas que a srta. Oldridge havia previsto para atravessar os “poucos quilômetros” de Oldridge Hall até o Wilkerson’s Hotel, onde estava hospedado.

Chegou encharcado até os ossos, uma condição à qual sua perna objetou nos termos mais intensos, recusando-se a ajudá-lo de qualquer maneira a subir as escadas.

Mas ele estava acostumado com os ataques de birra da perna e conseguiu chegar ao quarto. Lá, seu valete Crewe expressou desaprovação com uma tosse levemente censuradora e a recomendação de um banho quente.

— É tarde demais para fazer os criados trazerem água pelas escadas — disse Alistair.

Ele caiu em uma cadeira perto do fogo, colocou o pé na proteção e começou a massagear sua perna indigna. Enquanto o fazia, ele contou ao valete sobre as vicissitudes do dia, excluindo discretamente sua reação desequilibrada à srta. Oldridge.

— Lamento, senhor, que tenha feito uma longa jornada com esse mau tempo para não obter nenhum resultado positivo — declarou Crewe. — Talvez eu possa lhe trazer uma garrafa de vinho e algo para comer?

— Já fui mais do que suficientemente alimentado — garantiu Alistair. — O sr. Oldridge parece ter duas grandes paixões: botânica e

jantar.

— De fato, senhor. Os criados daqui juram solenemente que ele nunca chegou atrasado para o jantar, embora chegue atrasado ou esteja ausente em todas as outras circunstâncias.

— Eu deveria ter ficado aqui e ouvido as fofocas dos criados — comentou Alistair, olhando para o fogo. — Da forma como foi, eu estava mal preparado para o encontro. — As brasas brilhantes trouxeram à mente o cabelo da srta. Oldridge e a maneira como a luz das velas o iluminava, fazendo-o assumir um dourado suave às vezes ou um vermelho ardente em outras. — A filha... — Ele hesitou. — Ela tem opiniões incrivelmente fortes para alguém tão jovem.

— Uma mulher de caráter incomum, dizem, senhor. Ela teria que ser, para administrar uma propriedade tão grande e todos os interesses comerciais de seu pai.

Alistair olhou para cima, desviando-se do fogo da lareira, e se focando no rosto de seu criado.

— A srta. Oldridge administra a propriedade?

— Ela administra tudo. Fui informado de que o procurador mal se atreve a respirar sem a aprovação dela. Senhor, está doente? Talvez seja melhor eu trazer aquele vinho. Ou um *posset* quente... De fato, não vai querer correr o risco de um resfriado neste momento, quando tem tanto a fazer.

Embora não estivesse doente, Alistair deixou seu valete sair para preparar um dos seus *possets*. O mestre usou o tempo para digerir o que acabara de ouvir.

A garota malvestida e curiosa de cabelos cor de fogo administrava uma das maiores propriedades de Derbyshire.

— Bem, alguém deve fazer isso — murmurou ele um tempo depois, quando enfim encontrara uma perspectiva relativamente clara sobre a situação. — Ele não cuida de mais nada, isso é bem claro. Como ela me disse: se não fosse assunto de botânica, ele nem se preocuparia.

Ele percebeu Crewe parado ali perto com a bebida quente.

— Perdão, senhor?

— Quantos anos ela tem? — Alistair questionou. — Não é uma garota, tenho certeza. Nenhuma garota poderia possivelmente... Raios, por que não vi isso? — Ele sacudiu a cabeça e aceitou a xícara de seu valete. — Por acaso os fofoqueiros mencionaram a idade da srta. Oldridge?

— Trinta e um — disse Crewe.

O gole do *posset* que Alistair havia tomado desceu pela traqueia. Quando parou de sufocar e tossir, ele riu. E como não rir? Era uma piada engraçada às suas custas.

— Trinta e um — ele repetiu. — No mês passado, senhor.

— Pensei que ela fosse uma garota — disse Alistair. — Como qualquer um pensaria. Uma moça magrinha, com uma massa de cabelos cor de cobre, olhos azuis profundos e um sorriso tão encantador... — Ele olhou para baixo, onde a bebida estava em sua mão, seu próprio sorriso desaparecendo. — Deus nos ajude. O canal... tudo... depende dela.



CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, Mirabel e dois criados partiram sob céus nebulosos em busca do corpo do sr. Carsington.

Chegaram a Matlock Bath sem encontrar nenhum cadáver, no entanto, e souberam pela senhorita carteira que o cavalheiro tinha chegado em segurança na noite anterior e estava hospedado no Wilkerson's Hotel.

A escolha do hotel era uma surpresa. Mirabel pensara que o cavalheiro ficaria no topo da colina, no Old Bath Hotel, o mais imponente de Matlock Bath. Em vez disso, ele havia escolhido o Wilkerson's, localizado na South Parade, exposto a todo o barulho e sujeira das carruagens que passavam de um lado para o outro.

Quando entraram na vila, no entanto, a Parade estava tranquila. Àquela altura do dia, o sol já estava mais seguro de si, fazendo incursões ocasionais pelas nuvens para brilhar sobre o rio e as casas caiadas de branco pressionadas contra a colina.

Embora o local fosse tão familiar para Mirabel quanto sua própria propriedade, nunca se cansava de sua beleza.

Ali as colinas se erguiam abruptamente a partir do rio Derwent, e o grande marco rochoso do High Tor era visível a cada curva.

Poderia ter sido um castelo, com um muro ajardinado ao longo do qual trechos de vegetação suavizavam a rocha cinza.

O spa em si era limpo e bonito. Hospedarias, lojas e museus se aglomeravam ao longo de um trecho curto da Museum Parade, e amplas casas térreas espreitavam entre a vegetação nas encostas das colinas circundantes. Do outro lado da estrada, jardins estendiam-se em declive em direção ao rio. A estrada seguia o curso fluvial, contornando a montanha que se erguia atrás dos Heights of Abraham.

Era uma subida fácil até os Heights, e Mirabel já a tinha percorrido em todas as estações do ano. Sempre que suas preocupações

ameaçavam dominá-la, ela ia até lá e deixava seu entorno acalmá-la.

Tinha muitas coisas em mente naquele dia e estava mais perturbada do que gostaria. No entanto, não tinha tempo para permitir que a natureza a acalmasse.

Em vez disso, tendo entregado sua charrete ao cocheiro e enviado sua criada Lucy para realizar algumas tarefas, Mirabel dirigiu-se à entrada do Wilkerson's Hotel.

Lá dentro, perguntou pelo sr. Carsington.

O sr. Wilkerson se apressou em atendê-la e afirmou:

— Acredito que ele ainda esteja na cama, srta. Oldridge.

— Ainda na cama? — repetiu ela. — Mas deve ser meio-dia.

— Acabou de passar das onze e meia, senhorita — informou o estalajadeiro.

Então ela se lembrou: membros da alta sociedade raramente se levantavam antes do meio-dia, geralmente por irem dormir quando o dia estava raiando.

O sr. Wilkerson se ofereceu para enviar um criado, a fim de verificar se o sr. Carsington estava pronto para receber visitas.

Uma imagem surgiu na mente de Mirabel: a do sr. Carsington afastando desgrenhados cabelos castanhos com mechas douradas do rosto e piscando sonolentemente para... alguém.

— Não, não é necessário incomodá-lo — ela se apressou a dizer. — Estarei na vila por algumas horas. Preciso fazer algumas visitas. Posso falar com ele mais tarde.

Ela notou as mãos tremerem. Devia ser fome. Ficara tão preocupada em encontrar o filho de Lorde Hargate em pedaços que só conseguira tomar um gole de chá e dar uma mordida na torrada durante o jejum.

— Mas primeiro, gostaria de um bule de chá — acrescentou — e algumas torradas.

Ela foi rapidamente conduzida a uma sala de jantar privativa, longe do tumulto da sala de jantar pública e da taverna. Em minutos, o chá e as torradas foram servidos.

Depois de esvaziar o prato e o bule de chá, o ânimo de Mirabel se revigorou. Quando o sr. Wilkerson entrou e perguntou se gostaria de algo mais — ovos, talvez, e algumas fatias de bacon —, ela pediu o mapa local mais detalhado que ele tinha.

Ele possuía vários desses mapas, garantiu a ela, uma seleção de projeções cartográficas tão boa quanto as que se poderia encontrar em qualquer loja de Londres, incluindo alguns bonitos pintados à mão. Ele gostaria que o mapa feito pela Agência Nacional de Cartografia de Derbyshire já estivesse pronto.

— Uma pena, srta. Oldridge — observou ele. — Elaborados de maneira muito científica, esses novos mapas.

Ela pediu para ver o que ele tinha, e ele os trouxe. Vários pareciam detalhados o suficiente para atender aos seus propósitos, e ela os espalhou na mesa, apenas para comparar. Não planejava um estudo minucioso até voltar para casa.

No entanto, Mirabel era, em certos aspectos, mais parecida com seu pai do que se dava conta. Deixada sozinha — sem interrupções, perturbações ou pedidos de ajuda de criados —, ela podia se ver tão envolvida em resolver um enigma quanto ele.

Com o passar do tempo, pouco a pouco removeu o *bonnet* e a capa. Mais de duas horas depois de ter chegado, ainda estava inclinada sobre os mapas, procurando uma saída para sua dificuldade.



Por volta desse horário, o sr. Wilkerson estava no pátio, trocando mexericos com um postilhão. Consequentemente, não sabia que o sr. Carsington tinha descido e estava a caminho da sala de estar privativa que ele havia reservado como sua base de operações. Como o sr. Wilkerson não estava lá para informá-lo e o sr. Carsington não encontrou nenhum criado no caminho, ele não tinha ideia de quem estava na pequena sala de jantar próxima.

A porta, por acaso, estava aberta, e Alistair olhou casualmente para dentro enquanto passava. Descobriu bem em sua linha de visão um traseiro pequeno e redondo, distintamente feminino. Estava envolto em um tecido verde de qualidade superior que seu olhar conhecedor de luxos não deixava de perceber, mesmo enquanto esse mesmo olhar avaliava a forma por baixo e calculava quantas camadas de tecido separavam o vestido da pele.

Tudo isso aconteceu em um instante, não mais que isso. Porém, ela devia ter ouvido os passos dele pausarem. Ou talvez o tivesse ouvido prender a respiração — e recuperar a concentração, que havia vagado para algum lugar, e lembrar a si mesmo de que era melhor continuar no seu caminho; não podia se dar ao luxo de ser distraído por uma mulher, não importava o quanto ela tivesse um traseiro perfeito.

Qualquer que fosse a causa, ela levantou uma cabeça coroada por uma massa desarrumada de cabelos acobreados e virou um olhar azul profundo sobre o ombro para ele... e sorriu.

Era ela.

— Srta. Oldridge — ele disse, baixando tanto a voz que as duas palavras soaram como “grrr”.

— Sr. Carsington. — Ela se endireitou e virou-se completamente para ele. — Não imaginei que estaria acordado e circulando a essa hora da manhã.

Ela estava sendo sarcástica?

— São quase duas horas da tarde — respondeu ele.

Ela arregalou os olhos.

— Meu Deus. Estive aqui todo esse tempo?

— Não tenho a menor ideia de quanto tempo faz que está aqui.

Ela lançou um olhar franzido ao mapa.

— Bem, nunca pretendi ficar tanto tempo. Quer dizer, eu pretendia voltar mais tarde, quando o senhor estivesse acordado.

— Estou acordado.

— Sim, e... — ela o avaliou de cima a baixo — ... e parece muito arrumado e elegante.

Alistair gostaria de poder dizer o mesmo dela. Alguém tinha feito uma tentativa valente de domar seu cabelo com uma trança enrolada e presa no topo da cabeça. Mas é claro que metade dos grampos estava no chão e na mesa, e a trança estava pendendo para estibordo. Suas mãos coçaram para ajeitá-la. Ele as fechou e se forçou a olhar para outro lugar.

Com severidade, observou o vestido caro. Esse verde era ainda mais desfavorável do que o tom que ele a tinha visto usando anteriormente. O estilo — oh, não tinha estilo algum. Era simples, monótono e quase tão lisonjeiro quanto um saco de farinha.

Ele voltou o olhar para os mapas.

— Eu precisava de um novo — disse ela. — Tínhamos um mapa muito bom da região, mas meu pai o afogou no rio Derwent em novembro.

— Entendo. — Ele entendia, de maneira muito clara. — O que não entendo é por que a senhorita ou seu pai precisariam de um. Disseram-me que a sua é uma das famílias mais antigas da região. Achei que conheceria a terra bastante bem.

— Minha própria propriedade, sim, mas Longledge Hill recebe esse nome por sua longa extensão, que é considerável — ela explicou. — Na verdade, engloba várias colinas: território muito maior do que eu ou mesmo meu pai poderíamos conhecer intimamente. — Ela voltou-se para a mesa e apontou para o mapa. — Temos o capitão Hughes de um lado e Sir Roger Tolbert do outro. Mesmo que visitemos com frequência, certamente não conheço cada pedaço da terra deles. Eu estava particularmente curiosa sobre a propriedade de Lorde Gordmor, que na verdade fica, veja só, a bem menos de 25 quilômetros.

— Chega a quase o dobro disso para carruagens e cavalos de carga

que estejam viajando por estradas profundamente esburacadas e sinuosas. Se pudéssemos cortar um canal em linha reta, ele teria cerca de quinze quilômetros, no máximo. No entanto, como há colinas rochosas ao longo dessa linha, e nossa rota deve contornar os edifícios anexos dos proprietários, depósitos de madeira e afins... nós estimamos 25 quilômetros de canal.

Ele se aproximou dela na mesa.

— É por isso que precisava de um mapa? Queria estudar nossa rota com mais cuidado? É possível que esteja reconsiderando sua oposição aos nossos planos?

— Não, estou reconsiderando Lorde Gordmor — ela respondeu sem olhar para cima.

Os raios de sol irregulares da única janela da sala de jantar transformavam os anéis finos e esvoaçantes ao redor do rosto dela em um emaranhado de fogo. A trança enrolada afundava ainda mais em direção à orelha, que, sendo pequena e em uma forma perfeita de concha, tornava o arranjo imperfeito do cabelo — sem mencionar cada costura em suas roupas — ainda mais irritante.

— Talvez a senhorita o tenha imaginado como um daqueles vilões insaciáveis da indústria que despejam humildes pastores e vaqueiros de suas cabanas e erigem fábricas enormes e fumegantes onde costumava ser terra de pastagem? — indagou Alistair.

— Não, eu imaginei que ele fosse engenhoso — explicou ela. — Quando uma solução que invento se mostra inviável, procuro outra maneira de resolver o problema. Mas, tendo falhado em despertar nosso interesse por seu canal, Lorde Gordmor não exercitou a imaginação, como eu supunha que faria. Em vez disso, permaneceu com a solução original. A diferença agora é que enviou artilharia pesada para nos forçar à submissão.

Alistair teria entendido imediatamente o que ela estava dizendo se sua mente não estivesse ocupada de outra forma.

A trança não apenas continuava a afundar, mas também estava se desenrolando. Embora ele não tivesse ouvido os grampos caírem, estava certo de que havia mais deles espalhados sobre a mesa coberta de mapas do que um momento antes. A qualquer instante, o penteado se desfaria por completo. Ele mal conseguia manter as mãos paradas.

Assim distraído, ele disse:

— Artilharia pesada? Não pode pensar que traremos nossas máquinas e tropas de cortadores de canal e seguiremos nosso caminho à força. A senhorita está ciente, espero, de que não podemos construir um canal sem um Ato do Parlamento, e o Parlamento não aprovará uma proposta de canal a que os proprietários de terras se oponham de forma unânime.

— O senhor é a artilharia pesada. Nesta parte de Derbyshire, o conde de Hargate é pelo menos tão importante quanto o duque de Devonshire. Sua família está aqui há muito tempo, e seu pai é mantido em altíssima estima. Dois de seus irmãos são modelos de conduta, e o senhor é um herói famoso. Lorde Gordmor escolheu muito sabiamente seu sócio... bem como um momento conveniente para contrair *influenza*.

Alistair congelou, quase literalmente. Depois de um momento de indignação incrédula, ele se encheu de uma fúria fria.

— Corrija-me se eu entender errado, srta. Oldridge — iniciou, com polidez gélida. — A senhorita acredita que Lorde Gordmor ou eu... ou talvez ambos... decidimos usar a posição de minha família e minha própria notoriedade para derrubar a oposição? Acha que é por isso que vim? Para quê? Para impressionar os caipiras? Talvez até tocar seus corações com a evidência do meu grande sacrifício em nome do rei e do país? — Com a referência à perna manca, uma nota amarga tomou sua voz sorrateiramente.

— Lorde Gordmor não causou nem mesmo uma fração do impacto que o senhor tem sobre a opinião pública local — ela prosseguiu. — Ele não é um homem de Derbyshire. Seu título é recente, concedido apenas nos últimos cinquenta anos. E ele não é famoso. — Seu queixo se ergueu. — Não entendo por que está se ofendendo. Apenas estou declarando os fatos simples do caso, que deveriam ser óbvios para todos; embora eu suponha que ninguém mais esteja disposto a dizer na sua frente.

— A senhorita não sabe nada sobre Lorde Gordmor — declarou Alistair com firmeza. — Se soubesse, estaria ciente de que ele nunca seria tão desonroso a ponto de me usar ou à minha posição para impor um plano malévolo a alguém.

Sua perna estava tremendo raivosamente, pois odiava ficar muito tempo em uma única posição. Ele se afastou da mesa.

— Eu não disse nada sobre impor planos malignos — objetou ela. — Realmente, o senhor parece ter um talento para o teatral, sr. Carsington. — Ela franziu a testa. — Ou talvez sejam os floreios retóricos. “Impressionar os caipiras” é apropriado, mas “vilões insaciáveis” e “plano malévolo” estão fora de contexto. Eu não acho que seu canal seja malévolo. Se um pretendente é rejeitado, não significa que ele seja malévolo, apenas que ele não se adequa. Sua perna está doendo?

— De forma alguma — ele garantiu enquanto um espasmo lhe percorria o quadril.

Ela também se afastou da mesa.

— Sei que se espera que eu não preste atenção — ela disse. — Mas

nunca é adequado ignorar o desconforto de alguém. O senhor está se movendo com mais rigidez do que antes. Entendo que sua perna está doendo. Talvez queira caminhar. Ou se sentar. Ou elevá-la. De qualquer forma, eu não deveria mantê-lo aqui discutindo comigo. Tenho certeza de que tem muitas coisas importantes a fazer.

Alistair tinha muitas, muitas coisas importantes a fazer. Mas ela havia jogado tudo em um estado de tumulto, como seu cabelo, e ele não estava pronto para ser dispensado.

— Srta. Oldridge, sabe muito bem que a senhorita é a coisa mais importante que tenho para fazer no momento — ele afirmou e instantaneamente se arrependeu. Onde estavam seus elogiados poderes de expressão? Meu Deus, onde estavam seus bons modos?

Alistair andou até a janela e voltou, e foi até a janela uma segunda vez. Sua perna o presenteou com vários espasmos; estava furiosa com ele.

A dama o observou com expressão preocupada.

— A longa cavalcada na chuva fria da noite passada não deve ter sido boa para a sua lesão. Eu não havia pensado nisso até agora. Minha grande preocupação esta manhã era encontrar seu corpo quebrado em uma vala. Eu tinha me resignado a recolher os pedaços. Por que sou importante?

Ouvi-la falar sobre procurar seu corpo quebrado fez Alistair esquecer o que queria dizer. Ele se lembrou de como ela havia saído de uma casa quente e luxuosa e cavalcado na escuridão e na chuva congelante para trazê-lo de volta. Não conseguia imaginar nenhuma outra mulher — exceto, talvez, sua mãe — fazendo algo assim. Se bem que, ao contrário da maioria das outras mulheres, a srta. Oldridge era a membro responsável da família, aquela que estava no comando.

Aquela de quem seu canal dependia, ele se lembrou.

Deveria era estar aproveitando ao máximo essa oportunidade.

Colocou suas ideias rigorosamente em ordem.

— Ninguém mais está disposto a falar livremente comigo — disse ele. — A senhorita falou sobre isso um momento atrás. Preciso entender quais são as objeções ao canal.

— Que diferença faz? Agora que o senhor está aqui, minhas objeções vão desaparecer como neve sob o sol quente.

— Mas não é assim que eu quero fazer as coisas!

Ela lançou a ele um olhar cético.

— Então não deveria ter vindo.

Alistair virou-se para a janela e contemplou a vista com o olhar perdido enquanto contava até dez.

— Srta. Oldridge, devo lhe dizer claramente que a senhorita me faz

querer arrancar os cabelos.

— Eu me perguntei o que era — ela falou.

Alistair se virou bruscamente.

— O que era o quê?

— Tempo ruim. Parecia que um tempo ruim estava se aproximando da sala. Mas é só o senhor. O senhor tem uma força de personalidade notável, sr. Carsington. Por que eu lhe faço querer arrancar seus cabelos?

Alistair olhou para ela, exasperado. A trança solta havia deslizado alguns milímetros da orelha.

Ele se afastou da janela, marchou até a mesa, pegou um punhado de grampos e avançou em direção a ela.

— Vejo que perdeu a maioria dos seus grampos de cabelo — ele disse.

— Ah, obrigada. — Ela estendeu a mão.

Ele ignorou a mão estendida, pegou a trança ofensiva, enrolou-a, a colocou de volta onde deveria estar e a prendeu no lugar.

Ela ficou rigidamente imóvel, seu olhar azul fixo no lenço da gravata dele.

O cabelo rebelde da srta. Oldridge era suave como seda. Ele sentiu os dedos formigarem para se enroscar ali.

Ele rapidamente terminou seu trabalho e se afastou.

— Está melhor assim — declarou.

Por um momento, ela não falou nada. Seu olhar foi do rosto dele para as mãos, e depois retornou. Fora isso, ela não tinha movido um músculo sequer; apenas ficara olhando fixamente para Alistair com a mesma intensidade de expressão que a prima dele aplicava aos hieróglifos egípcios.

Ele disse com firmeza:

— Era... uma distração. Seu cabelo. Caindo.

A expressão dela não mudou.

— Não dá... para pensar — ele acrescentou, patético.

Mas não era desculpa. Um cavalheiro nunca se permitiria tais liberdades, exceto com uma parente muito próxima ou uma amante. Não conseguia acreditar que tinha feito aquilo. Ainda assim, não via como poderia ter evitado.

Reuniu suas forças — o que restava delas — para compor um pedido de desculpas adequado.

Ela falou antes que ele pudesse reunir as palavras.

— Então foi isso que o incomodou tanto — afirmou ela. — Bem, eu não deveria ficar surpresa. Um homem que é capaz de sair no meio da

noite em uma tempestade de gelo porque não tem roupas de reserva vive de padrões de vestuário muito elevados para mortais comuns compreenderem. — Ela se virou e começou a dobrar os mapas.

Ele rapidamente reuniu os fragmentos de sua razão.

— Também tenho princípios, srta. Oldridge, quer queira acreditar ou não. Eu gostaria de persuadir os proprietários de terras sobre os méritos do canal de Lorde Gordmor. Desejo encontrar uma maneira de remover os elementos objetáveis do plano ou, se isso for impossível, chegar a um acordo aceitável.

— Então volte para Londres e envie alguém para apresentar os argumentos. O senhor está lamentavelmente iludido ou é esperançosamente idealista se acha que as pessoas lidarão com o senhor como lidam com homens comuns, até mesmo com nobres comuns. Meus vizinhos, assim como meu pai, deixaram que seus administradores de propriedade se encontrassem com o agente de Lorde Gordmor. Eles nem sequer sonharam em ir pessoalmente. Já o senhor, meu pai não apenas convidou para se encontrar com ele, como também para jantar. Ele até tentou persuadi-lo a passar a noite. Embora papai seja praticamente um recluso, que prefere conversar com plantas a falar com pessoas. Sir Roger Tolbert e o capitão Hughes, que são mais sociáveis, vão visitá-lo e convidá-lo para jantar com eles. Todos vão convidá-lo para uma visita e para admirar seus animais de estimação, gado e filhos, especialmente as filhas.

Enquanto ela falava, ia tentando dobrar os mapas, mas estava obtendo tanto sucesso quanto a criada obtivera com seu cabelo. Ela enrolava-os em cones e espirais e dobrava outros para trás e para os lados, de todas as maneiras, menos a correta. Aos poucos, ela se perdeu em uma tempestade de papel amassando e crepitando.

Alistair avançou, retirou os mapas de sua mão tensa e os fechou corretamente, um por um. Então os colocou na mesa, resistindo à vontade de pegar um para bater nela.

Ela franziu a testa para os mapas.

— Não tive dificuldade para abri-los — disse. — Mas na hora de fechá-los, desenvolveram vida própria. Suspeito de que não gostem de ser fechados e precisam de uma técnica especial para serem convencidos.

— Não, só requerem lógica simples — corrigiu ele.

— Deve ser uma forma de lógica diferente daquela que aprendi. Mas o senhor é um homem de Oxford, pelo que me lembro. Se ao menos eu tivesse ido para a universidade, também saberia como dobrar um mapa.

— Eu gostaria que Oxford me ensinasse a obter uma resposta direta para uma pergunta simples.

Ela lhe concedeu um sorriso radiante, o mesmo que havia lhe oferecido no dia anterior, antes de descobrir o motivo de sua visita. Uma vez que ela só lhe havia oferecido sorrisos da menor e mais fria variedade desde então, ele foi pego desprevenido, e seu cérebro reagiu como se ela o tivesse atingido na cabeça com um taco de críquete.

— O senhor quer que eu lhe diga por que o agente de Lorde Gordmor não conseguiu apoio para o canal — falou ela. E então pegou o casaco e o *bonnet*.

Alistair reuniu seus pensamentos.

— O agente nos disse que ninguém estava disposto sequer a discutir a questão. Em todos os lugares aonde foi, ele ouviu “não” e foi convidado a se retirar. Sim, eu quero que me diga, srta. Oldridge, já que alega que todos os outros estarão impressionados demais com a minha importância para me contar a verdade.

Ela jogou o casaco sobre os ombros.

— Certamente não vou lhe contar nada — respondeu. Ela enfiou o *bonnet* na cabeça e amarrou as fitas rapidamente. — O senhor tem todas as vantagens possíveis. Todos vão bajulá-lo. Não o vejo encontrando a menor resistência. A situação já é bastante desesperadora sem que eu lhe entregue minha única munição. Tenha um bom dia, sr. Carsington.

Ela pegou os mapas e saiu, deixando um Alistair irritado e confuso sem nada a fazer além de vê-la ir embora, com o casaco torto, o *bonnet* quase caindo e um traseiro perfeito oscilando de um lado para o outro.



Poderia ter sido um alento para o sr. Carsington saber que não era o único irritado e confuso. Mirabel encontrou-se perturbada o suficiente para viajar mais três quilômetros, até Cromford, a fim de buscar a presença tranquilizadora de sua antiga governanta.

No momento, elas estavam sentadas na sala de estar da sra. Entwistle, que era meticulosamente arrumada, decorada com charme e estofada de modo a transmitir conforto, assim como sua dona.

A senhora, dez anos mais velha, tinha se casado e se mudado para Cromford logo após a aluna, então com dezenove anos, partir para Londres e sua primeira temporada. O sr. Entwistle havia sucumbido a uma febre pulmonar fazia três anos. Ele havia providenciado o suficiente para sua viúva, no entanto, para poupar-lhe o retorno à antiga ocupação.

— Se ao menos eu tivesse munição — Mirabel estava contando à

sra. Entwistle. — Mas o sr. Carsington logo descobrirá a principal objeção. Todos os proprietários de terras em Longledge acreditam que o canal causará muita perturbação para muito pouco benefício. Caso contrário, teríamos construído nosso próprio canal décadas atrás, quando teria custado muito menos.

— Homens que passam a vida em Londres não conseguem conceber o impacto que essas estratégias têm sobre as comunidades rurais — disse a sra. Entwistle. — Mesmo que alguém tivesse explicado o problema a Lorde Gordmor, ele provavelmente o teria ignorado como um preconceito provinciano contra mudança e progresso.

— Não posso culpá-lo inteiramente — respondeu Mirabel. — Nós também somos em parte culpados. Se, na época, todos os proprietários de terras tivessem deixado claros seus sentimentos para o agente dele, duvido que estaríamos nessa situação. Porém, nenhum de nós deu mais atenção a ele do que aos outros.

O status e o poder do agente eram meramente o reflexo fraco de seu empregador, e o prestígio de Lorde Gordmor, como Mirabel havia apontado para o sr. Carsington, já era de uma espécie fraca desde o início. Para os habitantes de Longledge Hill, seu representante era apenas mais um em uma longa fila de agentes que vinham e iam constantemente, tentando promover uma especulação ou outra.

A pequena nobreza da região era conservadora, porém. Mesmo no auge da febre dos canais, consideraram o Canal de Cromford do sr. Arkwright uma empreitada duvidosa, e o Canal Peak Forest, simplesmente arriscado. Até o momento, os eventos — pelo menos do ponto de vista financeiro — não haviam se provado errôneos. Embora esses canais tivessem melhorado muito o transporte para os negócios ao longo de suas rotas, nenhum deles havia gerado lucros substanciais para as partes interessadas ali.

Sem dúvida, as vias navegáveis haviam alterado radicalmente tanto a paisagem quanto as comunidades pelas quais passavam.

A reação era ainda mais negativa ao canal de Lorde Gordmor, que equivaleria a uma estrada pública passando pela propriedade de Mirabel e de seus vizinhos.

— Vocês não tinham como saber que Lorde Gordmor acabaria por se mostrar mais persistente que os outros — disse a sra. Entwistle.

— Não é a persistência, mas a escolha do representante que me perturba. Eu gostaria que alguém tivesse me avisado que o sr. Carsington estava a caminho. Ele não deve ter escrito para os outros proprietários de terras com antecedência, ou todos estariam falando sobre isso. Mas não posso acreditar que tenha se dirigido apenas a papai, o último homem do mundo a se interessar por um canal... ou por qualquer outra coisa que não possua raízes.

— Suspeito de que o sr. Carsington e Lorde Gordmor não estivessem cientes das preocupações de seu pai — opinou a sra. Entwhistle. — Eles só sabiam que ele era dono da maior propriedade.

— E papai não fez nada para desfazer o conceito errôneo. Consegue acreditar que ele respondeu à carta do sr. Carsington?

A sra. Entwhistle balançou a cabeça e concordou que era inexplicável.

— Se até mesmo meu pai concordou em se encontrar com o sr. Carsington, você pode imaginar o que os outros farão. Eles vão mimá-lo com vinho e jantar, o famoso herói de Waterloo, e dirão sim a tudo o que ele propuser, sem questionar. Aceitarão qualquer compensação financeira negligenciável que ele ofereça pelo uso da terra e acenarão felizes para qualquer rota que ele sugerir. Se alguém for tão ousado a ponto de pedir uma ponte para trazer de volta as vacas dos campos ou uma curva para levar o canal ao redor de uma plantação em vez de atravessá-la, eu ficarei muito surpresa. Enquanto isso, podemos ter certeza de que eles empurrarão suas filhas e irmãs para ele, embora ele seja apenas um filho mais novo.

— Imagino que ele seja eloquente e bonito — comentou a sra. Entwhistle enquanto enchia novamente a xícara de chá de Mirabel.

— Excessivamente — revelou Mirabel, sombria. — Alto e de ombros largos, e você pensaria, já que é tão perfeito em seu traje, que ele seria rígido, mas não é. Até se adaptou à lesão e consegue fazer com que seu manquitar seja ao mesmo tempo masculino, gracioso e, de alguma forma... galante.

— Galante — repetiu a sra. Entwhistle.

— É terrível. — Mirabel fez uma careta para sua xícara de chá. — Ele me faz querer chorar. No momento seguinte, tenho vontade de jogar algo nele. Além disso, ele é incrivelmente idealista... ou então é um ator magnífico. Mal tive coragem de lhe dizer que ninguém se importa com suas nobres intenções.

— Moreno ou loiro? — perguntou a sra. Entwhistle.

— Tem cabelo basto e castanho, mas quando a luz incide sobre ele, aparecem reflexos dourados — disse Mirabel. — Seus olhos são de um castanho-claro mutável. Parecem sonolentos — ela acrescentou. — Não era sempre que eu tinha certeza de que ele estava ouvindo. Ou talvez estivesse entediado. Ou talvez meu cabelo o ofendesse tanto que ele tenha decidido manter os olhos abertos o mínimo possível.

— Mas por tudo o que é mais sagrado, por que imagina que seu cabelo o ofendeu? — indagou a sra. Entwhistle. — É lindo.

Mirabel encolheu os ombros.

— O cabelo ruivo não está na moda, ainda mais essa cor estranha, e

ele exige que tudo esteja perfeitamente nos conformes. De qualquer forma, meu penteado nunca é elegante, mesmo nos melhores momentos.

— Porque você não fica quieta para a sua criada fazer direito. — Uma touca de renda não escondia completamente os fios castanho-escuros da própria sra. Entwhistle, habilmente arrumados em tranças castanhas.

— Sim, bem, não dei quase tempo algum para Lucy esta manhã, e o penteado caiu, como seria de se esperar.

A sra. Entwhistle estudou o cabelo de Mirabel.

— Parece estar em boa ordem agora.

— Ele arrumou — contou Mirabel. — Está preso tão firme que você precisaria de um garfo de feno para desalojá-lo. Eu gostaria de saber quem o ensinou a prender cabelos. Eu deveria ter perguntado...

— De fato, Mirabel.

— ... mas fiquei surpresa demais para pensar nisso. — Surpresa não era nem metade do que ela tinha sentido. Ele estava tão perto que ela conseguia sentir o cheiro de amido da gravata engomada. E o aroma elusivo que ela poderia ter apenas imaginado. Mas o que não tinha imaginado eram os batimentos súbitos do coração e a confusão de sensações, das quais a surpresa era a mais suave.

Tinha uma ideia do que eram aquelas sensações. Ela era uma solteirona de certa idade agora, mas já tinha sido jovem, e homens atraentes haviam competido para despertar o seu interesse. Nem todos haviam sido malsucedidos. Talvez fosse mais fácil para ela, se um deles não tivesse obtido sucesso.

Mas tinha acontecido fazia muito tempo, e ela tivera uma década para se recuperar. Podia se lembrar da maravilhosa temporada em Londres — e de William — sem dor. Não significava que ela desejasse reviver a experiência. Sabia que qualquer apego sentimental teria o mesmo fim, e ela não era ávida por punição.

Não que estivesse em perigo no momento. O sr. Carsington queria apenas uma coisa da deselegante e desarrumada Mirabel Oldridge. Não era o dinheiro e definitivamente não era sua pessoa. Ele só desejava obter uma informação, algo que ele poderia facilmente obter sem a ajuda dela.

A sra. Entwhistle interrompeu tais meditações.

— Você disse que o sr. Carsington estava impecável em seu traje.

— Ele faria o dândi Beau Brummell passar vergonha. — Mirabel prosseguiu relatando a conversa do “nada para vestir” na tempestade de gelo.

— Isso explica muita coisa — disse a sra. Entwhistle.

— Você sabe como os dândis são — continuou Mirabel. — Cada detalhe deve ser precisamente como deve ser. Você não acreditaria no grau de perturbação que meu cabelo causou nele. O desagrado dele fazia o ar vibrar. Por fim, ele me disse sem meias-palavras que meu cabelo caindo o estava distraindo.

— Então você está mais bem equipada do que pensava — concluiu a sra. Entwistle. — Descobriu uma fraqueza em seu adversário.

Mirabel a encarou.

— Como assim?

— Sugiro um movimento de distração — disse sua ex-governanta.

— Distraia-o.



CAPÍTULO 4

U

m jantar — Alistair repetiu, sem expressão.

— Sexta-feira. Apenas três dias de antecedência. Maldição, convite em cima da hora, eu sei. — Sir Roger Tolbert falava entre bocados da pesada refeição que o cozinheiro do Wilkerson's havia providenciado.

Os dois homens estavam sentados na sala de jantar que a srta. Oldridge havia deixado pouco tempo antes.

— Nada tão grandioso como você está acostumado, suponho — continuou o baronete. — Foi o que eu disse à minha dama. Disse que o senhor teria compromissos mais importantes. Mas sabe como as mulheres são. Quando têm algo em mente...

Alistair assentiu com compreensão, enquanto a previsão da srta. Oldridge ecoava em sua mente: É provável que Sir Roger Tolbert e o capitão Hughes... vão visitá-lo e convidá-lo para jantar.

Na ocasião, ela o havia perturbado, mas depois que ela se foi, Alistair decidiu que o cenário que ela havia pintado era muito improvável, dada a frieza com a qual o agente de Gordy havia sido recebido. Alistair havia escrito com antecedência apenas para o sr. Oldridge, por esse motivo, e citando a experiência do agente, pedira ao cavalheiro que não mencionasse a visita a ninguém.

Assim que Alistair chegasse, ele sabia que a notícia se espalharia depressa. Mas havia se preparado para uma recepção fria, se não hostil; não estava preparado para um comitê de boas-vindas. Mesmo depois que a srta. Oldridge havia lhe contado como ele era importante aos olhos dos habitantes locais, queria acreditar que ela havia exagerado.

Tinha esperado dificuldades e viera preparado para lidar com elas. Ele se via conquistando os proprietários de terras, tratando-os com justiça, ouvindo suas objeções com a mente aberta e trabalhando com eles para encontrar soluções e meios-termos aceitáveis. Suas intenções

eram boas e seu coração, honesto. Era culto, diplomático, e suas maneiras eram impecáveis — exceto em relação à srta. Oldridge. Ele confiara que esses atributos o levariam a superar uma batalha difícil.

No entanto, não estava preparado para a oposição inteira se render no instante em que ele chegasse.

Sir Roger havia chegado para uma visita cerca de meia hora depois que a srta. Oldridge saíra do Wilkerson's e cumprimentara Alistair como um filho pródigo.

O baronete, um homem com idade próxima à de seu pai, tinha a região do abdômen meio avantajada e a região da cabeça meio careca. No momento, estava devastando a refeição que ele havia pedido a fim de sustentá-lo até a hora do jantar: carneiro, batatas, um pão, cerca de meio quilo de queijo e de manteiga, e uma caneca de cerveja.

Alistair bebia uma taça de vinho. Mesmo com fome — o que era improvável àquela hora —, ele perderia o apetite assim que percebesse que a srta. Oldridge não havia exagerado. Ninguém esperaria que ele provasse seu valor ou o valor de seu projeto. Ele era filho de Lorde Hargate, os jornais o haviam transformado em herói, e isso era o suficiente.

— É muito gentil da parte de Lady Tolbert pensar em mim — disse Alistair. — No entanto, como o senhor pode ter ouvido, estou aqui a negócios.

— Importantes, suponho.

— Sim, bastante. — Depois de uma pausa, enquanto o baronete mastigava seu carneiro, Alistair acrescentou: — O canal de Lorde Gordmor.

As sobrelhas de Sir Roger se ergueram, mas ele terminou de mastigar e engolir com calma.

— Ah, sim?

— Na verdade, gostaria de conversar com o senhor sobre isso. Em um momento que seja conveniente para ambos, é claro.

Sir Roger assentiu.

— Negócios. Prazer. Manter separados. Entendi.

— Ou eu poderia conversar com o seu procurador, se preferir — ofereceu Alistair.

— Procurador? Decerto que não. — O homem continuou comendo.

— Mas veja só, Sir Roger, eu consideraria um grande favor se o senhor... se todos... me vissem apenas como representante de Lorde Gordmor. Como alguém empregado por ele.

O baronete ponderou isso enquanto empalava as últimas batatas em seu prato.

— Entendi seu ponto — afirmou. — Escrúpulos. Coloca o senhor

sob uma boa luz.

— Devo deixar claro que meu pai não está de forma alguma envolvido nesse projeto.

— Entendo — disse Sir Roger. — Mas minha dama não entenderá. Tudo o que ela entende é que seu pai é Lorde Hargate, e que o senhor é o famoso herói de Waterloo. Disse a ela que o senhor não era um leão no zoológico. Não está aqui para entreter a ela e às outras mulheres. — Ele fez uma careta. — Lágrimas. Baldes delas. Mulheres.

Alistair precisava apenas se lembrar das birras chorosas de Judith Gilford para entender como uma mulher era capaz de tornar um homem miserável. Alistair, pelo menos, não estava acorrentado a ela e não precisava suportar aquilo o dia e a noite inteiros. Um homem casado deveria conviver com essas questões ou se deixar ser expulso de sua própria casa.

Deixar a esposa de Sir Roger infeliz não era a maneira de ganhar o respeito dele.

— Eu preferiria ser esfaqueado, cortado, baleado e pisoteado pela cavalaria polonesa inteira — falou Alistair — a causar um momento de angústia sequer à sua senhora. Por favor, tenha a gentileza de dizer à Lady Tolbert que ficarei honrado em visitá-la na sexta-feira.



Sexta-feira, 20 de fevereiro

O jantar foi essencialmente o que a srta. Oldridge havia previsto.

Você será... convidado a admirar animais de estimação, gado e crianças, especialmente as filhas.

Sir Roger havia falado sobre Alistair ser um leão no zoológico. Como se viu, não era o filho herói de Lorde Hargate que estava em exibição, mas um grupo de donzelas, todas ansiosas para entretê-lo e seduzi-lo.

Tratava-se de uma experiência nova.

Quando Alistair havia entrado para a Sociedade, ele não se preocupara que ninguém pudesse lhe envolver em armadilhas matrimoniais. Afinal, era um filho mais novo, dependente de um pai que, embora bem de vida, estava longe de ser o membro mais rico da nobreza. Lorde Hargate, além disso, tinha outros quatro filhos para sustentar.

Em outras palavras, Alistair Carsington não era um grande partido.

Sua falta de renda, no entanto, não importava para Judith Gilford. Ela tinha dinheiro suficiente para os dois, com um bom tanto de sobra. Judith facilmente poderia sustentar um harém, na verdade — e era

muito infeliz que a lei não permitisse a poliandria, porque ela desejaria ter pelo menos meia dúzia de maridos para lhe dar a atenção e devoção escrava que ansiava.

Mas aquela era a cena social de Londres, e este era um canto remoto das províncias, onde cavalheiros elegíveis eram tão abundantes quanto palmeiras tropicais.

Por outro lado, o lugar estava repleto de moçoilas elegíveis.

O jantar “íntimo e bem informal” de Lady Tolbert compreendia mais de duas dúzias de convidados. Dez deles eram senhoritas, todas com seus melhores vestidos e penteados mais lisonjeiros, num esforço para encantar o terceiro filho do conde de Hargate.

A srta. Oldridge teria sido a décima primeira, mas mal poderia ser considerada uma moçoila, tendo mais de trinta anos, e não fazia esforço algum para encantar ninguém.

Todas as outras senhoritas usavam trajes delicados de musselina branca ou pastel. Esses vestidos, desafiando os ventos polares que faziam as janelas tremerem, exibiam uma considerável área descoberta na região do busto.

A srta. Oldridge usava um vestido de seda cinzenta, aparentemente desenhado por um rigoroso ministro presbiteriano para sua avó.

Ela estava determinada, parecia, a enlouquecer Alistair.

Apesar de todas as resoluções dele, a srta. Oldridge estava obtendo sucesso.

Ele havia se determinado — uma vez que ela se recusava a cooperar — a dispensá-la.

Alistair a veria como uma peça de mobília em seu caminho. Não esbarraria ou tropeçaria nela — figurativamente falando — naquela noite, como havia feito em encontros anteriores. Naquela noite, ele a contornaria suavemente e lidaria com seus vizinhos em vez disso. Se os conquistasse, as objeções dela não importariam.

Assim ele havia raciocinado.

Mas como um homem poderia raciocinar, diante da aparição que estava sentada bem à sua frente?

Nenhum candelabro ou outra grande decoração de mesa obstruía a visão. As jovens senhoritas agrupadas nas proximidades eram facilmente entretidas. De qualquer forma, era impossível desviar o olhar do horror que a srta. Oldridge havia perpetrado.

O decote quadrado oferecia pouco mais do que um mísero vislumbre da concavidade de sua garganta. As mangas terminavam nos pulsos. Se não fosse pela cintura alta sublinhando seu busto e a saia justa envolvendo seus quadris, um homem dificilmente saberia que ela tinha alguma silhueta que pudesse ser chamada por esse

nome.

O vestido era um desperdício chocante de seda belíssima e finas habilidades de costura. E então havia o cabelo dela, que, em poucas palavras, era indescritível.

Sua criada havia feito uma risca rígida — e torta — no meio da coroa de cachos ruivo-dourados, achatado-a — com um ferro quente, ao que parecia —, puxado a massa toda para trás e a trançado e torcido em um coque rígido na nuca. Uma tiara de prata trançada — amassada de um lado — decorava essa abominação.

Apenas quando a refeição estava chegando ao fim foi que Alistair encontrou uma maneira de recuperar um pouco de tranquilidade. Estava redesenhando mentalmente o decote do vestido cinza e cortando as mangas lá no alto, para formar mangas delicadas e bufantes nos ombros. Muito para sua irritação, teve que interromper esse trabalho promissor quando Lady Tolbert perguntou se ele já havia estado em Chatsworth.

Alistair se concentrou em sua anfitriã — que, apesar de ter uma filha casada da idade da srta. Oldridge, esforçava-se para parecer mais jovem e quase à moda — e admitiu que ainda não havia visitado a propriedade do duque de Devonshire, localizada a cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Matlock Bath.

— Certamente o senhor vai querer visitar a Cascata, estou certa — declarou Lady Tolbert. — Um longo conjunto de degraus rasos de pedra desce a colina. Sobre eles, a água cascadeia dos reservatórios no topo da colina acima da floresta. Foi construído belamente e seu efeito nos nervos é maravilhoso e calmante.

Os nervos de Lady Tolbert, conforme informara o valete de Alistair, eram famosos e também a desgraça da existência de seu marido.

A srta. Curry, à direita de Alistair, disse que a ideia de visitar a Cascata soava muito romântica e lançou-lhe um olhar discreto.

— É muito agradável de se contemplar — disse Lady Tolbert. — Como está interessado em vias de água artificiais, sr. Carsington, talvez queira estudá-la.

O capitão Hughes, que estava entre Lady Tolbert e a srta. Oldridge, observou que o projeto atual datava da época da rainha Anne.

O oficial naval era um homem moreno e audacioso, na casa dos quarenta anos, que os tempos de paz havia enalhado em terra firme. Diferentemente de outros capitães malpagos, ele estava confortavelmente instalado em uma propriedade de tamanho razoável nas proximidades da propriedade dos Oldridge. Alistair achava que seu comportamento com a srta. Oldridge ia além da amizade de vizinhos.

— Visitei o lugar na minha infância — contou o capitão. — Era um

dia quente e, mesmo naquela época, não consegui resistir à água. Sentei-me e tirei os sapatos e as meias para entrar. Mal tinha começado a brincar quando os adultos descobriram o que eu estava fazendo e me puxaram para fora. Parece cruel construir uma coisa dessas, algo a que os garotinhos não conseguem resistir, e depois proibi-los de brincar lá.

— É um bom treinamento para a idade adulta encontrarmos tantas coisas irresistíveis — observou Alistair. Ele deixou o olhar percorrer a gama de garbo feminino exibido ao seu redor.

Sua anfitriã, esbelta e bem-conservada, exibiu-se um pouco, e as donzelas próximas todas coraram.

Exceto a srta. Oldridge.

Concentrada em dissecar uma torta, ela falou sem olhar para cima.

— Entendo que homens adultos não conseguem resistir a nadar nos canais, em plena vista dos passageiros dos barcos que estejam percorrendo a via fluvial, para não mencionar as pessoas em terra.

Alistair não ficou chocado de forma alguma com a referência da srta. Oldridge a homens nus em um grupo misto. Ele já havia descoberto que sua fala podia ser surpreendentemente direta. Além disso, ela tinha 31 anos, não era uma ingênua como as lindas cabeças ocas ao redor. Da mesma forma, as pessoas do campo tendiam a ser menos delicadas em sua fala do que seus equivalentes em Londres, provavelmente por causa de todos os animais ao redor, que acasalavam e davam à luz incessantemente.

Os Tolbert, decerto, eram despretensiosos. Serviam o jantar da maneira tradicional, com todos os itens de entradas, pratos principais e sobremesas dispostos de uma só vez. Da mesma forma, os convidados masculinos e femininos não estavam em número igual e sentavam-se onde quisessem — embora todos entendessem que os lugares na cabeceira da mesa, perto da anfitriã, eram para os convidados mais importantes.

Algumas manobras discretas resultaram em muitas donzelas ocupando as cadeiras mais próximas ao convidado de honra na metade superior da mesa.

A srta. Oldridge não havia feito manobras. Ela e o capitão Hughes sentaram-se perto de sua anfitriã por sugestão de Lady Tolbert. O capitão olhava para a srta. Oldridge com diversão.

— Suponho que os rapazes não estivessem usando cabines de banho.

A srta. Curry ficou escarlate. A srta. Earnshaw, ao lado dela, riu. Porém, eram ridiculamente jovens, mal saídas da sala de aula.

— É um comportamento muito inconsiderado — falou Lady Tolbert.

— Imagine só o choque para a sensibilidade de uma donzela deparar-se com os homens de maneira inesperada. Ela poderia ficar seriamente doente como resultado. Não vou discutir que nadar é um exercício saudável... mas no momento e lugar apropriados. Nadar em um canal. — Ela balançou a cabeça. — O que virá a seguir? Orgias romanas, suponho.

— Acredito que eu nunca tenha ouvido falar de natações orgiásticas em canais — declarou Alistair.

— Um cavalheiro escreveu uma carta indignada para o *Times* sobre nadadores não faz muito tempo — contou a srta. Oldridge. — Ele não falou nada sobre orgias, mas mencionou a decadência moral.

— Os rapazes deviam estar bêbados — opinou o capitão.

— Ou talvez fosse um dia muito quente — sugeriu a srta. Oldridge. — O escritor culpou os barqueiros. Disse que eles eram uma influência corruptora. Eu entendo que eles falam palavrões chocantes.

— Mas não usariam linguagem de baixo calão no canal do sr. Carsington — disse a srta. Earnshaw, lançando um olhar adorador na direção de Alistair. — Tenho certeza de que ele não permitiria.

Antes que Alistair pudesse inventar uma resposta para essa declaração fantasticamente vazia, a srta. Oldridge declarou:

— O sr. Carsington sem dúvida incluirá essa condição a qualquer outra que os proprietários de terra exijam.

— Uma vez que esperamos ter muitos, senão todos, os proprietários de terra como acionistas e membros do comitê do canal, eles, sem dúvida, serão vigilantes para evitar a corrupção da moral pública, srta. Oldridge — assegurou ele.

— O senhor deixará a responsabilidade ao encargo deles? — indagou ela. E então dirigiu um sorriso deslumbrante na direção de Alistair, como se ele tivesse dito algo desesperadamente romântico em vez de sarcástico. — Bem, sei que minha mente está aliviada.

Deixando-o irritado e zozzo, ela voltou o sorriso para sua anfitriã.

— Não sente o mesmo, Lady Tolbert?

— Sim, suponho — respondeu esta, incomodada. — Mas eu não havia pensado que tantos estranhos viriam, e Sir Roger não havia mencionado.

— Acho que já deveríamos estar acostumados a estranhos, se é que alguém poderia se acostumar — disse o capitão Hughes.

— Mas não é nada parecido com os turistas — opinou Lady Tolbert. — Pelo menos são pessoas respeitáveis.

— Tenho certeza de que os barqueiros são respeitáveis do jeito deles — falou a srta. Oldridge. — E decerto eles parecerão completamente elegantes depois dos navegadores.

Lady Tolbert levou a mão ao pescoço.

— Céus misericordiosos! Navegadores?

— A srta. Oldridge se refere a trabalhadores experientes em cavar canais — revelou Alistair. — Operários qualificados. — Não vagabundos, ele queria acrescentar, mas não o fez. Preferia não plantar mais imagens desagradáveis na mente de Lady Tolbert. A srta. Oldridge já estava fazendo isso de maneira muito eficaz.

— Não contratará homens locais? — perguntou o capitão Hughes.

— Haverá muito trabalho para fabricantes de tijolos locais, operários de pedreiras e carpinteiros — disse Alistair. — Ainda assim, os empreiteiros devem trazer cavadores de canal experientes, chamados de “escavadores”.

— Sem dúvida, Lorde Gordmor contratará apenas os empreiteiros mais respeitáveis — declarou a srta. Oldridge. — Nesse caso, seus bandos de trabalhadores não serão todos arruaceiros. Além disso, é possível que as histórias de distúrbios e tumultos alcoolizados sejam exageradas.

— Arruaceiros? — repetiu Lady Tolbert, ficando pálida. — Tumultos?

— Distúrbios e tumultos às vezes ocorrem em lugares onde os homens são maltratados e mal pagos — Alistair apressou-se a responder. — Posso garantir que Lorde Gordmor e eu insistiremos em tratamento justo e salários dignos.

— Também tenho confiança de que não permitirá que nenhum assassino trabalhe para o senhor — disse a srta. Oldridge. — Pelo menos não de propósito. Naturalmente, o senhor exigirá referências para cada pessoa envolvida na construção do canal, mesmo que o trabalho exija muitas centenas delas.

Isso era impossível, e ela sabia. Ela também poderia muito bem esperar que o capitão Hughes exigisse referências para os homens que o recrutamento forçado trouxera para o serviço naval. Alistair queria apontar esse detalhe, mas duvidava de que Lady Tolbert fosse considerar o pensamento reconfortante.

Graças à srta. Oldridge, a dama sem dúvida imaginava grupos de arruaceiros vagando à solta — estuprando e saqueando pelo caminho — através das aldeias pastorais e propriedades privadas de Peak District.

Infelizmente, a imagem não estava tão longe das possibilidades. Apenas no ano anterior, bem ali em Derbyshire, trabalhadores têxteis desempregados haviam se unido para tomar o castelo de Nottingham. Embora as tropas tivessem impedido que a ameaçada revolta em massa se materializasse, os temores de agitação persistiram.

— Realmente espero que se lembrem, senhoras, de quantos quilômetros de canal foram construídos neste país sem incidentes — pediu Alistair. — Entre eles, os canais Peak Forest e Cromford, de Derbyshire.

— Esse é um excelente ponto, sr. Carsington — comentou a srta. Oldridge. — Deveríamos considerar outro ponto importante: os homens estarão menos propensos a surtos de violência, porque o trabalho é menos árduo do que costumava ser nos velhos tempos.

— De fato, sim — disse Alistair. — Muito do trabalho braçal extenuante é feito atualmente com máquinas.

— Exatamente — concordou a srta. Oldridge. — Agora que paro para pensar nisso, o ruído das máquinas a vapor e outros equipamentos deve abafar qualquer palavra de baixo calão, e a fumaça vai obliterar qualquer visão desagradável. — Ela sorriu para as pessoas próximas.

— Ruído? — indagou Lady Tolbert. — Fumaça? Sir Roger não disse nada sobre máquinas barulhentas e desprezíveis.

Alistair fez o possível para acalmá-la enquanto imaginava a si mesmo pulando sobre a mesa, pegando a srta. Oldridge em sua cadeira e a lançando para fora da janela mais próxima.

Certos inconvenientes acompanhavam qualquer grande projeto de construção, ele lembrara à sua anfitriã. Embora o barulho e a fumaça fossem desvantagens dos métodos modernos, eles realmente encurtavam bastante o processo. Em vez de ter escavadores de canais ocupando o local por longos períodos de tempo — muitos meses, talvez anos —, eles viriam e iriam embora em questão de semanas.

Lady Tolbert ouviu educadamente, deu-lhe um sorriso pálido e sinalizou para as outras senhoras se retirarem da mesa. Elas se dirigiram à sala de visitas, deixando os homens com seu Porto.

E enquanto os homens bebiam, Lady Tolbert espalharia o temor para as outras esposas.

A srta. Oldridge havia feito seu trabalho com astúcia, aquela criatura dissimulada. Alistair não havia previsto o ataque, e tinha sido imperdoavelmente lento para perceber.

Bem, não era de admirar.

Como ele poderia se concentrar em qualquer coisa quando ela estava sentada, havia horas, diretamente em sua linha de visão, vestida como um espantalho? Como ele poderia lidar com tal espetáculo? Não poderia, e assim se concentrou em vesti-la com propriedade em sua mente — ou despi-la seria mais adequado, e isso seria um serviço de utilidade pública, na verdade, para não mencionar econômica. Aquele vestido pavoroso poderia cobrir duas mulheres.

Enquanto tinha se ocupado em despir mentalmente a dama, o inimigo havia se aproximado por detrás dele e quase o derrotara por completo.

Ele ficara sentado ouvindo a srta. Oldridge envenenar a mente de sua anfitriã enquanto mal conseguia reunir seus pensamentos e colocá-los em ordem, muito menos criar um antídoto.

Mas as mulheres haviam ido embora, consolava-se Alistair, enquanto o vinho do Porto circulava pela mesa de jantar. Agora só precisava lidar com os homens. Pelo menos falavam uma linguagem que ele podia entender facilmente. E seguiam regras mais simples ao jogar, embora pudessem ser mais brutais. Tudo o que tinha que fazer era jogar com habilidade.



Os homens permaneceram na sala de jantar por quase uma hora, o que Mirabel sabia não ser um bom sinal. Sir Roger raramente se demorava no seu Porto, e se o seu pai era o único de seus convidados a entrar na sala de estar, devia ser porque o sr. Carsington tinha deixado os demais homens fascinados.

Na hora em que os demais cavalheiros enfim se reuniram novamente com as damas, seu pai já havia ido embora fazia muito tempo. Ele havia vagado para fora da sala de estar e seguido para o conservatório de plantas dos Tolbert.

Até o momento, as mocinhas tinham se espalhado pela sala em duplas e trios, algumas conversando, algumas olhando livros de imagens. Quando o sr. Carsington entrou, as conversas terminaram, os livros se fecharam e em uma frota de musselina pálida, as donzelas navegaram, como se fossem carregadas por uma corrente poderosa, na direção dele.

Mirabel supunha que a imagem náutica havia surgido porque ela avistara o capitão Hughes fazendo caminho por entre as donzelas.

Ele atravessou a sala até a janela onde Mirabel estava. Era a parte mais fria da sala, longe do fogo. Ela havia recuado para lá, em parte, porque se sentira agitada e com calor depois do jantar e, em parte, porque o local com correntes de ar não era convidativo para as jovens senhoras. A alegria inocente delas na reunião fazia Mirabel se sentir cansada e irritada, uma solteirona velha e amarga.

Como ela esperava, as moças evitaram o canto frio onde ela se encontrava. Pele arrepiada não era algo atraente, e a missão atual delas era ser o mais atraente possível. Homens elegíveis não apareciam em suas vidas com muita frequência, e apenas a srta. Earnshaw tinha alguma esperança de uma temporada em Londres, na

qual encontraria mais oportunidades. Nem mesmo isso era certo, porque o sr. Earnshaw estava relutante em gastar dinheiro.

— Eu não fazia ideia de que tínhamos uma frota tão bonita por aqui — declarou o capitão, acenando na direção de onde tinha vindo. — Ou Lady Tolbert as reuniu de forças estrangeiras?

— Imagino que esteja se referindo às jovens — concluiu Mirabel. — Ela convocou as moçoilas dos cantos mais distantes do Peak District. Agora que a filha mais jovem está casada, ela precisa fazer preparativos para o futuro de outra pessoa.

Ela não acrescentou sua opinião particular de que as moças, embora bonitas, eram muito jovens e pouco sofisticadas para um homem que havia sido festejado e afagado pelas beldades mais elegantes de Londres. Além disso, os vestidos das moças deviam parecer lamentavelmente antiquados e campesinos — bem abaixo de seus padrões exigentes.

Por outro lado, eram jovens e frescas, e isso era do que os homens gostavam, todos os homens, de todas as espécies.

— Alguém deveria lhes dizer para traçarem um curso diferente — opinou o capitão. — Você é o único navio na mira delas.

Mirabel sentiu um pico de prazer, que prontamente suprimiu. Afinal, ela havia feito um esforço deliberado para distrair o convidado de honra, lembrou a si mesma.

O vestido cinzento era antiquado e sem graça, para começar, mas caso não fosse suficiente, ela havia persuadido Lucy a fazer alguns ajustes, transformando-o de monótono e pouco lisonjeiro em horrendo. A coroa tediosa só precisou receber uns pisões. Contudo, o ápice supremo era o penteado que Lucy havia executado com tanta relutância, declarando depois que nunca tinha visto algo tão pavoroso e que nunca sobreviveria à desgraça.

No entanto, Mirabel não estava preparada para o grande número de belas jovens tão bem-vestidas. Elas tornariam fácil para ele a ignorar.

Mas o capitão Hughes disse que o sr. Carsington não poderia ignorá-la, e o capitão era um homem extremamente observador. Ao que parecia, ela havia ficado terrível o bastante para distrair o sr. Carsington até mesmo da frota de jovens beldades frescas.

— Gostaria de saber qual jogo a senhorita está jogando — disse o capitão Hughes, seus olhos escuros brilhando ao lançar um olhar rápido para ela. — Isso faz parte do plano? Devo receber uma explicação? Ou devo continuar sendo o cúmplice involuntário? Por Deus, quando contei minha anedota sobre a Cascata de Chatsworth, nunca sonhei que a usaria para lançar um ataque. A senhorita varreu o pobre rapaz de proa a popa. Acho que a proa dele ainda está soltando fumaça.

— Alguém precisa se manifestar — Mirabel respondeu. — Meus vizinhos estão correndo o risco de esquecer por que ele está aqui e o que ele representa.

O capitão olhou novamente na direção do sr. Carsington, agora cercado por embarcações em garbos de musselina.

— Ele pode estar correndo o mesmo risco. — Quando ele se voltou novamente para Mirabel, sua expressão era mais séria. — Depois que as damas foram embora, ele não mencionou o canal uma única vez — revelou o capitão.

— Mesmo? — Mirabel olhou para baixo em seu vestido feio. Ela não ousara esperar que seu traje continuasse a perturbá-lo mesmo quando já estava fora de vista. A sra. Entwistle era realmente uma estrategista brilhante.

— Fiquei muito surpreso — continuou o capitão. — Pensei que ele se apressaria em reparar o dano feito pela senhorita. Até mesmo Lady Tolbert olhou para ele, por um momento, como se ele fosse o próprio Coisa Ruim, e os homens ao alcance da audição também pareciam preocupados. Mas quando estava com todos os homens a sós, o sr. Carsington não mencionou o assunto nem de passagem. E ele não deu a ninguém mais a chance de trazê-lo à tona. De alguma forma, em lugar disso, ele nos fez todos falarmos sobre nós mesmos.

O otimismo de Mirabel estava rapidamente diminuindo.

— Sobre vocês mesmos — ela repetiu.

— Sobre nosso gado, colheitas, inquilinos e grileiros — explicou o capitão Hughes. — Sir Roger gabou-se de seus galgos. O vigário falou de suas abóboras premiadas. Falamos sem parar sobre telhados vazando, porcos vagando e caçadores de toupeiras. O sr. Carsington deve ter ficado entediado ao extremo, mas parecia tão entretido como se estivéssemos contando histórias obscenas.

Mirabel soltou um suspiro.

— Uma estratégia inteligente, não acha? — disse o capitão.

— Quem não tem opinião elevada de um bom ouvinte? Quem não fica mais feliz ao falar de si mesmo e de suas próprias preocupações? No momento em que vocês saíram da sala de jantar, tenho certeza de que todos o estavam vendo como o amigo mais querido do peito. E esse querido amigo por acaso é filho de Lorde Hargate. Posso imaginar o que todos vocês estavam pensando: Que camarada compreensivo! Tão à vontade! Nada de ares altivos e arrogantes!

— Eu estava pensando que o sr. Carsington tem um grande futuro político pela frente, se ao menos o pai lhe comprasse um assento no Parlamento — revelou o capitão.

Assim como todos os outros, Mirabel tinha plena consciência de que

a Câmara dos Comuns não era um órgão eleito democraticamente. Os senhores de terra controlavam os assentos, e “ganhar” um deles custava cerca de sete ou oito mil libras.

— Gostaria que Lorde Hargate tivesse comprado assim que seu filho houvesse se recuperado o suficiente dos ferimentos de guerra para se candidatar — disse Mirabel.

— Tarde demais para isso — rebateu o capitão. — Podemos muito bem nos resignar. Pelo menos seremos pagos com generosidade pelo uso de nossas propriedades. E podemos nos consolar em promover ainda mais o progresso econômico.

— É mesmo? — Mirabel virou-se bruscamente para ele. — Tente se consolar com isso.

Ela o lembrou das mudanças que haviam tomado conta das aldeias pastorais de uma ponta à outra da Inglaterra com a crescente rede de canais e as áreas industriais que foram crescendo ao largo delas. Lembrou-o de que nem todas as fábricas eram tão agradáveis em aparência ou tão bem iluminadas quanto a do sr. Arkwright, em Cromford.

Ela formou uma imagem verbal de olarias fedorentas e seus moradores miseráveis, e do mundo ainda mais desolado ao redor das minas de carvão. Falou de engrenagens de enrolamento e montes de escória, guindastes e barcas de carvão, o sibilar e o clangor das máquinas a vapor, as nuvens de fumaça preta e o uivo agudo dos apitos. Ela o lembrou de que eles viviam no momento em uma Arcádia, um dos lugares mais bonitos da Inglaterra, cuja tranquilidade valorizavam.

Ela virou-se para a janela e fez um gesto para a paisagem coberta de noite lá fora. Cada vez mais apaixonada ao lembrar seu vizinho de tudo o que haviam investido na terra e nas pessoas que nela habitavam, Mirabel se esqueceu de tudo o mais. Por consequência, não percebeu que tinha companhia, até que um murmúrio grave de voz a trouxe de volta ao momento.

— Pensando que devia estar com sede depois de tanta conversa, srta. Oldridge, tomei a liberdade de lhe trazer uma xícara de chá — rosnou o sr. Carsington atrás dela.



CAPÍTULO 5

Mirabel virou-se tão abruptamente que quase derrubou a xícara e o pires da mão dele. Mas o sr. Carsington agiu depressa. Suas feridas de guerra definitivamente não haviam diminuído seus reflexos.

— O chá está pronto? — indagou o capitão Hughes. — Excelente. Estou precisando de um estimulante. — Ele fugiu para a anfitriã. Mirabel recobrou sua compostura e aceitou o chá com mãos firmes.

— Espero que não tenha esfriado muito — disse o sr. Carsington. — Fiquei aqui por um bom tempo, porque não queria interromper vocês.

— O senhor estava bisbilhotando — ela concluiu.

Ele assentiu.

— Isso também. Estava extremamente curioso. Queria saber o que tinha despertado suas paixões.

Sua voz baixou muito, tornando-se mais um subtom do que um som. O pulso de Mirabel se elevou, junto com sua temperatura.

Ele estudou o chão.

— Em sua agitação, a senhorita deixou cair muitíssimos grampos. Não consigo decidir se é uma melhoria ou não. — Seu olhar de pálpebras caídas percorreu o vestido, das saias para o alto, e da maneira mais demorada e sem pudor, permaneceu brevemente no decote e depois seguiu sem pressa até o topo da cabeça.

A cada centímetro do caminho, Mirabel sentia o estreito escrutínio dourado dos olhos — através de seu vestido de seda pesada, espartilho de entreteia engomada, a anágua de flanela e as calçolas de malha de seda — até a sua pele, que ele deixou formigando.

— Meu cabelo está se soltando outra vez? — perguntou ela com tranquilidade. — Que exasperante. Queria que mostrasse para minha criada o seu método com os grampos. Entendo que o senhor também aprendeu isso em Oxford. Infelizmente, Lucy não frequentou a universidade.

— Se ela tivesse frequentado, talvez tivesse aprendido a beber sem ficar embriagada. Evidentemente, ela estava bêbada quando arrumou seu cabelo. Porém, deixe-me corrigir um equívoco, srta. Oldridge. Não aprendi a prender o cabelo na universidade. Aprendi com uma bailarina francesa. Ela era muito cara. Eu poderia ter mandado a senhorita, sua criada e todas as outras damas desta sala estudarem em Oxford pelo preço que ela custou em um ano.

— O senhor poderia nos mandar a Paris, mas não a Oxford. Talvez não tenha percebido que as mulheres não são admitidas em nossas grandes universidades inglesas.

— Eu percebi — ele disse. — É uma grande pena.

— Suponho que sim. Não há bailarinas para ensinar habilidades úteis.

— É verdade. — Ele cruzou os braços e se apoiou na moldura da janela. — Essas formas de entretenimento fazem uma triste falta. Mas eu me referia a todas do sexo feminino. Não vejo que grande mal seria causado se as mulheres tivessem permissão para receber a mesma educação que os homens.

Mirabel não tentou esconder sua incredulidade.

— Vejo o que está fazendo. Depois de facilmente fazer com que todos os cavalheiros o amassem, o senhor supõe que pode me amaciar também. Supõe agora que sou uma sabichona e...

— Eu diria “intelectual”, em vez disso — respondeu ele. — A senhorita leu o livro com o título desesperadamente difícil sobre os fósseis e estratos, e sem dúvida entendeu tudo o que seu pai tinha a dizer sobre musgos e tulipas.

— Sr. Carsington, apenas em raras ocasiões consigo entender o que meu pai está dizendo — contrapôs ela, impaciente. — Ele tem seus próprios e únicos processos de pensamento, os quais não tento acompanhar. Eu também não aconselharia ninguém a tentar, pois é o caminho para a loucura. Tenho minhas dúvidas, na verdade, se outros botânicos o entendem.

— Seria mais útil para mim entender seus processos de pensamento do que os dele — afirmou o sr. Carsington.

Com mãos não tão firmes, ela colocou seu chá negligenciado em uma pequena mesa próxima.

— Para mudar minha opinião?

— Eu preciso fazer algo — continuou ele. — Se a senhorita falar com o resto de seus vizinhos como falou com o capitão Hughes, eu ficarei aqui por meses, tentando reparar o estrago.

— O senhor deveria ter se antecipado a mim e fortalecido sua causa quando teve a oportunidade após o jantar. Não pode esperar que eu

fique calada apenas porque o senhor é amável e encantador.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras.

— Está me dizendo que achou meu comportamento em relação à sua pessoa amável e encantador?

— Esse não é o ponto — objetou Mirabel. — O ponto é que sua posição e fama não significam nada para mim, e não serei seduzida por seu charme, então recomendo que não se dê ao trabalho de lançar mão dele. Além disso, embora eu seja grata por seus esforços e sacrifícios em prol de seu país...

— Peço que deixemos esse absurdo de lado — ele disse com frieza.

O tom gélido não a intimidou. Estava acostumada a homens que usavam todo tipo de tática para fazê-la recuar ou ceder. Estava acostumada a homens que tentavam fazê-la se sentir insignificante ou insegura, e colocavam placas de “Não se aproxime” bem diante de seu rosto. Havia aprendido a ignorar essas artimanhas. Não havia outra opção senão aprender.

— Não é um absurdo, e eu não consigo entender por que o senhor diria isso — afirmou ela. — O senhor lutou bravamente. Sofreu danos, danos permanentes. Ainda assim, não é o único e nem aquele que mais sofreu.

Ele se enrijeceu como se ela o tivesse esbofeteado. Porém, no instante seguinte, sua expressão suavizou em perplexidade e, aos poucos, a promessa mais tênue de um sorriso tocou os cantos de sua boca.

Sua postura rígida também relaxou, e ele disse:

— Um excelente ponto, srta. Oldridge.

Portanto, ele não estava ofendido. A avaliação de Mirabel sobre o caráter do cavalheiro se elevou cautelosamente. Ela continuou:

— Parece-me que devemos separar os dois assuntos. A galanteria na batalha não é garantia de sabedoria em outras questões.

Ele a observou com firmeza — de modo sério, ela teria pensado, não fosse pelo sorriso que ainda pairava na boca dele. Ela queria perguntar o que significava o quase-sorriso. Estava tentada, terrivelmente tentada, a tocar o lugar onde o sorriso espreitava. Seu coração estava batendo um pouco rápido demais.

Ela dobrou as mãos na linha da cintura e falou:

— Quero que entenda: não faria diferença para mim se o senhor fosse o próprio duque de Wellington. Eu ainda pensaria mal dessa trama desse canal e faria o possível para atrapalhar o senhor.

— Já viu o duque de Wellington pessoalmente? — ele perguntou.

— Não, mas entendo que ele também é bonito e charmoso e possui uma imensa força de personalidade. Ainda assim, imagino que eu

pudesse resistir a esses atributos.

O olhar âmbar a percorreu de cima a baixo.

— Eu gostaria de ver. Talvez a senhorita pudesse.

A análise lenta fez suas pernas ficarem fracas. Divertimento dançava nos olhos dele, e algo dentro dela dançava também, um prazer e excitação fugazes que ela não sentia havia muito tempo: a emoção do flerte.

Mas não podia ser. Já tinha passado da idade dos flertes havia muito tempo e, ainda por cima, estava vestida como uma bruxa.

— Mesmo assim — ele continuou —, acho que não negaria uma audiência justa a Sua Graça. Não diria a ele, pelo menos, o que a senhorita queria e não queria?

— Ele contou a estratégia dele a Napoleão? — respondeu ela, com calma suficiente, embora sua mente não estivesse calma nem clara, e ela não tivesse certeza do que queria.

— Srta. Oldridge, não estou tentando conquistar o mundo. Só quero construir um canal.

Ela percebeu um movimento e, olhando para além do cavalheiro, notou, com alívio e perplexidade misturados, que as jovens estavam se aproximando casualmente.

— Sua frota se aproxima — anunciou ela.

Ele não desviou o olhar dela e continuou:

— Diga-me o que há de errado. Ou melhor ainda, mostre no que a senhorita investiu, o que corre o risco de perder. Mostre-me sobre o que estava falando com o capitão Hughes.

— O senhor nunca entenderia.

— Supõe que não consigo? O que isso lhe custaria? Algumas horas do seu tempo?



Sábado, 21 de fevereiro

A tosse de Crewe naquela manhã era baixa e trágica, dizendo a Alistair que seu valete estava envolto em mais um de seus famosos Presságios.

Ele tivera um na noite anterior à batalha de Waterloo e culpara a catástrofe subsequente pelo fato de seu mestre ter saído a cavalo para a batalha sem ele.

Desde então, Crewe estava convencido de que possuía poderes clarividentes.

A tosse trágica não diminuiu o humor de Alistair, que estava alegre,

apesar de ter se levantado à hora incivilizada das nove da manhã. Ele não via nada inauspicioso naquele dia. No momento, estava de pé, barbeando-se sob um raio de sol, relembando seu encontro pós-jantar com a srta. Oldridge e sentindo o primeiro prazer real que experimentava em... bem, não conseguia lembrar quanto tempo fazia.

Lembrava-se, no entanto, com clareza perfeita, do momento de prazer surpreso da noite anterior. Ficara todo rígido e sensível por causa de sua maldita fama e de sua famosa e amaldiçoada lesão, e ela... Mas ele não sabia como explicar, nem mesmo para si mesmo, o que ela havia feito. Ela queria que fosse uma humilhação, ele supôs, lembrando-o de que ele não era o único que tinha lutado em Waterloo, não o único ferido e certamente não o que mais havia perdido ou sofrido.

Até mesmo sua família, em geral brutalmente direta uns com os outros, tendia a evitar o assunto de Waterloo quando ele estava por perto. Somente Gordmor, de todos os seus amigos, se referia à perna manca de forma fácil e confortável.

A srta. Oldridge era a primeira mulher que ele encontrava que não fingia que ele não era manco e também não ficara de olhos arregalados e sonhadores diante de suas supostas proezas heroicas.

Ela não parecia fingir muita coisa e também não havia muito que a deixasse de olhos arregalados e sonhadores. A tosse dolorosa de Crewe chamou Alistair de volta.

— Crewe, não vê o sol entrando pela janela? — perguntou Alistair, paciente. — Não percebeu que esta manhã amanheceu clara, com temperaturas bem acima da marca de congelamento?

— Eu gostaria de poder me animar com o clima, senhor. Mas depois de um sonho assim. — Ele balançou a cabeça. — Foi muito parecido com o que sonhei na noite anterior a Waterloo.

Alistair parou de se barbear.

— Quer dizer aquele em que o bandido corta minha garganta e você me encontra no beco enquanto as últimas gotas de sangue estão escorrendo do meu corpo? Ou é aquele em que caio do penhasco no mar, e você pula para me salvar, mas chega tarde demais e eu me afogo?

— O penhasco, senhor — disse Crewe. — O céu escureceu repentinamente, como antes de uma tempestade, e a luz restante tinha uma qualidade peculiar. Era como se o sol estivesse atrás de um grande vidro verde. Lembro-me da luz em particular como a mesma que sonhei antes daquele fatídico dia de junho de 1815.

— Não vou cavalgar para a batalha — falou Alistair. — Vou apenas passear por Longledge Hill com a srta. Oldridge. Pode ter certeza de que teremos um criado acompanhando. Mesmo nessa selva, uma dama

não sai sem proteção. Sem dúvida, ela trará consigo um grande empregado de aspecto ameaçador. Caso a exposição a tanta natureza selvagem desperte minhas paixões, ele me dissuadirá de colocar em cheque a virtude dela. Se a paisagem causar um efeito semelhante nela, suponho que eu mesmo possa me proteger.

Enquanto voltava a raspar o queixo, ele tentava imaginar a dama submetendo-o a avanços amorosos. Dado o seu estilo direto, supunha que ela se jogaria nele, literalmente. Ele a vira com o cabelo caindo, o rosto voltado para cima na direção dele, a boca entreaberta... e ele se cortou.

Crewe ficou pálido.

— Senhor, peço que me permita ajudá-lo. — Ele se apressou e pressionou uma toalha na pequena mancha de sangue perto da orelha de Alistair. — Considere o quanto existe no momento pesando sobre a sua mente. Não é a abordagem mais sábia me permitir assumir uma tarefa que exige a mais completa atenção?

Alistair dispensou o valete e a toalha com um gesto.

— Se, antes de Waterloo, o duque de Wellington conseguia se barbear sem resultados fatais, acredito que também conseguirei antes de caminhar pelas trilhas rurais com uma mulher campesina de cabeça sensata... ou melhor dizendo, de cabeça-dura.

Crewe se calou em um silêncio sombrio, e Alistair completou seu barbear sem interrupções ou ferimentos.

Uma vez que a navalha foi guardada e o trabalho menos arriscado de se vestir começou, Crewe voltou a ficar falante. Na noite anterior, enquanto o mestre estava fora, ele fora a uma taverna frequentada pelos serviçais locais e continuou a coletar informações. Havia descoberto por que o agente de Lorde Gordmor tinha sido rejeitado, e essa notícia confirmava a própria impressão de Alistair sobre a situação em Longledge Hill.

Quanto aos Oldridge, por outro lado, Crewe não tinha descoberto nada de novo.



O filho heroico de Lorde Hargate estava entediado até a medula.

Mirabel dizia a si mesma que deveria ter esperado por isso. Uma hora na excursão a cavalo e ela estava se repreendendo por ter concordado em mostrar seu mundo a ele, em especial agora, quando a paisagem era principalmente marrom, cinzenta e os tons mais monótonos de verde.

Ele nunca poderia enxergar da forma como ela enxergava.

Poucos homens poderiam.

Mesmo em Longledge, poucos realmente entendiam por que ela havia dedicado mais de uma década de sua vida àquele lugar. Poucos tinham alguma noção de quanto ela havia abdicado: a juventude, junto com aquelas esperanças e sonhos juvenis. Também havia desistido de sua única chance de amor, porque o homem que ela amava não estava pronto para abandonar as próprias esperanças e seus sonhos para criar uma vida com ela ali.

Ela nunca havia planejado que sua vida acabasse assim.

Havia começado porque não tinha escolha. Acreditava que seu pai melhoraria com o tempo, mas isso nunca aconteceu. Ele permitia que todos ao seu redor fizessem o que quisessem. Como seria de esperar, alguns se aproveitaram dele. Enquanto ela estava em Londres, seu incompetente — e possivelmente desonesto — administrador havia transformado os assuntos da propriedade em um caos e, em poucos anos, quase destruído o que havia levado gerações para construir.

No início, Mirabel havia tomado as rédeas por necessidade. Não havia mais ninguém para fazê-lo em seu lugar. No entanto, com o tempo, ela havia desenvolvido uma paixão pela terra não muito diferente da paixão de seu pai pelas plantas. Enquanto ele ponderava teorias de reprodução botânica, ela construía uma Arcádia.

Ela substituíra práticas agrícolas ultrapassadas e ineficientes por modernas, aumentara a produção agrícola, reconstruíra a vila da propriedade e começara a restaurar as árvores que seu pai havia permitido que fossem quase dizimadas para o comércio de madeira.

No entanto, para o sr. Carsington, sua próspera plantação era apenas um agrupamento de árvores. Seus modernos chalés eram moradias rústicas. Seus métodos de cultivo tinham algo tedioso a ver com nabos e milho. Seus animais de criação eram um monte de criaturas entediadas.

Naquele momento, enquanto paravam para ver as encostas não cultivadas de Longledge Hill, Mirabel sabia que ele não absorveria a beleza do lugar como ela absorvia, nem tomaria mais nota disso do que de qualquer outro lugar ou coisa que ela houvesse indicado. Ele lançava um olhar descuidado, colocava uma expressão educadamente indiferente em seu rosto e esperava que ela terminasse de falar.

Ele nem mesmo comentou como o ar estava limpo e fresco. E por que deveria? Inalar, pela maior parte de sua vida, o ar londrino poluído de carvão havia matado seu sentido de olfato.

Viver lá também tinha amortecido seus outros sentidos. Ele era surdo, mudo e cego para as belezas e alegrias da vida rural. Mirabel havia perdido seu tempo. Era uma tola por esperar que ele entendesse o que ela estava tentando proteger.

Um ronco baixo de voz cortou a névoa de frustração e ressentimento que se acumulava em sua mente.

— Se o seu administrador é incompetente, srta. Oldridge, por que não encontra outro? A senhorita o mantém na função por sentimento? Não pode ser por habilidade, se ele precisa de tanto gerenciamento.

Ela voltou o olhar rapidamente para ele. Sua surpresa devia ter ficado visível, porque ele sorriu e acrescentou:

— Pensou que eu não estava prestando atenção?

Foi um sorriso pequeno e torto; fez o coração dela se encolher um pouco também e bater de forma errática. Como se sentisse a agitação, Sophy, a égua de Mirabel, se afastou um pouco do cavalo do sr. Carsington.

— Eu pensei que tinha adormecido — disse Mirabel.

— Eu estava refletindo — respondeu ele.

— Interessante. Isso nunca me ocorreu.

— Admito que é incomum — continuou ele. — Aqueles que me conhecem dirão que sou inclinado a agir primeiro e pensar depois, mas estou tentando corrigir meus modos.

— Eu não estava ciente de que o senhor tinha modos que precisavam ser corrigidos. Pensei que todos os Carsington fossem modelos de conduta.

— Os modelos são meus dois irmãos mais velhos.

— Mas o senhor é o herói famoso.

Ele retorceu os lábios.

— Apenas consegui não passar vergonha durante o curto período em que lutei.

— O senhor é modesto demais. Arriscou a própria vida várias vezes para salvar os outros.

Ele soltou uma risada curta.

— Isso é o que os homens que não pensam fazem. Nós nos lançamos sem considerar as consequências. Não parece certo chamar pura imprudência de “heroísmo”. No entanto, considerando minha completa falta de experiência, vou me dar crédito por não atrapalhar ninguém e por não matar nenhum dos meus compatriotas por acidente.

Mirabel se perguntava por que ele estava tão desconfortável com qualquer menção de sua experiência na guerra. Embora ele mantivesse a voz leve, ela captou o tom amargo. Estudou então seu rosto, mas agora ele estava na defensiva, e suas feições fortemente cinzeladas não lhe disseram nada.

— O senhor é impulsivo, é o que quer dizer — concluiu ela. — Essa é a falha que está tentando corrigir.

— Se ao menos essa fosse a soma total dos meus defeitos — respondeu ele. — Temo que eu não seja um dos modelos de conduta dos Carsington, e que provavelmente não me tornarei um.

— Espero que não se torne. O senhor já é problema o bastante, mesmo em seu estado desesperadamente falho.

Ele era um problema maior do que Mirabel estava preparada para enfrentar.

A jornada daquele dia era inútil. Ele nunca veria o que ela havia conquistado ou teria alguma noção do que ela havia sacrificado para essa conquista. Não entenderia por que ela sequer havia se incomodado em fazê-lo. Ela não sabia como explicar sobre seu administrador, por que motivo o supervisionava tão de perto. Não estava prestes a mergulhar na história tão antiga ou explicar uma ansiedade que nem ela estava certa de ser completamente racional. Esses eram assuntos privados, e ele era um estranho, um estranho criado em Londres.

Era incapaz de ver o valor de um lugar como Longledge Hill, e, portanto, nunca poderia compreender o dano que seu canal causaria.

Mas esse não era o pior dos problemas dela.

Enquanto ele olhava e não via nada, Mirabel havia vislumbrado o homem por trás da aparência perfeitamente arrumada.

O vislumbre a fazia querer saber mais.

Ela sabia que esse era um mau sinal, e se ordenou a não sondar mais a fundo.

— Já viu o suficiente de Longledge Hill? — indagou ela. — Podemos voltar quando o senhor quiser.

— Duvido que tenha visto o suficiente.

— Muito bem. — Mirabel deixou Sophy continuar andando. O cavalo e seu cavaleiro seguiram prontamente, e o cavaleiro Jock seguiu atrás a uma distância discreta.



Enquanto isso, Alistair estava se arrependendo de seu recente impulso. Começava a desejar não ter desafiado a srta. Oldridge a levá-lo naquele passeio. Ela o estava confundindo horivelmente, e dessa vez não era apenas culpa de suas roupas, embora estas já fossem irritantes o bastante.

Seu vestido azul-ardósia estava cinco anos fora de moda, seu chapéu redondo de cortiça estava perdendo o barrado — que não combinava com o vestido — e suas botas verdes destoavam de tudo.

O traje ridículo era ainda mais irritante porque ela era uma

amazona habilidosa e elegante. Embora ele conhecesse muitas mulheres que cavalgavam bem, duvidava muito de que alguma delas — exceto talvez sua mãe — ousasse tentar aquela antiga trilha de mulas, que estava ficando mais estreita, íngreme, cheia de sulcos e obstáculos a cada minuto. A srta. Oldridge, montada em uma égua nervosa chamada Sophy, cavalgava com facilidade fluida.

O próprio cavalo de Alistair era um vigoroso ginete de temperamento muito menos volátil.

Normalmente, preferiria um animal não tão manso. No entanto, no momento, tinha fortes motivos para duvidar de seu julgamento.

Era verdade que Alistair era impulsivo e imprudente — mas apenas com sua própria vida e integridade física. Ele nunca era tão negligente com a vida dos outros, incluindo a de animais irracionais.

Naquela noite, retornar ao hotel na chuva gelada havia sido uma exceção gritante. Ainda não tinha se perdoado pelo risco corrido com a égua do sr. Wilkerson. Se ela fosse um pouco menos resistente e segura, poderia ter sido gravemente ferida. Alistair preferia não contemplar o sofrimento que o animal poderia ter suportado ou a única maneira de pôr fim a ele.

Com essa tolice em mente, ele seguiu o conselho da srta. Oldridge e pegou emprestado um dos cavalos dela para a excursão, porque eles estavam mais acostumados ao terreno local.

— Não falta muito agora — ela lhe informou de longe, enquanto entravam em uma parte arborizada da colina. — Chegaremos a um mirante um pouco mais adiante. Podemos fazer uma pausa lá por um tempo e depois começar o caminho de volta.

— Não vamos até o topo?

Ela parou, e ele fez o mesmo, cuidando para manter certa distância da égua nervosa.

— Estamos chegando ao fim da trilha antiga de mulas. Mais acima, o caminho se torna muito íngreme e rochoso para os cavalos conseguirem passar com segurança.

— A senhorita nunca subiu até lá, então?

— A pé — disse ela.

— Podemos apear — sugeriu Alistair. — Seu criado pode cuidar dos cavalos.

Ela olhou para a perna manca.

Ele firmou o maxilar e esperou.

— O chão estará escorregadio depois de tanta chuva — declarou ela.

Uma imagem passou pela mente dele: figuras sombrias lutando para encontrar um lugar firme em um terreno escorregadio de sangue.

Não sabia se era real ou se sua mente estava pregando peças. De qualquer maneira, não poderia falar disso. Não se falava de tais coisas, especialmente para mulheres.

— A senhorita fez a subida usando camadas de saias e anáguas — disse ele. — Minha perna não vai me atrapalhar tanto assim.

— Não significa que deva puni-la. Lembre-se: o senhor não está familiarizado com o terreno; o senhor não é um homem do campo...

— Não, eu sou um homem mole e indulgente de Londres, é isso?

— Não sou cega. Consigo ver que o senhor não é mole. Exceto talvez pela sua vaidade. Aliás, a sua é incrivelmente sensível, eu percebo.

— Já fui pisoteado por cavalos e sobrevivi. Acredito que posso subir uma colina e sair vivo.

— Sr. Carsington, até mesmo o capitão Hughes, que ainda consegue subir no mastro e correr ao longo daquelas coisas chamadas... *vergas*, acredito que ele as chame assim... mesmo ele pensaria duas vezes antes de enfrentar a parte superior da encosta nessa época do ano.

— Se eu fosse tão velho quanto o capitão Hughes, nem pensaria em fazer uma coisa dessas.

— É uma pena que o senhor não seja velho o suficiente para ter algum juízo — observou ela.

— Se um cavalheiro idoso como o capitão consegue subir a colina no verão, acho que conseguirei num dia ameno de primavera.

— Idoso? — Ela olhou para ele por um momento e depois disse, com a paciência de uma criança: — É fevereiro, meados do inverno. E embora o dia tenha começado bastante ameno, o vento aumentou. — Ela olhou para cima. — Além disso, parece que vai chover.

Alistair também olhou para o alto. As nuvens dispersas haviam crescido e se espalhado, mas eram pálidas e nada ameaçadoras, com grandes manchas azuis entre elas.

— Daqui a algumas horas — disse ele. — Estarei confortável em meu hotel muito antes de o tempo mudar. Diga-me a verdade, srta. Oldridge. Se estivesse sozinha hoje, pararia no meio do caminho ou continuaria?

— Vivi aqui toda a minha vida. Brinquei aqui quando criança. Obviamente meu caso é totalmente diferente do seu. O bom senso deveria lhe dizer para prestar atenção àqueles com maior experiência. — Ela soltou um suspiro impaciente. — Não entendo por que um cavalheiro com sua inteligência permitiria que o orgulho e a vaidade dominassem seu bom senso, mas posso ver que não adianta discutir.

Ela mal elevou a voz, mas seu tom era cortante, e sua égua, cada vez mais inquieta, começou a recuar para sair da trilha.

Alistair desejou que ela tivesse escolhido um cavalo menos temperamental para aquela jornada. Sophy estava com um olhar que não lhe agradava. Se ela saísse em disparada...

— Peço que cuide da sua égua — ele disse, a voz calma desmentindo o alarme que retorcia seu estômago.

Mas antes que ele terminasse de falar, ela já tinha acalmado a égua e a conduzia adiante. Ela tornava tudo tão fácil como se estivesse passeando pela Rotten Row de Hyde Park, em vez de uma trilha estreita por uma paisagem íngreme de rocha e árvores.

No entanto, o terreno exigia a atenção total de Alistair. Para não distraí-la novamente, ele se calou até chegarem ao mirante.

Lá, para seu alívio, ela apeou e deixou o cavaleiro cuidar da égua. Alistair fez o mesmo.

O local não era a estreita saliência que ele tinha imaginado, mas um amplo terraço irregular na encosta da colina. Um punhado de rochas adornava um fino tapete de vegetação marrom e não identificável. Um desolado arbusto crescia em uma fenda perto da borda externa.

Daquele ponto, ele observou as charnecas enquanto sua guia explicava a diferença entre terrenos pretos e brancos. As terras pretas diziam respeito ao urzal de cor marrom-escura que cobria o solo, fazendo a vista parecer uma paisagem no inferno. As terras brancas tinham mais vegetação verde — algumas partes até haviam sido calcadas e recuperadas —, embora nesta época do ano fosse difícil distinguir a diferença.

— Deve saber que isso não é obra da natureza — disse ele. — As charnecas já foram florestas. Então, os grandes mosteiros entraram no negócio de lã. Não cresceram novas árvores para substituir as que foram cortadas, porque as ovelhas comiam tudo: os brotos, depois as gramíneas que tomaram o lugar das árvores, e eventualmente, toda a grama. O solo fértil foi embora, deixando suas pitorescas charnecas, onde apenas a cidreira-de-árvore e o urze podem crescer.

— O senhor acha essa paisagem feia — falou ela, virando-se para longe dele em direção à paisagem sombria além e abaixo.

Surpreso com a nota desesperada na voz dela, Alistair se aproximou.

Como o chapéu redondo de montaria dela era pequeno, com aba estreita, ele não teve dificuldade em ver seu rosto. A visão de perfil revelou cachos dourado-avermelhados dançando loucamente ao vento — e um semblante cor de creme que o ar e o exercício haviam tingido de rosa. Nenhuma lágrima escorreu do olho excessivamente azul e desceu pelo nariz reto, e os lábios rosados e macios não tremiam.

O queixo dela se projetava um pouco, mas esse parecia ser o jeito comum: uma postura desafiadora, teimosa ou simplesmente desinteressada em agradar qualquer um.

Apesar disso, ela lhe pareceu jovem, naquele momento; muito mais jovem do que a idade que tinha... e perdida.

Alistair disse a si mesmo que sua imaginação romântica estava trabalhando demais. Ela tinha 31 anos e, havia uma década, gerenciava uma grande propriedade e cuidava de todos os negócios de seu pai. Até Alistair podia ver que ela havia feito isso com sucesso. A propriedade, claramente, estava prosperando.

Além do mais, de acordo com Crewe, os vizinhos geralmente concordavam que ela tinha uma boa cabeça para negócios. Alistair entendia o quanto esse era um grande elogio e o quanto ela devia ser muito inteligente, determinada e confiante para ter conquistado essa fama. Homens geralmente se ressentiam quando as mulheres invadiam seu território e faziam questão de criar dificuldades para elas.

Em Longledge, no entanto, a maioria dos homens — de alta ou baixa classe — respeitava o julgamento da srta. Oldridge e admirava o que ela havia feito com a propriedade de seu pai. Ela tinha, inclusive, o poder de influenciar opiniões, como ele havia descoberto na noite anterior quando ouviu seu discurso apaixonado para o capitão Hughes. As palavras o tinham comovido naquela hora e ainda o perturbavam.

No entanto, por mais capaz e determinada que ela fosse, Alistair não conseguia afastar a sensação de que ela estava perdida, vulnerável ou precisando de algo. Ele não sabia o que era, mas sentia que, de alguma forma, ele a havia magoado ou decepcionado, e pelo menos isso deveria tentar remediar.

Deveria fazer isso, não porque ela era uma donzela em perigo, disse a si mesmo, mas porque precisava dela do seu lado. A srta. Oldridge tinha influência com os proprietários de terras. Seus motivos eram estritamente práticos e baseados em negócios.

— Para me preparar para essa missão — disse ele —, eu li, entre outros volumes, *Visão Geral da Agricultura e Minerais de Derbyshire*, do sr. John Farey. O sr. Farey chama as charnecas de “repulsivas” e as plantas que crescem aqui de “nocivas e inúteis”. Embora eu admita que não é a paisagem mais bonita que já vi, não chamaria de feia ou repulsiva. Dramática seria a minha palavra.

Ela o encarou diretamente, os grandes olhos azuis cautelosos.

— Está falando isso só para me agradar.

— Srta. Oldridge, o trabalho de agradá-la excede em muito os limites da minha paciência. Quando estou com a senhorita, mal consigo me lembrar das minhas boas maneiras.

Ela sorriu então, e o coração dele se aqueceu como se estivesse tomando sol de verão. Seu cérebro, infelizmente, também se aqueceu e começou a derreter. Ele duvidava de que já tivesse encontrado uma

arma mais mortal do que aquele sorriso.

— Seus modos são muito belos de outra forma — explicou ela. — Várias pessoas ontem à noite comentaram que o senhor parece pertencer ao corpo diplomático.

— Como seria mais agradável para a senhorita se eu estivesse passando este dia com o czar em São Petersburgo...

— Eu estava pensando em algum lugar mais quente — disse ela.

— Hades?

Ela riu, e o som leve tinha a mesma qualidade sussurrante de sua voz.

— Eu estava pensando em Calcutá ou Bombaim.

— Claro. Lá eu poderia morrer de inúmeras doenças contagiosas; isso se a insolação não me matasse primeiro.

— Eu não desejo sua morte. Desejo que o senhor esteja bem e próspero... em outro lugar.

— A senhorita poderia me empurrar por cima da beirada, se seu empregado por acaso olhasse para o outro lado por um instante. Isso confirmaria o pressentimento do meu valete e a previsão de meu pai de que eu não teria um bom fim. E todos ficariam felizes.

O sorriso dela desapareceu.

— Por que seu pai preveria uma coisa dessas? O senhor não pode ser tão desesperadamente falho assim.

— Meu progenitor acha caro e problemático me manter — respondeu ele. — Na verdade, ele tem razão.

Ela o estudou por um momento, seu olhar azul percorrendo todo o seu comprimento — desde a coroa de seu chapéu elegante até a ponta de suas botas impecáveis.

— Posso acreditar que o senhor seja caro.

Alistair disse para si mesmo que ela não poderia encontrar falhas em seu traje. Ninguém nunca conseguira. Mesmo assim, sentiu que estava corando sob o olhar dela, o que o irritou.

Ele percebeu sujeira em suas botas bem polidas e pensou que a bainha de sua sobrecasaca não estava perfeitamente reta. Ele não estava certo de que seus casacos sempre pendiam exatamente como deveriam, por causa de sua perna. A maldita perna estragava tudo. Tinha certeza de que a perna esquerda tinha ficado mais curta do que a direita, não importava o que seu alfaiate afirmasse. Ele desejou ter usado um casaco de montaria, para que a disparidade fosse menos evidente.

Percebeu que ela o olhava com questionamento.

— Não são apenas minhas roupas — disse ele.

— Não, certamente não — concordou ela. — Há as bailarinas caras.

— Sim, esse tipo de coisa. E os processos judiciais. E as casas de agiotagem. E... Oh, a lista é imensamente longa.

— Processos judiciais — ela repetiu. — Casas de agiotagem. Ora, ora. O senhor está ficando mais complicado a cada momento.

— Mas estou melhorando meu comportamento. O canal é completamente respeitável.

— Mas seu valete tem pressentimentos, o senhor disse.

— Não sobre o canal. Sobre mim. Crewe muitas vezes os tem. Ele acredita que seus sonhos preveem o futuro.

Alistair contou a ela sobre o sonho do penhasco e a luz estranha, e como Crewe havia tido o mesmo sonho antes de Waterloo.

Quando terminou, ela falou:

— Se o senhor por acaso cair, pode muito bem quebrar o pescoço. Afogar-se, por outro lado, seria difícil. O maior corpo d'água próximo daqui é o riacho Briar, que não é fundo o suficiente.

— Então deve ser seguro o bastante eu continuar subindo a colina com a senhorita — ele concluiu.

— Quer dizer perigoso o suficiente. Se fosse seguro, estaria tão entediado com a perspectiva quanto estive com tudo o mais.

— A senhorita achou que eu estava entediado? — Foi sua vez de sorrir. — Bem, então, talvez não seja tão esperta quanto eu havia suposto.



CAPÍTULO 6

Os olhos dourados do sr. Carsington dançaram, e o sorriso — o completo, não o fragmento torto de um sorriso — era devastador.

Mirabel rapidamente desviou o olhar e começou a subir o caminho enquanto se flagelava mentalmente.

Não deveria ter deixado a conversa se tornar pessoal.

Havia pensado que o cavalheiro possuía a inabalável autoconfiança aristocrática que tantas vezes ela havia encontrado em Londres. Autoconfiança essa que ela considerava tão insondável quanto a opinião que seu pai tinha dos hábitos de acasalamento dos líquens. No entanto, o sr. Carsington possuía uma brecha em sua armadura. Ele não era tão seguro de si quanto parecia.

Não era esse o único modo pelo qual ela o havia julgado mal. O desconforto que ele demonstrava com a menção de seu heroísmo durante a guerra não era a habitual modéstia lisonjeira, falsa ou não. Ele estava incomodado de verdade, e ela se pegou imaginando o que o perturbava tanto a respeito disso, e desejando que ele lhe contasse para que ela pudesse fazer os esclarecimentos devidos.

Ela havia descoberto também que, apesar de toda a vaidade em relação à aparência, ele estava longe de se sentir feliz consigo mesmo.

Mirabel não chegara a essa conclusão porque ele tinha falado em reformar-se. Afinal de contas, os homens — especialmente os libertinos e outros vagabundos — geralmente pacificavam as mulheres prometendo mudar dali em diante. Até seu pai fazia isso, cerca de duas vezes por ano, com as mais sinceras intenções — o que ele esqueceria no instante em que o próximo enigma botânico acontecesse.

Não, não se tratava de reparar seus hábitos. Era a expressão perturbada nos olhos do sr. Carsington e a mudança em seu tom quando falou de seu pai. Essa nota na voz dele tocou um acorde doloroso dentro dela. Ela reconheceu a frustração: a sensação de

fracasso, não importava o que fosse feito, a consciência de uma lacuna vasta e intransponível.

— Posso andar e falar ao mesmo tempo — veio o estrondo profundo do sr. Carsington atrás dela.

Ele estava muito perto, ela descobriu quando olhou para trás.

— Estou pensando — disse ela.

— Mas as mulheres são seres muito mais complicados que os homens — continuou ele. — Acredito que a senhorita pode até ter mais de um pensamento em mente ao mesmo tempo. Decerto, deve ser capaz de pensar, andar e falar simultaneamente.

— Eu estava aqui pensando se o senhor pratica esse olhar entediado no espelho. É muito bom nisso. Temi que adormecesse e caísse do cavalo. Como o senhor já leu o livro do sr. Farey, o que tenho a dizer sobre Longledge Hill deve parecer uma repetição tediosa.

— Não era o que a senhorita tinha a dizer sobre a agricultura. Já li o suficiente sobre a agricultura de Derbyshire para ter vontade de me enforcar. É a senhorita que eu acho interessante.

O coração de Mirabel retorceu-se mais uma vez.

— Sou agricultora. Não é nada emocionante, em medida alguma.

— Por que não deixa a gestão da propriedade para Higgins? — questionou ele. — Por que não o deixa fazer o que foi contratado para fazer, enquanto a senhorita vai para Londres se divertir? Se o turbilhão social se revelar demasiado frívolo, poderá encontrar dezenas de outras senhoras intelectuais com quem conversar e assistir a palestras.

Ela se lembrou, com bastante melancolia, das alegrias de Londres.

Tia Clothilde nunca desistira de incentivá-la a visitar a Capital. Um dia, talvez, Mirabel o fizesse. Mas não ainda, não agora, decerto, quando tudo o que ela amava estava ameaçado.

— É muita gentileza a sua — respondeu ela. — Desejo vê-lo em Calcutá. O senhor só me deseja em Londres.

— Evitou a pergunta duas vezes e assim dobrou minha curiosidade. A senhorita tem um amante aqui?

Um amante? Ela? Ele estava falando sério?

Mirabel parou de repente. Ele pisou em seu calcanhar e o pé dela escorregou. Em seguida, ela caiu para trás, lutando para se equilibrar. Ele agarrou-lhe a cintura e a endireitou. Isso foi feito em questão de um instante. Mas ele não a soltou.

Ela ouviu sua inspiração rápida de surpresa e olhou para cima para encontrar-lhe o olhar dourado estranhamente intenso. A respiração ficou mais rápida e seu coração disparou contra as costelas.

As mãos do sr. Carsington eram grandes e quentes, seu aperto,

firme, e ela pensou que ele devia sentir a comoção que a tomava naquele momento. Deveria se afastar, mas não queria. Só queria olhar nos olhos dele, tentando lê-los e ousando esperar que não fosse a única em comoção.

Ele se inclinou um pouquinho mais para perto.

— Que cintura pequena você tem — ele disse com uma voz suave e confusa. — Eu nunca teria imaginado.

Ela não era pequena, mas ele era muito maior. A cabeça dela só lhe alcançava o queixo imaculadamente barbeado. Ela estava perto o suficiente para sentir a respiração em seu rosto, perto o suficiente para detectar o cheiro indescritível para o qual ela ainda não tinha nome. Viu a tênue rede de cicatrizes na parte inferior da mandíbula do sr. Carsington e teve vontade de erguer a mão e encostar em sua face. Não sabia por que ou o que isso conseguiria, apenas que queria tocar.

Foi necessária quase toda a sua força de vontade para não o fazer, para reunir a compostura e dizer, de forma muito casual:

— Se já terminou de me medir, sr. Carsington, creio que consigo andar sem ajuda.

Ele não teve pressa ao se endireitar e foi lento e deliberado ao soltá-la. Mesmo depois de tê-la soltado completamente, Mirabel podia sentir a pressão e o calor de suas mãos. Sabia que um limite havia sido ultrapassado e, se não tomasse muito cuidado, logo não haveria mais limites.

— A senhorita me deu um susto — declarou ele. — Tive uma visão sua despencando pelo penhasco escarpado. Meu coração ainda está disparado. — O de Mirabel também estava, mas por causa de tudo, menos medo.

— Talvez, se não me seguisse tão de perto, seria menos provável que tropeçássemos um no outro — ela respondeu, esperando não se sentir tentada a fazer exatamente isso acidentalmente, mas de propósito.

— Um bom argumento — ele concordou. — Eu também deveria ter prestado mais atenção por onde estava andando. Mas fiquei impressionado admirando a vista, sabe.

À direita, à esquerda e à frente, a vista consistia em árvores, rochas calcárias, arbustos escarpados e terra. Um punhado de sempre-vivas fornecia a única cor brilhante na paisagem sombria.

— A paisagem aqui dificilmente vale a subida, devo dizer — disse ela.

— Não da minha perspectiva — contrapôs ele.

O calor a invadiu. Ela entendia o que ele queria dizer. Não havia passado duas temporadas em Londres sem aprender a detectar

insinuações. Fingiu não entender, embora não pudesse fingir que isso a consternava. Já havia muito tempo que um homem atraente não fazia comentários impróprios sobre a pessoa dela. Tinha esquecido como era agradável.

Uma voz pequena e insistente no fundo de sua mente fez ruídos de advertência, e ela se lembrou de como ele se mostrara agradável com todos os homens na noite anterior.

— Por enquanto, seria mais sensato o senhor observar o caminho.

— Tentarei ser sensato, srta. Oldridge.

Mirabel seguiu em frente.

— Sobre o seu amante... — ele começou depois de um momento.

Ela não se importava com o flerte e com um pouco de impropriedade. Nunca tinha sido o tipo de moça melindrosa. Porém, não podia deixar-se cair vítima do encanto dele. E certamente não lhe explicaria assuntos particulares.

— Não posso acreditar que o senhor pense que empreendi tudo o que empreendi apenas para estar perto de um homem — falou ela, em repreensão.

— Que pena. Eu estava imaginando reuniões clandestinas, talvez naquela saliência com vista para as românticas charnecas.

— O senhor decerto tem o direito de alimentar qualquer noção fantasiosa que deseje — disse ela, repetindo a resposta condescendente de alguns dias antes. — Longe de mim querer reprimir uma imaginação ativa.

Ele riu.

— *Touché*, srta. Oldridge.

À medida que o caminho fazia uma curva acentuada, Mirabel sentiu o ar mudar. Olhou para cima. As nuvens estavam ficando mais espessas. Fez uma pausa. Desta vez ele estava preparado, de modo que não colidiram.

Ele chegou ao lado dela e ficou mais perto, o que era estritamente decoroso. Estava respirando com dificuldade — sem fôlego, ao que parecia.

Ele não estava acostumado com aquelas subidas e sua perna também devia estar doendo.

— Acho que o tempo pode mudar mais rápido do que o senhor estimava — declarou ela. — Talvez seja melhor voltarmos.

Ele olhou para a encosta ameaçadora.

— Vamos avançar um pouco mais. Onde fica o riacho Briar?

— Não muito longe — respondeu ela. — Mas quase não há caminho à frente e a subida é muito mais íngreme.

— Assim parece — concordou ele. — Já faz muito tempo desde que subi uma encosta rochosa. Gostaria de ver se ainda consigo. — Mirabel teria argumentado, mas o olhar saudoso que ele dirigiu ao terreno rochoso à frente fez com que ela parasse de falar.

Ele não estava completamente inteiro, e ela tinha certeza de que isso o irritava mais do que ele deixava transparecer. Devia exigir muito esforço manter uma aparência de graça tranquila. No entanto, por mais que ele trabalhasse nisso, nunca se moveria tão suavemente e sem esforço como antes de Waterloo.

Ela desejou que ele não deixasse esse fato irritá-lo. Ninguém com boa visão poderia considerá-lo defeituoso ou fraco, mas mesmo ela teve delicadeza suficiente para não abordar um assunto tão pessoal — não que ele fosse lhe dar atenção se o fizesse.

Em vez disso, ela concordou em continuar, e o sr. Carsington se saiu tão bem e ficou tão satisfeito consigo mesmo que ela o levou mais longe do que pretendia.

Ele lhe disse que deveria ter percebido que não era necessário um andar perfeito para passar por cima das pedras.

— Pense em caranguejos — disse ele. Exagerando em seu mancar, ele começou a se mover para o lado, subindo a colina correndo na frente dela.

Mirabel riu, jogando a cabeça para trás. Foi então que ela sentiu as primeiras gotas de chuva.

Ela gritou para ele.

O sr. Carsington não prestou atenção e correu entre as rochas, quase tão rápido quanto um caranguejo. Um momento depois, o céu ficou preto e as gotas se transformaram em um dilúvio.

E, no momento seguinte, ela o viu escorregar, cair e despencar no riacho rochoso. Lá ele permanecia, terrivelmente imóvel, quando ela o alcançou.



O mundo ficou preto, brevemente. Quando Alistair acordou, não tinha certeza se era dia ou noite, nem onde estava.

Um céu baixo, da cor da fumaça do carvão, vomitava chuva fria e torrencial. Ele fechou os olhos e tentou não pensar, mas sua mente atropelava-se mesmo assim.

Tinha sido muito ruim? Quantos buracos o inimigo fizera nele? Com que rapidez sua força diminuiria?

Com que velocidade, ele se perguntou, a vida vazaria dele, e seria isso melhor do que ser resgatado e de alguma forma remendado para

que, mutilado e incapacitado, pudesse ter uma morte longa e lenta ao longo de anos em vez de horas?

A artilharia explodiu nas proximidades e o ar encheu-se de fumaça. Ele ouviu homens gritarem de agonia. Fogo de rifle. Mais fumaça. Cavalos trovejando em sua direção.

Caíram sobre ele, trazendo o nada, mas não por muito. Ele logo acordou de novo, com fedor, fumaça e os gritos dos moribundos, homens e animais.

Acordou também com a dor, que criava um mundo próprio, fazendo com que a cena sombria ao seu redor parecesse um pouco menos imediata.

A dor era grande, ofuscando todo o resto. No início foi uma pulsação constante como o batimento cardíaco. Depois, outras variações surgiram e desapareceram, causando-lhe dores e espasmos, esses tormentos menores entrando e saindo sob a batida forte e constante do tambor.

O mundo inteiro se restringia apenas a ele e à única sensação humana em todos os seus matizes e variações. A dor, ele descobriu, era uma fuga e um caleidoscópio, e pouco importava como você a chamasse, já que era a única coisa que havia.

— Sr. Carsington.

Música noturna na fuga.

Aquilo estava errado.

Alistair abriu os olhos. Olhos azuis, muito azuis olharam para os dele. Um halo macio de fogo acima dos olhos. Sobre a massa incandescente empoleirava-se o chapéu envelhecido com o barrado esfarrapado. Acima e além do chapéu estava o céu escuro, despejando quarenta dias e quarenta noites de chuva.

— Está consciente — declarou a voz noturna. — Consegue falar? Consegue me dizer onde dói?

— Em lugar nenhum — disse ele. Em todos os lugares. Sua perna estava em chamas. Tinha sido baleado? Não, isso acontecera anos antes. Estava no presente. A moça. A ruiva. Ah, sim, ele se lembrava: cabelos macios e sedosos da cor do nascer do sol... olhos crepusculares... a cintura doce e esbelta sob suas mãos. Quando tinha sido isso? Por que ele a soltara?

— Eu sei que está ferido — disse ela. — Diga-me onde. Não me atrevo a movê-lo até saber, mas devo movê-lo. O senhor não pode ficar deitado no riacho Briar o dia todo. Por favor, seja sensato. Onde dói?

— Em lugar nenhum — respondeu ele. — Nem um pouco. Perfeitamente bem. — Ele tentou levantar a cabeça, mas a dor

disparou do quadril até o tornozelo. Ele recuperou o fôlego. Era apenas a perna maldita, disse a si mesmo. Nada para entrar em pânico. — Recuperar o fôlego — engasgou ele. — Levanto em um minuto. — Ele conseguiu erguer a cabeça e passar um braço em volta de uma pedra. Apoiou a cabeça na rocha como se fosse um travesseiro. A chuva golpeava sua cabeça descoberta. Onde estava seu chapéu? Precisava encontrar seu chapéu. Em um minuto, ele se levantaria e procuraria.

— Jock! — ela chamou. — Jock!

Quem era Jock? Não o amante; ela dissera que não tinha um. Ele não deveria ter perguntado. Fizera outras coisas que não deveria. Ele se lembrou de ter visto os quadris dela balançarem e ele ter praticamente anunciado sua aprovação ao belo traseiro. Porque estavam sozinhos. Sem cavalição de aspecto ameaçador. Jock. O cavalição.

— Cavalos — disse ele. — Ele não pode abandonar os cavalos.

A névoa esfumaçada se instalou novamente. Ao seu redor, os gritos dos animais misturavam-se aos dos homens. Ele sentiu cheiro de sangue. Homens ou cavalos? Vomitaria e faria uma vergonha de si mesmo.

— Levante-se, seu idiota — ele murmurou. — Ajude seus camaradas.

A voz noturna, agora trêmula, chamou Alistair para fora da névoa.

— Não tente falar, sr. Carsington. Vamos economizar nossas forças, certo? Jock não vai me ouvir em tudo isso, de uma forma ou de outra. — Ela estava certa. Naquela tempestade, quem ouviria seus gritos de socorro?

O riacho gelado passava por cima e ao redor dele, batendo-lhe as pernas nas pedras.

— Preciso verificar se há ossos quebrados — disse ela. — Se estiver inteiro, devemos conseguir tirá-lo do riacho sem muita dificuldade.

Inteiro, sim. Ele viu a pilha de membros ensanguentados. Não queria que sua perna fosse jogada naquela pilha horrível.

— Só escoriações — ele murmurou. — Nem precisa ficar animada.

— Economize suas forças. Vou fazer rápido.

Mãos firmes e confiantes passaram por seu pescoço e ombros. Ele fechou os olhos, e o mundo sombrio voltou à sua mente.

Alistair ouviu o barulho da artilharia, que não conseguia abafar os gemidos e gritos. A dor o fez tremer e ele estava ficando entorpecido de frio. Pensou em Kitty, Gemma, Aimee e Helen, em camas quentes e mãos macias. Morreria ali e nunca mais sentiria as mãos de uma mulher sobre ele.

Um momento depois, Alistair voltou para a chuva torrencial e para a mulher inclinada sobre ele, cujas mãos experientes percorriam seus braços e pernas, pressionando suavemente, sondando.

Ele recuperou o discernimento e a voz.

— Também é médica, srta. Oldridge?

— Tenho mais prática com animais. Mesmo assim, eu deveria ser capaz de reconhecer um osso quebrado se encontrar um.

Quando ela alcançou seu tornozelo esquerdo, a pontada de dor o fez sentar-se bruscamente.

— Aí está o problema — declarou ela. — Poderia ser muito pior. O senhor sofreu impactos cruéis quando caiu. Tenho quase certeza de que torceu o tornozelo e, sem dúvida, distendeu alguns músculos, mas nada parece estar quebrado.

Jogado para lá e para cá. Dolorido. Músculos distendidos aqui e ali. Isso era tudo. Por que diabos doía tanto? E o que havia de errado com seu cérebro?

— Sabia que não era nada — ele engasgou. — Tornozelo torcido.

— Eu não chamaria isso de “nada” — disse ela, rispidamente. — O senhor tem todos os ferimentos antigos da batalha e está molhado e gelado até os ossos. — Enquanto falava, ela o ajudava a se levantar.

Mesmo com a ajuda, o processo era estranho e irritantemente lento. Também insuportável, graças ao tornozelo machucado, que competia com a parte superior da perna mutilada.

Não apenas todos os movimentos doíam, mas seus músculos não estavam mais totalmente sob seu comando e sofriam espasmos involuntários. A dor e os tremores, o riacho agitado, as pedras escorregadias, a chuva ofuscante e as roupas encharcadas combinavam-se para fazê-lo sentir-se como o manco que tanto se esforçara para não se tornar.

Alistair se obrigou a trabalhar naquele momento, embora seu corpo quisesse desistir e uma parte de sua mente desejasse ter quebrado o pescoço para não ter mais que fazer esforço.

Mas essa era uma pequena parte desprezada de si mesmo que ele geralmente mantinha trancada. A autopiedade o enojava. Tinha visto o que os outros suportavam e sabia como suas próprias dificuldades eram triviais em comparação.

Disse a si mesmo para sentir gratidão por ter uma camponesa de mente forte em quem se apoiar, que não começava a chorar nem entrava em pânico, mas permanecia tão fria e firme quanto qualquer camarada de armas.

Com ela, ele caminhou — ou melhor, cambaleou — até uma seção da margem onde um leito de cascalho permitia uma base

razoavelmente segura, e saiu do riacho.

Dali em diante, as coisas se tornaram um pouco mais fáceis. O chão estava escorregadio e eles desceram a encosta em vez de subirem, mas conseguiram firmar-se um no outro. Por fim, chegaram ao mirante, onde um Jock preocupado se preparava para partir em busca deles.



Mirabel tinha muita prática em parecer ter todas as coisas sob controle.

No que dizia respeito aos negócios, era preciso preservar uma atitude serena, mesmo que uma geada tardia dizimasse os pomares, ou que um período prolongado de chuva apodrecesse metade do suprimento de feno do inverno, ou que as ovelhas comessem a morrer de uma doença misteriosa.

Como diria o capitão Hughes, ela era a capitã do navio e o bem-estar da embarcação e da tripulação dependia dela. Quaisquer sintomas de confusão, hesitação, dúvida ou alarme que ela demonstrasse infectariam rapidamente outras pessoas, minando o moral e colocando em perigo a tripulação e o navio.

Ela assumira os negócios de seu pai porque ele havia abandonado o comando, deixando a propriedade à deriva em direção às rochas e colocando em risco a subsistência de todas as pessoas que dela dependiam.

Depois de mais de uma década à frente das responsabilidades de seu pai, era natural para ela estar no comando firme de uma situação, mesmo que por dentro Mirabel se sentisse desesperadamente confusa ou apavorada.

Desde o momento em que o sr. Carsington havia caído no riacho Briar, ela chegou mais próximo da histeria do que nunca em sua vida. Quando desceu até a água, seu coração batia forte nos ouvidos. A chuva turvava sua visão, e ela não tinha certeza se o peito dele estava subindo e descendo ou não. Suas mãos tremiam tanto que ela não sabia se ele tinha pulsação.

Felizmente, ele abriu os olhos e, depois de um momento, pareceu reconhecê-la, e ela se acalmou o suficiente para pensar, embora não com a clareza que gostaria.

No caminho de volta para Oldridge Hall, sua mente continuou a clarear. Por consequência, quando um grupo de criados tirou o sr. Carsington do cavalo e o colocou em uma maca, ela sabia que havia algo mais de errado com ele do que uma torção no tornozelo.

Ele protestava ao ser carregado e depois começava a resmungar de

novo, aparentemente alheio ao que havia ao seu redor. Dentro da casa, ele repetiu esse conjunto de comportamentos enquanto os criados o carregavam pelo corredor e subiam as escadas até a suíte amarela de hóspedes.

Teria sido mais fácil colocá-lo em um dos quartos do térreo, mas também seria mais fácil para um homem com um tornozelo machucado escapar de um quarto no térreo. Mirabel estava segura de que ele tentaria escapar. Afinal, ele não trouxera uma muda de roupa. Se uma tempestade de gelo não pudesse detê-lo, ela duvidava muito de que uma torção no tornozelo o fizesse. Precisava fazê-lo ficar onde estava, pelo menos até que o dr. Woodfrey o examinasse.

Ela viu o sr. Carsington ser transferido da liteira para uma cadeira, supervisionou o processo de tirar a roupa encharcada e apoiou o pé machucado. Depois de enviar o laçao Thomas para buscar a ferramenta de que precisava, ela sinalizou para Joseph permanecer por perto. Achou melhor preparar seu convidado para a destruição de suas caras botas.

Disse-lhe que a água quente estava a caminho e que logo ele poderia se lavar.

— Mas receio que tenhamos de cortar a sua bota. — Ele recebeu a notícia com calma, apenas olhando para o chão. A água escorria de seu cabelo e caía no rosto.

— Está molhada — disse ele. — Quem diria que um homem poderia pingar tanto. — Ele puxou o cabelo molhado para trás e olhou mais de perto. — Oh. Água. Minhas botas. Crewe terá uma síncope.

Sua cabeça levantou-se de repente e seu febril olhar dourado encontrou o dela.

— Tenho que tirar a roupa. — Ele puxou a gravata encharcada.

Mirabel parou sua mão.

— O tecido está encharcado e difícil de manusear. O senhor está tremendo. Deixe-me ajudar.

Ele franziu a testa, depois soltou o lençol e ergueu o queixo. Mirabel se curvou e começou a trabalhar no nó, mantendo as mãos firmes por pura força de vontade.

— Papai não tem um valete — revelou ela —, ou eu o mandaria até o senhor. — Ela afrouxou o nó o suficiente para desatar as pontas do lenço. Assim que tirasse as botas, ela poderia deixar os criados terminarem de despi-lo e ajudá-lo a tomar banho.

— O duque de Wellington também não tem criado — respondeu o sr. Carsington. — Sua Graça se veste sozinho. Eu poderia ficar sem, mas Crewe cuida de mim desde sempre. Ele vai comigo a todos os lugares. Aqui. Lá. — Ele soltou um suspiro estremecido e seu olhar

ficou distante. — Vou levantar daqui a pouco. Tenho que ajudar. Não posso ficar inerte aqui. Céus, que desperdício. O que eles vão colocar na lápide?

Ele baixou a voz e começou a murmurar de um jeito estranho novamente. Mirabel não queria pensar no que poderia ser a causa daquilo. Tinha certeza de que tornozelos torcidos não provocavam delírios.

Lembrou-se do balbucio febril da mãe naqueles últimos dias — e rapidamente tirou isso da cabeça. Disse a si mesma para se concentrar em deixar aquele homem limpo e aquecido o mais rápido possível.

— Sr. Carsington, precisamos cortar suas botas — declarou ela, mantendo a voz firme. — De qualquer modo, estão arruinadas.

Ele assentiu e ela começou a desenrolar-lhe o lenço do pescoço.

Thomas entrou com a faca que ela havia pedido. O sr. Carsington olhou para o criado e ficou rígido.

— Sem cortes — afirmou ele. — É apenas um ferimento superficial.

Mirabel soltou o lenço e tocou levemente a testa dele. Sua pele estava quente.

— Suas botas estão completamente molhadas — ela disse em tom gentil. — Seu tornozelo está sensível e provavelmente inchado. Descalçar a bota pode piorar a lesão.

Ele piscou para ela e seu olhar pareceu clarear.

— Sim. As botas. Claro. Eu vou tirar.

— O senhor está com frio. Suas mãos estão instáveis. Por favor, seja sensato e deixe Joseph cuidar disso.

O sr. Carsington olhou para suas mãos compridas, que não conseguia manter imóveis.

— Joseph, não. — Ele olhou-a. — A senhorita. Mãos frias e firmes. Temos que manter a cabeça fria, não é? Corte-as bem e adequadamente, srta. Oldridge. As botas, quero dizer. E não se importe se eu choramingar enquanto fizer isso. Essas botas foram muito caras a mim. — Ele sorriu para ela como um menino travesso. — Fiz esse trocadilho vil só para a senhorita. Isso a fez sorrir também. A senhorita tem uma queda por trocadilhos, eu sei.

Ele fez Mirabel sorrir apesar de seu alarme. Ela pegou a faca de Thomas, ajoelhou-se ao lado da cadeira do paciente e iniciou a operação.



Depois que tiraram as botas, os criados prosseguiram com sua habitual eficiência suave. Em muito pouco tempo, o sr. Carsington

estava limpo, quente e seco. Ele deixou que o colocassem na cama com o pé apoiado em travesseiros e um tecido impermeável cheio de gelo foi acomodado em seu tornozelo. Parecia bastante confortável quando Mirabel chegou, mais tarde, e o encontrou cochilando.

Ele dormiu um pouco, depois ficou inquieto e murmurou como havia feito quando ela o examinara no riacho. Ela tentou acalmá-lo, mas ele só ficou mais agitado.

— Não posso ficar deitado aqui — disse ele, lutando para se apoiar nos travesseiros. A frente da camisa de dormir se abria em um amplo V, expondo uma parte de seu peito e os pelos dourado-escuros e encaracolados que o cobriam levemente. O cabelo estava úmido, assim como a borda da abertura da camisa. Um músculo latejava em seu pescoço. — Onde estão minhas roupas?

Mirabel lembrou-lhe que suas roupas estavam molhadas e que os criados estavam cuidando delas.

— Ah — falou ele, e caiu de costas de volta nos travesseiros.

Ela se levantou e cobriu-o com a roupa de cama.

— O senhor está exausto. Torceu o tornozelo e acho que pegou um resfriado. Por favor, descanse.

— Meu Deus, estou tão confuso. Eu caí de cabeça? — Ele fechou os olhos, e ela começou a andar pelo quarto, desejando que o médico se apressasse.

Menos de meia hora depois, o sr. Carsington estava jogando os lençóis de cima da sua pessoa e — aparentemente alheio ao fato de que estava expondo suas longas e musculosas pernas à vista dela — gritando por seu criado.

Joseph, que estava de plantão, correu até ele, mas o paciente empurrou-o para o lado e saltou da cama, apenas para soltar um xingamento feroz e agarrar-se às costas da cadeira vaga de Mirabel para se equilibrar.

— É para andar! — Ele se enfureceu. — Esta perna serve para andar! O que diabos há de errado com ela?

— Senhor! — veio uma voz masculina e firme da porta. — Componha-se.

O sr. Carsington parou, seu olhar fixo na figura na porta.

O capitão Hughes entrou no quarto.

— Qual é o significado deste alvoroço, senhor?

O sr. Carsington afundou na cadeira e balançou a cabeça, como se tentasse clareá-la.

— O sr. Carsington não está exatamente em seu juízo perfeito — explicou Mirabel, calmamente, enquanto seu coração batia forte e suas entranhas davam nós. — Ele torceu o tornozelo e...

Ela respirou fundo.

— Não sei se ele sofreu uma concussão ou um resfriado, mas não está bem.

— Fiquei sabendo do acidente — revelou o capitão. — Eu estava vindo de Matlock quando me encontrei com o rapaz que você mandou para trazer o dr. Woodfrey. O médico vai demorar um pouco, infelizmente. Ele está mergulhado até os cotovelos em emergências.

— Eu nunca fico doente — disse o sr. Carsington. Ele sentou-se de lado, o braço direito pendurado nas costas da cadeira. — Nunca. É sempre o mesmo. Aquela grande e fedorenta pilha. Você também não o teria deixado lá. Tenho estômago forte, mas era nauseabundo. E eles estavam com uma pressa infernal. O senhor sabe como eles são. — Ele dirigiu a última frase ao capitão Hughes, que não tinha como ter mais ideia do que ele estava falando do que Mirabel.

Mas o capitão assentiu e falou:

— Ouso dizer que sim.

— Ou talvez não — respondeu o sr. Carsington. — Parece que estou falando coisas sem sentido. Eu caí de cabeça, não foi? Sim, claro. Exatamente do que eu precisava agora: danos cerebrais.



CAPÍTULO 7

Acalme-se, Alistair disse a si mesmo. *Seja homem, maldição.*

No momento, se ele era um homem, não reconhecia ninguém. Não tinha certeza se conseguiria se mover sem vomitar. Não tinha certeza do que havia acontecido, se o massacre havia sido feito ou não. Disse a si mesmo para pensar em outra coisa, qualquer outra coisa.

Crewe. Sua premonição. Ridículo. Aquilo era uma guerra. As chances de ser ferido, mutilado, morto eram altas. Maior que cinquenta por cento. Ainda assim, Alistair não estava totalmente preparado para a extensão da carnificina. Hectares de cadáveres, tantos de seus amigos ao seu redor. Os mortos e moribundos que haviam tombado na lama, para nunca mais se levantar.

Ele percebeu a voz de uma mulher próxima. E de um homem. Não de Gordy. De quem? Ele desejou poder desenroscar a cabeça do pescoço, desmontá-la e consertá-la.

— Não está se sentindo bem, ousou dizer? — indagou a voz masculina.

— É um eufemismo — retrucou Alistair.

— O senhor disse que não estava bem — falou a voz. — Alguma coisa o deixou enojado. Consegue se lembrar? Um monte asqueroso e fedorento, o senhor disse.

Tinha falado em voz alta? Eram meros pensamentos; pensamentos indignos. E de qualquer forma, havia sido um sonho. Não poderia ser verdade. Ele mal sabia o que era o medo. Nunca se comportaria de maneira tão vergonhosa, ou vomitaria por causa de algo desagradável, como uma moça. Seu pai ficaria envergonhado se descobrisse, mas não descobriria. Não era verdade, não poderia ser.

— Eu disse? — questionou Alistair. — Que estranho. Não me lembro. — Ele respirou fundo. — Já terminaram com a perna?

Já tinha sido jogada na pilha com os outros membros?

— Sabe onde está, senhor? — veio a voz mais uma vez, com um tom de autoridade claramente reconhecível. Um homem acostumado a comandar. Um oficial, é claro.

— Sabe onde está, senhor? — repetiu a voz. — O senhor me conhece?

Alistair abriu os olhos. O mundo ao seu redor começou a girar, depois gradualmente desacelerou e se acomodou. Percebeu que estava em um quarto, não na tenda de um cirurgião. O homem parado diante dele era familiar.

— Capitão Hughes — disse ele, mantendo a voz firme enquanto tentava desembaraçar o pesadelo da realidade.

— O senhor teve uma queda — respondeu o capitão. — Torceu o tornozelo e, pelo que parece, levou uma pancada na cabeça que afetou o cérebro. Aconteceu comigo uma vez. Cordames caíram sobre mim e me derrubaram, mas não há nada com que se preocupar. Sua caixa cerebral se reparará com o tempo.

Alistair esfregou a testa. Doía, mas a dor não era nada comparada à miséria latente do lado esquerdo de seu corpo.

— Uma queda. Sim, claro. Bati a cabeça, sem dúvida. Temporariamente desorientado. Isso explica.

Então ele se lembrou de ter saltado da cama, seminu... um rosto pálido e assustado por perto... olhos azuis, arregalados de alarme.

Olhou ao seu redor no quarto e a encontrou parada perto do fogo, com as mãos cruzadas na cintura.

Ah, que deleite. Ele estava agindo como um lunático na frente dela.

— Srta. Oldridge — falou ele.

— O senhor me reconhece.

— Por enquanto, sim. Parece que fiz um espetáculo completo de mim mesmo.

— Não foi nada tão terrível — assegurou ela. — O senhor nunca se comportou de maneira menos compreensível do que papai. No entanto, todos nós nos sentiríamos mais tranquilos se voltasse para a cama.

Naquele momento Alistair lembrou-se de que ainda estava seminu, vestido apenas com uma camisa que não lhe pertencia. O tecido era mais áspero do que ele estava acostumado. Olhando pelo lado positivo, porém, era grande o suficiente para esconder a feia rede de cicatrizes em sua coxa.

Ele dispensou a oferta de ajuda do capitão e foi em direção à cama, que ficava a apenas alguns passos de distância.

A srta. Oldridge foi até uma janela e olhou para fora, permitindo-lhe, com tato, completar a desajeitada transferência de seu corpo

mutilado para a cama.

O quarto estava silencioso, exceto pela chuva que batia nas janelas. O som era calmante. As roupas de cama exalavam um leve aroma de lavanda. Tudo ao seu redor era imaculado, bem ordenado e pacífico.

Ele não conseguia acreditar que havia confundido aquele lugar com um mundo pertencente a pesadelos.

— Já parece estar em melhor forma — anunciou o capitão Hughes. — Não o sujeito de olhos arregalados que encontrei quando entrei tão sem cerimônia. — Ele voltou sua atenção para a figura perto da janela. — Espero que perdoe meu lapso de boas maneiras, srta. Oldridge. Eu estava lá embaixo no corredor, esperando para saber se tinha alguma ordem para mim, quando soube da perturbação nos conveses superiores.

— Não tem do que se desculpar — disse ela. — Até onde o senhor sabia, meu pai poderia ter tocado fogo em um quarto novamente.

Alistair estava meditando sobre danos cerebrais, não tendo descoberto outra maneira de explicar seu comportamento vergonhoso. As palavras dela o tiraram de sua introspecção e o levaram a sentar-se reto na cama, fazendo pulsar, assim, todo o lado esquerdo de seu corpo ferido. Ele ignorou a dor.

— De novo? O sr. Oldridge tem o hábito de incendiar quartos?

— Foi só uma vez, uns nove ou dez anos atrás — começou a srta. Oldridge. — Enquanto olhava uma carta da minha tia Clothilde, ele teve uma ideia repentina sobre as tamareiras egípcias. Elas o atormentam de vez em quando, por razões que ninguém mais, exceto ele e talvez três outras pessoas botânicas no mundo, entendem. Pelo que ele se lembrou mais tarde, era uma dessas épocas. Ele pulou da escrivaninha, derrubando uma vela, pois estava muito animado para notá-la.

Ela se afastou da janela.

— Felizmente, um criado percebeu logo depois que papai saiu correndo. O único dano foi a escrivaninha carbonizada, um tapete parcialmente chamuscado e um cheiro persistente de fumaça.

— Me sinto muito melhor — disse Alistair. — Pelo menos não queimei a casa.

Ela se aproximou da cama e o estudou com um olho crítico.

— Sua cor está mais saudável do que há pouco tempo. Não tão febril. Mesmo assim, deveríamos colocar mais gelo no seu tornozelo. Gostaria de um pouco para sua cabeça também?

Alistair quase se esqueceu da dor de cabeça. A violenta pulsação ao longo de sua perna esquerda ocupava o centro das atenções.

— Na verdade, eu gostaria — disse ele. — É muita gentileza a sua

pensar nisso. De minha parte, tentarei aguardar o médico em silêncio, se não de forma racional.

Ela sorriu, e a sala pareceu ficar mais iluminada, embora a chuva continuasse fustigando as janelas escuras.

— Fico vastamente aliviada em ouvir isso.



O dr. Woodfrey só chegou bem mais tarde. Ele era jovem — mal tinha trinta anos: pequeno, forte e enérgico, e acostumado a viajar em qualquer tipo de clima. Ainda assim, havia apenas um médico, e a rapidez e a violência da tempestade haviam causado numerosos acidentes, além de tornar as estradas praticamente intransitáveis.

Apesar disso, o dr. Woodfrey estava com os mesmos modos rápidos e vivazes de sempre quando chegou a Oldridge Hall. Depois de conversar brevemente com Mirabel e o capitão Hughes, ele foi direto até o sr. Carsington. Mirabel e o capitão retiraram-se para a biblioteca a fim de aguardar o veredicto médico.

O doutor juntou-se a eles cerca de meia hora depois e estava iniciando o diagnóstico quando o sr. Oldridge entrou apressado, com o semblante perturbado. Tendo chegado em casa a tempo para jantar, ele viu a carruagem do dr. Woodfrey e ficou muito alarmado, acreditando que Mirabel havia adoecido.

Escondendo seu espanto por ele ter (a) notado um objeto tão pouco botânico como uma carruagem, (b) reconhecido de quem era e (c) se preocupado com ela, Mirabel explicou sobre a queda do sr. Carsington e o comportamento estranho depois disso.

— Deus do céu! — reagiu o sr. Oldridge. — A cabeça dele não está quebrada, espero. O terreno pode enganar em certos locais, especialmente perto das antigas minas. Já caí mais de uma vez. Felizmente, nós, os Oldridge, temos crânios fortes.

— Ele não quebrou a cabeça — assegurou-lhe o dr. Woodfrey.

— Então é febre? — sugeriu Mirabel. — É isso que o faz delirar?

— Ele não está febril no momento. O paciente se mostrou totalmente racional durante todo o tempo que estive com ele.

Mesmo assim, ele prosseguiu dizendo que o paciente talvez tivesse sofrido uma concussão, ainda que leve. Segundo todos os relatos, ele perdera a consciência por não mais do que um ou dois minutos, talvez apenas alguns segundos, e não apresentou sintomas associados a lesões cerebrais graves: não estava sonolento e entorpecido, nem vomitava, nem tivera convulsões. Ainda assim, ele deveria ser vigiado cuidadosamente durante as quarenta e oito horas vindouras.

O dr. Woodfrey também estava preocupado com a possibilidade de um resfriado ou doença pulmonar se manifestar durante esse intervalo. Essas preocupações, combinadas com a torção no tornozelo, eram fortes fatores contrários ao desejo expresso do cavalheiro de regressar imediatamente ao seu hotel.

Tendo proferido esse veredicto, o médico chamou Mirabel de lado para lhe dar instruções específicas.

— É de suma importância que nosso paciente permaneça onde está — disse-lhe o dr. Woodfrey. — Além do cérebro e do tornozelo, que precisam de descanso para se curar adequadamente, ele apresenta sintomas de fadiga dos nervos. Isso pode ser ainda mais preocupante. Sabe-se que a fadiga aguda desencadeia alucinações e outros comportamentos irracionais, o que explicaria o que a senhorita considerou delírio.

Mirabel não podia acreditar que o sr. Carsington sofresse de qualquer tipo de fadiga ou problema nervoso.

Verdade fosse dita, ele dominara a aparência elegante do tédio e da lassidão, mas estava longe de ser fraco. Pelo contrário, era perigosamente persuasivo.

Ela se lembrou das mãos dele em sua cintura, da consciência física de sua força, e de sua reação acalorada, quase demente. Não conseguia se lembrar de quando a mera proximidade de um homem a perturbara com tamanha intensidade. Nem mesmo William, a quem ela tanto amara, a fizera sentir tanto com tão pouco esforço.

William também era abundantemente masculino, enérgico e arrojado, mas não a fizera sentir, de forma palpável, todas as mudanças de humor como acontecia perto do sr. Carsington: o desprazer que deixava o próprio ar pulsante — e mais perturbador, o encanto fácil, tão palpável quanto uma carícia, algo a que ela achava quase impossível de resistir.

Lembrou-se do trocadilho com as botas sofisticadas — “tão caras a ele” — e do sorriso alegre de menino, e falou:

— Ele é o último homem no mundo que eu pensaria estar cansado e desgastado.

— Concordo que ele parece bastante saudável — disse o dr. Woodfrey. — Mas o choque de hoje perturbou um equilíbrio delicado. O melhor remédio é o descanso. Vou deixar ao seu encargo como melhor fazer isso. A senhorita é uma jovem engenhosa.

Ele deu algumas instruções simples sobre dieta e tratamento, recusou com pesar o convite para jantar e partiu para atender o próximo paciente, deixando Mirabel com a tarefa de encontrar um meio de administrar um homem que até mesmo o conde de Hargate considerava problemático.



— Woodfrey está errado. — Alistair fez esse pronunciamento com a entonação imperiosa que seu pai empregava para abafar qualquer discussão. Não era fácil parecer magistral sentado na cama, vestindo apenas uma camisa de dormir e apoiado em travesseiros, mas não estava disposto a ser intimidado por um médico élfico e uma jovem desgrenhada.

Esta última olhava para ele com uma expressão ansiosa que o deixava inquieto.

— Não tenho certeza se está em condições de julgar com precisão o que é melhor para o senhor — disse a srta. Oldridge.

— Posso julgar melhor que ele — respondeu Alistair. — Woodfrey não me conhece. Herdei a constituição da minha avó paterna. Ela tem oitenta e dois anos, sai pelo menos três noites por semana e é um terror no uíste. Está em plena posse de suas faculdades mentais e no comando completo de todas as outras, pois o tempo apenas aprimorou o fio mortal de sua língua. Ela nunca se permitiria ficar confinada à cama por causa de uma torção no tornozelo e uma pancada na cabeça.

A srta. Oldridge não respondeu imediatamente. Ela acenou com a cabeça para o lacaio e ele tirou a bandeja do jantar de Alistair.

Como ela lhe fizera companhia enquanto ele comia, devia ter percebido que seu apetite estava em ordem. Ele não havia deixado uma migalha sequer para trás.

Quando o criado saiu, a srta. Oldridge caminhou da lareira até a janela no extremo oposto do quarto. Não foi sua primeira jornada desse tipo. Mesmo enquanto saboreava o jantar, Alistair observava o balanço rítmico de seus quadris conforme ela ia e vinha. Agora que a comida acabara, ele poderia dar-lhe toda a atenção.

Ela usava um vestido de tafetá cor de vinho com detalhes em azul. O estilo era muito severo e as cores não combinavam com sua pele, mas era o vestido menos desfavorável que ela usara até então.

Sua criada inepta tentara pentear-lhe o cabelo no antigo estilo romano que estivera em voga anos antes. Como seria de esperar, os dois coques na parte de trás de sua cabeça estavam se desfazendo.

A luz refletida das velas e do fogo brilhava ao longo de uma trilha de grampos de cabelo que iam e vinham do topo. Ele achou a visão excitante, que Deus o ajudasse.

Pelo lado positivo, se meros grampos pudessem excitá-lo, ele não poderia estar nem perto da morte.

— Se o seu tornozelo não descansar, não se curará adequadamente

— informou ela ao retornar para junto da lareira. — Ficaré fraco e suscetível a repetidas entorses.

— Seu médico em miniatura exagera o perigo. Os médicos sempre fazem previsões terríveis. Dessa forma, se alguém morre, não é culpa dele, e se alguém se recupera, é devido ao seu brilhantismo.

— Todo mundo sabe o que acontece com as entorses. Pelo menos no terreno que temos por aqui. Seria tolo em correr tal risco. Especialmente, o senhor não pode se dar ao luxo de ter um tornozelo fraco. Isso desfará tudo o seu progresso em recuperar o uso da perna.

O discurso foi tão simples e contundente quanto uma clava na cabeça, e igualmente eficaz.

Sua perna era caprichosa e pouco cooperativa, na melhor das hipóteses. Dado um tornozelo fraco, poderia simplesmente se recusar a funcionar.

Alistair possuía a quantidade habitual de orgulho masculino. Por outro lado, não era um bruto estúpido. Recusava-se a se comportar como um idiota apenas para apaziguar seu orgulho.

— Lamento dizer, mas fez uma excelente observação — disse ele. — Não devemos de forma alguma perturbar a famosa perna. Não há como prever o que isso fará.

Sua expressão tensa se aliviou. Ela se aproximou, sentou-se na cadeira ao lado da cama e cruzou as mãos no colo.

— É compreensível o senhor estar chateado. Qualquer pessoa que tenha passado por um longo período de imobilidade, como o senhor, deve valorizar sua liberdade de movimento. Mesmo um ou dois dias confinado à cama deve parecer muito.

— Ah, eu não deveria me importar tanto com isso. Através de um longo estudo, dominei a arte de relaxar ou dormir o dia todo, em vez de fazer algo nobre ou pelo menos útil. Não, não, não é isso. O problema é que estou farto de me submeter a esse membro alcoviteiro.

Ela olhou para a ponta da roupa de cama sob a qual o pé machucado repousava em um travesseiro, depois olhou para ele com curiosidade.

— Alcoviteiro?

— Deixe-me contar-lhe sobre esta perna, srta. Oldridge. Esta costumava ser uma perna modesta e bem-comportada, que não cuidava da vida de ninguém, silenciosa, sem incomodar. No entanto, desde que foi ferida, tornou-se tirânica.

A expressão dela suavizou-se ainda mais e a diversão brilhou em seus olhos, como estrelas tênues e distantes no céu de uma noite de verão.

Encorajado, ele continuou:

— Esta perna é egoísta, ranzinza e ingrata. Quando a perícia médica inglesa declarou ser um caso perdido, levamos a perna a um curandeiro turco. Ele aplicava unguentos exóticos, limpava e fazia curativos várias vezes ao dia. Dessa forma, ele evitou a infecção fatal e malcheirosa que, de outra forma, eu deveria ter sofrido. A perna demonstrou gratidão? Voltou a funcionar como uma perna normal? Não, isso não aconteceu.

Com os lábios se contraindo, ela fez um murmúrio de compaixão.

— Este membro, senhora, exigiu meses de exercícios enfadonhos antes de se dignar a realizar os movimentos mais simples. Mesmo agora, depois de quase três anos de cuidados e manutenção dedicados, esta perna sofre ataques devido ao tempo úmido. E esta, devo lembrá-la, é uma perna inglesa, não uma de suas delicadas variedades estrangeiras.

A boca da srta. Oldridge estremeceu e o riso dançou em seus olhos.

Algo estremeceu e dançou dentro dele, e sua mente se encheu de pensamentos errados — de tocar os lábios na pequena linha de riso no canto do olho dela, de levar a boca até a trêmula boca dela.

Ele continuou falando:

— De qualquer forma, no momento, esta perna não irá a lugar nenhum por vontade própria. Como imaginei que seria capaz de pular da cama e trotar até o hotel?

Ela disse, não muito firmemente:

— O senhor caiu de cabeça. Em uma r-rocha. — Ela sufocou uma risadinha.

Alistair sempre achara as moças risonhas entediadas. Disse a si mesmo para ficar entediado com ela também, mas era impossível. A risada sufocada deixou-lhe o coração tão leve que parecia flutuar dentro dele, e sua mente também estava leve e flutuando — *nada bom*, e ele pensou: *Ah, não, em breve vou gostar dela, e isso não vai dar certo porque sabemos onde deverá levar. Pare de encantá-la, seu idiota.*

Ele não conseguia parar.

Ele suspirou de forma teatral.

— Como uma saída graciosa está fora de questão, devo aceitar meu destino com humilde resignação. Ficarei aqui deitado, pálido e corajoso. De vez em quando, talvez possa fazer a gentileza, srta. Oldridge, de passar por aqui para admirar minha serena fortitude. — Ele recostou-se nos travesseiros e assumiu uma expressão heroica.

Ela então riu alto, seus olhos se enrugando em estreitas fendas azuis.

O som fresco e sussurrante flutuou dentro dele e agitou novamente aquele ponto já perturbado com o fascínio erótico dos grampos de

cabelo e com o deleite desagradável que ele sentia com uma risada mal reprimida.

Mas antes que Alistair pudesse dizer ou fazer qualquer coisa fatalmente estúpida, o sr. Oldridge entrou, carregando um grande volume encadernado.

— O sr. Carsington não deve ler, papai — falou a filha. — O dr. Woodfrey disse que ele não deve exercer suas faculdades mentais.

— Eu sei — disse o pai. — Ele não deve ser superestimado. É por isso que eu trouxe *Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis*. Enviei um exemplar para minha irmã há algum tempo e ela me agradeceu por escrito mais de uma vez. Clothilde diz que é um livro muito repousante. Sempre que se encontra em estado de agitação ou excitação doentia, ela lê. É infalível: depois de uma ou duas páginas, ela me diz, entra em um estado agradavelmente sonolento.

Ele sorriu amplamente para Alistair.

— Vou ler para o senhor... mas se achar chocante demais, tentaremos outra coisa.



O sr. Oldridge tinha uma voz suave e, das palavras em latim que pronunciava, Alistair entendia cerca de uma em cada dez. Tendo alguma vaga ideia de que seria interrogado mais tarde, ele se esforçou para acompanhar.

Não se lembrava de ter adormecido. Simplesmente foi de um lugar para outro durante a noite, de um quarto quente e limpo para um campo de batalha.

O cheiro o deixou enjoado e seu pé patinou no chão escorregadio. Ele soltou Gordy e deslizou para baixo em direção à lama, a lama horrível que não era simplesmente lama, mas sangue e outras coisas humanas. Partes. Pedacos e retalhos.

Quase o engolira, aquele lamaçal indescritível.

Não pense nisso, disse a si mesmo enquanto Gordy o arrastava novamente.

Mas o horror estava por toda parte. Não havia como escapar percorrendo todo o caminho até a tenda.

Então ele avistou a coisa, a coisa horrível, pior do que qualquer visão em ruínas. Nenhum açougueiro lidava com peças como aquelas.

Ele desviou o olhar, mas não antes de ver o braço, com linho enlameado e ensanguentado grudado nele, e um pequeno babado no pulso sem vida.

A cena se dissolveu em neblina. Ele percebeu vozes. Não conseguia

entender tudo, mas compreendeu o suficiente.

— Não — disse ele. — Estão errados. É apenas um ferimento superficial. Eu me recuso.

Houve mais murmúrios, sacudidas de cabeça, vozes cada vez mais agudas e impacientes. Não tiveram tempo de retirar mais profundamente pedaços de osso, metal e madeira, disseram os cirurgiões. Não podiam ter certeza de ter conseguido tudo. O que tinham certeza era de infecção, gangrena. A perna precisava ser removida ou ele morreria, lenta e horripelantemente.

Alistair só conseguia pensar na pilha que vira e em alguém jogando a perna sobre ela. Depois de todas aquelas horas aguentando firme, lutando contra o medo e o desespero... Era para isso que ele tinha sido salvo? Para um cirurgião impaciente empunhando uma serra? Suportara todas aquelas longas horas apenas para ser mutilado?

— Eles não sabem — ele engasgou. — Eles conhecem apenas uma maneira. Devemos ir embora daqui.

— Sim, sim, mas por favor acorde.

Ele sentiu a mão em seu ombro. Ergueu a própria mão e a cobriu.

— Sim, firme — disse ele. — Só precisa me firmar, e eu farei perfeitamente o que preciso.

— Claro que vai. Apenas acorde.

Era a voz de uma mulher, uma inglesa que falava com o sotaque de sua própria classe. A voz noturna.

Alistair abriu os olhos. O mundo ao seu redor estava tão quieto que ele podia ouvir o leve crepitar do fogo. O cômodo estava iluminado como antes e ele não teve dificuldade em reconhecer a mulher inclinada sobre ele.

— Assim é melhor — falou ela. — O senhor me conhece?

— Claro. — Ele sorriu para ela. Estava sonhando, só isso.

Alvío era uma palavra muito pequena para o que ele sentia. Vinha rastejando pelo Inferno por meia eternidade, ao que parecia, e tinha chegado ao outro lado. Não sabia onde estava agora.

Não o Céu, ele tinha certeza, e estava feliz por isso, pois ainda não se sentia pronto para desistir das coisas desta terra — como a visão e o aroma de uma bela mulher curvando-se tão perto que ele poderia facilmente erguer a mão e levá-la para sua nuca, puxá-la para baixo...

Mas seria errado, lembrou-se, e não apenas errado, mas estúpido além do permitido.

Ele suprimiu um gemido e apertou a mão no ombro dela. Bastava-lhe virar a cabeça para beijá-lo... mas não o devia fazer, porque isso também era errado, embora não conseguisse lembrar por quê.

— Devo ter adormecido — disse ele. — Pesadelo.

— Qual é o seu nome?

Ele olhou-a fixamente.

— Qual é o seu nome? — repetiu ela.

Ele deu uma risada inquieta.

— Não me conhece, srta. Oldridge? Estou tão mudado? — Ele não tinha mudado. Era o mesmo homem de antes. Apenas um pouco deformado.

— Devo perguntar de vez em quando qual é o seu nome — ela respondeu, seca e profissional. — Devo fazer também outras perguntas simples. Isto é, para determinar se seu cérebro foi ferido.

Seu tom enérgico varreu a ansiedade dele e o fez querer puxá-la para baixo e beijá-la até que ela não tivesse mais um pensamento sensato em sua cabeça — mas não deveria fazer nada disso, porque... Ah, sim. Ela era uma donzela de certo nível social e havia certos limites que um cavalheiro não ultrapassava. Tendo resolvido o assunto, sua mente produziu outro pensamento racional: ela não deveria estar ali, tão tarde da noite, sozinha com ele.

Relutante, ele soltou a mão macia, apoiou-se nos travesseiros e olhou ao seu redor pelo quarto mal-iluminado.

— Onde está seu pai? — indagou ele.

— Mandei-o para a cama há uma hora. Eu não conseguia dormir e ele não é a pessoa mais confiável para vigiar um leito de doente.

— Não estou doente — rebateu Alistair. — Estou com uma torção no tornozelo e possivelmente uma concussão, só isso. Não pode ser uma concussão grave, pois não tenho dificuldade em lembrar que meu nome é Alistair Carsington, que Weston faz meus casacos; Hoby, minhas botas... A propósito, o par que a senhorita estraçalhou veio de Hoby há apenas duas semanas. E Locke faz meus chapéus. Meus coletes...

— Isso basta. Não estou muito interessada nos inúmeros componentes envolvidos na sua montagem. Ouso dizer que é tão complicado quanto equipar um navio e tem para o senhor a mesma importância crucial do equipamento náutico adequado para o capitão Hughes, mas isso não me importa nem um pouco.

— Não importa? — indagou ele. — Talvez meu cérebro esteja mais gravemente ferido do que pensávamos, pois me lembro com clareza de a senhorita ter mencionado, mais de uma vez, que eu estava vestido com elegância.

Ela se endireitou e deu um passo para trás, afastando-se da cama.

— Foi uma observação — disse ela, secamente. — Nada mais.

O que Alistair observou foi que ela devia ter prendido o próprio cabelo, porque não só apenas dispensava as pretensões de estar

arrumado, como caía em seu rosto. Um emaranhado de cachos acobreados pendia em seu ombro.

Quanto às roupas, ou dormira com elas ou as vestira com uma dose extra de sua normal pressa e despreocupação.

Seu vestido era o que ela vestira antes, mas ela não usava espartilho. Ele percebeu pela forma como a roupa pendia, especialmente pela maneira como delineava o peito.

Desejou que ela tivesse colocado o espartilho. Desejou poder ter certeza de que todos os botões estavam abotoados e todas as fitas, amarradas, mas sabia que ela devia estar meio desfeita e não conseguia impedir sua mente de desfazer o resto. Ele disse a si mesmo para não pensar nas roupas íntimas dela e no corpo nu por baixo, mas era um homem e já era tarde demais. Sem o impulso artificial do espartilho, era fácil imaginar a verdadeira forma e o tamanho de seus seios. Não pôde deixar de estimar quantas camadas de roupa íntima o vestido amassado escondia: uma chemise, talvez, e muito provavelmente, nada mais.

Ele se lembrou de como sua cintura era pequena, da curva doce de seu traseiro e do balanço encantador de seus quadris.

Suportou tudo isso virilmente.

Mas então se lembrou da maneira como a mão dela, macia e quente, se encaixava sob a sua, e um desejo tomou conta dele, tão feroz e doloroso que, por um momento, ele não conseguiu respirar.

— É melhor a senhorita voltar para a cama — ele disse com a voz áspera. — Não deveria ter vindo aqui, principalmente no meio da noite. É chocantemente impróprio.

— Sim, é — concordou ela. — O senhor deu indícios que me levaram a suspeitar de que é um libertino...

— Um libertino? — Alistair levantou-se dos travesseiros, e o movimento ultrajou sua perna e seu tornozelo, que sofreram espasmos. Ele estremeceu e alisou apressadamente as roupas de cama para fazê-la pensar que o estado amarrotado delas era o que lhe causava dor. — Não sou nada disso — ele murmurou.

— Mas o senhor falou muito casualmente comigo sobre sua cara bailarina.

— Uma bailarina não faz de um homem um libertino. Se eu fosse... — Ele parou. Se ele fosse um libertino, não pensaria em convencê-la a ir para a cama com ele. Ela não tinha ideia de quanto custava a um sujeito comportar-se como um cavalheiro nessas circunstâncias. Desejou que seu pai pudesse vê-lo agora.

Não, pensando bem, era melhor que seu progenitor permanecesse a 250 quilômetros de distância.

Sua distraída sedutora, entretanto, estava olhando para outro lugar, com a testa franzida.

— Agora me lembro — disse ela. — Minha tia Clothilde me escreve todas as fofocas de Londres, e tenho certeza de que o senhor apareceu em pelo menos uma de suas epístolas... antes da batalha em que se comportou de maneira tão galante, quero dizer. Titia me conta todos os escândalos sobre todo mundo, mas é difícil saber os nomes de pessoas que nunca conhecemos. No entanto, tenho certeza de que o seu veio à baila. Ora, o que foi?

Ela se acomodou na cadeira ao lado da cama e pareceu golpear o cérebro.

Alistair suspirou.

— Por favor, não sobrecarregue sua memória. Os escândalos ligados ao meu nome são numerosos.

Ela voltou o olhar para o rosto dele, e inclinou a cabeça para o lado a fim de estudá-lo.

Alistair não estava acostumado a mulheres, a ninguém, estudando-o tão abertamente. Percebeu que não estava acostumado a que alguém se desse ao trabalho. Não havia outros que olhassem mais fundo, para além da aparência elegante e do charme. Ele se perguntou, inquieto, se existia algo de valor sob a superfície polida.

— Todos os escândalos envolvem mulheres? — questionou ela.

— Sim, claro. No entanto...

— Exatamente quantos escândalos? Ou são numerosos demais para serem contados no seu delicado estado atual? Lembre-se de que não deve sobrecarregar seu cérebro.

Ele se lembrou da lista de seu pai.

— Sete... não, oito, tecnicamente.

— Tecnicamente. — A expressão dela era ilegível.

— Um escândalo envolveu duas mulheres, mas foi o meu último — explicou. — E foi há quase três anos.

— Então o senhor é um libertino reformado.

— Para me reformar, devo primeiro ser um libertino, o que nunca fui. Não que isso importe — acrescentou, irritado. — A diferença entre mim e um libertino lhe parecerá um mero detalhe técnico. A senhorita deve acreditar que estou fazendo uma divisão sobre uma linha excessivamente tênue, de fato. Não que deva estar pensando sobre tais assuntos, ou que eu tenha alguma obrigação de falar sobre minhas amantes com uma dama. Não consigo imaginar por que mencionei a bailarina. Eu devia estar confuso. Talvez seja este ar infernalmente limpo do campo. Acho que me deixa parvo.

— Meu Deus, eu não pretendia deixá-lo tão agitado — disse ela.

— Não estou agitado — mentiu. Estava excitado e frustrado. Encontrava-se quase nu, confinado à cama, com uma mulher seminua ao alcance do braço: tudo isso enquanto o resto da família dormia profundamente. Ele desafiaria um santo a permanecer sereno em tais circunstâncias.

— O dr. Woodfrey acredita que o senhor sofre de fadiga dos nervos — revelou ela.

— Dos nervos? — Alistair repetiu, indignado. — Não tenho nervos de que falar. Pergunte a qualquer um. Sou a pessoa menos excitável que a senhorita já conheceu. — Depois de uma pausa, acrescentou — Admito que acho-a um tanto provocadora, mas penso que a senhorita faz isso de propósito... ah, não totalmente. Suponho que não consiga evitar. — Ele fez um gesto impaciente indicando o cabelo e o traje dela. — É um defeito, como a surdez tonal. — Ele acenou para ela. — Agora, por favor, vá embora.

Ela sorriu.

Ah, não.

O sorriso envolveu seu coração, apertou-o e ameaçou estrangular os remanescentes de sua razão.

— Está achando graça — ele disse acusadoramente. Ela não reconhecia o perigo. Não estava de forma alguma mantendo a guarda elevada. Ele teria que proteger aos dois. E, de fato, era pedir demais, depois de um dia e uma noite assim.

— Acho o senhor divertido. É o homem mais divertido que conheci em muito tempo.

Uma cama macia... uma mulher calorosa, rindo em seus braços. Seu pulso acelerou.

Seu olhar varreu o quarto e caiu sobre o livro de botânica que o pai havia deixado para trás.

O livro soporífero.

— Bem, se não consegue se retirar, srta. Oldridge, talvez pudesse fazer a gentileza de ler para mim.



CAPÍTULO 8

O capitão Hughes chegou ao domicílio da sra. Entwhistle no final da manhã de domingo.

Quando a criada o conduziu até a aconchegante sala, a dona da casa não demonstrou grande alegria ao vê-lo.

Ela pareceu menos satisfeita quando ele lhe contou sua missão.

— O senhor não pode estar propondo que eu apareça, sem ser convidada, no sábado, com minha bagagem, na porta de Mirabel — disse a ex-governanta em um tom que raramente deixava de acalmar os alunos indisciplinados.

O tom intimidador não combinava com a aparência da senhora. Ela não era alta e magra e vestia um preto severo, mas sim uma mulher rechonchuda e atraente, de estatura mediana e de meia-idade, lindamente trajada com um vestido branco de babados e touca rendada.

A sala bem decorada parecia muito pequena para o capitão. Era verdade que ele estava acostumado aos alojamentos lotados de um navio. Também estava acostumado, porém, a ser o comandante do navio, tendo o lado de barlavento do tombadilho inteiramente só para ele, caso decidisse caminhar e refletir, e a liberdade de subir até o cesto da gávea, se desejasse, caso sentisse necessidade de clarear a cabeça.

Sentindo-se excessivamente grande e desajeitado na elegante sala da sra. Entwhistle, ele ficou parado junto à chaminé, de onde não ousava se mover para não derrubar alguma coisa. Como a expressão dos inteligentes olhos castanhos não o deixava à vontade, ele não estava com a frieza e o comando de sempre.

— Ora, Flo... quero dizer, sra. Entwhistle, sabe que não vai ocorrer a ela convidá-la — respondeu ele. — Ela mandou chamar o criado de Carsington ontem à noite porque era a coisa mais prática a fazer, mas Mirabel não está acostumada a considerar o decoro. Os vizinhos o

farão, no entanto. Você sabe disso tão bem quanto eu. Todo o Peak District sabe que o pai dela não é um acompanhante confiável.

— O senhor disse que o sr. Carsington está incapacitado.

— Ele está com uma torção no tornozelo e um galo na cabeça — afirmou o capitão Hughes. — Se acha que isso incapacitaria um jovem aristocrata saudável, é ingênua demais. Creio que não preciso explicar-lhe como é a moral desses sujeitos.

— A moral dele não importa. Mas talvez esteja insinuando que Mirabel é tão fraca de vontade, ou talvez faminta de amor, a ponto de esquecer a sua própria vontade? Por favor, sente-se. Não deveria fazer uma senhora esticar o pescoço para ter que olhar para o senhor.

Ele procurou a cadeira mais distante da dela e sentou-se inquieto na beirada.

— Acha que sou intrometido — declarou ele. — Um mexeriqueiro.

— Não tenho certeza do que pensar. Talvez o senhor esteja com ciúmes.

Por um momento, ele fitou-a com total descrença. Então soltou uma gargalhada. Ela nem sequer abriu um sorriso.

— Acha mesmo, deveras? — continuou ele. — Bem, seja assim ou não, não muda os fatos, senhora. O fato é que as pessoas fofocam e não há nada que gostem mais do que acabar com a reputação alheia. Por mais que a maior parte da vizinhança goste da srta. Oldridge e compreenda sua situação, são humanos demais para resistir ao escândalo. Sabe que temos poucos escândalos em Longledge, o que significa que a menor partícula disso percorre um longo caminho.

— É um absurdo imaginar que Mirabel fosse capaz de cometer uma indiscrição — disse a senhora, friamente.

A paciência do capitão o abandonou.

— Espero que não seja tão estúpida a ponto de me dizer que ela já passou da idade — rebateu ele. — A srta. Oldridge pode ser uma solteirona, mas está longe de ser uma matrona seca. Além disso, para ser bem direto, ela ainda é jovem o suficiente para procriar. O que significa que não é velha demais para ser seduzida... ou suspeita disso. Para bom entendedor, um pingo é letra.

A senhora lançou-lhe um olhar fulminante.

Ao longo de uma carreira naval não exatamente tranquila, o capitão Hughes havia sido encarado por almirantes e comissões de inquérito. Embora o olhar zangado da sra. Entwistle o irritasse mais do que os das autoridades navais e dos políticos cabeças-duras já haviam irritado, ele era um lobo do mar que poderia suportá-lo pelo tempo que ela decidisse infligir esse olhar.

— Vou escrever uma carta, insinuando com tato o decore —

declarou finalmente a senhora. — Se Mirabel decidir me convidar, eu irei. Não posso convidar a mim mesma.

— Que absurdo! Eu estou convidando você.

— Oldridge Hall não é sua casa, embora o senhor pareça ficar manso lá dentro.

— Que guardiã você se tornou! — repreendeu ele. — Isso foi influência de Entwhistle? Você costumava ser tão alegre. A srta. Oldridge também, quando você estava lá. Você era exatamente do que a garota precisava. Eu sempre disse isso. Estava bastante claro para mim, ainda que estivesse longe por tanto tempo. Pude ver a diferença quando voltei para casa, pela primeira vez, depois da morte da sra. Oldridge.

A sra. Entwhistle pulou da cadeira, com os babados esvoaçando.

— Eu gostaria de ver diferença no senhor! — ela exclamou. — Continua tão parvo como sempre. Mirabel tem 31 anos. Um jovem bonito praticamente caiu no colo dela, e o senhor se preocupa em proteger-lhe a virtude. E a felicidade dela?

Por um momento, o capitão ficou tão surpreso que esqueceu suas boas maneiras. Tardiamente, ele se levantou também.

— Eu digo, Flora... quero dizer sra. Entwhistle... está agindo como casamenteira?

Ela ergueu o queixo com covinhas.

— Prefiro pensar nisso como deixar a Natureza seguir o seu curso.

— Pela minha experiência, a Natureza não é nada confiável — disse o capitão. — Se fosse, os navios não precisariam de velas nem de lemes, não é mesmo?



O capitão estava certo em se preocupar com fofocas, pois a srta. Oldridge tinha inimigos.

A cerca de trinta quilômetros de distância, no vale do outro lado de Longledge Hill, Caleb Finch estava ocupado naquele domingo encorajando os aldeões a imaginarem o pior sobre ela.

Viera de Northumberland alguns dias antes, aparentemente porque suspeitava de má administração das minas de carvão de seu mestre, Lorde Gordmor. Caleb decerto estava bem qualificado para julgar, sendo um mestre em chicana, conviência, trapaça e traição. No entanto, o verdadeiro motivo de seu retorno tinha sido causar problemas para a srta. Oldridge.

Ele frequentava a igreja em parte para impressionar os habitantes locais com sua carolice e, em parte, porque oferecia uma oportunidade

de fazer falcatruas entre o maior número de pessoas com o menor esforço. Com seu terno preto sóbrio pendurado em seu corpo alto e esguio, o cabelo ralo e grisalho penteado para trás, ele era limpo e adequado por fora e convencido de que o era igualmente por dentro.

Por algum truque mental, suas mentiras, fraudes e seus subterfúgios sempre tiveram uma justificativa moral. Como Caleb não era um gigante intelectual, a justificativa geralmente se resumia a uma proposta simples. Por exemplo: este sujeito tem algo que eu não tenho, o que não pode estar certo; logo, se eu conseguir isso dele — não importa como —, terei corrigido a situação.

Onze anos antes, a srta. Oldridge havia cometido o crime odioso de pôr um fim a que ele fizesse justiça com as próprias mãos a partir da riqueza do pai dela. Ela o dispensara sem referências, dizendo que ele era incompetente. Depois disso, ninguém num raio de quilômetros de Longledge queria empregá-lo. Ele teve que procurar trabalho em outro lugar.

Um homem mais sábio teria pensado que, apesar de tudo, estava saindo no lucro. Ela poderia tê-lo acusado de uma longa lista de crimes contra a propriedade. Poderia tê-lo deixado à própria sorte para descobrir como prestar contas a um magistrado por livros-caixa inadequados e pelo misterioso desaparecimento de grandes quantidades de gado, produtos agrícolas, madeira e numerosos outros artigos. Em vez disso, ela lhe dera o benefício da dúvida.

Caleb, porém, não sentiu gratidão. Não aproveitou a oportunidade para virar a página. Era mais fácil nutrir o rancor por dez anos ou mais e aproveitar qualquer oportunidade para causar algo desagradável a ela.

Por exemplo, ele ficou encantado com os planos de seu mestre para um canal, porque passaria pela propriedade dos Oldridge e seria um sofrimento constante para a srta. Oldridge.

E assim, depois da igreja, quando soube do acidente do sr. Carsington, Caleb não demorou a lançar a srta. Oldridge sob a pior luz possível. Ele fez uma expressão pia e disse que esperava que tivesse sido mesmo um acidente. Quando questionado sobre o que queria dizer, Caleb ficou muito feliz em explicar. Esclareceu que o que queria dizer era que algumas pessoas poderiam perguntar o que estavam fazendo tão alto na colina num dia como aquele. O cavalheiro londrino provavelmente não sabia o que estava fazendo, mas o que a dama estava pensando ao levá-lo até lá? E onde estava o cavaliário dela esse tempo todo? Por que não estava com eles?

Em poucos minutos, essas e outras observações semelhantes percorreram a congregação, e encontraram incredulidade e rejeições em sua maior parte, por exemplo: “De onde esse homem tira as

ideias?”. Ou “Eu acredito que cada palavra do sermão do pároco entrou por um de seus grandes ouvidos e saiu direto pelo outro”.

Mas aqui e ali havia indivíduos com ideias semelhantes que nada amavam mais do que destruir os outros, especialmente aqueles mais bonitos, mais ricos ou mais bem-humorados do que eles. Essas pessoas ficaram felizes em imaginar o pior.

Elas pegaram a versão de Caleb de O Que Realmente Aconteceu, enfeitaram-na e transmitiram-na a todos os outros indivíduos mesquinhos que conheciam.

Na tarde de domingo, a história havia percorrido toda a extensão de Longledge Hill até a paróquia onde residia a srta. Oldridge.



O capitão Hughes levou a sra. Entwistle no início da tarde.

A essa altura, Crewe, que chegara ao raiar do dia, já havia guardado os pertences considerados necessários para uma estadia de alguns dias.

De acordo com o capitão Hughes, que fizera uma breve visita ao paciente, esses itens essenciais eram “suficientes para equipar um navio de 74 canhões e cada homem que o tripulasse”.

No entanto, ele admitiu às senhoras que o valete havia arrumado tudo com bastante cuidado, e o sr. Carsington parecia mais à vontade do que antes.

Decerto, quando Mirabel entrou no quarto, algum tempo depois, seu convidado parecia mais elegante. Porém, nada do que o capitão dissera a preparou para o efeito total da aparência do sr. Carsington.

Seu hóspede descansava em uma poltrona almofadada diante da lareira. Ele usava um roupão de seda fina sobre uma camisa leve de algodão, finalizada com um lenço de gravata de nó elaborado. Um par de calças largas pendia folgadoamente sobre as longas pernas. Em seus pés — seus pés descalços — havia chinelos turcos.

Ela disse a si mesma que era sensato não tentar usar meias. Embora o tornozelo dele não estivesse muito inchado, devia estar sensível. Disse a si mesma para observar como o pé machucado estava enrolado e apoiado exatamente como o médico havia prescrito.

No entanto, não conseguia focar. Ainda que seu convidado estivesse mais bem vestido do que quando ela o vira pela última vez, na noite anterior, quando não deveria ter estado ali, ele estava muito mais exposto.

Sob a roupa de cama, aquelas pernas compridas eram apenas formas. Agora se estendiam descaradamente diante dela.

O tecido macio das calças adería aos contornos das pernas,

lembrando-a dos músculos duros que sentira quando o examinara em busca de ferimentos. Se bem que, na ocasião, ela estava muito ansiosa, muito ocupada reprimindo o pânico para sentir qualquer outra coisa. Agora...

Ela desviou o olhar, examinando o quarto como se para ter certeza de que tudo estava em ordem. Não estava, não em nenhuma ordem que ela reconhecesse. A própria atmosfera havia mudado.

Linho branco engomado, lã e couro escuros... artigos de toalete masculinos lotando a penteadeira... um estojo de barbear... os aromas de sabonete de palma e graxa para botas... e ele.

O quarto era masculino e ele o dominava.

Ela sentiu o olhar dele e reuniu sua compostura.

— Parece mais confortável, sr. Carsington — disse ela. — Estou feliz em perceber.

— Eu lhe disse que era especialista em relaxar — respondeu ele.

Ele era muito além de especialista. Fazia o ambiente parecer lânguido, sensual e... pecaminoso.

O que era um absurdo. Sua imaginação estava fugindo e levando Mirabel consigo. Disse a si mesma para ser sensata e dirigiu a atenção para a bandeja que seu criado carregava. O dr. Woodfrey pedia refeições leves, várias vezes ao dia, e ela acompanhara a última.

Ela observou Crewe tirar a bandeja do criado dela e colocar os pratos sobre a mesinha.

Quando tudo tinha sido organizado de forma satisfatória, o valete puxou uma cadeira para ela. Ela sentou-se, desejando sentir-se tão no comando de si mesma quanto seu convidado parecia estar.

Crewe retirou-se discretamente para um canto distante do grande cômodo.

— O senhor parece um potentado oriental — falou ela.

— Não gosto dessas calças — respondeu o sr. Carsington. — São modismos de certa forma, e não me lembro do que me acometeu para comprá-las, mas Crewe não me deixou usar culotes ou calças compridas convencionais porque são feitas para ficarem justas. Ele temia que meu tornozelo mexesse muito quando eu as vestisse.

Ela se lembrava, com muita nitidez, das pernas longas e musculosas que saíam de debaixo da roupa de cama. Sua boca ficou seca. Ela cruzou as mãos firmemente sobre o colo.

— Crewe é muito sensato — afirmou ela.

— Lamentavelmente, também não tenho permissão para usar meias, pelo mesmo motivo, e tenho certeza de que não é apropriado que veja meus tornozelos nus, srta. Oldridge.

Ela já tinha visto muita coisa para sua paz de espírito: a maneira

como a camisa se abria durante o delírio momentâneo, além do peito firme e musculoso brilhando como ouro.

— Que alvoroço todo mundo faz por causa do decoro — disse ela, em tom leve. — Mas fique tranquilo. Minha ex-governanta chegou para proteger minha reputação, então não precisa temer que a visão de um pouquinho da sua pele nua corrompa minha moral.

— Invejo o domínio que tem sobre seus sentimentos — ele falou suavemente. — Duvido que eu consiga olhar imóvel para seus tornozelos nus.

O calor se derramou de algum lugar no centro dela e tomou conta de cada centímetro de sua pele.

Uma tosse veio do outro lado do cômodo. O sr. Carsington olhou impacientemente para seu valete.

— O que foi agora, Crewe?

— Queria apenas observar, senhor, que a cozinheira se esforçou muito para fregar seu apetite, e certas iguarias não melhoram com o passar do tempo; pelo contrário.

Quando a atenção de seu convidado retornou para ela, Mirabel já tinha a mente funcionando novamente. Ele estava apenas provocando, disse a si mesma. Para os galanteadores da sociedade, tais galanterias eram um hábito. Flerte e insinuações eram apenas parte da conversa. Eles sussurravam comentários maliciosos até nos ouvidos de senhoras idosas.

Era absurdo imaginar que um par de tornozelos de 31 anos, nus ou não, pudesse despertar nele qualquer emoção forte.

— Não vai se juntar a mim? — indagou ele. — Sua cozinheira parece ter providenciado o suficiente para um regimento.

— Ela está acostumada ao apetite de papai, que é prodigioso — explicou Mirabel. — Mesmo assim, não é uma refeição excessiva para um homem do seu tamanho, e não estou com fome. E talvez o senhor prefira jantar com privacidade.

Era melhor ela ir embora. Viera apenas dar uma olhada nele. Não ganharia nada se demorasse. Já havia sido indulgente demais com ele. Se não tivesse cuidado, acabaria se apaixonando — um absurdo para sua idade, e perigoso para mais do que sua virtude.

Ela se levantou.

— Prefiro muito a sua companhia — respondeu ele.

Mirabel sentou-se novamente.



Para irritação de Alistair, assim que ele terminara de comer, a srta.

Oldridge levantou-se mais uma vez para partir.

— A sra. Entwistle vai se perguntar o que aconteceu comigo — revelou ela. — Eu disse que viria dar uma olhada breve no senhor.

— Para admirar minha serena fortitude?

— Sim, e para garantir que o senhor não se sentisse abandonado. Espero que não pense que seja esse o caso. O senhor seria invadido por visitantes se o dr. Woodfrey não tivesse proibido, mas ele diz que não deve se sobrecarregar de forma alguma.

— Tudo o que fiz foi ficar sentado aqui, comer e conversar — disse Alistair.

— Isso não é tudo. O senhor se esforçou para ser espirituoso e charmoso. É agradável para mim, mas não é bom para si mesmo.

— Eu não estava me esforçando. Inteligência e charme são naturais para mim.

— Então talvez não seja bom para mim — falou ela, e acrescentou rapidamente: — Enquanto fico aqui sentada, encantada e divertida, uma dúzia de tarefas importantes permanecem por fazer.

Ele caiu na cadeira.

— Estou arrasado. Há algo em sua vida mais importante do que eu. Bem, então devo suportar e encontrar algumas tarefas triviais que fingirei serem mais importantes do que a senhorita. Crewe, traga-me papel e caneta. Vou escrever algumas cartas.

— Certamente não — proibiu ela. — O senhor não deve sobrecarregar seu cérebro.

— Devo avisar Lorde Gordmor de que estou temporariamente acamado. Ele estará esperando notícias minhas, de qualquer maneira.

— Enviei uma carta expressa para ele esta manhã — contou ela. — E outra para seus pais.

— Para os meus pais? — Alistair levantou-se da cadeira, e sua perna e tornozelo o lembraram brutalmente de ficar parado. Ele afundou uma vez mais, agarrando os braços da cadeira. — Quem mandou escrever para meus pais?

— Minha consciência. Seus amigos e familiares certamente saberão do seu acidente em breve. Eu não queria que se preocupassem com a habitual versão distorcida e exagerada dos acontecimentos. Nem imagina os rumores que já estão circulando.

Alistair tinha experiência suficiente com rumores para saber que geralmente desafiavam todas as leis da razão e muitas vezes superavam em muito suas imaginações mais loucas.

Agora, tarde demais, ele percebeu os erros fatais que cometera. Prestara atenção demais nela. Ele a monopolizara na festa dos Tolbert. Tinha ido passear com ela, acompanhado apenas por um cavaleiro.

Passara a maior parte da noite com ela, desacompanhado, no quarto. Não era difícil adivinhar o que as pessoas pensariam.

— Alguns acreditam que eu o atraí deliberadamente para um local perigoso e tentei causar um acidente fatal — disse ela.

Mais uma vez, Alistair experimentou a sensação de ser atingido pelas costas por um grande porrete.

— A senhorita o quê?

— Empurrei-o para dentro do riacho — revelou ela.

— Mas isso é um absurdo. Por que tentaria me matar?

— O canal.

Por um momento, Alistair não entendeu do que ela estava falando. No seguinte, estava xingando a si próprio. Tinha esquecido que, para ela, ele era um invasor, um destruidor, o servo de um visconde vilão.

Na verdade, ele tinha se esquecido de pensar — exceto com seus órgãos reprodutores.

Estava celibatário há tempo demais, esse era o problema. Evitara as mulheres até que sua perna estivesse curada e funcionando, mais ou menos. Desde então...

Bem, ele não tinha certeza do que o havia impedido. Estava entorpecido ou não totalmente desperto, de alguma forma, mas não era típico que, depois de quase três anos de apatia em relação ao sexo frágil, ele escolhesse agora, dentre todos os momentos, para acordar do coma ou do que quer que tenha sido?

Não era típico que ele a escolhesse — uma mulher solteira —, quando o mundo abundava com viúvas alegres, matronas desgarradas e prostitutas declaradas?

Em vez de se concentrar nos negócios, ele se afundara em fantasias de que todos os princípios cavalheirescos o proibiam de agir.

Talvez seu cérebro realmente estivesse danificado.

Tudo isso passou rapidamente pelos restos do que costumava ser sua mente enquanto ele exibia um leve sorriso e dizia:

— *Assassinato*. Por causa de um canal. O povo daqui devia estar realmente desesperado por emoção.

Ele olhou para o valete.

— Crewe, ouviu alguma coisa sobre isso?

O olhar do criado passou de um para o outro.

— Não se preocupe comigo — garantiu a srta. Oldridge. — O senhor ouviu falar disso lá embaixo, naturalmente.

— O assunto foi mencionado, senhorita, na minha presença — revelou ele. — Os criados estavam unidos em sua indignação. Disseram que a senhorita jamais se comportaria de maneira tão

covarde.

— Certamente não — Alistair concordou com um aceno de mão desdenhoso. — Quem em sã consciência poderia acreditar que a srta. Oldridge fosse capaz de um comportamento desonesto?

Crewe deu uma de suas tosses expressivas.

— O que foi, Crewe? — questionou Alistair. — Tem algo a acrescentar?

— Aham. Não, senhor.

— Acredito que, se Crewe fosse menos discreto, ele lhe diria que minha equipe de criados tem certeza de que eu nunca faria nada pelo que pudesse ser enforcada — falou a srta. Oldridge. — Isto é verdade. Sempre acreditei que qualquer pessoa que tenha de violar a lei para atingir seus objetivos deve carecer de inteligência ou de imaginação; provavelmente ambas as coisas.

— São palavras que fazem gelar o sangue de um homem — declarou Alistair. Na verdade, o que via nos olhos azuis dela o deixou inquieto. — Começo a suspeitar, srta. Oldridge, de que o mundo seria um lugar mais seguro se a senhorita fosse desprovida de ambas as características.

— Espero que não seja. Caso contrário, eu nunca teria chance contra o senhor. Embora minha consciência esteja tranquila quanto ao seu acidente, admito que foi fortuito, mas detecto nuvens de tempestade sobre minha cabeça, o que significa que o aborreci... e prometi ao dr. Woodfrey que o manteríamos calmo e descansado.

Ela deu-lhe um sorriso rápido, e Alistair, estúpido como era, sentiu-se enganado. Ele queria mais: a luz dançante nos olhos dela, a risada sussurrante.

E quando ele a viu partir, com os cachos ruivo-dourados saltando dos grampos, a bainha arrastando para um lado e os quadris oscilando, ele não estava pensando em maneiras de ter sucesso no canal, do qual tanto dependia, mas nos meios mais rápidos de atraí-la de volta.

Ele se esqueceu por completo de perguntar exatamente o que ela queria dizer com “fortuito”.



Mirabel decidiu que seria melhor não visitar o paciente de novo até o dia seguinte, quando tivesse tempo de recuperar o bom senso — e não deveria se esquecer de levar a sra. Entwhistle consigo.

Contudo, o sr. Carsington não ficou solitário.

O pai dela subiu depois do jantar e ficou com o convidado por um

bom tempo. Quando o pai retornou à biblioteca, informou a Mirabel e à sra. Entwistle que o sr. Carsington havia adormecido enquanto era esclarecido sobre as diferenças entre os sistemas de classificação botânica de Linnaeus e Jussieu.

— Ele ficou muito interessado em saber que um se baseia nos sexos das plantas, enquanto o outro leva em conta as afinidades naturais — ele as informou. — O sr. Carsington fez uma observação espirituosa sobre afinidades naturais, da qual não consigo me lembrar no momento. Ele também fez uma analogia... — Parou, franzindo as sobrancelhas. — Queria mencionar as tamareiras. Ele tem uma prima, uma senhora de talentos linguísticos incomuns, que está tentando decifrar a pedra de Roseta, e isso me lembrou das tamareiras egípcias, mas ele me fez rir e eu esqueci, e então conversamos sobre outra coisa e, aos poucos, ele adormeceu. No entanto, não creio que seja um sono suficientemente repousante. Não gosto de dizer ao dr. Woodfrey o que ele deve fazer, mas estou surpreso que não tenha prescrito uma dose de láudano.

— Acredito que o láudano não é recomendado em casos de suspeita de concussão — opinou a sra. Entwistle.

— Foi só recentemente que Brown favoreceu Jussieu na Inglaterra — disse o pai. — Estávamos tristemente isolados em nosso pensamento. É preciso ir para o exterior, sabe, e buscar outras opiniões. Capitão Hughes, por exemplo.

— E o que tem o capitão Hughes? — perguntou Mirabel. — Não consigo acompanhá-lo de jeito nenhum, papai.

Ele não olhou para Mirabel, mas através dela, com o olhar distante que ela conhecia muito bem.

— Os sucos extraídos da vagem da papoula possuem notáveis poderes curativos. Essas propriedades foram descritas repetidas vezes, desde o próprio Hipócrates. Os egípcios também as conheciam, tenho certeza. Assim que conseguirem desvendar esses segredos (e é provável que o façam um dia desses), que vasto acervo de conhecimento será aberto! Eu gostaria de conhecer a prima dele.

Mirabel olhou inexpressivamente para a sra. Entwistle, que respondeu com uma expressão igualmente incompreensível.

Mirabel olhou para seu pai. Com um aceno de cabeça, ele saiu de suas reflexões. Então, foi até uma estante e pegou um grande volume.

— Papai?

— Sim, minha querida?

— Papai, o senhor mencionou o capitão Hughes há pouco — disse Mirabel.

— Sim. — Ele foi em direção à porta.

— O senhor o mencionou com algum propósito específico?

— Oh, sim. Concussões. Talvez ele também pense que isso não explica completamente. Ele saberia melhor do que eu.

O pai de Mirabel partiu, deixando os que ficaram para trás perplexos, como sempre.



As cartas de Oldridge Hall, escritas pela srta. Oldridge e assinadas por seu pai, chegaram aos seus destinos em Londres depois da meia-noite.

A chegada de cartas expressas em horários estranhos era uma ocorrência bastante comum na casa de Lorde Hargate. Embora não fosse membro do ministério, ele atuava nos bastidores e enviava e recebia quase tantas mensagens urgentes quanto Lorde Liverpool, Primeiro Lorde do Tesouro.

Consequentemente, a carta não despertou pânico em Hargate House. Depois de passado o habitual domingo tranquilo, o conde e sua senhora estavam em casa, no boudoir desta. Eles estavam discutindo acaloradamente sobre os assuntos domésticos dos filhos mais velhos quando o criado lhes trouxe a carta.

Ao ver de onde vinha, Lorde Hargate apenas ergueu as sobrancelhas e passou a missiva para sua esposa ler, o que ela fez, em voz alta.

Quando ela terminou, o conde encolheu os ombros e encheu a taça de vinho mais uma vez.

— Apenas uma torção no tornozelo. Confinado em Oldridge Hall. Poderia ter sido pior.

— Prefiro pensar — disse a esposa — que não poderia ser melhor.



A carta de Oldridge Hall despertou muito mais consternação no peito de Lorde Gordmor, graças à sua irmã.

Lady Wallantree decidira passar uma enfadonha noite de domingo com o irmão convalescente que, mesmo quando doente, era uma companhia menos tediosa do que o marido. Ela estava prestes a ordenar que trouxessem sua carruagem para voltar para casa quando o criado entrou na sala com a carta.

Sendo as cartas expressas muito caras, não eram frequentemente utilizadas fora dos círculos militares ou políticos e raramente traziam boas novas. Como resultado, em famílias menos elevadas socialmente do que as dos primeiros-ministros e dos condes de Hargate, tendiam a

provocar excitação, se não mesmo alarme.

Lady Wallantree não tinha intenção de morrer de curiosidade. A essa altura, sua família estava dormindo. Apenas alguns criados estariam sentados esperando por ela. Não via razão para se incomodar por causa de meros criados.

Não valorizava a privacidade do irmão mais do que valorizava o conforto dos criados ou da família. Depois de dar-lhe dois segundos para ler a carta, ela a arrancou dele.

Ele afundou na *chaise longue* com um suspiro e se perguntou por que, das duas pessoas no mundo para quem a gripe não causava terror, uma devia estar a 250 quilômetros de distância, em Derbyshire, e a outra devia ser sua irmã.

— Talvez queira fazer a gentileza de me informar o conteúdo da carta quando for conveniente, Henrietta — disse Lorde Gordmor.

Ela leu em voz alta para ele.

Lorde Gordmor ainda estava tentando digerir a notícia e decidir como se sentiria a respeito, quando ela disse:

— Estou muito feliz que Carsington não esteja gravemente ferido, mas eu gostaria, pelo seu bem, que ele tivesse terminado em qualquer outra casa que não fosse Oldridge Hall. Embora Oldridge tenha assinado, a carta foi redigida em uma letra de mulher.

— Eu não saberia, mal tendo-a vislumbrado antes de ter sido rasgada...

— Tenho uma forte suspeita de que a mulher é filha de Oldridge — continuou sua irmã. — Aquele que dispensou William Poynton e o levou a fazer papel de bobo. — Ela franziu os lábios e considerou. — Mas isso foi antes do seu tempo. Você ainda estava na escola. Ela deve ter passado dos trinta anos agora, e esse tipo de beleza física desaparece rapidamente. Não que ela fosse uma grande beldade há doze anos. Ela nunca teria aceitado... aquele cabelo cor de damasco e esses modos tão singulares, minha querida, mas quem poderia ignorar a fortuna? Era por isso que metade da nobreza havia jogado seus filhos no colo dela. Sim, Douglas, sei que você dirá que o gosto do seu amigo é impecável, e ele também é incorruptível, como o resto da família, mas tenha em mente que, mesmo que Oldridge se case novamente...

— Henrietta, o que você está dizendo? — Lorde Gordmor interrompeu, irritado. — Alguns pontos simples, por favor, em uma ordem lógica. Lembre-se de que estive doente e minha cabeça não está forte.

Ela devolveu-lhe a carta.

— Em termos simples, então: assim que você estiver forte o

suficiente para viajar, deverá ir para Derbyshire. Não quero alarmá-lo e espero estar errada, mas suspeito fortemente de que tanto o seu amigo, o sr. Carsington, como o seu canal correm grande perigo.



CAPÍTULO 9

Mirabel acordou às duas da manhã — a mesma hora em que acordara no dia anterior — e não conseguiu voltar a dormir. Acendeu uma vela, vestiu um roupão e chinelos e caminhou um pouco pelo quarto. Não adiantou de nada.

Por fim ela pegou a vela, saiu do quarto e foi até a ala de hóspedes.

A porta do quarto do sr. Carsington foi deixada entreaberta para o caso de Crewe precisar pedir ajuda rapidamente. Numa cadeira perto da porta, um lacaio estava caído, roncando num sono pesado.

Mirabel passou por ele e entrou no quarto, onde ardia uma única vela.

Crewe levantou-se quando ela entrou. Ela colocou a vela sobre a lareira. O valete se aproximou.

— Ele está bem, senhorita — murmurou.

— Mas você, não — respondeu ela, no mesmo tom baixo.

Embora a luz fosse fraca e oscilante, ela discerniu facilmente a preocupação e o cansaço gravados no semblante do criado leal. Ela se perguntou quantas noites, depois de Waterloo, ele havia feito vigília para seu mestre.

— Tenho certeza de que você está morrendo de preocupação por ele — disse Mirabel. — Aposto que não teve um momento de descanso desde que soube do acidente.

Crewe negou sentir qualquer cansaço ou preocupação indevida.

— Você não ajudará muito o sr. Carsington se não dormir esta noite — continuou ela. — Uma ou duas horas de descanso lhe fará bem. Enquanto isso, ficarei de vigia.

O valete protestou. Os argumentos muito sensatos de Mirabel — sobre sua necessidade de descanso para que ele pudesse ser de plena utilidade para seu mestre, e sobre sua facilidade de acesso caso surgissem dificuldades — caíram em ouvidos moucos, mas quando ela

lhe deu a palavra de honra de não matar seu mestre durante o sono, Crewe pareceu muito chocado, gaguejou um pedido de desculpas — ele nunca quisera insinuar tal coisa e nunca sonhara com isso, nem por um minuto — e humildemente se dirigiu para o cômodo adjacente.

Ele deixou a porta de conexão entre os cômodos aberta.

Mirabel se acomodou na cadeira ao lado da cama e estudou o mestre de Crewe.

Durante a discussão dela com seu criado, o sr. Carsington havia se virado. Ele agora estava parcialmente deitado de bruços, e o formato da roupa de cama que delineava seu corpo dizia a ela que o pé machucado havia escorregado do travesseiro. Ela debateu se deveria acordar o laçao para ajudá-la a virar o paciente de costas outra vez. Antes que pudesse decidir, lembrou-se dos comentários do pai sobre o láudano, os egípcios e o capitão Hughes.

O que levava seu pai àquela sequência de pensamentos?

Ele disse que o sono do sr. Carsington não era repousante.

Mirabel levantou-se e aproximou-se da cama para estudar o rosto do hóspede. Parecia bastante pacífico e estranhamente jovem, com o cabelo bagunçado caindo sobre a testa. Ela podia ver o menino que ele devia ter sido. Ele roncava suavemente, como o ronronar de um leão, mas era irregular.

Entrelaçou as mãos atrás das costas porque estava terrivelmente tentada a afastar o cabelo dele do rosto, como se ele fosse aquele menino, como se o gesto fosse suficiente para acalmá-lo.

O ronco suave parou e ele estremeceu.

As mãos de Mirabel se recusaram a permanecer sensatamente atrás das costas. Estendeu a mão e penteou levemente o cabelo dele para trás. Acariciou sua bochecha.

Ele se mexeu e começou a murmurar. No início eram apenas sequências de sons incompreensíveis. Então veio um sussurro rouco:

— Zorah. Devemos encontrá-la.

Mais murmúrios. Aos poucos, Mirabel começou a distinguir frases aqui e ali. Algo sobre estar doente. Algo sobre açougueiros.

Ele começou a se mexer e se virar.

— Fugam... não... não dá para olhar... abutres... eu o conhecia... Não, não fale. Nunca diga. Não vi. Faça uma piada. Ah. Ah. Anexado a ele. Dando-se tão bem juntos. Gordy, encontre-a. Ferida superficial. Zorah. Ela disse. Leve-me embora. Não deixe.

Sua voz mal superava um murmúrio, mas ele estava se debatendo. Ela precisava contê-lo, ou ele cairia da cama ou se machucaria de outra forma.

Ela tocou seu ombro.

— Sr. Carsington — disse gentilmente —, por favor, acorde.

Ele se afastou e chutou a roupa de cama.

— Não consigo respirar. Tire-os. Doente. Doente. Deus nos ajude. — Ele se jogou na beirada da cama.

Mirabel se jogou sobre seu peito. Ele estremeceu brevemente, depois imobilizou-se.

Ela aguardou, incerta do que fazer. Será que realmente o acalmara, desviando sua mente adormecida para outro lugar, ou era apenas uma pausa? Deveria deixá-lo dormir ou acordá-lo? Se ele dormisse, poderia retornar ao pesadelo.

Ouviu sua respiração. Não era devagar. Não era de um sono tranquilo. Ela se lembrou do que seu pai tinha dito, de como ele tinha certeza de que o sr. Carsington havia sofrido um ferimento na cabeça em Waterloo. Ela se lembrou do que lera sobre suas ações na batalha e do que ele havia suportado depois. Ele foi considerado morto e poderia ter morrido de fato, se seu amigo Lorde Gordmor não tivesse vasculhado o campo de batalha em busca dele, durante a noite, entre hectares de cadáveres. Era com isso que o famoso herói sonhava?

Ele não queria falar sobre a batalha ou ouvir a respeito. Talvez, no lugar dele, ela sentisse o mesmo. Ele não gostaria de ser lembrado daquela que devia ter sido a experiência mais horrenda de sua vida.

Todos diziam que era um milagre ele ter sobrevivido até ser encontrado, muitas horas depois da batalha. Devia ter sido necessária uma coragem inimaginável e uma vontade de ferro. Sem mencionar um corpo notavelmente forte e resistente.

Foi esse pensamento que a trouxe de volta ao presente, para o local onde ela estava, deitada sobre o famoso corpo indestrutível.

O peito masculino subia e descia embaixo dela, mas agora ela se dava conta de mais do que as subidas e descidas instáveis.

Ele havia afastado as roupas de cama. Sua camisa de dormir estava aberta. Ela não tinha pensado sobre o estado de nudez do sr. Carsington; simplesmente agira para acalmá-lo. Agora estava consciente da leve fricção da camisola contra a camisa dele, do lugar onde a flanela de seu vestido roçava a pele nua, da gola da camisa tocando seu rosto. Seus seios estavam esmagados contra o peito dele, e ela estava agora perfeitamente consciente da rigidez e do calor embaixo dela, da subida e descida apressadas e irregulares, um contratempo da batida acelerada e instável de seu coração.

Ela sentiu novamente, como se estivesse acontecendo agora, as mãos dele circulando sua cintura, e viu mais uma vez o intenso olhar dourado, o sorriso oculto.

Se ao menos...

Ela respirou fundo, soltou o ar e disse a si mesma para se levantar. Com cautela, ergueu a cabeça e olhou para ele... e o encontrou fitando-a de volta.

Seus olhos estavam abertos e escuros, exceto pelo leve brilho da luz refletida das velas.

Mirabel engoliu em seco.

— Pesadelo — disse ela.

— Você teve um pesadelo? — A voz era um estrondo sonolento. Ele sorriu preguiçosamente e suas mãos deslizaram até os quadris dela. Suas mãos eram muito quentes e, à medida que avançavam, a mente dela desacelerou.

Ela queria parar de pensar completamente e deixar aquelas mãos grandes deslizarem pelo seu corpo. Queria tocar seus lábios naquele sorriso sonolento...

Sedução, uma voz a chamou de muito, muito longe.

Era a voz fraca de seu intelecto que desaparecia rapidamente. Ela não queria desistir, mas tinha anos de prática em superar tais inclinações, em fazer o que tinha que ser feito, gostasse ou não.

Engolindo um suspiro, ela se esquivou das mãos insidiosas, deslizou para fora da cama e saiu de alcance. Como se corresse perigo real. Como se ele, se estivesse bem acordado, em vez de meio adormecido e pensando em outra pessoa — chamada Zorah, talvez — fosse tentar abraçá-la.

— Você teve um pesadelo — disse ela.

— E você estava me confortando — acrescentou ele.

Ela cerrou as mãos.

— Tentei evitar que se jogasse no chão. O senhor estava se debatendo. Eu deveria ter pedido ajuda, mas era mais rápido... mais...

— Pular em mim. — A boca dele estremeceu.

O rosto de Mirabel queimou e ela reagiu instintivamente, atacando de um lado inesperado, como aprendera a fazer quando encurralada e obrigada a se defender.

— Quem é Zorah?

Sua diversão desapareceu e a atmosfera instantaneamente ficou mais espessa.

Ela sabia que não deveria aborrecê-lo, mas estava muito zangada com as circunstâncias, com o destino, para se comportar de maneira sensata.

— Falou o nome dela mais de uma vez — ela insistiu. — O senhor queria encontrá-la. Presumo que ela seja importante.

Ele se ergueu nos travesseiros. Embora tivesse feito isso sem estremecer, Mirabel sabia que doía. Ela percebeu pela maneira como suas feições endureceram. Ela amaldiçoou seu mau humor, sua autopiedade e sua língua rebelde.

— Não importa — disse ela. — Não é da minha conta. Entrei em pânico. E me comportei como uma estúpida. Eu deveria ter deixado Crewe ficar. Ele saberia o que fazer.

O sr. Carsington olhou ao redor do quarto mal iluminado.

— Onde ele está?

— Mande-o para a cama — contou Mirabel. — Ele parecia muito cansado e preocupado.

— A senhorita nunca dorme?

— Não, eu sempre ando pela casa na calada da noite, procurando cavalheiros desavisados sobre os quais saltar. — Ela percebeu que seu robe estava se abrindo e escorregando. Não que houvesse algo para ver. Sua decorosa camisola de flanela deixava tudo à imaginação.

Mesmo assim, ela fechou o robe e começou a amarrar as fitas.

— Não que já tenhamos tido algum cavalheiro desavisado aqui antes — ela acrescentou, no silêncio pulsante. — Mas se tivéssemos, eu teria saltado sobre ele também. Portanto, não deve pensar que há algo estranho em meu comportamento.

— A senhorita está dando nós nessas fitas.

Ela olhou para os próprios dedos muito ocupados.

— Sim, bem, eu poderia ficar mais calma, ousou dizer.

— Me desculpe por ter lhe dado um susto — ele disse.

— Susto — repetiu ela, ainda olhando para as próprias mãos como se não soubesse o que eram. — Sim. — Sentiu uma vontade selvagem de rir, outra de soluçar e outra de sair voando do quarto. Sentou-se pesado na cadeira ao lado da cama e enterrou o rosto nas mãos.

— Dê-me um momento — murmurou ela. Para a consternação de Alistair, as lágrimas brotaram. O que havia de errado com ela? Ela nunca chorava. Estava tendo um ataque histérico?

— A senhorita já tem o suficiente com o que se preocupar sem se preocupar comigo. É de se admirar que não desmaie sob o peso de suas responsabilidades. Lamento acrescentar algo.

— Ah, o senhor não acrescenta nada. — Ela acenou com a mão para descartar a ideia, mas não confiou em si mesma o suficiente para levantar a cabeça.

— Não seja ridícula. Sou filho do conde de Hargate e, além disso, um maldito herói famoso, e agora a senhorita se vê presa tendo que cuidar de mim. Se eu acidentalmente causar um ferimento fatal a mim mesmo, será culpada por não cuidar adequadamente de mim... ou até

mesmo por acelerar minha morte, talvez. Não admira que não consiga dormir. Eu jamais desejaria estar no seu corpo... hum... no seu lugar, por nada no mundo.

Mirabel ergueu o olhar e o encontrou observando-a com uma expressão preocupada.

— Não que eu tenha ideia de como é — acrescentou. — Nunca tive que ser responsável por ninguém. Nada... ninguém... jamais dependeu de mim. Isso faz com que alguém se sinta um tanto inútil. Bem, não completamente. Certas pessoas confiam em mim para dar o exemplo na forma de nós de gravatas.

Ela sorriu apesar de tudo.

— Ah, mais do que isso, garanto — disse ela. — Seus coletes são paradigmas, lindos sem serem espalhafatosos. O senhor tem o dom de não exagerar, o que é extremamente raro entre os dândis. Beau Brummell foi um dos poucos que o possuía. Um dom tão grande é também uma grande responsabilidade.

— Sim, bem, aí está. Minha grande responsabilidade é ficar lindo.

E executava a tarefa com perfeição, pensou Mirabel. Mesmo agora, com o cabelo despenteado e a camisa de dormir amarrotada, ele lhe parecia uma obra de arte. Foi necessária uma enorme força de vontade para evitar que seus olhos se desviassem para baixo do pescoço nu, para o V torto da gola da camisa.

Ela disse a si mesma para não pensar nisso também: no músculo duro da parte superior do tronco dele, em como ela se sentia macia e frágil... como desejava tocá-lo... como havia adorado a sensação das longas mãos se curvando sobre seus quadris, deslizando para cima...

Ela se virou e olhou fixamente na direção do fogo, que havia se reduzido a brasas incandescentes.

— Perguntou sobre Zorah. — A voz dele ficou tão baixa que parecia vibrar dentro dela.

— Não importa — falou Mirabel. — Não é da minha conta. Ela é uma das sete ou oito, suponho.

— Não, alguém que estava seguindo o acampamento — disse ele, franzindo a testa. — Ela estava em Waterloo. Quando me encontraram. Eu... — Ele fez uma pausa. — Eu não conseguia lembrar.



Alistair nunca tinha dito isso em voz alta antes, em palavras simples, e quase desejou não ter feito isso agora, mas já era muito tarde, a casa estava dormindo e ele parecia estar ainda meio

sonhando.

Saía de um pesadelo para um abraço quente de mulher. Recuperara a consciência inalando o perfume dela enquanto o cabelo vermelho fazia cócegas em sua bochecha.

No momento seguinte, ele estava sendo levado de um lado para o outro em contracorrentes emocionais.

Ela era, segundo se lembrava, a mulher errada — aquela que ele não deveria ter —, e ele se perguntou se aquilo seria alguma provação infernal que teria de suportar para pagar por seus crimes de juventude.

E então, observando-a lutar para não chorar — com exaustão, sem dúvida —, ele se lembrou de que era uma provação para ela, mais um fardo em uma vida já sobrecarregada.

Não podia fingir, não para ela.

— Eu não... não... lembro — ele repetiu. — Isso me deixa louco. Não faz nem três anos. Uma batalha, talvez a mais famosa desde Trafalgar... eu estava lá... e não consigo... não consigo... me lembrar.

— Meu Deus — disse ela —, essa é a última coisa que eu teria pensado no mundo... — Ela franziu a testa. — Amnésia. Então foi isso que papai... — Ela parou e olhou para ele. — O senhor ficou muito arrasado. É perfeitamente compreensível. E então, ontem, quando caiu no riacho Briar...

— De cabeça — ele falou, ironicamente.

— Deve ter sacudido as memórias.

— Ainda são apenas fragmentos. A batalha em si permanece nebulosa: um barulho infernal em meio a nuvens de fumaça. Talvez tenha sido assim. De vez em quando a fumaça se dissipa e tenho um momento de clareza, mas não os momentos importantes, os momentos em que... — Ele hesitou. — Os feitos heroicos sobre os quais leu. Ainda não consigo me lembrar disso. Somente o rescaldo, quando o barulho cessa, a fumaça se dissipa e o silêncio parece sobrenatural. Eu acordo e está escuro. Estou preso. E há um cheiro indescritivelmente asqueroso.

Alistair fez uma pausa e fechou os olhos. Ela não precisava ouvir sobre isso. Qual era o problema dele?

Ele havia falado demais e estava prestes a revelar mais ainda: sobre o sonho que parecia tão real, verdadeiro, familiar. Aquelas horas intermináveis passadas preso debaixo de um cadáver, na lama, sufocado naquele fedor.

— Tantas pessoas feridas — ela disse, suavemente. — Tantos mortos. Dois soldados morreram em cima do senhor. Havia feridos e mortos por toda parte. Já estive perto de leitos de morte, mas não

consigo imaginar como deve ser um campo de batalha.

Um sepulcro. Um lamaçal infernal. Ele pensou que nunca encontrariam, que já haviam desistido dele. Não sabia quanto tempo tinha ficado ali. Parecia que anos se passaram enquanto ele afundava na lama, apodrecendo lentamente até a morte.

— Não tente imaginar — falou ele.

Ela encontrou seu olhar.

— Para nós, em casa, a guerra é considerada grandiosa e gloriosa, mas não vejo como poderia ser outra coisa senão imunda e horrível além da imaginação. — Ele a ouviu prender a respiração enquanto acrescentava: — E de partir o coração.

Alguém querido devia ter morrido ali, pensou. Isso ajudaria a explicar por que ela se enterrara naquele lugar remoto.

— Perdeu um ente querido? — indagou ele. — Em Waterloo?

— Um ente querido? — Ela balançou a cabeça. — É o fim de tantas vidas jovens que me deixa com o coração partido.

Ele decidiu não investigar mais.

— Vidas perdidas, sim... esse é o preço alto — concordou ele. — Mas há honra em lutar e morrer dessa maneira. É uma grande chance para um homem fazer algo que realmente valha a pena. E uma batalha é gloriosa, de certa forma. Em especial uma batalha assim, contra um monstro como Napoleão. É o mais próximo que alguém pode chegar de ser como os cavaleiros das lendas, matando dragões, ogros e mágicos perversos.

Assim que disse isso, ele se arrependeu. Parecia um menino tagarelando sobre contos de fadas. A srta. Oldridge estava olhando para ele com uma expressão impossível de ler.

Revelara demais. Ele procurou algum comentário espirituoso e irônico, mas antes que seu cérebro lento pudesse responder, ela falou:

— O senhor é muito complicado. Assim que acredito que o decifrei, o senhor faz ou diz algo para derrubar minhas teorias perfeitas.

— A senhorita tem teorias sobre mim? — ele indagou em tom leve, aproveitando a oportunidade para redirecionar a conversa. — Será que há tempo em sua vida ocupada e responsável para pensar em mim, srta. Oldridge?

— Eu arrumo tempo — afirmou ela —, assim como o duque de Wellington arrumou tempo para pensar em Napoleão.

Foi um banho de água fria, e Alistair disse a si mesmo que precisava disso e deveria lhe ser grato por ela tê-lo impedido antes que ele abrisse o coração.

Ele era seu inimigo, por causa do canal de Gordy. Ela não esquecera. Ele também não deveria esquecer.

Deveria se lembrar por que tinha vindo àquele lugar.

Nunca deveria esquecer que não apenas o futuro de seu melhor amigo — mas também o de seus irmãos — dependia disso, e era sua última chance de se redimir aos olhos de seu pai.

— Não vim para conquistar o Peak District e fazer dos seus habitantes meus súditos. Não sou seu inimigo. Além disso, devo dizer-lhe que, por vários motivos, discordarei do fato de ser comparado a Bonaparte. Tem alguma ideia do que o homem usou em sua coroação? Uma toga!

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Seria muito mais fácil se o senhor fosse mais monstruoso. Eu gostaria que conseguisse ser mais desagradável ou enfadonho, pelo menos.

Ele queria perguntar até que ponto ela o achava não monstruoso e agradável. Queria saber como poderia tornar mais difícil odiá-lo, mas já havia falado demais, sentido demais. Já tinha ido mais longe do que era sensato nas circunstâncias, nas malditas circunstâncias.

Se ao menos...

Não. Nenhum desses “se” inúteis.

— Se pudesse escolher, preferiria ser considerado repulsivo — disse ele. — Não consigo pensar em destinos piores do que ser considerado enfadonho. Uma gravata mal engomada, talvez. Botas hessianas usados com calções. Botões de colete desabotoados com uma camisa lisa. — Ele estremeceu com um ar teatral.

Ela riu baixinho e se levantou.

— Como posso odiar um homem que não se leva a sério?

Ela não o odiava.

O coração dele bateu forte de alívio, mas ele desempenhou seu papel. Com um olhar chocado, falou:

— Srta. Oldridge, garanto-lhe que não poderia estar falando mais sério, em especial sobre a questão de usar os botões superiores do colete desabotoados com uma camisa lisa... ou usá-los totalmente abotoados com uma camisa de babados.

... a menos que tivesse sido ela quem desabotoara, ele poderia ter acrescentado. Nesse caso, ele não se importaria com o tipo de camisa que vestisse.

Lembrou-se das batidas apressadas do coração dela contra seu peito e do próprio coração batendo nas costelas.

Lembrou-se da doce curva dos quadris sob suas mãos.

Lembrou-se da fragrância quente de sua pele.

Não, deveria esquecer essas coisas. Caso contrário, cometeria mais erros, ou faria algo irreparavelmente estúpido.

Em vez disso, lembre-se de Gordy, disse a si mesmo. Lembre-se do homem que se recusou a acreditar, como todos os outros, que você estava morto, o homem que, quase morto de fadiga ele mesmo, procurou você no campo de batalha imundo e fedorento.

Disse a si mesmo para se lembrar de seus irmãos mais novos, que seriam roubados para que houvesse recursos disponíveis para sustentar seu irmão irresponsável. Ele disse a si mesmo para se lembrar do pai deles, cujo terceiro filho o havia decepcionado repetidas vezes.

Saiu dessas reflexões infelizes e encontrou seu algoz examinando-lhe ansiosamente o semblante. Ele se perguntou quanto tempo havia ficado em silêncio, lutando consigo mesmo.

Ela se levantou e disse:

— Mantive-o falando por tempo demais. Se o senhor ficar doente amanhã, a culpa será minha, e Crewe nunca mais confiará em mim. Prometi solenemente não lhe fazer mal algum.

— A senhorita não me fez mal. Pelo contrário. Estou grato por ter sido resgatado desse sonho. — Ele não resistiu e acrescentou: — Obrigado por pular em cima de mim.

— Por misericórdia, não mencione isso — pediu ela, indo em direção à porta. — O prazer foi meu, sr. Carsington.



Apenas algumas pessoas de má índole acreditavam que Mirabel chegaria ao ponto de empurrar o filho de Lorde Hargate no riacho Briar. Isso não significava que os demais não estivessem trocando outras teorias, muito parecidas com o tipo de fofoca nociva que o capitão Hughes havia previsto.

A esposa do vigário, a sra. Dunnet, que gostava de Mirabel, fez uma visita na segunda-feira. Na sala de visitas, tomando chá e comendo bolos, com muito tato, ela informou à Mirabel e à sra. Entwhistle sobre o clima local, conforme havia sido verificado pelas conversas ouvidas depois da igreja no dia anterior e durante as visitas daquela manhã.

— Tenho certeza de que o sr. Dunnet pregou mais de uma vez sobre rumores inúteis e falso testemunho — disse a esposa do vigário. — O problema é que a maioria dos membros da congregação presume que as palavras se aplicam a todos, menos a eles.

— Ouso dizer que a maior parte da conversa reflete descontentamento e irritação, em vez de verdadeira má intenção, disse a sra. Entwhistle. — E não devemos esquecer os amigos de Caleb

Finch. Eles nunca perdoaram Mirabel por dispensá-lo.

À menção de seu antigo administrador, Mirabel levantou-se da cadeira e caminhou até as portas francesas. O dia estava nublado. Era como Caleb Finch, ela pensou. Não o via há anos, mas ele pairava sobre seu mundo e o obscurecia.

Só podia culpar a si mesma por isso.

Deveria ter apresentado queixa contra ele; sabia disso agora, mas na época mal tinha vinte anos de idade, insegura quanto às suas provas, insegura de si mesma e tristemente ingênua em relação aos negócios.

Além disso, William tinha chegado no meio de tudo, e ela estava tentando fazê-lo entender por que o casamento deveria ser adiado, por que ela não poderia ir embora com ele, não naquele momento, enquanto a propriedade estava desmoronando.

— Minha querida.

Mirabel se virou ao ouvir a voz da governanta e esboçou um sorriso.

— Como eu gostaria de esquecer Caleb Finch. Ele está de volta?

Como desejou ter tido a coragem, anos antes, de levá-lo perante a lei. Ele poderia ter sido transportado para as colônias penais — junto com alguns de seus amigos coniventes por tirar vantagem do pai dela.

— Ele não está em Longledge — falou a sra. Entwhistle.

— Ele jamais desejaria dar as caras por aqui — disse a sra. Dunnet.

— Não o ouvi ser mencionado ultimamente. Nem mesmo os amigos falam abertamente dele.

— Os aliados de Caleb Finch são uma irritação menor — continuou a sra. Entwhistle. — Minha grande preocupação é o povo respeitável de Longledge. Se não os acalmarmos logo, sua reputação ficará em frangalhos.

Mirabel desejou não precisar se preocupar com sua reputação e com o efeito dos rumores sobre ela, mas não podia se dar ao luxo de macular seu caráter. Perderia toda a influência que tanto trabalhara para conquistar. Ninguém prestaria atenção às suas objeções ao canal.

— Não tenho certeza de como alguém faz para interromper esse tipo de conversa — disse ela. — A negação só piora as coisas.

— É preciso entender as causas — falou a sra. Entwhistle. — Acredito que podemos culpar a inveja.

— Inveja? — Mirabel voltou para sua cadeira. A sra. Entwhistle tinha uma compreensão notável da natureza humana.

— Você tem uma pessoa célebre sob seu teto — explicou a senhora. — Mas atualmente seus vizinhos estão proibidos de visitá-lo. Todos, naturalmente, querem ser uma exceção à regra. Eles veem que o capitão Hughes é uma exceção, assim como eu, e não entendem por que não deveriam ser também.

— Não vou expulsar você, nem mandar embora o capitão Hughes, só para não ofender ninguém — respondeu Mirabel. — Eles só encontrarão outra coisa com que se irritar.

— Você não precisa expulsar ninguém — opinou a sra. Entwistle. — É bastante simples acalmar tal conversa.

A sra. Dunnet riu.

— Não pode ser tão simples assim, senão sou muito estúpida. Nada do que eu disse adiantou.

— Acontece que as pessoas anseiam por excitação — disse a sra. Entwistle. — Desejam saber se novos ferimentos misteriosos aparecem diariamente, ou se o sr. Carsington evidencia sintomas de envenenamento, ou mesmo se ele está vivo. — Os olhos escuros da viúva brilharam. — O diabo faz falar as línguas ociosas, e por que não seria assim? É fevereiro, esta é uma comunidade pequena e as pessoas não têm outro entretenimento. Se eu fosse você, eu os entreteria, Mirabel.

— Espero que não esteja propondo que eu envenene meu convidado para divertir meus vizinhos — falou Mirabel.

— Proponho que você reorganize sua agenda de hoje — opinou a ex-governanta. — Deixe os negócios de lado e passe o tempo visitando seus vizinhos. Certifique-se de fornecer todos os detalhes possíveis sobre seu elevado convidado. Além disso, e isso é o mais importante, Mirabel, você deve pedir conselhos quanto aos cuidados dele.

A esposa do vigário dirigiu um olhar de admiração para a viúva rechonchuda e desgrehada.

— Como a senhora é astuta — disse a sra. Dunnet. — Isso valerá cem sermões, embora eu peça que nunca conte ao sr. Dunnet que eu disse isso.



A tia de Mirabel, Clothilde, havia enviado a sra. Entwistle para Oldridge Hall havia quinze anos.

Ela pretendia ser mais uma companheira do que uma professora para a menina órfã de mãe, já que nessa época a educação de Mirabel estava essencialmente completa. A governanta encontrou uma família devastada e desmoralizada pela morte da sua amada senhora. Em pouco tempo, ela reconstruiu o moral e, como disse o capitão Hughes: “Coloquei todos em perfeita ordem novamente”.

Ao fazer isso, ela deu a Mirabel o tipo de educação que sua mãe poderia ter proporcionado, uma educação que se estendia muito além da sala de aula. Mirabel empregou esse conhecimento com proveito

alguns anos depois, quando teve que desistir de seus sonhos românticos e voltar de Londres para casa a fim de evitar outro naufrágio.

Era por isso que Mirabel não havia questionado o conselho da sra. Entwhistle e, em vez disso, o seguido prontamente.

Como resultado, Mirabel passara toda a segunda-feira, até tarde da noite, ouvindo as ternas expressões de pena de várias senhoras pelos sofrimentos do sr. Carsington. Ela aceitou com expressão séria e humilde gratidão os recibos médicos que garantiam a cura de tudo, desde lábios rachados até surdez.

Ouviu conselhos sobre como prevenir a febre pulmonar e guardou estoicamente as reminiscências do grande surto de gripe de 1803, que matara sua mãe. Esperou enquanto escreviam notas para o paciente e prometeu entregá-las a ele assim que o dr. Woodfrey considerasse seu cérebro forte o bastante para ler. Ela finalmente voltou para casa em uma carruagem carregada de geleias, conservas, xaropes e óleo de bálsamo de Gileade suficiente para besuntar por toda a Prússia.

Chegou pouco depois do jantar e encontrou a sra. Entwhistle na biblioteca conversando com o capitão Hughes. Seu pai, ela foi informada, subira para fazer companhia ao sr. Carsington.

— Eu estava certa de que tomaria meu chá lá em cima com o paciente — disse a sra. Entwhistle. — Mas quando o capitão Hughes nos disse durante o jantar que o sr. Carsington parecia estar desanimado naquele dia, seu pai insistiu em visitá-lo. Ele disse que sabia exatamente o que poderia aliviar o problema.

Mirabel lembrou-se da ideia confusa de seu pai de que o láudano era de alguma forma a resposta para os misteriosos problemas do sr. Carsington.

Ela não tinha certeza se o láudano lhe faria algum mal. Por outro lado, não tinha certeza de que isso lhe faria algum bem e, certamente, não tinha ideia se seu pai fazia alguma ideia da dosagem adequada.

Mirabel saiu correndo da biblioteca e subiu as escadas.



CAPÍTULO 10

Com o coração disparado, Mirabel irrompeu no quarto, correu até a cama — e parou abruptamente.

O sr. Carsington não estava na cama, inconsciente pela ação de alguma substância nem em outro estado.

Ela olhou ao redor e encontrou três pares de olhos observando-a com graus variados de perplexidade.

Crewe havia se imobilizado no ato de apagar uma vela.

Seu pai estava se levantando da cadeira.

O sr. Carsington ergueu a cabeça, que estava apoiada sobre a mão, e, após um momento, abriu um pequeno sorriso secreto.

Ela sentiu a nuca se arrepiar.

— Oh — disse ela. — Pensei que o senhor estivesse dormindo.

O sorriso dele se alargou. Mirabel subitamente se lembrou do que tinha feito nas primeiras horas da manhã — e de seu comentário sarcástico a respeito de pular sobre cavalheiros enquanto eles dormiam.

Seu rosto ficou muito vermelho.

— Não faz mal — continuou ela e começou a se virar.

— Por favor, não vá, srta. Oldridge — pediu o sr. Carsington. — Seu pai e eu estávamos falando sobre tamareiras egípcias. Eu gostaria de ouvir sua opinião sobre o assunto.

Talvez o sorriso não tenha significado o que ela pensou que tinha. Talvez fosse um sorriso de alívio por ela ter interrompido um sermão botânico mortalmente entediante.

Seu pai fez um gesto para a cadeira que ele havia deixado vaga, e Mirabel a ocupou. Ela não podia fugir, não importava o quanto estivesse envergonhada.

Conquanto a botânica fosse menos propensa a ser fatal do que uma

overdose de ópio, também não era isenta de seus perigos. A partir das tamareiras, seu pai poderia passar para as canforeiras de Sumatra, caso em que o sr. Carsington com certeza se jogaria pela janela.

— Estávamos falando de jovens espalhando a semente por aí — contou seu pai —, e eu observei que isso pode muito bem ser uma lei da natureza. No antigo Egito, como eu estava dizendo ao sr. Carsington, apenas as tamareiras fêmeas eram cultivadas. Plantas machos selvagens eram trazidas do deserto para fertilizá-las.

— Eu não conseguia entender por que os egípcios se dariam a tanto trabalho — comentou o sr. Carsington. — Por que não usar machos cultivados, assim como as fêmeas? Mas a senhorita é mais versada do que eu em agricultura. Qual é a sua opinião?

— Consigo pensar em três razões — começou ela. — Tradição, superstição ou... e isso, receio, nem sempre é a regra nas práticas agrícolas... comprovou-se que os machos selvagens geravam frutos em maior quantidade ou de qualidade superior.

— Os babilônios penduravam cachos masculinos de tâmaras selvagens sobre as fêmeas — disse o pai. — Muitas nações da Ásia e da África usavam essa combinação.

— Então parece ser uma prática difundida — concluiu Mirabel. — No entanto, não vejo o que isso tem a ver com a espécie humana espalhando semente por aí. Para o meu conhecimento, as tamareiras não possuem poderes intelectuais, muito menos princípios. Não podem decidir como agir. São totalmente governadas por leis naturais.

— Mas os jovens são mais governados pela natureza; em outras palavras, pelos sentimentos naturais, do que pelo intelecto e por princípios morais — explicou seu pai. — Por exemplo, algum de vocês afirmaria ser a mesma pessoa que era, digamos, uma década atrás? Naquele tempo, se me lembro bem, Mirabel, você estava em Londres, partindo corações para todos os lados...

— Eu estava o quê? — Mirabel encarou o pai. Ele não poderia ter dito o que ela pensava que ele tinha dito.

— É mesmo? — indagou o sr. Carsington. — Bem, isso é interessante. A senhorita fica mais complicada a cada minuto, srta. Oldridge.



Alistair desejou ter uma forma de capturar o momento, pois o olhar que a srta. Oldridge lançou ao pai foi impagável. Se o botânico tivesse de repente brotado folhas de palmeira e cachos de tâmaras, ela não poderia parecer mais perplexa.

No entanto, rapidamente se compôs e dirigiu um olhar firme a Alistair.

— Isso é absurdo — disse ela.

— A senhorita nunca me disse que esteve em Londres — contrapôs Alistair.

— Foi há muito tempo — defendeu-se ela. — O senhor nem havia nascido ainda.

Ele riu.

— Sem dúvida meu pai desejaria que eu não tivesse nascido. Cerca de dez anos atrás, incitei um tumulto perto de Kensington Gate.

— Um tumulto? — indagou ela. — O senhor começou um tumulto?

— Não leu a respeito? A história estampou todos os jornais.

— Não me lembro.

— A senhorita tinha coisas demais em mente, suponho. Todos esses corações para partir. — Alistair achou que ela estava a caminho de partir o dele.

Aquele dia tinha se arrastado lentamente, cinzento e sombrio. Ele não percebera o quanto seu ânimo havia afundado até então. Mal tinha notado seu estado de espírito, já que aquela melancolia lhe era tão familiar.

Então ela havia irrompido no quarto, e ele pensou que seu coração, em pura alegria, explodiria do peito.

Parvo coração. Ela o partiria e o esqueceria tão rápido e facilmente quanto esquecera todos os outros. Ele teria o que merecia. Deveria proteger seu coração melhor, trancá-lo e manter a mente nos negócios. Deveria, deveria, deveria. Mas não conseguia reunir a vontade de resistir a ela, de sufocar a felicidade que sentia quando ela entrava no recinto.

Ele a viu recuperar seus sentidos, viu seu olhar azul perplexo se clarear, e esperou por sua resposta.

Ela se inclinou na direção dele e sussurrou:

— Peço que não dê muito crédito ao que papai diz sobre o meu tempo em Londres. Não sei de onde ele tira a ideia de que sou uma *femme fatale*. Talvez me confunda com minha tia Clothilde. Ela era uma famosa beldade. Ainda é, na verdade. Os homens sempre se apaixonam por ela.

Alistair se inclinou na direção dela e sussurrou de volta:

— Talvez seja hereditário.

Ela lhe deu um olhar rápido, sem compreender, e depois, corando, recuou.

— Oh — disse. — O senhor está flertando comigo.

Se ao menos fosse tão simples e inocente. Mas não era. O jogo que ele estava jogando no momento era mais perigoso do que um mero flerte. Ele sabia disso, mas não podia — ou não queria — se controlar.

— Você se importa? — indagou ele.

— Não. — Ela franziu a testa. — Sem dúvida o senhor acha isso mais divertido do que tamareiras. Mas estou enferrujada, e... — Ela parou e olhou ao redor pelo quarto. — Onde está papai? Onde está Crewe?

Alistair deu uma rápida olhada no cômodo. Seus acompanhantes não estavam à vista.

— Eles parecem ter nos abandonado — ele disse, suavemente. — Eu gostaria que você aproveitasse a situação.

— De quê?

— De mim. Estou indefeso, confinado a esta cadeira. Não posso apoiar peso no meu pé esquerdo. Estou completamente à sua mercê. Parta meu coração. Por favor. Acabe com ele.

— Você está delirando — ela respondeu. — Papai estava falando sobre canforeiras, não estava? Devo dizer à sra. Entwistle para não deixar...

— Muito bem. Se me fizer levantar da cadeira... — Alistair começou a se levantar.

Ela pulou da cadeira, empurrou o peito dele e o forçou a se sentar novamente.

Ele a olhou. A mão permanecia em seu peito. Ela não se moveu, não falou, apenas o observou, o olhar percorrendo seu rosto.

Por fim, ela levantou a mão. Ele esperou pelo tapa que merecia.

Ela colocou a palma da mão contra sua bochecha. Foi apenas um toque, em verdade, o mais simples toque, mas foi tudo para ele. Poderia muito bem ter sido atingido por um raio, pois aquilo destruiu o que restava de seu julgamento e todos aqueles nobres princípios sobre as linhas que um cavalheiro podia ou não cruzar.

Ele virou a cabeça e pressionou os lábios contra a pele macia da mão dela e ouviu sua rápida inspiração.

Sua própria respiração ficou acelerada. Ele não tinha feito nada além de sentir saudades dela e se entregar a fantasias impossíveis desde que ela deixara aquele quarto nas primeiras horas da manhã.

Ele não conseguia banir a memória de seu perfume e das curvas flexíveis de seu corpo.

Agora ele aspirava aquele perfume enquanto traçava as curvas suaves de sua palma com os lábios. Mesmo com a mão trêmula, ela não a retirou, e quando ele beijou-lhe o pulso, encontrou sua pulsação batendo freneticamente, assim como o coração.

Os dedos dela se fecharam em um punho contra a bochecha dele. Ele beijou os nós de seus dedos. Ela puxou a mão para longe de seu alcance. Ele olhou para cima.

Seu semblante era livre de expressão. De trás dele veio uma pequena tosse desaprovadora. Alistair reprimiu o palavrão que estava prestes a sair de seus lábios, virou-se para seu criado e disse:

— Ah, aí está você, Crewe. Eu estava me perguntando onde você tinha ido parar.

— Peço desculpas, senhor. Achando que o sr. Oldridge havia permanecido, presumi que minha presença não era necessária e entrei no quarto ao lado para cuidar de algumas tarefas.

— Imagino que tenham sido as tamareiras — falou a srta. Oldridge com frieza. — Elas já me conduziram para partes distantes da casa com bastante frequência. Quando esse assunto surge, o curso mais sábio é fugir. Eu aplaudo seu bom senso, Crewe.

Ela voltou um olhar indecifrável para Alistair.

— Talvez eu devesse lhe avisar sobre a canforeira de Sumatra. Papai leu recentemente um artigo do Jornal Asiático dedicado ao assunto.

— Não creio saber o que é uma canforeira — disse Alistair.

— Recomendo fortemente que não peça a ele para esclarecer — alertou a srta. Oldridge.

— Decerto não pedirei ao sr. Oldridge para ler o artigo para mim — afirmou Alistair. — Seu pai tem uma voz tranquila, e a prosa botânica é terrivelmente entediante. Só vou dormir sem aprender nada. Olhe o que ele trouxe desta vez. Pode imaginar minha preferência por discutir tamareiras com ele?

A srta. Oldridge olhou para a mesa, onde se encontrava um exemplar dos *Princípios Elementares de Botânica*, de De Candolle.

— De qualquer forma, gosto de conversar com seu pai — comentou Alistair, com toda sinceridade. Apesar do que ele havia descoberto sobre Oldridge, bem como o que Alistair havia observado e presumido, ele não conseguia desgostar do cavalheiro.

— Ninguém conversa com meu pai. Pelo menos não como seres humanos normais entendem a conversa. São todos desvios, tangentes e falácias.

— A senhorita tem muitas responsabilidades sobre seus ombros. Não tem tempo para acompanhar os devaneios da mente dele, quanto mais entendê-los. Eu, no entanto, estou completamente à toa no momento. Posso ouvir e refletir sobre as conexões entre uma ideia e outra. É fascinante.

A expressão dela se intensificou, e seu olhar azul se fixou nele com uma potência que ele só desejaria que fosse amorosa.

Mas ele entendia. Tinha dito algo errado. Não sabia o que era, mas não tinha dúvidas de que estava prestes a sofrer as consequências.

— Fascinante — ela repetiu em voz baixa. — Claro que o senhor diria isso. É um ótimo ouvinte. Deixa papai divagar sobre botânica do jeito que deixa os outros cavalheiros discutirem sobre seus cães e caçadores de toupeiras.

Algo estava surgindo da srta. Oldridge, das profundezas de sua mente, mas ele ainda não conseguia entender o que era.

— Caçadores de toupeiras? — ele indagou em tom leve, enquanto se preparava para ser trucidado.

— Pelo dia todo, ouvi os remédios das senhoras para doenças que vão desde verrugas até tuberculose — explicou ela. — Foi entediante e irritante. Mas o exercício fez com que meus vizinhos tivessem uma ideia mais gentil de mim.

Alistair entendeu.

— Srta. Oldridge, não é...

— Quando chegou aqui pela primeira vez, o senhor me disse por que havia contatado primeiro meu pai — prosseguiu ela. — Como ele é o maior proprietário de terras da região, o senhor presumiu que a opinião dele sobre o canal teria grande peso com seus vizinhos. Pensei que, a essa altura, o senhor teria percebido que meu pai não se importa com questões práticas, como a perspectiva de barcas de carvão ou barcos de passageiros cheios de aristocratas bêbados navegando através de seus campos.

— Srta. Oldridge...

— Está desperdiçando seu tempo ao amaciar meu pai. Em primeiro lugar, ele já adora o senhor. Em segundo, ele não tem o menor interesse no seu canal. — Ela ergueu o queixo. — Na sua situação, eu ficaria com a tarefa de seduzir a filha dele, uma vez que ela, como qualquer um pode lhe dizer, é sua oposição mais perigosa... e determinada.

— Senhorita...

Mas ela, sabendo quando tinha feito uma boa declaração de saída, foi-se do quarto antes que ele pudesse pronunciar outra sílaba.

Ele ouviu seus passos se afastando.

De outro canto do quarto veio uma tosse piedosa.



Mais tarde no dia seguinte, Mirabel encontrava-se no escritório de seu pai, respondendo à correspondência dele.

Ela havia encontrado a maneira perfeita de manter o sr. Carsington

no fundo de sua mente, em vez de ocupar cada centímetro cúbico desse órgão: direito de propriedade. Ela estava aferrada em uma batalha desesperada com a linguagem jurídica de uma carta do procurador de seu pai quando se deu conta de uma série de batidas fracas no corredor.

Presumiu que um criado tinha deixado cair algo. Se o problema fosse sério, logo ficaria sabendo. Voltou-se para a carta do procurador.

— Preciso falar com você — uma voz profunda ecoou de perto... e quase a catapultou de sua cadeira.

No entanto, a compostura era um reflexo. Mirabel permaneceu sentada, somente largando a pena com a qual estava fazendo anotações. *Replevins, mesnes, distreins* e mandados de cessação, no entanto, todos saíram de sua cabeça.

O sr. Carsington estava parado na porta, apoiado em uma bengala. Completamente vestido. Seu linho estava impecavelmente branco e nitidamente engomado. Seu elegante casaco marrom abraçava-lhe os ombros largos como se fosse uma segunda — e cara — pele. Ela não tinha conhecimento suficiente da moda masculina para identificar suas indescritíveis peças inferiores como pantalonas, culotes ou calças. Tudo o que ela sabia era que se ajustavam bem, delineando as pernas longas e musculosas que ela havia visto em seu estado natural.

Essa lembrança trouxe uma série de outras, uma onda de anseio se apoderando dela, e, naquele momento, ela viu a verdade, tão nítida que não podia ser ignorada.

Havia cruzado uma fronteira.

Estava apaixonada.

Acontecera sem perceber, e agora que entendia, era tarde demais. Não tinha como voltar para a segurança.

Só precisava suportar e esconder, fingindo que não sentia nada, que, por exemplo, o ambiente não tinha ficado de repente pequeno e quente demais.

— Isso é de extrema imprudência — ela lhe informou. — Seu tornozelo não está forte o suficiente para andar pela casa.

— Hoje, o dr. Woodfrey me disse que eu poderia fazer um pouco de exercício leve, desde que usasse uma bengala e colocasse o mínimo de peso possível no meu pé — explicou ele, avançando para dentro do cômodo, que parecia encolher ainda mais. — Minha perna me deu muita prática com o método.

Com cautela, ela se levantou. Apoiou as mãos na mesa.

— Duvido fortemente de que a ideia do dr. Woodfrey de “exercício leve” seja uma caminhada desde o quarto de hóspedes, por uma longa escada e vários metros até a parte mais fria da casa.

— Não me importo com o que ele pensa — disse o sr. Carsington. Sua voz baixou para um murmúrio pulsante. — Preciso lhe falar. Sobre ontem. Você me acusou de seduzi-la.

— Não precisa anunciar isso para a casa toda. — Mirabel contornou rapidamente a mesa e fechou a porta. Postou-se na frente, caso precisasse sair às pressas... antes de adicionar uma indignação flagrante ao seu crescente monte de indiscrições, algo que ela não conseguisse cobrir com sarcasmo ou tomando a ofensiva, como tinha feito anteriormente.

Ele permaneceu onde estava, mas a um ou dois passos de distância.

— Você anunciou na frente do meu criado — disse ele.

— Esqueci que ele estava lá — retorquiu ela. — Crewe é discreto ao ponto da invisibilidade.

— Seu mestre não é — retrucou o sr. Carsington. — Sou indiscreto e às vezes muito estúpido, mas não sou indigno de confiança. Não saio por aí seduzindo mulheres para promover objetivos comerciais.

— Entendo. Faz apenas por diversão.

Ele a olhou com os olhos semicerrados, mas ela detectou o brilho neles.

— Não fui eu que deixei Londres repleta de corações partidos.

Ele estava zombando dela?

— Eu disse que era um absurdo — enfatizou Mirabel.

— Você começou a partir o meu... — disse ele.

— Eu o quê? — Ela não podia acreditar no que ouvia. — Está delirando?

— Você me acusou de seduzi-la. Parece ter esquecido quem deu o primeiro passo.

Tinha sido ela, e não podia fingir o contrário. O calor a envolveu, não todo por vergonha.

Ela se lembrou da sensação da boca dele contra sua mão e da maneira como o mundo havia desaparecido. Experimentou novamente a torrente de sensações para as quais não tinha nome e a sensação de perder o equilíbrio. Não sabia como resolver e não tinha certeza se queria.

Olhou para cima e viu a boca dele se curvar um pouco. Parecia uma provocação, desafiando-a a contradizê-lo. Ela não queria. Tudo o que queria era colocar os dedos sobre a boca dele e sentir aquelas sensações novamente. Não queria falar, ouvir ou pensar. Não queria ser sensata. Sempre tinha sido sensata e pensado no futuro. Tinha 31 anos. Por que não poderia ser uma tola desta vez?

— Bem, se você precisa ser tão detalhista assim — disse ela, instável.

— Eu certamente preciso. Além disso, não estou amaciando seu pai. Ele tem sido gentil e amável comigo, e é totalmente impossível não gostar, mesmo por sua causa. Se alguém está sendo conquistado, sou eu. É por isso...

Ele parou com um suspiro quando ela agarrou suas lapelas.

— Srta. Oldridge.

Ela olhou para ele.

Ele olhou para as mãos dela.

— Está amarrotando meu casaco — declarou ele em tom horrorizado.

Mirabel sorriu, embora seu coração batesse tão alto quanto uma saraivada de canhão.

O olhar dele passou das mãos dela para a boca, e a expressão horrorizada desapareceu. Seus olhos escureceram.

A respiração dela ia e vinha muito rápido e seus joelhos queriam se dobrar. Mirabel inclinou a cabeça para trás. Ele se inclinou em direção a ela e depois recuou.

— Não. Há muita coisa em jogo. Eu não posso...

Mirabel segurou as lapelas, puxando-o para ela, e deu-lhe um beijo cheio nos lábios.

Foi como beijar um bloco de madeira.

Seu ânimo, há pouco tão agitado, mergulhou em um abismo sombrio.

Ela começou a se afastar.

— Ah, não fique assim — disse ele. — Eu só estou... Não é que eu não queira... Ah, de que adianta?

Ele soltou a bengala, que caiu no chão.

Ele pegou o rosto dela entre as mãos e observou-a por um longo momento. Ela levantou as mãos para cobrir as dele. Eram quentes e o toque era gentil, como se ela fosse frágil. Ela não era e, por um momento, nada fez sentido e um frio tomou sua barriga.

Então ele baixou a boca até a dela e, com a primeira pressão suave de seus lábios, o mundo mudou.

Mirabel já havia sido beijada antes, e apaixonadamente inclusive, e ela respondeu apaixonadamente porque aquilo era amor.

Mas era diferente, tão diferente como outro universo, e ela não se importava com a paixão ou o amor, apenas com o fato de ser doce e enfraquecer seus membros.

Ele passou os braços em volta dela, puxou-a para mais perto e aprofundou o beijo. A intimidade do ato, o primeiro gosto dele, a fez estremecer. Isso também desligou sua mente e a deixou em uma névoa

de sentimentos. Estava ciente das cócegas causadas pelo lenço da gravata e das fracas fragrâncias misturadas de amido, sabão e de algo mais, algo muito mais inebriante: o cheiro de sua pele. Ela queria enterrar o rosto em seu pescoço. Queria sentir a pele dele contra a sua, em todos os lugares.

Ela se apertou mais nele, aconchegando-se no comprimento duro de seu corpo. Os braços dele se apertaram ao redor dela, tão fortes, e ela, que passara anos confiando apenas em sua própria força, sentiu a dor da doçura de tudo aquilo. Ser abraçada assim, querer e ser desejada — doía, e a dor mostrava-lhe o quanto ela havia sido cuidadosa e se mantivera seguramente entorpecida durante todos aqueles longos anos.

Agora não queria estar segura. O beijo ficou mais feroz, muito mais perverso, e o prazer nebuloso se transformou em intoxicação. Ela passou as mãos pelo cabelo dele e interrompeu o beijo para pressionar a boca no canto da boca dele, o lugar onde ele escondia seus sorrisos. Ela absorveu-lhe o cheiro, masculino e limpo, mas sombrio também, e ligeiramente perigoso, como a sugestão de perigo que havia no quarto dele, o langor que parecia pairar no ar, a atmosfera carregada, a insinuação de pecado.

Ele virou a cabeça e provocou-a, sua boca acariciando-lhe a bochecha, a mandíbula, o pescoço. Algum som lhe escapou, estranho. Um suspiro, um gemido. Ela sentiu as mãos dele deslizarem para baixo a fim de segurar seu traseiro. Ela ofegou com a intimidade, aquelas mãos longas tocando-a ali — e então ele a levantou, tão suave e facilmente como se ela fosse feita de ar. Um momento depois, ele a depositou, sem fôlego, sobre a mesa.

Ele se inclinou e a beijou, e ela esqueceu que estava chocada, esqueceu tudo, menos ele. Por instinto, abriu as pernas para que ele pudesse se aproximar e, quando ele o fez, passou os braços em volta do seu pescoço. Ele fez um som, algo entre um gemido e um rosnado, e interrompeu o beijo. Por um momento, encostou a testa na dela.

Ele respirou fundo e trêmulo, depois levantou a cabeça. Enroscou os dedos no cabelo dela, puxou-lhe a cabeça para trás e a encarou. Ele estava respirando com dificuldade, os olhos muito escuros.

— Agora seria um bom momento para me dizer para parar — ele rosnou.

— Ah — disse Mirabel. Foi difícil pronunciar uma única sílaba, e soou grossa e abafada, e nada como a voz dela. — Sim. Obrigada. Eu não sabia. Quando. — Não sabia. Não se importava.

— Pensei mesmo que não. — Ele passou os dedos pelo cabelo dela e sorriu com certa tristeza, depois a soltou e deu um passo para trás. — É uma sorte para você que eu esteja corrigindo meus hábitos. E posso

dizer que é um trabalho árduo.

Ela desejou que ele tivesse escolhido outro momento para corrigir seus hábitos.

Ele pigarreou.

— Você se arriscou muito, deixando que eu interrompesse o processo. Mais alguns minutos e eu deveria ter aberto todos os seus botões e cordões... e, nesse ponto, eu não deveria mais me importar com as consequências.

— Oh — reagiu Mirabel, e então, quando suas palavras foram absorvidas. — Oh. — Mais alguns minutos. Como teria sido?

— Gostaria de saber para que serve ter uma acompanhante quando ela nunca está por perto quando é necessária — disse ele, irritado. — Se a dama estivesse fazendo o seu trabalho, esse tipo de coisa não aconteceria...

— Não é como se eu fizesse esse tipo de coisa o tempo todo — falou Mirabel.

— Isso é óbvio — respondeu ele.

Ela desceu da mesa.

— Sinto muito se minha falta de habilidade o incomoda. Eu deveria ser muito melhor se tivesse prática, mas, como pode imaginar, as oportunidades são raras. — Ela suspirou. — Inexistentes, na verdade.

— Essa não é a questão! A questão é a sua ignorância sobre como proteger sua virtude. Alguém deveria ter lhe ensinado há muito tempo...

— Fui ensinada — revelou ela. — Mas isso foi há muito tempo e mal me lembro e, de qualquer forma, não tenho mais certeza de qual é o sentido de protegê-la.

— O sentido? — repetiu ele. — O sentido?

— Não parece muito importante — disse Mirabel. Na verdade, parecia completamente errado naquele momento. Perverso.

— Não precisa de sentido. — Ele passou os dedos pelos cabelos, aumentando a bagunça maravilhosa que ela havia causado. — É um princípio moral. Parte da ordem superior das coisas. Uma questão de honra.

— A honra é muito importante para os homens. Não poderia ter cuidado disso, se é tão importante? Deveria ter lutado comigo como lutou contra os franceses. Você não deveria deixar tudo a meu encargo. Não tenho a experiência resultante de sete ou oito casos de amor nesses assuntos. É muito injusto esperar que uma mulher com pouca experiência resista a um homem atraente e com vasta experiência.

— É injusto — disse ele entre dentes —, mas é assim que as coisas

são. Não posso acreditar que estou tentando explicar os fatos da vida a uma mulher de 31 anos. Os homens são animais, srta. Oldridge. É muito insensato deixar essas responsabilidades para nós. Esse é um exemplo perfeito. Resolvi, com muita firmeza, permanecer surdo, mudo e cego aos seus atrativos.

— Meus atrativos...

— Estou aqui para tratar de assuntos cruciais — continuou ele. — Os mais importantes da minha vida. Você nem imagina o quanto depende disso. No entanto, cada encontro com você serve apenas para afastar o dever cada vez mais da minha mente. Isso não deve continuar. Não posso me envolver com você, não importa o quanto eu queira.

— Não importa o quanto você...

— Quando você está por perto, eu esqueço por que estou aqui e o quanto depende de mim.

— Quanto mais tempo fico sob este teto, mais atrapalhado eu me torno. Não posso acreditar que fui tão longe para encontrá-la hoje. Mas sim, posso, assim como acredito no que aconteceu depois. Se eu ficar mais tempo, me tornarei um imbecil vacilante... e sua reputação estará em frangalhos.

Se ele ficasse? A mente de Mirabel, entorpecida pelo desejo, clareou abruptamente.

— Você não pode estar pensando em partir — disse ela. — Tenho certeza de que o dr. Woodfrey não deu permissão para isso.

Foi então que ela notou a bengala descartada no chão.

— Oh, eu tinha me esquecido do seu tornozelo — acrescentou. — Você não deve colocar peso nele. — Ela estava certa de que ele não deveria estar segurando uma mulher que pesava mais do que o ar. Se o tornozelo dele não cicatrizasse corretamente, seria culpa dela. — Eu deveria ter considerado...

Ele pegou a bengala.

— Por misericórdia, não me inclua em suas responsabilidades — ele disse. — Você já tem responsabilidades demais. Eu tenho muito poucas. Acho que posso enfrentar o desafio de ser responsável por mim mesmo, se nada mais. — Ele mancou até a escrivaninha e pegou um punhado de grampos de cabelo. — Aqui, deixe-me fazer algo útil. Reduzirá os rumores na sala dos criados se você não sair desta biblioteca parecendo que seu hóspede a violentou.



Ciente de que precisava sair antes que sua força de vontade limitada

cedesse, Alistair fez um trabalho rápido no cabelo da srta. Oldridge. Em seguida, ignorando os protestos, apressou-se para seu quarto e ordenou a Crewe que começasse a fazer as malas.

Crewe não discutiu. Apenas deu uma pequena tosse triste e exibiu uma expressão estoica. Era a maneira dele de dizer: “O senhor está errado, tragicamente errado”.

Alistair ignorou.

Não pôde ignorar o capitão Hughes, no entanto, que entrou pouco depois sem nem mesmo um “com sua licença” e anunciou rapidamente que o sr. Carsington ficaria em sua casa.

Alistair agradeceu e educadamente recusou.

— Devo insistir que reconsidere. Se voltar para o Wilkerson’s, a srta. Oldridge ficará doente de preocupação.

— Não há motivo para preocupação — respondeu Alistair. — Só preciso descansar, o que posso fazer tão bem no meu hotel quanto aqui. — Ele duvidava de que pudesse descansar até que estivesse longe de Mirabel Oldridge. Se não fosse pelo canal, voltaria imediatamente para Londres.

— Ela está preocupada com Crewe. Disse que ele fica acordado com o senhor a maior parte da noite e o atende durante todo o dia. No hotel, ele não terá ajuda. Não há criados suficientes, e estão sempre ocupados. Ele terá que supervisionar de perto a cozinheira do Wilkerson’s, porque não se pode confiar nela para preparar corretamente os pratos leves prescritos pelo dr. Woodfrey. Em resumo, a srta. Oldridge lhe pede que considere o seu criado, se não quiser considerar a si mesmo.

Alistair olhou para Crewe, que continuou com a arrumação, fingindo surdez.

— A srta. Oldridge se culpa por tê-lo perturbado — continuou o capitão.

— Ela não me perturbou — disse Alistair. — A culpa é toda minha. Hughes revirou os olhos.

— Não posso acreditar nesses dramas... Ainda mais sobre um canal! Eu não pude acreditar no que ouvia quando a srta. Oldridge declarou que iria para a casa da sra. Entwhistle, em Cromford, para que o senhor ficasse aqui.

— Isso é ridículo — falou Alistair. — Não tenho intenção de expulsar a dama de sua própria casa.

— Espero que não. Ela passará o tempo todo preocupada com tudo aqui, com o que está sendo feito ou não em sua ausência, com o que pode dar errado e outras centena de preocupações. Sem mencionar que a sra. Entwhistle será obrigada a fazer as malas de novo e viajar,

quando mal chegou.

— A srta. Oldridge não deveria ter tanto com que se preocupar! — Alistair exclamou. — Eu gosto do sr. Oldridge, mas é errado esperar que ela seja dona de casa e a administradora da propriedade. Ela tem muito mais o que fazer. Já viu a escrivanhinha dela? Grandes montes de cartas escritas com aquela caligrafia horrível de conteúdo legal... e a julgar pela expressão em seu rosto quando entrei, aquilo tudo era tão claro para ela quanto chinês é para mim.

Alistair desejava poder esquecer o que tinha visto durante o momento em que ficara despercebido na porta da biblioteca, observando-a. Ela estava passando a mão pelo cabelo, prendendo as correspondências de cunho legal com grampos. Na outra mão, segurava uma pena cuja tinta tinha respingado na manga de seu traje.

Mas era o rosto dela que mais o preocupava. Ela parecia por demais cansada e desanimada. Ele queria pegá-la nos braços e levá-la embora — em seu cavalo branco, sem dúvida.

— Ela é esperta e capaz — ele disse com a voz apertada —, mas é demais para uma pessoa. Até meu pai, que lê cada maldita fatura de comerciante e pode me dizer com precisão até o último centavo de quanto gastei em cada trimestre, deixa a maior parte da administração de suas propriedades para seus agentes. Ele também tem um secretário. A srta. Oldridge faz tudo sozinha e não recebe agradecimentos ou reconhecimento. É de admirar que todos os seus sentimentos femininos não tenham sido esmagados até agora. O fato de que apenas seu guarda-roupa e cabelo sofrem é um testemunho do que considero uma resiliência milagrosa.

— O senhor não faz ideia nem da metade — falou o capitão Hughes. — Talvez não haja motivo para saber. Mas posso afirmar que fugir para o Wilkerson's não melhora as coisas de nenhuma forma.



CAPÍTULO 11

Alistair poderia ter resistido aos outros argumentos, embora causassem espasmos em sua consciência.

O que destruiu sua resistência foi “O senhor não faz ideia nem da metade” e o tom do capitão, insinuando as revelações por vir.

Alistair desejava poder fingir que seu motivo era prático: quanto mais soubesse sobre a srta. Oldridge, mais bem equipado estaria para ganhar o apoio dela para o canal ou para enfraquecer sua influência sobre os outros.

Mas isso era uma mentira monstruosa. A verdade era que ele desejava saber mais sobre ela, da mesma forma que a desejava mais em todos os outros aspectos — porque ele estava completa e fatalmente apaixonado.

Seu caso sendo fatal, ele cedeu ao capitão e se mudou para a casa ao lado.

Embora não fosse construída na escala grandiosa de Oldridge Hall, Bramblehurst não era a casa de campo que se poderia imaginar como a residência de um capitão de meia pataca. Além disso, não era uma casa de solteiro bagunçada. O local era limpo e polido até o limite. O capitão Hughes obviamente acreditava que a disciplina naval se aplicava tão bem em terra quanto no mar.

Ele seguia rigorosamente as regras do dr. Woodfrey, como se viessem diretamente do Almirantado.

Fazia cumprir estritamente as regras de “nada de visitantes” e “nada de esforço mental” e garantia que Alistair fizesse a quantidade adequada de exercícios. Ele compartilhava a dieta restrita de seu hóspede, assim como compartilharia as privações de seus oficiais durante os longos períodos entre os portos. Era um anfitrião agradável e atencioso, que não invadia muito a solidão de seu hóspede, nem o deixava sozinho demais.

No entanto, os pesadelos pioraram, noite após noite, revelando mais do que anteriormente permanecera oculto em um canto escuro da mente de Alistair. Agora ele não tinha certeza do que era pior: o buraco em sua memória e a ansiedade persistente de que algo estava irremediavelmente errado ali, ou os momentos de lembranças dolorosamente vívidas que revelavam um homem que ele mal reconhecia, alguém que era a antítese de tudo o que ele supunha ser. Ele não sabia no quanto acreditar. Seriam essas lembranças verdadeiras, como pareciam? Ou seriam distorções, como tantos sonhos eram?

Guardou essas preocupações para si, da mesma forma que tinha mantido em segredo o fragmento de memória perdida — com uma exceção — junto com a incerteza que isso produzia sobre a saúde e a integridade de sua mente.

Todas as manhãs, no desjejum, quando o capitão perguntava se ele havia dormido bem, Alistair alegava que tinha dormido como uma pedra.

Mas, na sexta-feira, quando Alistair deu a resposta habitual, Hughes balançou a cabeça.

— Eu me pergunto como pode dormir tão profundamente com resultados tão sombrios — ele disse. — Seus olhos estão afundados até a metade da cabeça e parece que alguém deu um soco nos dois e os deixou roxos. O senhor não está passando noites em claro por causa do seu canal, espero.

— Decerto não — Alistair respondeu. — Isso não leva a nada.

— Também não deve cansar sua mente tentando adivinhar o que a srta. Oldridge fará. O senhor deve imaginar que ela agirá de acordo com regras racionais de combate, quando na verdade ela não fará nada disso.

— Ah, bem, a mente das mulheres e dos homens é diferente — sentenciou Alistair.

— O combate mais desesperado que já assumi no mar foi brincadeira comparado à menor disputa com uma mulher — falou o capitão. — Elas inventam suas próprias armas, suas próprias regras... e as mudam quando a vontade as leva a agir assim. Seria de pensar que um sujeito que deu a volta ao mundo uma dúzia de vezes... um sujeito a apenas alguns anos de completar meio século... — As sobrancelhas escuras se franziram e um brilho de raiva iluminou seu olhar. O capitão Hughes cravou o garfo em uma fatia de bacon. — Seria de se pensar que um velho marinheiro já teria aprendido o jeito delas, ou pelo menos teria aprendido a evitá-las.

— Mas se nos afastássemos, a vida perderia grande parte de sua doçura... e mais do que um pouco de sua emoção — declarou Alistair.

Considerando os anos desde Waterloo, os anos sem mulheres, o tempo parecia enfadonho além da descrição. Como ele os tinha atravessado? Estava surpreso que não houvesse se enforcado.

Os homens comeram em silêncio por um tempo.

Então o capitão murmurou:

— Mas ele também tem parte da culpa. Um pequeno porco presunçoso e moralista. O que a fez se casar com ele, eu nunca saberei. Ela disse que ele era estável. Estável.

A mandíbula de Alistair caiu. Rapidamente, ele recuperou a compostura.

— A srta. Oldridge já foi casada? — A união teria que ter sido anulada, é claro, senão ela não seria a “srta. Oldridge”. Poderia não ser mais virgem, afinal, o que significava que as regras tinham mudado.

Assim que ele pensou nisso, ficou furioso consigo mesmo. Não podia acreditar que estava tão desequilibrado a ponto de procurar brechas que o permitissem seduzi-la.

Ele encontrou o capitão observando-o gravemente.

— Não a srta. O... — ele disse. — Eu estava falando... resmungando... sobre a outra senhora. A sra. E. Conversando comigo mesmo. Nós, velhos solteirões, fazemos isso às vezes. — Ele continuou comendo.

— Entendi — respondeu Alistair. — A outra senhora. — Os problemas com as mulheres do capitão estavam relacionados à pessoa da sra. Entwhistle, e não à srta. Oldridge... que nunca tinha sido casada.

Claro que não tinha sido. Tinha lhe dito que era inexperiente. Ela estava intocada. E não estava se guardando para ele.

— A srta. Oldridge gosta de cavalheiros vivazes — contou o capitão Hughes depois de um momento. — Ou pelo menos ela gostava. O sujeito com quem estava prestes a se casar era um homem de espírito. Eu tinha certeza de que ele ganharia tudo o que houvesse diante dele. Não era do tipo que aceitaria um “não” como resposta. Quando ela encerrou o relacionamento, ele a seguiu até aqui e insistiu em ficar até que ela resolvesse as coisas.

Em resposta ao olhar questionador de Alistair, o capitão explicou. Após a morte da esposa, o sr. Oldridge havia negligenciado gravemente seus negócios, e a propriedade começou a declinar rapidamente. A questão alcançou uma crise pouco depois de a srta. Oldridge ter ficado noiva em Londres. Ela terminou o noivado e voltou para casa. Isso já fazia onze anos.

— Os negócios do sr. Oldridge estavam em um estado deplorável —

continuou o capitão. — Qualquer pessoa poderia ver que levaria anos para resolver tudo. Acredito que um ou dois assuntos ainda estão em disputa, nas mãos dos advogados.

Isso explicaria, Alistair pensou, por que ela supervisionava seu administrador com tanto cuidado.

— Mas como William Poynton poderia esperar anos em Derbyshire? — disse o capitão Hughes.

— Poynton? William Poynton, o artista?

O capitão assentiu.

— Ele estava apenas começando naquela época. Tinha sido contratado para pintar um mural em um *palazzo* de um nobre veneziano. Uma grande oportunidade. Não poderia dizer ao *signore* para esperar dois, três ou cinco anos. Hoje ele poderia. Mas não naquela época.

Poynton era um artista altamente conceituado que viajara muito para o exterior. Alistair lembrou-se das maravilhosas cenas egípcias penduradas na sala de estar de Oldridge Hall. O trabalho de Poynton, é claro.

— Ela teve que salvar a propriedade e ele teve que fazer seu nome — prosseguiu o capitão. — A sra. E. afirma que ele deveria ter esperado. Depois de um ou dois anos, diz ela, a menina teria menos medo de deixar o local a cargo de um novo administrador. Isso é um absurdo, e foi o que eu lhe disse. Poynton não poderia recusar a encomenda ou pedir ao seu patrono que esperasse, assim como eu não poderia recusar um navio ou dizer ao Conselho do Almirantado que não era conveniente no momento. Quando se está na base e seus superiores oferecem um degrau acima, você não impõe condições.

— Mas desistir de uma mulher em prol do avanço profissional? — indagou Alistair. — Não é possível que ele amasse de verdade.

O capitão balançou a cabeça.

— Poynton estava loucamente apaixonado por ela. Era o assunto de Londres. Ele veio para cá depois que ela terminou com ele. Todo mundo sabia disso. Mas ele não se importava com o espetáculo lamentável que devia parecer aos seus sofisticados amigos.

— Ele é um artista — disse Alistair. — Artistas dão preferência a gestos muito teatrais. São mestres em grandes paixões. Eu não chamo isso de amor. Se ele a amasse de verdade, teria encontrado uma solução.



Embora tivesse voltado a conversa do desjejum para outros assuntos

além da aparência doentia do sr. Carsington, e estivesse muito encorajado por sua reação ao caso Poynton, o capitão Hughes não estava nada otimista quanto à saúde de seu convidado. Em vez de fazer um progresso contínuo e melhorar, ele parecia ir em sentido oposto, piorando cada vez mais.

Com a confiança no dr. Woodfrey abalada, o capitão procurou a sra. Entwhistle. Embora gostasse de discutir com ela e muitas vezes contradissesse suas “visões” sobre a natureza humana, o capitão Hughes tinha uma consideração quase tão alta por sua inteligência quanto por seus atributos físicos.

Pouco depois do desjejum, ele a encontrou no parque de Oldridge Hall. Como esperava, ela estava fazendo sua habitual caminhada matinal pela mesma trilha na floresta que favorecia durante seus dias de governanta.

Antigamente ela se vestia com simplicidade em tons opacos de cinza e marrom, conforme sua posição exigia. Hoje em dia estava mais colorida. Naquela manhã, vestia uma peliça vermelha. O *bonnet* combinando era uma mistura atraente de penas e babados.

O capitão Hughes prestou-lhe elogios, que ela aceitou com indiferença, nunca diminuindo o passo. Ficou mais interessada, porém, quando ele lhe contou como seu convidado reagira à história de Poynton. Ela concordou que o afeto do sr. Carsington parecia comprometido.

O caso não poderia progredir, porém, se a saúde do homem estivesse piorando, e isso, explicou o capitão Hughes, era sua principal preocupação no momento.

— Não posso acreditar que ele pareça tão doente porque está definhando pela srta. Oldridge — disse ele. — Se me disser que é esse o caso, eu também ficarei doente.

— Ontem Mirabel recebeu uma carta de sua tia em Londres — contou a sra. Entwhistle. — Incluía um relato detalhado, que ela leu para mim, dos casos amorosos do sr. Carsington. Tendo em conta esse relatório, creio que é seguro dizer que definhar não faz parte do estilo dele. Seu estilo vai mais para cenas dramáticas, discursos apaixonados e tumultos. Essas atividades exigem um grau de esforço físico incompatível com desfalecimento ou definhamento...

— Tumulos? — indagou o capitão. — Por causa de mulheres?

O *bonnet* frívolo da sra. Entwhistle balançava para cima e para baixo.

— Bem, então é mais por esse lado — concluiu o capitão. — Um homem de ação, exatamente como eu imaginava.

— Sinto dizer, mas suas percepções não são tão aguçadas como algumas pessoas acreditam. O sr. Oldridge está convencido de que só

o senhor entende o que há de errado com o sr. Carsington.

O capitão olhou para ela, incrédulo.

— Eu?

Outro movimento do *bonnet*.

— Alguma coisa a ver com egípcios, papoulas e... — Ela pensou por um momento, mordendo o lábio de uma forma que deixou o capitão Hughes impaciente.

— Egípcios? — repetiu ele. — Papoulas? Que diab... Como é que um sujeito consegue entender isso?

— O sr. Oldridge se perguntou se o dr. Woodfrey não prescreveu láudano. Se bem entendi, o sr. Oldridge não acredita que uma concussão seja o problema. Ele parece certo de que o senhor sabe qual é a doença. Ele mencionou isso mais de uma vez.

— Só sei que Carsington não dorme, mas não admite — contou o capitão Hughes. — Eu pensei que ele estava preocupado com seu canal ou sobre a srta. Oldridge bombardear seus...

Ele parou, porque algo estava fazendo troça dele em um canto distante de sua mente. Era como um ponto de vela branca no horizonte, exatamente longe o bastante para evitar identificação. Ele esperou, mas nunca se aproximava.

— Não há ajuda para isso — ele falou por fim. — Terei que conversar com o sr. Oldridge pessoalmente. Isso vai acabar em uma dor de cabeça, mas é por uma boa causa, eu suponho.



Mirabel, nesse meio-tempo, também estava ouvindo falar do sr. Carsington. Enquanto o capitão Hughes caçava seu pai para esclarecimento, ela estava recebendo esclarecimentos de um grupo de mulheres comuns preocupadas com a subsistência delas e de seus maridos.

Sua mãe havia iniciado as reuniões informais muitos anos antes. As mulheres se reuniam uma vez por mês para discutir projetos comunitários considerados dignos e a melhor maneira de realizá-los. A reunião também proporcionava uma oportunidade de expressar queixas perante o membro local mais bem posicionado para abordá-las: a senhora de Oldridge Hall.

Em uma dessas reuniões, onze anos antes, ela havia obtido as primeiras pistas sobre Caleb Finch.

O tópico atual era o sr. Carsington.

Àquela altura, todos sabiam por que o terceiro filho de Lorde Hargate viera para aquela parte de Derbyshire. Nem todos estavam

tão entusiasmados com filhas solteiras quanto as famílias da pequena nobreza rural.

O moleiro Jacob Ridler, como todos os moleiros onde um canal já havia sido proposto, era veementemente contra, segundo sua esposa. Mas ele não era o único. Até mesmo aqueles que aparentemente se beneficiariam se opuseram: os queimadores de cal ao norte, que precisavam de carvão para seus fornos, por exemplo; fornecedores dos vários minerais, que tinham que transportar cargas pesadas; e fazendeiros que queriam vender sua produção e esterco além do mercado local.

— A água é uma grande preocupação, senhora — disse Mary Ann Ingsole, esposa de um fazendeiro, enquanto preparavam roupas para uma família necessitada. — Se o canal drenar a água de Jacob Ridler, ele não poderá operar o moinho. E onde moeremos nosso milho?

— Meu Tom diz que eles vão enviar todas as nossas ovelhas, carne de boi e milho em barcas para Londres e nos deixar viver apenas de batatas — falou outra mulher, sombriamente.

— Jacob diz que eles têm que construir um reservatório — declarou a sra. Ridler. — Mas onde, senhora? Onde há um pedaço de terra grande o suficiente que não tenha uma fazenda, pedreira ou gado?

— Eles não constroem reservatórios adequadamente — retrucou outra. — Eles se rompem, e alguém morre.

Essas eram apenas algumas das objeções. Mirabel ouviu todas elas. Quando as mulheres terminaram de desabafar, ela disse:

— Não fiz segredo de minha oposição. Mas sou apenas uma mulher, e são os homens que vão decidir.

Ela explicou que o sr. Carsington deveria realizar uma reunião pública para formar um comitê do canal e redigir uma petição ao Parlamento. Isso ofereceria a melhor oportunidade para aqueles contrários se manifestarem.

— Mas eles não farão isso — respondeu Mary Ann Ingsole. — Mesmo Hiram, que, como sabe, nunca teme expressar sua opinião, não gosta de se opor ao filho de Lorde Hargate.

— O mesmo com todos eles — opinou a mulher ao lado dela. — Eles resmungam em casa e entre eles, mas prefeririam virar chacota a dizer qualquer coisa contra ele em público.

— Jacob falou que se sentiria como um traidor. Todos sabem como o sr. Carsington se machucou. Ficou claro que ele arriscou a vida por soldados, assim como nossos próprios maridos.

— Além disso, Lorde Hargate e os filhos mais velhos fizeram muito bem por aqui.

— Se fosse qualquer outra pessoa que não ele, os homens soltariam

a língua, com certeza, senhorita.

Mirabel percebeu que a pequena nobreza de terras local preferiria evitar conflitos com um membro da família de Lorde Hargate, consolando-se com seus ganhos materiais provenientes do canal. Ela não imaginava, no entanto, que comerciantes e fazendeiros prósperos se comportariam como servos medievais.

Se ninguém se manifestasse, ela não poderia montar uma oposição bem-sucedida. Sua contrapetição ao Parlamento seria rejeitada de imediato.

Ela deixou a reunião e subiu na carruagem, com o ânimo em baixa.

Projetos de canais já haviam sido barrados antes, e ela sabia como isso era feito. Tinha dinheiro suficiente para travar uma batalha que amarraria o comitê parlamentar até o Dia do Juízo Final com advogados, testemunhas e petições.

Mas não podia fazer isso sozinha. Era uma mulher e não podia votar. O Parlamento não levaria em consideração suas objeções. Eles certamente não acreditariam que ela falava pelos outros se nenhum destes outros fizesse o menor murmúrio contra o canal.

Era culpa sua, disse a si mesma, por não ter desenvolvido um contra-ataque mais eficaz. Se tivesse dedicado menos atenção à beleza masculina do sr. Carsington e mais ao canal, se tivesse ocupado sua mente com negócios em vez de encontrar pretextos para se atirar nos braços dele, poderia ter enfraquecido sua posição àquela altura.

Em vez disso, ele estava avançando a passos largos, sem fazer absolutamente nada. Desde Sir Roger até os demais, todos simplesmente se rendiam ao famoso herói de Waterloo.

E como poderia culpá-los, quando ela também tinha se rendido — não quanto a sua oposição ao canal, mas tudo o mais: sua inteligência e moral, seu bom senso e orgulho?

Sem mencionar que ela se colocara precisamente na situação que estava tão determinada a evitar.

Mais uma vez, como havia feito onze anos antes com o sr. Poynton, estava prestes a se tornar completamente infeliz por causa de um homem. Por que ela, apenas uma vez, não conseguia se apaixonar por um homem cujos planos e ambições não estivessem em conflito irreconciliável com os seus?

Ela soltou um suspiro e tentou deixar o entorno acalmar sua mente.

Era início da tarde e estava frio, embora não um frio cortante. Massas de nuvens cinzentas se moviam inquietas no céu.

Cavalgava ao longo de uma das profundas e sinuosas estradas rurais que o sr. Carsington abominava tanto. Na primavera, a beira da estrada estaria repleta de flores silvestres, e as árvores formariam um

gracioso corredor verde sobre a estrada. Atualmente, era um estudo em verdes sem graça e marrons opacos, solitários e melancólicos aos olhos de alguns, talvez. Não era assim para ela.

Conseguia ouvir o vento fazer os pinheiros parecerem sussurrar entre si, e conseguia vê-lo pegar punhados de folhas caídas do outono anterior e espalhá-las, como os assistentes de uma rainha das fadas poderiam espalhar pétalas de flores ao longo do caminho de sua senhora.

O constante *clip-clop* das patas de seu cavalo, o suspiro do vento, o canto otimista de um pássaro próximo, o chilrear de um esquilo — todos esses simples sons e visões do campo à sua volta gradualmente acalmaram seu coração atribulado.

À medida que a escuridão não natural se dissipava, a natural vivacidade de Mirabel retornava. Poucos casos eram verdadeiramente perdidos, ela dizia a si mesma. Só pareciam assim para pessoas que careciam de coragem e imaginação. Ela não era uma dessas pessoas.

Não deveria se sentir estúpida porque ainda não havia descoberto uma maneira de derrotar o sr. Carsington. Tia Clothilde era uma das anfitriãs mais elegantes de Londres. Casada com Lorde Sheffield, um político ativo, ela lidava com políticos diariamente. No entanto, ela mesma havia admitido que o sr. Carsington era um desafio.

Para um homem, Lady Sherfield havia escrito, ele era incrivelmente inteligente. Também era cavalheiresco. Mesmo seus casos — os “sete ou oito” a que ele se referira, que tia Clothilde havia descrito em detalhes picantes — só atestavam suas qualidades nobres. Ele não usava e descartava mulheres, como faziam os libertinos. Era leal em excesso, mesmo com prostitutas e ladrões. Era galante e honrado.

Então Mirabel viu, o vislumbre de esperança.

Ele não tinha dito, uma e outra vez, que queria entender as objeções, para poder abordá-las? Ele se sentira incomodado quando ela lhe disse que as pessoas estavam tão impressionadas com a família e a fama dele que tinham medo de contradizê-lo.

O sr. Carsington havia se contido com ela, ele disse, porque queria se comportar com honra.

Como ele se sentiria, então, se ela lhe dissesse o que as mulheres tinham lhe dito naquele dia? Como ele se sentiria ao descobrir que pessoas simples e trabalhadoras tinham tanto respeito por seu heroísmo e sacrifício, bem como pela longa lista de boas ações de sua família, que não expressavam seus verdadeiros sentimentos?

Se ela conseguisse fazê-lo entender como sua vantagem era grande e injusta, talvez retornasse para Londres e deixasse outra pessoa assumir seu lugar ali. Mesmo com Lorde Gordmor, as pessoas comuns teriam uma chance melhor. O respeito por seu título não os impediria de se

manifestar em nome de suas famílias e de sua subsistência.

Certamente a honra do sr. Carsington o obrigaria a deixar o campo para alguém menos divino.

E quando ele se fosse?

Ela não deveria pensar sobre isso.

Felizmente, Mirabel tinha apenas um curto caminho a percorrer, e sua determinação não teve tempo de se dissolver sob a lembrança de sorrisos de garoto, trocadilhos patéticos e beijos febris.

Ainda tinha suas prioridades em ordem quando, pouco depois, chegou à porta do capitão Hughes.

No entanto, antes que ela pudesse descer da carruagem, o mordomo dele saiu e lhe disse, com muitas desculpas efusivas, que eles não estavam recebendo visitantes. O mestre havia saído e deixado ordens estritas: o sr. Carsington não deveria ser perturbado sob nenhuma circunstância.

— Nancarrow, isso é um absurdo — reclamou Mirabel. — Você sabe que o sr. Carsington esteve hospedado em Oldridge Hall recentemente. Tenho certeza de que o dr. Woodfrey nunca proibiu minhas visitas.

O rosto do mordomo ficou vermelho-vivo.

— Desculpe-me, senhorita. Ordens são ordens. Tenho a obrigação de não fazer exceções, pois isso cria um mau exemplo e leva a um motim.

Nancarrow era o antigo contramestre do capitão, e fanaticamente devotado.

— Está bem — disse Mirabel, embora não estivesse nada bem. — Talvez queira fazer a gentileza de me fornecer pena, tinta e papel, para que eu possa escrever um bilhete para o sr. Carsington.

— Cartas não são permitidas, senhorita. São muito cansativas para o cérebro do cavalheiro.

— Só são algumas linhas — Mirabel começou, mas pensou melhor. Ao contrário do mordomo de sua própria casa, Nancarrow não estava acostumado a pensar por si mesmo e não podia, como Benton fazia, distinguir as circunstâncias adequadas para abrir exceções às regras gerais. Se ela pressionasse a questão, só se aborreceria e o faria se sentir miserável.

Ela partiu.

Mas não, como Nancarrow havia presumido, para casa.



Alistair retornou de sua caminhada diária pelo parque

impecavelmente cuidado do capitão, mais ou menos na mesma hora em que a carruagem fez um desvio, invisível para Nancarrow, para uma trilha nos fundos da casa.

Sem saber da recente disputa na frente da casa, Alistair ficou surpreso quando uma chuva de pedrinhas atingiu a janela de seu quarto, que ficava no primeiro andar, nos fundos.

Ele se aproximou da janela.

— Senhorita...

— Shhhh! — Ela apontou para o lado. Alistair olhou. Uma escada alta e de aparência muito antiga estava apoiada no edifício. Enquanto ele assistia, incrédulo, ela moveu a escada deteriorada até que esta descansasse ao lado da janela de seu quarto.

— Srta. Oldridge — ele começou.

Ela lhe lançou um olhar de advertência e colocou o dedo nos lábios. Em seguida, começou a subir.

Alistair se perguntou se estava sonhando. Como era muito mais agradável do que seus sonhos habituais, estava disposto a aproveitá-lo pelo tempo que durasse.

Em muito pouco tempo, o topo do desajeitado *bonnet* cinza estava no mesmo nível da borda da janela. Um instante depois, ela estava olhando para cima, na direção dele, como se fosse uma coisa cotidiana para ela estar em uma escada precária a um andar acima do nível do solo.

Com vertigem, Alistair olhou para seus olhos azuis crepusculares e debateu se era seguro arrancá-la da escada e abraçá-la.

— Sr. Carsington — ela disse.

— Srta. Oldridge.

Ela sorriu para ele.

— Vim lhe pedir um favor.

O sorriso derreteu o cérebro dele.

— Qualquer coisa — respondeu ele.

— Achei que gostaria de ser informado... — Sua testa se franziu. Ela recuou, e seu sorriso desapareceu. Alistair agarrou a escada.

— Não faça isso! Está louca?

— Você está muito doente — disse ela. — Não é de se admirar que Nancarrow tenha sido tão obstinado. Eu deveria ter percebido. — Ela começou a descer.

— Não estou doente — declarou ele.

Ela parou.

— Você está com uma aparência horrível. Tenho certeza de que não deveria estar em pé diante de uma janela aberta.

— Srta. Oldridge, se não me disser do que se trata, vou descer atrás de você. Sem meu sobretudo ou meu chapéu.

Ela subiu de volta.

— Você não fará nada disso. Eu vim apenas tratar de negócios. Não tinha considerado o quanto poderia sobrecarregar sua mente.

— Que negócios? Você disse que queria um favor.

— De certa forma. — Ela olhou para o degrau que estava segurando. — Mas eu não tinha pensado nisso. Não levei em conta sua grande dívida com Lorde Gordmor. Ter que escolher entre um jogo limpo e lealdade... — Ela balançou a cabeça. — É um fardo grande demais quando você está doente.

— Eu não estou doente — ele insistiu.

Ela olhou para ele.

— Algo está errado.

— Sim, algo está errado — ele repetiu. — Algo está terrivelmente errado. Você. Eu. Isso. — Um gesto de sua mão abarcou o espaço entre eles. — O que há entre nós.

Ela olhou para baixo em direção ao chão — aos olhos de Alistair, parecia terrivelmente distante.

As mãos enluvadas dela se curvaram mais firmemente sobre o degrau que estava segurando.

— Queria que não tivesse dito isso — afirmou ela.

— Eu não pretendia. Mas você... — Ele parou, porque ela estava subindo, rapidamente, e então estava se movendo para a beirada.

— Meu Deus! — Com o coração disparado, ele a agarrou e a puxou para dentro.

Queria sacudi-la, mas ela se soltou e recuou, fora de seu alcance.

— Você poderia ter morrido — ele rosnou.

— Só se você me deixasse cair. — Sua voz estava trêmula. — Você não deveria ter me agarrado. Eu sabia o que estava fazendo.

— Sabia?

— Eu sou uma mulher do campo. — Ela ajustou o *bonnet*. — Não sou como as senhoras de Londres.

— Não, de forma alguma. Você não é como ninguém. Você é, você é...

Seu olhar azul se ergueu para o dele, e as memórias o inundaram: cada olhar, cada toque... o som sussurrante de sua voz, a infinita variedade de seus sorrisos... a doce entrega de seu corpo. Ele, com sua famosa habilidade e poder de expressão, ele, que sempre usara palavras com tanta facilidade, não conseguia juntar um pensamento, muito menos encontrar palavras para expressar o que sentia.

Fez um gesto impotente e disse estúpida e inadequadamente:

— Você está virando tudo de cabeça para baixo, com as pernas para o ar.

Ela se lançou em direção a ele, envolvendo os braços em sua cintura e esmagando o *bonnet* feio contra seu peito ao mesmo tempo.

Ele prendeu a respiração, fechou os braços firmemente ao redor dela e a esmagou contra ele.

— Você não deveria ter vindo — rosnou em cima de seu *bonnet*. — Mas estou tão feliz por você ter vindo.

— Eu deveria ter ficado longe, mas não consegui — respondeu ela, com a voz abafada contra seu casaco. — Entreguei-me à primeira desculpa.

— Senti tanto a sua falta — ele disse.

— Ótimo. Estive perfeitamente miserável por você. — Ela se afastou o suficiente para olhar para o rosto dele. — Desde que você foi embora, tenho desejado que tivéssemos terminado o que começamos. Desejei que você não tivesse parado. Desejei que tivesse aberto todos os meus botões e cordões e não se importado com as consequências.

— Você não sabe o que está dizendo — falou ele. Ele sabia, e desejava não saber. Ele não era de ferro.

— Estou dizendo a verdade — continuou ela. — Por que eu deveria fingir? Estou sempre arranjando desculpas, contando a mim mesma e a você histórias para me proteger... — Sua voz vacilou. — Não sei o que estou protegendo. Minha vaidade. Meu orgulho.

— Sua honra — ele disse.

— Devo protegê-la? Devo ir embora agora? Por que você não me afastou antes que eu falasse? — Ela recuou, o lábio inferior trêmulo. — Homem miserável.

— Minha querida... — Ah, ele estava perdido. Queria que ela simplesmente cravasse uma adaga em seu coração e acabasse logo com isso.

— Sua querida — repetiu ela. — Sua querida... — Ela deu uma pequena risada e enxugou os olhos. — Ah, não fique assim... assim... Não faça essa cara. Não vou chorar, eu desprezo as mulheres que usam lágrimas para conseguir o que querem. Eu fui apenas tomada por um momento. Com exasperação.

— Daria qualquer coisa para que fosse diferente — confessou ele.

Houve uma longa pausa tensa. Então ela disse:

— Você queria que eu não fosse uma donzela de boa família, é isso? Se eu não fosse uma dama solteira, o que aconteceria? — Ela tirou as luvas e as deixou cair no chão. Depois começou a desamarrar as fitas do *bonnet*. — E então? — ela repetiu. — E se eu não fosse exatamente

uma dama, afinal?

Alistair olhou para as luvas e para suas mãos nuas, desamarrando rapidamente as fitas.

— Você não pode ser... — ele se interrompeu enquanto a mente dela lutava com uma possibilidade incrível.

Ela tirou o *bonnet* e o atirou sobre uma cadeira.

— Não — disse ele.

Ela começou a desabotoar o casaco.

— Eu tenho 31 anos. Gostaria de colher minhas rosas antes que as pétalas murchem e caiam.



CAPÍTULO 12

A expressão no rosto magnificamente patricio do sr. Carsington era impagável. Se não estivesse tão nervosa, Mirabel teria rido. Mas ela estava tremendo de medo e, se parasse, mesmo para rir, perderia a coragem.

— Essa piada não é engraçada — disse ele.

— Eu nunca fui mais séria em minha vida.

Ele dissera que sentira sua falta. Dissera que tinha sentimentos por ela. Talvez esses sentimentos se resumissem simplesmente a luxúria, mas estava tudo bem. O que ela sentia era luxúria também.

Fazia muito tempo que sentira desejo pela última vez, tanto tempo desde que um homem retribuía seus sentimentos. Ela se contivera com William e preservara sua virtude por uma questão de honra. Havia deixado o homem que amava ir embora, por dever. Não permitiria que a honra e o dever governassem desta vez, pelo menos não por completo.

Ela e o sr. Carsington estavam sozinhos, e desta vez não estavam sob o teto de seu pai ou no hotel. Ninguém a vira entrar no quarto, e ninguém precisava vê-la sair. Uma oportunidade assim nunca surgiria novamente.

Mirabel não queria morrer como uma donzela. Tinha que saber como era experimentar e expressar paixão. Precisava experimentar, pelo menos uma vez, o que era ser amada pelo homem que desejava.

Ele começou a se aproximar dela. Ela recuou.

— Você precisa fechar esses botões — ele afirmou com muita severidade — ou eu mesmo vou abotoá-los para você. — Ele avançou.

Ela recuou.

O quarto era uma fração do tamanho do quarto de Oldridge Hall. Os móveis, combinados com os pertences dele, criavam um curso de obstáculos e o deixavam com pouco espaço para se mover ao redor

deles. Ela sabia que ele não ousaria correr o risco de derrubar uma cadeira ou uma mesa, ou qualquer coisa quebrável, itens que pareciam estar em toda parte. O barulho traria a criadagem correndo.

Ele se aproximou cautelosamente, mancando, e ela recuou, seus dedos instáveis descendo pela frente da peliça.

— Srta. Oldridge, este é um jogo muito perigoso — ele disse. — Alguém poderia nos ouvir.

— Então baixe a voz — ela respondeu.

Ela pulou na cama, e, ficando a uma distância mínima de seu alcance, rapidamente tirou a peliça. Ela o jogou nele, e ele a segurou por um momento; em seguida, a esmagou contra o peito.

— Você não deve — disse ele com voz rouca. — É perverso fazer isso comigo. A peça contém... — Ele engoliu em seco. — Ela mantém seu calor, seu perfume.

O coração dela batia freneticamente.

— Isso é muito imprudente — insistiu ele. — E injusto.

— Você não me deixa escolha — continuou ela. — Você e sua maldita honra.

— Você não deve fazer isso. Você não deve.

— Nunca teremos outra chance.



Nunca teremos outra chance.

Alistair tentou dizer a si mesmo que isso não importava. Não poderia desonrá-la ali mais do que sob o teto de seu pai.

Ela estava se debatendo com os fechos do vestido.

Ficavam nas costas. Ele poderia tê-los aberto tão facilmente.

Alistair cerrou as mãos e ficou imóvel.

Sem ajuda, ela não conseguia tirar o vestido. Ele não deveria ajudá-la.

— Passei a vida cumprindo meu dever — ela prosseguiu enquanto tentava torcer o vestido para chegar aos botões e cordões. — Não me arrependo. Não totalmente. Mas sei que vou me arrepender de você.

— Minha querida...

— Não diga isso!

— Você é querida. Se não fosse... Mas não podemos... Devemos conversar. Peça-lhe que pare de se despir. É impossível falar racionalmente enquanto você faz isso.

— Sou sempre muito racional — disse ela. — Sempre fazendo a coisa certa. Por que não posso, uma vez, fazer a coisa errada?

— Sim, você pode, em outra hora, mas não agora.

— Você disse que sentiu minha falta, você estava infeliz sem mim. Quando voltar para Londres, terá outras damas para fazê-lo me esquecer. Eu não terei ninguém como você. Não quero desejar que tivesse arriscado. Não quero me arrepender. Agora é tudo o que tenho. Não vê? O tempo está se esgotando para mim.

Ela desistiu de se atrapalhar com os fechos do vestido e agarrou-se à cabeceira da cama. Levantou o pé direito, desamarrou a bota de cano médio e, depois de um breve esforço e alguns tropeços, tirou-a.

Ele não podia deixá-la continuar. Foi em direção à cama.

— Nem pense nisso — determinou ela. — Estou muito nervosa e propensa a gritar.

Alistair deu um passo para trás. Ela já estava nervosa. Muito provavelmente sua coragem logo cederia completamente — mas, antes que sua própria determinação falhasse, ele rezou. Antes que esquecesse o que era honra. Teria que fingir. Ele era bom nisso. Deveria fingir que não sentia nada.

Ele se afastou, tirou o *bonnet* feio da cadeira, sentou-se e dobrou as pontas.

— Muito bem — iniciou ele. — Tire todas as suas roupas. Comece a se contorcer nua na cama, se quiser. Não é nada que eu não tenha visto antes e não verei de novo. Como você disse, houve e haverá outras mulheres na minha vida. Muitas outras mulheres. Se eu ficar muito entediado, talvez deva dar outra volta no jardim.

Ele observou a outra bota passar por ele. Felizmente, era macia e o carpete era grosso. Aterrissou com um leve baque. As ligas foram as próximas.

Alistair olhou para as botas.

Algo macio e escorregadio pousou em sua cabeça. Ele arrancou-o, abrindo os olhos. Era uma meia, ainda mantendo o formato da perna. Ele engoliu um gemido.

Outra meia caiu a seus pés. Ele olhou para a peça, passando os dedos pelos cabelos.

OuvIU um leve barulho e uma calçola de malha de seda girou em seu joelho e deslizou para o chão.

Ele disse a si mesmo para fingir que era outra coisa, mas não conseguiu. Em sua mente, viu claros cachos acobreados e emplumados nos lugares mais secretos e femininos. Lentamente ele olhou para a cama.

O cabelo flamejante caía sobre os ombros e seu vestido estava torcido de lado. Ela estava com as saias levantadas até as coxas enquanto trabalhava para desamarrear a anáguas. Ele já tinha lhe visto

os tornozelos e as panturrilhas da primeira vez. Sabia que eram bem torneados. Mas não tinha visto uma porção tão grande deles, e não tinha visto aqueles membros docemente torneados nus.

Ela tinha uma marca de nascença perto da dobra do joelho esquerdo.

— Srta. Oldridge — disse ele, com voz grossa. — Mirabel.

— Nunca tive que fazer isso de dentro para fora antes — confessou ela. — Não é um desafio a ser desconsiderado. — Ela puxou a anágua para baixo e saiu da peça. Então, ficou parada por um momento, com as saias amontoadas nas mãos, e olhou para ele.

— Suas pernas são muito bonitas — elogiou ele. *Por favor, cubra-as*, ele deveria ter acrescentado. Mas não o fez. Não que fizesse a menor diferença.

Ela olhou para suas pernas.

— Sim, elas são boas, eu acho. Mas ninguém nunca as vê. O resto de mim também é bom. E tudo isso vai ser desperdiçado!

Então, finalmente, ele percebeu o problema.

Ela morava naquele lugar remoto com um pai quase sempre ausente, em espírito, se não em corpo. Trabalhava dia após dia e ninguém prestava muita atenção no que fazia. Não havia ninguém para aplaudir suas realizações, muito menos para admirá-la ou flertar com ela. Não havia ninguém que lhe dissesse como ela era bela, ninguém que apreciasse sua inteligência, sua sagacidade, seu coração carinhoso e afetuoso.

Por que ela deveria se importar com a forma como se vestia, ou se seu cabelo estava arrumado ou não, quando ela era, para todos os efeitos, invisível?

— Eu enxergo você — disse. Ele se levantou e foi até a cama.

Ela recuou, saindo de alcance.

— Você é linda — continuou ele. — Eu daria qualquer coisa no mundo para ter você. Mas não posso, porque não estou em condições de me casar com você.

— É claro que não podemos nos casar. É muito provável que você construa seu canal horrível e destrua tudo que prezo, e eu irei odiá-lo por isso. Se você falhar, será culpa minha, e você me odiará por isso. Neste momento, nós estamos em caridade um com o outro, mas essa situação não pode durar. Se não fizermos amor agora, nunca o faremos. Você terá oportunidades com outras mulheres, eu sei. Mas provavelmente não encontrarei outro homem por quem tenha sentimentos tão fortes quanto os que tenho por você.

Ela falou calmamente e com serenidade, mas a cor ia e vinha em suas bochechas. Enrijeceu, as saias ainda amontoadas nas mãos

firmente cerradas.

Nenhuma lágrima brilhava em seus olhos, e seus lábios não tremiam, mas seu queixo se projetava: corajoso, desafiador ou apenas obstinado, ele não sabia dizer.

Tudo o que Alistair sabia era que queria o que ela queria, e se sentiu como um monstro, fazendo-a implorar. Também se sentiria um monstro depois, não importava o que fizesse.

Ele faria o que ela quisesse e o que ele quisesse, e resolveria as dificuldades morais mais tarde.

Final, disse a si mesmo, não era um adolescente inexperiente. Ele conhecia maneiras de fazer amor sem arruiná-la.

Ele e Judith Gilford haviam aproveitado ao máximo as raras e breves ocasiões em que estiveram a sós. Ele teve tempo suficiente para livrar sua noiva da virgindade. Ela, decerto, não tentara protegê-la.

No entanto, ele se controlara.

Ele podia ser estúpido, mas não era isento de escrúpulos.

Disse isso a si mesmo enquanto tirava o casaco.

Jogou-o de lado, desabotoou o colete, removeu-o rapidamente e o lançou por cima do casaco. Desamarrou e desenrolou o lenço do pescoço e arremessou-o de lado. Aterrissou em cima das calças.

Alistair a ouviu respirar fundo.

Sua própria respiração era superficial. Ele comandou a si mesmo para se acalmar e manter a cabeça fria. Ele tirou as botas.

Então olhou para a mulher na cama, deixando seu olhar viajar lentamente dos dedos dos pés descalços para cima, sobre a curva graciosa de seus tornozelos, a doce curva de suas panturrilhas, o ponto provocador na dobra de seu joelho... a suave curva de suas coxas.

Ele subiu na cama e, apoiado nas mãos e nos joelhos, rastejou em direção a ela, através da colcha marcada pelas botas dela.

Ela não moveu um músculo, apenas ficou segurando as saias como antes. Aproximando-se, ele viu que a pequena marca era um coração disforme, de cabeça para baixo. Ele o beijou. A perna dela tremia.

Ele passou o braço em volta dos joelhos dela e a deitou.

Ouviu o grito suave e sufocado de surpresa e o leve baque quando ela caiu entre os travesseiros. Então estava rastejando sobre ela, e ela agarrava sua camisa e o puxava para junto de si.

Ele pretendia ser gentil e cuidadoso, mas era quase impossível. Era como um homem que vagara pelo deserto durante dias, semanas, anos. Ela era o oásis, fresca, limpa e doce. Todas as outras mulheres que ele havia conhecido pareciam apenas uma miragem. Só ela era real.

O cheiro dela estava por toda parte, estonteante. Ele segurou a

peleça dela contra o rosto, inalando-a impotentemente, e o cheiro trouxe de volta tudo o que ele tentou esquecer: o primeiro gosto dela, tão fresco quanto a manhã, e o ardor ingênuo de seu beijo... o calor de seu corpo em cima do dele, o coração batendo contra o peito dele, o cabelo fazendo cócegas em seu queixo.

Agora ela estava ali, em seus braços.

Nunca teremos outra chance.

Ele aprofundou o beijo e a doçura escureceu. O crepúsculo de um amante se instalou, com a escuridão por vir. Todo o mundo se foi... só eles dois, sozinhos.

Suas mãos se moveram para as costas dela e ele soltou os fechos que jurara não tocar: primeiro os botões e as fitas do vestido, depois os cordões do espartilho. Então estava empurrando tudo — corpete, espartilho, chemise — até os quadris dela...

... e ele esqueceu como respirar.

Havia imaginado o formato dos seios dela, mas nunca poderia ter imaginado como eram perfeitos, firmes e aveludados, com delicados botões cor-de-rosa nas pontas. Não tinha imaginado a curva perfeita de sua barriga e a inclinação sedutora de seu umbigo.

Não imaginou que iria parar de repente, olhar para ela e perceber que ela era tudo que ele sempre quisera no mundo.

— Mirabel — ele falou suavemente. Maravilhosa. Milagrosa. Ele passou a mão, levemente, sobre o seio.

Ela arqueou-se ao seu toque, o botão delicado apertando e escurecendo.

— Ah — reagiu ela. Foi o mais suave dos suspiros, a exalação mais delicada, mas disse tudo o que ela precisava saber: o prazer que sentia, a confiança que ela dava, o desejo premente, indisfarçável.

Ele deslizou as mãos sobre a curva sedosa de sua barriga. Ela se moveu sob a mão dele, sua resposta desinibida o incentivando, e o toque ficou menos delicado, mais possessivo. Ele acariciou a pele aveludada, as curvas perfeitas, e ela se moveu a cada gesto, entregando-se completamente, com confiança, sem medo ou vergonha. Quanto mais ele provava e tocava, mais ela dava e mais ele queria.

A mente de Alistair era uma névoa de desejo, e ela era tudo que ele sempre quisera.

Ele a beijou profundamente, como se precisasse chegar ao coração dela, e ela prendeu os dedos em seu cabelo e respondeu com a mesma urgência. O sabor dela era tão limpo e doce, inocente, mas não tímido. Era como beber o néctar das flores silvestres que desabrochavam desafiadoramente na charneca mais ameaçadora.

— Mirabel. — Um murmúrio contra sua boca ansiosa e acolhedora.

— Sim, sim, sim — ela sussurrou.

Sim, sim, sim.

Ele empurrou o vestido, o espartilho e a chemise sobre seus quadris e para baixo, mal prestando atenção ao que fazia, apenas querendo que saíssem do caminho. Ele despiu-se das roupas que lhe restavam da mesma maneira insensata, sem se importar com nada além de provar aquela boca novamente, e sua pele, e aprender cada centímetro de seu corpo com as mãos, com os lábios.

Talvez ele tivesse consciência, em algum canto distante de sua mente, de onde estava, de quem ela era e do que ele pretendia, do que era certo e do que era errado. Mas a consciência foi se afastando cada vez mais ao mesmo tempo em que as mãos dela se moviam sobre ele também, enquanto ela aprendia com ele a ser ousada, enquanto descobria como despertar seu desejo por ela.

O certo e o errado retrocederam e desapareceram, dando lugar ao desejo, que ardia cada vez mais feroz e selvagem. A língua dela se enroscou na dele, os dedos cravaram-se nos seus ombros, e os corpos se entrelaçaram também, enquanto ele rolava com ela para os lados. Durante todo o momento, eles exigiam mais um do outro, e o beijo intenso se aprofundava, transformando-se em uma imitação acalorada do sexo.

Ele ainda estava ciente, em algum lugar distante, do que pretendia e do que a honra exigia. Mas ela se agarrou a ele, que preferia morrer a soltá-la, tão quente, sedosa e apaixonada.

Ele a arrastou com força contra ele e ouviu seu suspiro suave.

— Está tudo bem — ele sussurrou.

Não estava. Ela era inocente, caso contrário a excitação dele não a teria chocado. Pare, ele disse a si mesmo. Pare agora.

Mas ela não recuou. Não estava com medo, embora o membro viril intumescido latejasse contra sua barriga.

— Oh, meu Deus — murmurou ela, sua voz um sussurro embargado. Ela moveu os quadris contra os dele. Então: — Oh.

Alistair não tinha mais pensamentos, apenas uma névoa quente de consciência.

— Eu quero você — ele rosnou. — MUITÍSSIMO.

— Sim — disse ela. — Sim, por favor.

Sim, por favor.

Ele deslizou a mão entre as pernas dela.

Ela emitiu um som suave e assustado, depois relaxou e cedeu, confiando nele.

Alistair deslizou os dedos pelos cachos suaves e acariciou-a com delicadeza. Mais uma vez, ela enrijeceu e, mais uma vez, no momento

seguinte, rendeu-se ao toque íntimo, movendo-se contra a mão dele, buscando mais. Suas mãos suaves se moviam mais possessivamente sobre os ombros dele, seus braços, enviando rios de calor até a boca de seu ventre, transformando sua mente em uma escuridão quente.

As carícias tornaram-se menos gentis e as mãos dela apertaram seus braços.

— Oh, sim, por favor. Oh, sim. Meu Deus, eu... — E então ela estava estremeando até um clímax, depois outro, e outro.

Ele sentiu o prazer pulsante dela ricocheteando através dele, sentiu-o percorrer suas veias e reverberar em músculos e tendões. Ela estava sob sua mão, e ele estava meio louco de alegria e necessidade. Ela se contorceu contra ele.

— Oh, por favor. Por favor.

Ela prendeu os dedos em seu cabelo e arrastou a boca até a dela, e desta vez foi pecado o que ele provou, pecado carnal quente e doce. Precisava drenar cada gota, estar dentro dela, sentir aquela pulsação louca de prazer por dentro.

Ainda meio perdido no beijo tumultuado, ele puxou a perna dela sobre seu quadril. Acariciou-a mais profundamente com os dedos, preparando-a, embora ela já estivesse sedosa e úmida, e seus dedos tremeram de necessidade. Ela o queria. Ele a queria, mais do que qualquer coisa no mundo.

Ele se preparou para entrar.

Ela deslizou a mão pela barriga dele e Alistair gemeu contra sua boca. Ela estava murmurando. Ele não conseguia entender. Sua mente estava densa, escura e quente.

Então ele sentiu a mão dela fechar-se sobre seu membro. O mundo denso e preto ficou branco e ofuscante, e o toque dela foi um raio, explodindo através dele. Sacudiu-lhe os músculos e bombeou-lhe pelas veias... e ele explodiu, derramando-se sobre a barriga dela.



Tomou Mirabel com ele quando saiu de cima dela e ela, mera gelatina naquelas mãos grandes e conhecedoras, foi facilmente. Uma felicidade delirante enchia seu ser, enquanto o puro prazer físico cascateava sobre sua pele e veias e a fazia tremer.

Ele a puxou para perto e a colocou contra si, o traseiro dela pressionando sua virilha. Ela aninhou-se ali confortavelmente e pensou com vagueza que aquele era o lugar ao qual ela pertencia, sempre deveria ter pertencido. Ele era grande, quente e maravilhosamente sólido. Estendeu a mão e acariciou a coxa tensa e

musculosa pressionada contra a dela. Sentiu-o estremecer e a consciência voltou, e ela percebeu que havia passado a mão pela coxa ferida. O que ela sentiu na palma da mão foi um emaranhado de tecido cicatricial liso e saliente.

— Sinto muito — sussurrou. — Isso dói?

Ele fez um som estranho, uma risada, um gemido ou algo entre os dois.

— Não, querida, de jeito nenhum. Outro tipo de sofrimento.

Ele pressionou a boca no pescoço dela e ela estremeceu.

— Assim — disse ele.

Prazer. Ele sentia prazer ao ser tocado por ela. Ela sabia disso. Ela sentia o prazer dele, um eco do seu próprio, a cada carícia. Era como se ele fosse um eco dela e ela dele. Era como se sempre tivessem se conhecido, feito parte um do outro, mas alguma interrupção houvesse acontecido, separando-os por um tempo.

Não podia falar sobre isso ainda. O que acontecera com ela havia sido muito mágico. O que ela sentiu estava além de qualquer palavra que possuísse. Tê-lo tocando-a tão intimamente, entregando-se por inteiro, era tão maravilhoso que doía. Se ela tivesse percebido o que aconteceria quando o tocasse de forma tão desinibida, não teria feito isso. Queria-o dentro dela.

Mas não, era melhor assim, para ambos. Sem consequências.

Ela engoliu o nó que se formou em sua garganta.

— É aquela perna tirânica — disse ela. — Sempre querendo atenção. Deixe-me dar uma olhada.

— Não é bonito. Mas o que isso lhe importa? Você vê a beleza nas charnecas pretas, onde outros veem a feiura e a desolação. E de qualquer maneira, você é uma mulher do campo. Sem dúvida já viu gado, ovelhas e porcos darem à luz. Você deve ter um estômago maravilhosamente forte.

— As mulheres não são tão melindrosas quanto os homens.

— Melindrosos? — Ele riu.

Ela se virou em seus braços, fez uma pausa para beijar seu pescoço e ombro, depois olhou para a perna ferida.

A lesão era mais extensa do que imaginava. Não uma, mas um grande emaranhado de cicatrizes espalhadas do quadril até quase o joelho.

— Deve ter sido um ferimento terrível — falou ela. — Ferimentos, quero dizer. É incrível que você tenha conseguido manter a perna e, ainda assim, viver.

Ela o sentiu enrijecer.

— Devo mudar de assunto? — indagou Mirabel.

Demorou um pouco até que ele respondesse, com a voz muito baixa:

— Os cirurgiões disseram que deveriam removê-la. Eu não deixei. Eu estava... — Fez uma longa pausa. — Não tenho certeza se estava pensando racionalmente naquele momento, mas Gordy, sim, e ele me apoiou.

— Você deve ter perdido muito sangue. Tornaria difícil pensar com clareza.

Ele enterrou o rosto em seu cabelo.

— E o fato de você ter perdido tanto sangue tornaria muito arriscado amputar — ela continuou. — Eu não tinha pensado nisso. Suponho que os cirurgiões não soubessem mais o que fazer. Nem eu, para falar a verdade. Não sei como você encontrou o curandeiro turco, mas ele, ou ela, parece ter salvado seu Eu. Teve sorte de seu amigo estar lá. Lorde Gordmor.

Devia esse interlúdio mágico ao seu inimigo, então. Subira às estrelas e voltara por causa dele. O homem que pretendia destruir o mundo dela salvara a vida do homem que estava com ela naquele momento.

Não pensaria nisso.

Ela acariciou seu peito, seu pelo sedoso.

— Há mais ouro — ela murmurou.

— Há o quê?

— Mais ouro nos cabelos do seu peito do que na sua cabeça. — Ela olhou para cima e encontrou um olhar âmbar ilegível. — Prestei muita atenção a esses pequenos detalhes — acrescentou.

Vinha memorizando-o, para que então mais tarde...

Também deixou esse pensamento de lado. Queria se concentrar no momento. Tudo acabaria muito em breve. Agora ela estava quente, contente e segura, e ainda unida a ele. Logo...

Logo. Oh, Senhor, quanto tempo fazia que ela estava ali?

O prazer e o calor começaram a se dissolver quando a realidade voltou, a cobra no jardim.

Ela olhou para ele.

— Preciso ir — avisou.

Seus braços se apertaram ao redor dela.

— Devo ir embora agora — insistiu. — Não posso ficar a tarde toda... embora desejasse poder.

O olhar dele escureceu.

— Precisamos conversar primeiro — disse ele.

— Podemos conversar outra hora.

— Sobre nós.

— Não existe... não haverá... nenhum “nós”.

— Acho que devemos conversar sobre casamento — insistiu ele.

Seu coração pulou e acelerou, exultante e amedrontado. Louco e sensato ao mesmo tempo.

Ela respirou fundo, para se acalmar, e soltou o ar, descansando a cabeça no peito dele.

— Sou uma mulher do campo, como você disse. Eu sei como os animais são fecundados. Você não me engravidou.

Ele deu uma risada curta.

— Não foi por falta de tentativa. Mas você... Deus, com você eu tenho o controle de um rapazola.

Ela levantou a mão e colocou a palma contra sua bochecha.

— Não me arrependo de nada. Você também não deve se arrepender, pois não é responsável pela minha virtude. Não me enganou nem me persuadiu. Eu sabia o que estava fazendo.

— Não importa — disse ele. — Eu também sabia o que estava fazendo... ou pensei que sabia. Nunca pretendi que isso fosse tão longe.

— Eu, sim.

— Não faz diferença — retrucou ele.

— Não me diga que é uma questão de honra.

— Não simplesmente honra. Honra e carinho. Tenho afeto por você.

Veio então, sem ser convocada, a lembrança: William invadindo sua plantação devastada, puxando-a para seus braços. *Eu amo você, Mirabel*. Não estrague duas vidas. Não me faça ir embora sem você.

Ela se manteve firme, embora estivesse profundamente apaixonada, porque havia muita coisa em jogo.

Aquilo era mera paixão de momento, disse a si mesma. Ceder ao sentimento tornaria tudo o que ela fizera inútil. Ela teria sacrificado o amor de William por nada. Todos esses anos trabalhando para salvar o lugar que ela amava, o lugar que sua mãe amava — tudo em vão.

Ela tentou se libertar. Os braços poderosos não cederam nem um pouco.

— Sr. Carsington.

— Alistair — pediu ele.

— Sr. Carsington — ela repetiu com firmeza. — Por favor, use a cabeça. Casamento está fora de questão. Em muito pouco tempo estaremos em desacordo, e pode ter certeza de que lutarei contra você, impiedosamente, com todas as armas à minha disposição. Este... este interlúdio, por mais agradável que tenha sido... — Ela parou, a honestidade dominando-a naquele momento. — Não agradável. Foi...

perfeito. E eu também tenho afeto por você, mas não vejo como alguma mulher poderia evitar. Não posso permitir que esses sentimentos ou nossa... intimidade me influenciem.

Ele beijou sua testa.

Ela queria chorar.

— Recuso-me a acreditar que a situação não possa ser resolvida de forma mais feliz — ele disse. — Nem mesmo tivemos uma discussão adequada sobre isso.

— Há apenas uma rota viável para o canal do seu amigo. Acredite em mim, eu procurei alternativas. Não há nenhuma.

— A rota pode ser moldada de várias maneiras — objetou ele.

— O resultado será o mesmo. Você vai criar uma estrada pública através do meu mundo pacífico e atrasado, e ele mudará além do reconhecimento e do retorno. Não posso permitir que isso aconteça. Para um estranho, Longledge é como uma centena de outros lugares rústicos. Para mim, é único e precioso.

— Minha querida, eu entendo.

A gentileza de sua voz quase a desfez. As lágrimas ardiam nos cantos dos olhos. Sua garganta doía.

Ela cerrou o punho contra o peito dele e empurrou. Dessa vez, ele deixou.

Ela começou a se levantar. Ele suspirou e disse:

— Espere.

O sr. Carsington se levantou, atravessou o quarto até a pia e encheu a bacia.

Por um momento, ela assistiu ao corpo longo e poderoso dele se mover, tão gracioso apesar de mancar. Então ela olhou para o lado. Ele trouxe a bacia e uma toalha.

Ela se lavou rapidamente enquanto ele, ainda em sua magnífica nudez, seguia lentamente reunindo as roupas dela.

Ele se aproximou da cama e sentou, com os braços cheios de suas roupas. Não as entregou, mas ficou olhando para elas.

Mirabel pegou a chemise e as calças e as vestiu. Encontrou suas meias, sentou-se ao lado dele e, com os dedos trêmulos, as puxou pela perna. Quando se certificou de que poderia confiar em si mesma para falar novamente, ela disse:

— Eu também o entendo. Sei que você é leal e tem bom caráter...

— Não foi muito de bom caráter seduzir você — ele rosnou. Colocou as roupas ao lado dela, levantou-se, pegou os culotes e os vestiu.

— Eu pedi... não, exigi ser seduzida.

— Não diga absurdos.

Ele arrancou suas ligas da pilha de roupas, começou a entregá-las a ela e as pegou de volta. Ele se ajoelhou e as amarrou. Quando terminou, beijou a marca de nascença perto de joelho.

O beijo fez ruir a determinação de Mirabel. Foi necessário todo o seu autocontrole para manter a pretensão de objetividade.

— Não é culpa sua — ela falou. — Fiz tudo em que pude pensar para seduzir você. Foi errado da minha parte. Eu não deveria ter tirado vantagem de um homem doente, mas não sou uma mulher excessivamente escrupulosa. — Ela se levantou. — Ficaria muito agradecida se me ajudasse com o meu espartilho e vestido.

Ele a encarou por um longo tempo, seu olhar âmbar escuro tão penetrante. Então fez o que ela pediu.

Amarrou-lhe o espartilho com eficiência desconcertante.

Ela se perguntou quantas mulheres — além das sete ou oito de que ela sabia — ele havia vestido e desvestido. Sentiu uma pontada, surpreendentemente dolorosa, de algum sentimento que esperava que não fosse ciúmes.

Em mais alguns momentos, ele a ajudara com o vestido e o fechara. O cabelo levou mais tempo, porque os grampos estavam por toda parte. Ainda assim, para ela, parecia que não havia demorado nada.

Mas agora não tinha desculpas para adiar sua partida, então começou a se dirigir para a janela. Ele segurou seu braço e a puxou de volta.

— Mirabel, há outras questões a considerar além do canal. Se houver a menor mácula em sua reputação por minha causa...

— Você se preocupa demais — ela disse, embora a preocupação a atormentasse também. Sua eficácia na comunidade dependia do respeito de seus vizinhos, que desapareceria se qualquer indício da aventura daquele dia vazasse. Ainda assim, ela prosseguiu com calma: — Este não é o *beau monde* de Londres, governado por um pequeno tribunal de matronas caprichosas. Meus vizinhos não são tão exigentes. Eu teria que cometer um crime grave para que me abandonassem. Na verdade, receber as suspeitas de uma aventura com você pode aumentar meu prestígio social e me fazer parecer mais interessante e atraente.

A expressão dele endureceu. Ele não soltou o braço dela, apenas ficou encarando-a, os olhos escuros.

— Isso só acontecerá se eles suspeitarem — continuou ela. — O que é muito improvável, a menos que você me faça chegar em casa tarde demais.

— Mas se eles suspeitarem, eu vou dar ouvidos — falou ele. — E

farei o que é certo.

Ela não tinha dúvidas de que ele tentaria. Provavelmente ele nascera vestindo uma armadura brilhante. E era típico da perversidade do destino enviar Sir Galahad para a vida dela apenas para destruir, como um dragão maligno, tudo o que ela mais prezava.

Mirabel forçou um sorriso alegre.

— Se meus vizinhos suspeitarem de minha indiscrição, eles se entregarão ao entretenimento de observar para descobrir se estou grávida — disse ela. — Quando enfim ficar claro que o filho herói de guerra de Lorde Hargate não me deixou com um bastardo, eles buscarão uma nova sensação. O porco de Sorley vai comer as capuchinhas da sra. Ridler. Uma das abóboras premiadas do vigário desaparecerá misteriosamente na noite anterior à feira. A governanta da sra. Earnshaw verá um fantasma na despensa.

Ela levantou a mão livre e acariciou a mandíbula dele.

— Preciso ir agora.

Ele a soltou e se virou.

Mirabel se apressou até a janela e saiu. Não se permitiu olhar para trás.

Teria o resto de sua vida para olhar para trás.



CAPÍTULO 13

Embora fosse inútil tentar esconder segredos de seu criado, Alistair tentou. Ele se vestiu depressa, encontrou uma escova e limpou as pegadas na colcha.

Ouviu Crewe entrar, suspirou e continuou a escovar.

O valete se aproximou, com uma esponja na mão.

— Se permitir, senhor — ele disse. — Uma esponja úmida pode servir melhor para o propósito.

Alistair se afastou.

Crewe esfregou as manchas.

— O senhor colocou os botões do colete nas casas erradas — informou ao mestre —, e um grampo de cabelo está preso na manga direita do seu casaco.

— Diabos — murmurou Alistair. Ele reafivelou o colete e removeu o grampo de cabelo. Devia haver mais entre os lençóis e travesseiros, mas deveria confiar em Crewe para remover todas as evidências antes que as criadas pudessem encontrá-las.

Criadas. Será que alguém mais subira as escadas?

— Crewe, os outros criados...

— Ninguém mais chegou perto desta parte da casa nas últimas horas ou mais — assegurou o fiel valete. — Depois de saber que o senhor preferia não ser perturbado, decidi buscar conselhos domésticos com os criados do capitão Hughes. Eles tiveram a gentileza de me conceder suas receitas favoritas para preparar misturas de limpeza, e suas opiniões sobre se é preferível usar sabão ou álcool para limpar bordados e rendas com fios de ouro.

Em outras palavras, Crewe havia mantido os outros criados afastados.

Se ao menos o homem tivesse tido menos tato e houvesse entrado sem aviso no aposento para impedir que seu mestre cometesse um ato

de estupidez, que superava em muito qualquer coisa que este já tivesse feito antes...

Mas não era trabalho de Crewe pensar por Alistair. Quando o mestre se provara desprovido de moral, o criado agira para proteger a dama da descoberta e da desgraça.

— Você é um modelo de conduta, Crewe, sabia disso? — disse Alistair. — É o mais sábio e fiel dos criados.

— Não é um fardo servir um bom mestre, e estes são mais raros do que muita gente pensa — respondeu Crewe. Após remover os últimos vestígios das pegadas da srta. Oldridge, ele começou a refazer a cama. — No entanto, parecem não ser uma espécie tão rara neste canto de Derbyshire. Os criados do capitão Hughes são devotados a ele e não poupam elogios. Quanto aos habitantes de Oldridge Hall, tenho experiência pessoal de sua bondade e generosidade.

Com a cama agora livre de todos os vestígios dos eventos recentes, Crewe voltou sua atenção para o carpete. Recolheu três grampos de cabelo, um botão quebrado, um pequeno pedaço de renda e alguns fios de linha soltos.

Enquanto o criado vasculhava o quarto em busca de outras evidências comprometedoras, seu mestre tomou uma decisão.

Duas horas depois, enquanto o capitão Hughes estava na estufa, tentando chamar a atenção do sr. Oldridge para longe de algo verde de aparência desmilinguida, o sr. Carsington e seu criado cavalgavam de volta para Matlock Bath.



No momento em que chegou em casa, Mirabel começou a entender por que as donzelas eram estritamente orientadas a proteger sua virtude e preservar sua virgindade para a noite de núpcias.

Já tinha visto animais acasalando e pensou que tinha uma ideia do que acontecia entre homens e mulheres. No entanto, deixara algo de fora da equação.

Os animais não faziam amor. Era puramente físico.

De alguma forma, em sua mente confusa e ignorante, ela presumira que seria assim: físico, prazeroso e um alívio de alguma forma, uma liberação de sentimentos reprimidos.

Não imaginava como poderia ser doce, ou como a doçura, tanto quanto a paixão, intensificaria tudo o que ela sentira antes.

Não tinha ideia de como seria doloroso dizer *não* quando ele falou em casamento, e fazê-lo — e a si mesma — enfrentar a dura realidade e a grande lacuna que os separava.

Não havia percebido como seria doloroso e difícil partir. Agora percebia que cometera um terrível erro.

Mas estava feito e não podia ser desfeito.

Teria o que desejava — ou o que achava que desejava: uma experiência, uma memória.

Com o tempo, aprenderia a refletir sobre a memória com prazer, disse a si mesma. Ela se lembraria de que um homem... Sorriu ironicamente. Não, não apenas um homem. Um belo cavaleiro chegara cavalgando em sua vida e, por um tempo, a fizera se sentir como a donzela justa de um conto romântico. Por parte de uma tarde, ela tivera um final feliz.

É mais do que você tinha ontem, disse a si mesma.

E assim, determinada a ser alegre, ela foi para casa. Não se sentindo pronta para enfrentar a sra. Entwhistle, Mirabel foi para seu escritório.

Foi um erro, porque assim que se sentou à escrivaninha, ela se lembrou do primeiro abraço febril... das mãos fortes que a ergueram para a mesa.

Ela afastou a lembrança.

— Depois — murmurou. — Depois você pode se lamentar.

Forçou sua mente a se concentrar no evento que precipitara o erro fatal daquele dia: as mulheres de Longledge e seus maridos — os comerciantes e fazendeiros que não usavam sua voz.

Ela se levantou, foi até a janela e olhou para a tarde que desvanecia. Essa janela não oferecia uma vista muito ampla, mas mesmo esse pedaço — uma visão das árvores que haviam escapado por pouco dos cortes de serras de Caleb Finch — era um bálsamo para seu espírito ferido.

À medida que os arrependimentos amoleciam e se desvaneciam, pensava em seu plano original.

É verdade que não havia sido bem pensado. Embora o sr. Carsington não quisesse tirar vantagem injusta, também não poderia se esquivar de sua responsabilidade para com o homem que havia salvado a vida dele. Como poderia enfrentar Lorde Gordmor e dizer: “Desculpe, mas tive que voltar porque ninguém queria brigar comigo. Com a exceção de uma solteirona faminta por amor, todos farão o que eu disser. Será melhor se você for no meu lugar, porque eles vão lhe proporcionar uma briga de verdade”.

Agora que visualizava a cena em sua mente, percebia como soava ridícula. Lorde Gordmor não acharia que seu amigo fosse desleal; ele pensaria que o sr. Carsington estava insano.

Ele pensaria...

— Insano — ela falou suavemente. — Doente. Cada vez pior.

Insônia. Fadiga dos nervos. O médico disse.

E depressa, antes que sua consciência pudesse reunir forças suficientes para impedi-la, ela se sentou e começou a escrever as cartas.

Não demorou muito, e quando terminou, foi em busca do pai para obter sua assinatura.

Segundo Benton, o sr. Oldridge provavelmente não tinha ido muito longe naquele dia. Um novo espécime proveniente de partes estrangeiras havia sido entregue naquela manhã, e ele estava extremamente preocupado com isso.

Ela encontrou seu pai em uma estufa, franzindo o cenho diante de uma peça caída de planta não identificável. O capitão Hughes estava com ele, aparentemente tentando a coisa impossível: uma conversa inteligível.

Ela cumprimentou o capitão e, depois de se desculpar pela interrupção, disse:

— Papai, preciso que assine essas duas cartas.

— Sim, minha querida. Em um momento.

Quando se tratava de seu pai, “em um momento” poderia facilmente significar “não nesta vida” e, possivelmente “não pela eternidade”.

— Receio não poder esperar, papai. Não temos um minuto a perder. Essas mensagens precisam ser enviadas no correio expresso.

Seu pai se afastou da planta e piscou para ela.

— Meu Deus. O que aconteceu?

— Não precisa se preocupar. Tenho tudo sob controle. Apenas assine, por favor. Não é adequado que eu o faça.

Uma vez que ele estava constantemente fazendo anotações sobre sua coleção de matéria vegetal, pena e tinta estavam próximas. No entanto, ele não apenas passou os olhos desatentos sobre as cartas como de costume e rabiscou seu nome. Desta vez ele leu.

Quando terminou, não pegou a pena imediatamente. Em vez disso, olhou para ela, de maneira muito parecida a como vinha examinando sua nova planta debilitada.

Mirabel assegurou a si mesma de que ninguém, e muito menos Sylvester Oldridge, poderia deduzir olhando para o rosto dela que, algumas horas antes, ela estava nua nos braços do terceiro filho do conde de Hargate. Nem seu pai poderia deduzir por suas feições os meios vergonhosamente lascivos pelos quais ela havia conseguido a proeza.

— Eu não acho que... — ele começou.

Ele não completou o pensamento, porque, naquele instante, Dobbs,

o criado do capitão Hughes, entrou apressado na estufa, ofegante e de rosto vermelho.

— Peço desculpas, senhor... senhores... senhorita... mas o sr. Nancarrow me disse para sair às pressas atrás do capitão, pois não pode esperar e...

— Então continue — cortou o capitão. — O que há de errado?

— É o sr. Carsington, senhor. Ele fugiu.

— Ah, bem — disse papai. Ele se afastou e assinou as cartas. Mirabel só podia olhar para o criado.

— Você ficou louco? — indagou o capitão para Dobbs. — O homem está muito doente para fugir. É mais provável que tenha andado demais e se perdido, ou desmaiado de fadiga.

— Parece que não, senhor. Ele foi com o sr. Crewe e levaram seus cavalos.

— E ninguém fez nada para impedi-los? Nancarrow está incapacitado? Por que ele não me enviou uma mensagem assim que soube disso?

— Ele fez isso, senhor. Ele só descobriu agora. Recebeu a notícia dos estábulos. No começo, achamos que era uma piada dos criados. No entanto, quando fui aos aposentos do sr. Carsington, todos os pertences dele estavam embalados e a janela estava aberta.

— A janela? Não me diga que o homem desceu por lençóis amarrados.

— Não, senhor. O sr. Vince retirou a escada esta manhã para verificar as calhas, e ele deve ter esquecido, porque ela estava lá, senhor, ao lado da janela do sr. Carsington.



A segunda carta expressa de Oldridge Hall foi entregue antes do amanhecer de sábado e acordou Lorde Gordmor de um sono profundo.

Com mãos trêmulas, ele rasgou o lacre da carta. Quando terminou de ler, praguejou violentamente.

Ele se levantou. Voltar a dormir estava fora de questão. Andou de um lado para o outro no quarto por um tempo, depois chamou seu criado e mandou que começasse a fazer as malas.

Era bem antes do horário normal de o criado acordar. Este piscou várias vezes para se assegurar de que aquele era seu mestre, totalmente acordado àquela hora ingrata e propondo uma viagem.

Mas apenas disse:

— Sim, milorde. Para onde, milorde?

— Até os confins da terra, que Deus me ajude. Derbyshire.



Visto que Lorde Gordmor esperava fazer uma estadia prolongada nas selvas de West Midlands, seus criados precisariam de várias horas para fazer as malas.

Portanto, perto do meio-dia de sábado, o visconde visitou sua irmã.

Ela ainda estava na cama quando ele chegou, e sorvia seu chocolate sem entusiasmo. No entanto, ficou mais animada quando ele lhe contou sobre a carta.

A dama tinha muito a dizer, a maior parte no tom de: “Eu bem que avisei”.

— Você não me disse que Car ficaria tão doente — Gordmor retrucou, depois que o coro trágico prosseguiu, em sua opinião, mais do que o suficiente.

— Eu sabia que ele não era o homem para a tarefa. Você não admite, e ninguém fala disso abertamente, mas todo mundo sussurra que ele não está bem desde Waterloo. Ele passa mais tempo com o alfaiate do que com qualquer outra pessoa; sem mencionar que mal olhou para uma mulher desde que voltou. Eu sempre disse que era uma melancolia perniciosa, para dizer o mínimo, mas quem me escuta?

— Uma o quê? Não me lembro de você já ter...

— Agora ele está a muitos quilômetros de distância de todos os seus amigos — ela continuou —, cercado por pessoas que têm animosidades em relação a você, e, por associação, a ele. Grandes animosidades. — Ela ajustou a touca de dormir. — Muito bem, se você vai me olhar dessa maneira desagradável, não direi mais uma palavra sobre o assunto. Mas fico contente que finalmente esteja a caminho, e só espero que não seja tarde demais.



Lorde Gordmor visitou em seguida Lorde e Lady Hargate. Encontrou apenas a condessa em casa. Já tendo acordado e tomado o desjejum muito antes, ela o encontrou na sala de visitas.

— Oh, você veio por causa de Alistair — disse ela, depois de terem trocado as cortesias usuais. — Recebemos um mensageiro esta manhã. O pobre sr. Oldridge está muito preocupado, mas ele tem apenas uma filha e nenhuma experiência com filhos homens. Tenho certeza de que os medos dele estão exagerados.

Se os Hargate não estavam preocupados, a carta aos pais devia ter sido muito menos franca do que a enviada ao amigo e parceiro.

— Confio que seja o caso, senhora — respondeu Gordmor. — No entanto, não posso ficar tranquilo até ver por mim mesmo. Pretendo partir para Derbyshire hoje.

Ela ergueu as sobrancelhas elegantes.

— Tem certeza de que está bem o suficiente?

Lorde Gordmor assegurou que estava completamente recuperado da gripe.

Ela o estudou por um tempo que pareceu muito longo antes de dizer:

— Você está pálido, mas pode ser consequência de passar muitas semanas em ambientes fechados. Suponho que conhece sua própria constituição melhor do que ninguém. Está preocupado, naturalmente, com o negócio do canal.

— Eu tinha planejado lidar com o lado de Derbyshire dos negócios pessoalmente — explicou ele. — Então fiquei doente e não tive como saber por quanto tempo ficaria incapacitado.

— O tempo é essencial, eu entendo. Se o Parlamento não aprovar seu projeto de canal antes de encerrarem os trabalhos para o verão, você pode ter que esperar mais um ano para começar as obras. Não podemos ter certeza se o Parlamento se reunirá novamente no outono.

— De qualquer forma, preferiríamos começar a escavar com o tempo ainda bom — disse ele.

A verdade era que a obra precisava começar naquele verão, o quanto antes possível. Qualquer atraso tornaria o projeto mais caro. Em algum momento, se tornaria proibitivamente caro. Mais de um canal já tinha ficado paralisado, parcialmente construído, por falta de recursos.

Enquanto isso, as minas de Gordmor também ficariam paralisadas. Embora o carvão do Peak District não fosse famoso por sua qualidade ou quantidade, era adequado para abastecer as máquinas a vapor usadas nas indústrias locais, dispositivos que só aumentariam em número nos próximos anos.

Seu carvão não precisaria viajar longe, certamente não até Londres. Ele só precisava transportá-lo de maneira rápida e barata para clientes a vinte ou trinta quilômetros de distância. Uma vez que pudesse vender facilmente para mercados maiores, seu procurador lhe dissera, seria economicamente viável investir mais nas minas e obter mais delas. Além disso, uma vez que tivesse transporte barato, outros minerais justificariam os custos de extração. Sua propriedade em Derbyshire, em algum momento no futuro, traria uma renda

substancial, em vez dos recursos magros que fornecia agora.

Ele não expressou suas ansiedades ou ambições à condessa. Preferia também mantê-las longe de seus pensamentos. Naquele dia, no entanto, enquanto Lorde Gordmor preservava sua calma habitual, esses pensamentos passaram por sua mente.

— Alistair me explicou o plano em grande detalhe antes de partir — disse a condessa. — Fiquei feliz em vê-lo tão entusiasmado. Eu tinha começado a temer que ele nunca recuperasse os ânimos.

— Ele só queria um desafio — falou Gordmor. — Algo para despertar seu espírito de luta novamente.

Ela o observou, considerando.

— Mesmo assim, você não está tranquilo em deixá-lo lutar sozinho.

— Confesso que não, senhora condessa. Mas então, como sabe, há muito em jogo, para nós dois.



Mais do que apenas o espírito de luta de Alistair Carsington estava desperto no momento.

Sua consciência se tornara uma Fúria tão feroz quanto qualquer uma na mitologia grega, e isso era apenas uma fração da turbulência em seu coração.

Ele passou o resto da sexta-feira examinando todos os mapas que Wilkerson tinha, fazendo anotações.

No sábado, cavalcou até as minas de Gordy para ver a disposição da terra com seus próprios olhos.

No domingo, caminhou a curta distância de seu hotel até a vila de Matlock. Lá, assistiu aos serviços na antiga igreja e orou por orientação divina, já que seu cérebro não estava oferecendo nenhuma.

Saiu da igreja sem se sentir mais esclarecido do que depois de estudar os mapas ou as minas e seus arredores.

Ficou depois que os paroquianos regulares saíram e caminhou pelo cemitério, lendo as inscrições.

Alistair sabia que ninguém da família Oldridge seria enterrado ali. Tinham sua própria igreja antiga em Longledge. Seus parentes seriam enterrados lá ou em um mausoléu na propriedade.

No entanto, não tinha vindo procurar os ancestrais de ninguém. Simplesmente não tinha motivo para correr de volta ao hotel. Não podia realizar nenhum negócio naquele dia. Sem negócios, ele tinha pouco para distraí-lo do ninho de problemas que se desenvolveu a partir do que deveria ter sido um simples assunto de uma hidrovía.

Havia temido a chegada do domingo com sua escassez de distrações. Teria muito tempo para pensar, e como não conseguia pensar com nenhum propósito útil, preferiria ter algo para fazer.

Ainda assim, os rituais familiares na igreja desconhecida, entre estranhos, acalmaram um pouco sua agitação interna. O cemitério montanhoso, com suas pedras desgastadas e tortas, trouxe um pouco de tranquilidade também.

O dia estava fresco, mas não frio, o céu nublado, mas não muito escuro. Aqui e ali, uma árvore parecia ter se encorajado de que a primavera estava chegando e insinuava seus brotos cuidadosamente.

Ele andou devagar entre as pedras, parando de vez em quando para ler as que eram legíveis. Entre os túmulos mais recentes, encontrou o de um homem de Waterloo.

Alistair pousou a mão na lápide simples e ficou ali por um tempo.

Isso também o acalmou.

Não se perguntou por que Waterloo havia massacrado aquele homem e poupado a ele. Sabia que não havia resposta, nem razão ou sentido nesses assuntos. Ele sabia que não havia sido poupado para nenhum propósito em particular. No entanto, ao contrário daquele pobre homem, Alistair estava vivo; dependia dele dar um propósito à vida que lhe havia sido concedida. Fortalecido espiritualmente, ele retornou ao seu hotel e, desafiando o dr. Woodfrey, leu os jornais que Crewe havia obtido no dia anterior e escreveu meia dúzia de cartas.



2 de março

Na segunda-feira de manhã, pouco antes das dez horas, Mirabel guiou sua charrete para Matlock Bath. Fez uma visita à agente de correios e outra à proprietária da sala de notícias e biblioteca circulante. Uma vez que essas senhoras podiam circular notícias mais depressa do que o correio ou a imprensa, era a maneira mais rápida de deixar o mundo inteiro saber sobre sua missão e, ela esperava, manter o boato sobre seu destino ao mínimo.

Em seguida, seguiu para o Wilkerson's Hotel, onde pediu a um criado da estalagem que descarregasse sua carruagem. Quando o criado carregou o conteúdo para o prédio, ela pediu para falar com Crewe.

O valete apareceu dentro de alguns minutos, sua expressão profissionalmente livre de sinais de curiosidade ou ansiedade.

— Não preciso perguntar como seu mestre está — disse ela. — Eu sei que você cuida muito bem dele e garante que ele siga o regime do

dr. Woodfrey.

— Bem, quanto a isso, senhorita...

— Eu sei que você faz o melhor que pode, em circunstâncias difíceis. Só vim entregar a ele alguns itens que tínhamos esquecido. — Ela indicou as cestas que o criado da estalagem havia colocado nas proximidades.

Embora Crewe não tivesse dito nada, não conseguiu esconder completamente seu desconcerto quando olhou para as cestas.

Mirabel tinha plena consciência de que o capitão Hughes havia enviado os pertences do sr. Carsington para o hotel no início do sábado. Era isso que seu ex-hóspede havia pedido na nota que deixara antes de escapar... pela escada que Mirabel havia esquecido de mover de volta para sua posição original.

— Alguns dias atrás, as senhoras de Longledge Hill fizeram a generosidade de me fornecer vários remédios para o sr. Carsington — explicou ela a Crewe. Ela tirou uma lista de sua retícula. — Você encontrará diversas conservas e licores, um elixir para aliviar a dor de cabeça, um xarope vegetal para alguma coisa ou outra... mas há um bilhete anexado ao pote, e você pode descobrir por si mesmo. Deixe-me ver o que mais. Elixir de vitríolo: excelente para flatulências, dizem. Pílulas de asafétida, que servem tanto para distúrbios histéricos quanto para asma, embora em dosagens diferentes. Bálsamo amarelo de Edimburgo. Elixir de Daffy. Variadas: geleias. Receitas para bebidas refrescantes, soro de leite, mingaus e cerveja de losna.

Os olhos de Crewe se arregalaram.

— De fato, senhorita. Muita... generosidade a das senhoras.

— Quando o sr. Carsington voltar para Londres, ele poderá se estabelecer como boticário — disse ela.

— Agradeço a sugestão, srta. Oldridge — veio um grunhido de trás dela. Mirabel se virou rapidamente.

O famoso herói de Waterloo estava a poucos passos atrás dela, apoiado em uma bengala, o chapéu de castor na outra mão.

Como de costume, ele não tinha um único fio fora do lugar. As pontas do colarinho tocavam o queixo firme. O lenço no pescoço estava em sua perfeição costumeira. A casaca verde se ajustava suavemente sobre os ombros largos e o peito, e se afinava até sua cintura esbelta. As calças...

Sua mente se encheu de imagens: aquelas pernas longas e musculosas enredadas com as dela, os braços fortes a puxando para perto, as mãos tão habilidosas percorrendo sua pele, tocando-a nos lugares mais íntimos... o toque dos lábios em seu pescoço... os carinhos murmurados.

Ela dirigiu o olhar para o rosto dele e, ciente de que estava corada da cabeça aos pés, ergueu o queixo.

Ele examinou as cestas, depois olhou para ela.

— Flatulências? — ele indagou, com as sobrancelhas erguidas. — Distúrbios histéricos?

— O primeiro é às vezes uma consequência da imobilidade — disse Mirabel. — O último parece ser a maneira como algumas das senhoras interpretaram o diagnóstico do dr. Woodfrey de fadiga nervosa.

— Meus nervos não estão fatigados. Estou muito bem.

Não estava. Seus olhos dourados estavam afundados em olheiras escuras.

— Seus olhos — ela começou. Automaticamente, sua mão começou a se erguer, tocando-lhe a bochecha, mas ela a recuou e agarrou a retícula com ambas as mãos.

— Não tem nada a ver com doença — ele retrucou. — Eu gostaria que você não... — Ele parou e olhou ao redor.

Crewe estava se mantendo invisível como de costume. No entanto, o criado da estalagem que carregara as cestas para dentro permanecia no corredor. Uma criada também apareceu e estava limpando com afinco nas proximidades.

O sr. Carsington ficou formal e perguntou pelo sr. Oldridge e a sra. Entwistle.

Informado de que estavam bem, ele falou:

— Não quero retê-la, srta. Oldridge. Sei que tem muitos compromissos importantes com o seu tempo. Eu a acompanharei até lá, se puder. Estou planejando uma visita às fontes petrificantes. Todos me dizem que não devemos deixar de visitar essas maravilhas naturais.

Mirabel consentiu com igual formalidade.

Assim que estavam do lado de fora, passeando na Parade e fora do alcance dos ouvidos curiosos dos criados, ele disse em voz baixa:

— Gostaria que você se tranquilizasse. Não estou doente de forma alguma. Só estou com aparência cansada por não conseguir uma noite de sono adequado. Eu continuo lutando na maldita batalha, noite após noite. Ah, sim, e há uma mulher que me atormenta também.

Mirabel não queria ser a razão de sua privação de sono. No entanto, não pôde deixar de ficar contente por ele pensar nela. E não pôde deixar de desejar poder estar lá quando os pesadelos o atormentassem. Ela poderia abraçá-lo e... Não, ela não poderia. E, de qualquer forma, em breve ele estaria longe e fora de seu alcance. Seus pais ou o Lorde Gordmor viriam em breve e tirariam a questão de suas mãos. E das mãos dela.

Depois que ele se fosse, ela voltaria a ser ela mesma. Futuramente.

— Poderia experimentar os banhos — sugeriu ela. — Você os terá todos para você e os proprietários lhe darão toda a atenção.

Ele suspirou.

— Muito bem, vou experimentar os famosos banhos. De qualquer forma, decidi me familiarizar com todos os comerciantes, curadores de museus e guias. Junto com todas as fofocas, posso captar uma ideia ou uma visão que me ajude a resolver o problema do canal.

Mirabel já havia tentado. Tinha analisado o problema de todos os ângulos possíveis e não encontrara meios-termos aceitáveis, muito menos alternativas. O canal precisava seguir terreno relativamente plano. Entre as minas de Lorde Gordmor e o Canal Cromford, o único trecho de terreno plano estava exatamente onde Lorde Gordmor desejava construir sua via navegável.

Ela havia esperado encontrar um erro grave em seus cálculos, mas não havia.

Se houvesse alguma outra maneira...

Não havia. Tinha pesquisado e pesquisado. Sua única esperança de derrotar o plano do canal era se livrar do sr. Carsington.

Seria melhor para todos se ele fosse embora. Melhor para o seu coração, com certeza.

Ela não esperava vê-lo naquele dia. Viera cedo de propósito para evitar essa possibilidade — ou pelo menos foi disso que ela se convencera.

Mentirosa, mentirosa. Ainda estava fingindo, inventando desculpas. Não tinha vindo pessoalmente em vez de enviar criados com as caixas? Obviamente, estava esperando ouvir sua voz ou captar um último vislumbre dele.

E ela piorara tudo. Uma palavra, um vislumbre, não seriam suficientes. E o que seria? Nada dentro do reino da possibilidade, com certeza. Quanto mais tempo permanecesse perto dele, mais difícil tornava as coisas para si mesma.

Precisava se afastar, continuar com seus assuntos, seus assuntos fictícios.

Ela olhou para o rosto firmemente esculpido, para os olhos dourados que queimavam.

— Não vou às fontes petrificantes há muito tempo — ela disse. — Gostaria de saber se minha luva ainda está sendo incrustada.



CAPÍTULO 14

Muito antes de sua chegada, Alistair estava ciente dos vários fenômenos naturais do resort. As famosas águas das fontes minerais de Matlock Bath, por exemplo, ofereciam emoções para além dos banhos.

A água era conhecida por depositar uma incrustação calcária em objetos sobre os quais fluía. Nos poços petrificantes, os resultados eram exibidos para a edificação dos visitantes.

A luva da srta. Oldridge havia sido removida já fazia muito tempo, ou, ao longo do tempo, se transformado em uma massa anônima de matéria calcificada. Ainda assim, outras maravilhas permaneciam. O zelador do local ficou encantado em mostrar ao famoso filho de Lorde Hargate uma vassoura petrificada, uma peruca e um ninho de pássaros. A srta. Oldridge convenceu Alistair a sacrificar suas luvas, que, sussurrou, seriam de imenso interesse para os turistas nos meses e anos vindouros.

— O duque Nicolau da Rússia visitou Matlock Bath há dois anos, em fevereiro, inclusive, no auge do inverno — ela contou a Alistair depois de saírem do local e começarem a voltar para o Wilkerson's. — Sendo russo, ele provavelmente achou o clima ameno. No ano anterior, tivemos os arquidukes João e Luís da Áustria. No entanto, esses são meros estrangeiros. Já a sua visita, o zelador do poço vai bradar com orgulho até o último dia da vida dele, e suas luvas serão mostradas aos visitantes com reverência. Quando souberem que um poço petrificante em Matlock Bath está em posse de suas luvas, não apenas uma, mas o par todo, os turistas se apressarão para ver essas relíquias sagradas.

Alistair olhou-a. Ela estava sorrindo, e travessura brilhava em seus olhos muito azuis. Ele ansiava por abraçá-la e beijá-la até fazê-la perder as palavras.

— Essas luvas foram feitas com esmero — ele revelou, com falsa tristeza. — Nunca conseguirei substituí-las, e Crewe nunca me

perdoará. Mas se o sacrifício melhora o comércio, não devo me lamentar.

— Pode ter certeza de que qualquer negócio que você patrocine se beneficiará ao máximo — disse ela. — Nobres estrangeiros são tão comuns quanto moscas nos dias de hoje, mas um personagem heroico como o filho de Lorde Hargate...

— Eu não sou heroico — ele retrucou, cuidando para manter a voz leve. — É uma completa bobagem.

Ela parou e se virou para ele.

— Não é bobagem. Como pode pensar assim?

Estavam na South Parade, perto do Wilkerson's e completamente à vista e no raio de audição de vários transeuntes interessados. Alistair sabia que deveria voltar para o hotel e deixá-la ir embora, mas não estava pronto para se afastar. Ainda não. Ela, dentre todas as pessoas, precisava entender.

Ele se lembrou do que ela dissera sobre a sua perna ferida: que as probabilidades estavam contra ele de qualquer maneira. Ela lhe mostrou que ele tinha ótimas razões tanto para dizer *não* aos cirurgões quanto para dizer *sim*. Alistair só desejava ter dito *não* porque havia pesado as probabilidades, não porque estava aterrorizado. Nunca se perdoaria por aquele medo.

Esse, pelo menos, era seu segredo.

Sua suposta heroicidade era pública, uma dificuldade que ele encontrava quase diariamente. Era uma pedra no seu sapato, cavando cada vez mais fundo à medida que o tempo passava. Talvez, se uma pessoa no mundo — a pessoa mais importante para ele — soubesse a verdade, Alistair poderia suportar melhor. Desejava poder contar tudo a ela, mas não podia. Ainda assim, poderia contar uma parte.

Olhou ao redor, mas não havia lugar no pitoresco resort onde pudessem ficar em particular sem causar fofocas.

Ele não ficou totalmente surpreso quando ela, aparentemente adivinhando o que ele queria, veio em seu socorro.

— Já viu a vista de Matlock Bath, mais adiante na colina? — indagou ela. E então acenou com a cabeça na direção da estrada ao lado do Wilkerson's, que levava às Heights of Abraham. — Há uma vista excelente, não muito longe.

Ela começou a caminhar naquela direção, e ele a acompanhou.

Quando saíram do alcance da audição das pessoas do spa, ela disse:

— Não sei por que você precisa lutar na batalha de Waterloo noite após noite. Eu gostaria de saber de um *posset* ou xarope que o ajudasse a dormir em paz. Meu pai acredita que o remédio é o láudano. Talvez você devesse consultar um boticário sobre obter uma pequena dose.

Quem sabe se a batalha não assombrasse seus sonhos, você não ficasse tão irritadiço sobre o assunto.

A batalha não era a única coisa que o assombrava, mas ele não podia falar sobre o resto: como ansiava por ela, como sentia falta do som de sua voz, de seu cheiro, de seu toque.

— Estou irritado por ser considerado herói — explicou ele. — Tenho suportado isso por muito tempo porque não conseguia me lembrar do que aconteceu naquele dia. Tive que aceitar a palavra dos outros. Agora que eu lembro, não posso suportar a ideia errada que você tem de mim. Valorizo sua boa opinião... oh, e seu afeto, embora não devamos falar disso... valorizo essas coisas demais para tê-las sob falsos pretextos.

Ela o encarou, com olhos azuis arregalados de incredulidade.

— O que está dizendo? Falsos pretextos? Houve testemunhas oculares de seus muitos atos de bravura.

— Outros fizeram tanto e mais do que eu. Minhas ações não foram nada extraordinárias. Havia homens que acompanhavam Wellington por anos, que agiram com coragem e galanteria superiores. Se você conhecesse as histórias deles, entenderia o quanto me parece demente ser destacado como o herói.

Continuaram a andar em silêncio. Alistair ansiava por lhe contar toda a verdade. O que havia acontecido na tenda do cirurgião. Talvez, com o tempo, ele contasse. Talvez, se ela lhe desse tempo, ele encontrasse a coragem.

A descida do pedestal de herói, um degrau de cada vez.

Ele continuou a mancar em silêncio, olhando de vez em quando para o perfil feminino, imaginando se ela estava reavaliando-o e se seu afeto sobreviveria ao processo. Ela estava franzindo a testa. Oh, por que não havia ficado calado?

— Na semana passada, recebi uma carta de minha tia Clothilde — contou ela. — Descrevia em detalhes seus tumultuados romances. Titia nunca se contém por minha causa, sabe. Ela escreveu sobre o tumulto em Kensington Gate, os panfletos, a casa de penhores, os processos e o resto. Foi então que entendi por que o conde de Hargate disse que você era caro e problemático de se manter.

Alistair sentiu o antigo peso descendo sobre ele, a sensação de futilidade e cansaço que não sentia havia semanas. O passado era como um albatroz em seu pescoço. Isso lhe custaria o afeto dela, com ou sem canal.

— Suponho que este é o preço que se paga por ter um caráter forte e emocionante — ela continuou. — Você atrai a imprensa. Os jornais o tornaram famoso, não apenas por causa de seus feitos, embora você tenha todo o direito de se orgulhar deles, mas porque se tornou uma

grande história.

Ele ouviu o tom em sua voz e ousou olhar para o rosto dela. Um sorriso brincava nos cantos de seus lábios macios, e o humor dançava em seus olhos azuis.

Ele se lembrou dela irrompendo pelas portas da sala de visitas naquele primeiro dia, os olhos cintilando, o rosto iluminado... e o sorriso ensolarado que o envolvera e o aquecera... e todas as nuances e variações desse sorriso que ele tinha visto desde então.

Ele se lembrou de como a visão dela havia aliviado seu coração, assim como a menor mudança em sua expressão o fazia agora.

— Uma grande história? — ele repetiu.

— Houve o escândalo em Londres, o noivado rompido e a cortesã. Depois o pai indignado, que o enviou para o exterior. Como assistente diplomático. Lorde Hargate nunca pretendia que você fosse lutar, não é?

— Certamente não. Meu pai me considera indisciplinado, rebelde e completamente inadequado para o serviço militar.

— Mas você não era o tipo de homem que ficaria sentado tranquilamente em Bruxelas enquanto os outros iam para a guerra. Poucos sabem como você fez isso. Aqueles que sabem não dirão. A maioria de nós sabe apenas que você, de alguma forma, arranjou um lugar para si mesmo e acabou no meio da luta.

— Nesses momentos, os comandantes ficam contentes em ter todos os homens que podem conseguir — disse Alistair. — Alguns amigos de escola falaram bem de mim, e eu fui persistente, agarrei-me como um carrapato. Era mais fácil me deixar entrar do que se livrar de mim.

— De qualquer forma, você provou sua coragem na batalha. Arriscando sua própria vida, vez após vez, resgatou homens feridos de todas as patentes. Lutou com bravura. Suportou, mesmo depois de ter caído. E então houve a dramática história de Lorde Gordmor caçando você na escuridão, entre os mortos e moribundos, e o milagre de sua recuperação dos ferimentos graves. Entende? É uma grande história, sr. Carsington.

Alistair finalmente enxergou a imagem completa. Ele parou e, apoiando-se na bengala, olhou para o chão enquanto sua mente projetava as cenas em sua cabeça, como em uma peça. No final, ele viu sua família chegar em massa e levar embora o filho pródigo para a Inglaterra.

E riu — de constrangimento, alívio ou talvez apenas pelo ridículo de sua vida.

Então levantou a cabeça — um momento tarde demais para discernir o olhar preocupado que ela lançou a ele — e a fitou,

dizendo:

— É como você disse daquela vez em que veio ao Wilkerson's. Você é a única capaz de dizer tais coisas na minha frente. Até mesmo meu melhor amigo... — Ele se interrompeu, sorrindo. — Pobre Gordy. Mas por que ele me esclareceria quanto à verdadeira natureza da minha fama quando até meus irmãos, que nunca têm a menor vergonha de me criticar, ficaram em silêncio?

— Eles deveriam ter lhe dito — opinou ela. — Mas talvez não tenham percebido o quanto o assunto o perturbava.

Alistair deu de ombros.

— Minha família nunca fala sobre isso, pelo menos não na minha presença. — Depois de um momento, ele acrescentou: — E eu fiz de tudo para desencorajá-los e a todos os outros de discutir o assunto.

Endireitou a postura, e foi então, pela primeira vez desde que saíram, que ele notou o ambiente ao seu redor.

O que viu o deixou sem palavras.

Imensas formações rochosas se projetavam do lado da colina. Obeliscos maciços de pedra estavam espalhados, como pinos de boliche. Sobre eles cresciam os líquens e musgos que tanto fascinavam o sr. Oldridge. Árvores e arbustos se encaixavam nos espaços entre as rochas, e uma amostra de plantas silvestres mais corajosas e resistentes sugeriam a profusão que deveria aparecer nas estações mais quentes. Alistair ouviu a água pingando de algum lugar na montanha, a mesma água que escorria pelas fontes petrificantes.

As árvores e rochas impediam tudo o mais. Poderiam muito bem estar em alguma ilha de conto de fadas. Ele se virou lentamente fitando a paisagem, maravilhado, como uma criança.

— Este local se chama Rochas Românticas — veio a voz tranquila dela de longe. — Na alta temporada, é invadido por turistas.

Ele olhou para ela.

Ela estava sentada em uma das pedras em forma de obelisco, as mãos dobradas. Seu *bonnet* cinza e manto discreto se mesclavam ao ambiente, atraindo toda a atenção para seu rosto radiante e os cachos de fogo que o enquadravam.

— Você ama este lugar — ele disse.

— Não apenas este local. Eu sou uma parte de Peak District, e ele é uma parte de mim. Minha mãe me disse que se apaixonou por este canto de Derbyshire quando se apaixonou por meu pai. Algumas das minhas primeiras lembranças são de caminhar com ela até as Heights of Abraham. Costumávamos vir sempre a essas rochas. Visitávamos as cavernas também. Íamos às fontes e aos poços petrificantes. Pegávamos um barco para atravessar o rio até os Passeios dos

Amantes. Fizemos viagens até Chatsworth e as outras grandes mansões. Nunca nos cansávamos das vistas. — Sua voz suavizou com nostalgia. — Às vezes, em nossas expedições, fazíamos desenhos e pinturas. Às vezes meu pai vinha junto. Naquela época, ele era fascinado por botânica, mas de uma maneira mais racional. Mamãe fazia para ele pinturas maravilhosamente detalhadas de plantas e flores.

Alistair foi até ela e sentou-se ao seu lado, não pensando mais em seu paletó caro e no efeito do musgo e líquen sobre ele, assim como ela não se importava com seu manto fora de moda.

— Seu pai a amava muito — ele concluiu.

Ela assentiu. Seus olhos cintilaram.

— Se ela fosse de alguma forma como você, posso entender por que seu pai se isolou do mundo por todos esses anos — afirmou ele. — Foram apenas alguns dias desde a última vez que a vi, mas para mim pareciam uma eternidade sombria e cansativa.

Ela se levantou abruptamente.

— Você não deve fazer amor comigo — disse em um tom cortante. — Eu não deveria tê-lo trazido aqui. Deveria ter parado no primeiro ponto pitoresco, como pretendia, ou achava que pretendia. Pareço persistir em fazer exatamente o oposto do que deveria.

Alistair se levantou também, embora de maneira mais rígida, pois a pedra estava fria e sua perna não o tinha perdoado pela visita à fonte petrificante, fria e úmida.

— O amor faz as pessoas se comportarem de maneira estranha — respondeu ele.

— Eu não estou apaixonada por você. É um encantamento. Já ouvi falar de tais desequilíbrios acontecerem a solteironas idosas.

— Você não é nem idosa nem desequilibrada. Talvez esteja apenas encantada por mim, mas eu estou perdidamente apaixonado por você, Mirabel.

Ela se virou.

— Aconselho-o a superar essa paixão — ela falou em uma voz fria e quebradiça como gelo —, porque absolutamente nada resultará dela.

O que quer que Alistair pudesse esperar, não era isso.

Todo o brilho havia desaparecido dela em um instante, assim como todo o calor, a confiança e o afeto.

Ele ficou parado, frio e incompreensivo, olhando-a enquanto ela se afastava apressada.



Para garantir, caso sua despedida crua não fosse suficiente para dissuadi-lo de segui-la, Mirabel fez um rápido desvio e correu por um atalho bem escondido.

Não choraria. Não podia chorar. Em poucos minutos, estaria de volta à South Parade, e as pessoas não deveriam vê-la com olhos e nariz vermelhos. Se vissem, a notícia se espalharia por Matlock em uma hora e viajaria pelas colinas e vales circundantes em duas.

Haveria muito tempo para chorar mais tarde, disse a si mesma.

Alistair Carsington em breve iria embora.

Ainda assim, pelo menos desta forma, seria uma separação completa. Se ela tivesse terminado de uma vez por todas com William Poynton em Londres, havia onze anos, ele teria ficado longe. Não a teria seguido até ali, tentado fazê-la mudar de ideia e a deixado mais infeliz do que já estava — embora ele nunca tivesse tido a intenção de fazê-lo — e ela não teria acrescentado infortúnios à infelicidade dele.

Era isso que acontecia quando você tentava terminar as coisas com alguém de maneira gentil e amigável: você apenas prolongava o sofrimento e tornava todos os envolvidos mais infelizes.

Não, desse jeito era melhor, Mirabel disse a si mesma. Teria sido muito melhor se ela tivesse se tornado fria e cruel antes de o sr. Carsington declarar seus sentimentos. Porém, tinha sido fraca, querendo mais um minuto com ele antes que se separassem para sempre, e depois outro minuto e mais outro.

Ainda assim, ela o teria magoado, não importava quando o fizesse, e talvez fosse justo que ele a machucasse também.

Estou perdidamente apaixonado por você, Mirabel.

Quem teria pensado que essas palavras — as mais doces que qualquer mulher desejaria ouvir — pudessem doer tanto?

Ainda assim, ela sabia que ambos se curariam. Com o tempo.

Enquanto isso, algo muito mais importante do que seu coração estava em jogo. Não tinha escolha. Precisava se livrar dele.



Levou apenas um minuto para que Alistair absorvesse o golpe e sáísse atrás dela, mas foi um minuto longo demais. Embora tivesse ido tão rápido quanto sua perna permitia, não conseguiu avistar o *bonnet* cinza.

Não foi até sair da passagem e entrar na estrada principal, na altura do Wilkerson's, que ele a viu. No entanto, eram apenas as costas dela, na charrete, com um jovem criado atrás.

O veículo estava rapidamente desaparecendo de vista.

Ele correu para dentro do hotel a fim de pedir um cavalo e quase colidiu com um criado saindo no mesmo momento.

— Aí está o senhor — disse o criado. — Há um...

— Quero um cavalo — cortou Alistair. — Por favor, depressa.

— Sim, senhor, mas...

— Um cavalo, selado, depressa — Alistair retrucou. — Se não for inconveniente demais.

O criado saiu apressado.

— E para onde você estava pensando em ir com tanta pressa, Car, se um sujeito pode ser tão insolente a ponto de perguntar?

Alistair se virou para a voz familiar.

Lorde Gordmor estava na porta que levava às salas particulares. Ele usava um sobretudo enlameado, e suas botas pareciam ter sido arrastadas por um pântano e mordidas por crocodilos.

Alistair se recompôs rapidamente. Estava se acostumando com os sustos.

— Parece que o diabo o devorou e cuspiu — falou ao amigo. — Eu deveria perguntar o que o traz aqui, mas estou com bastante pressa. Por que não toma um banho ou algo assim? Vamos conversar quando eu voltar.

— Ah, não, pelos céus. Acho que precisamos conversar agora.

— Depois — insistiu Alistair. — Há algo de que preciso cuidar primeiro.

— Car, viajei quase 250 quilômetros na diligência dos correios. Um idiota bêbado conduzindo um *fáeton* com quatro cavalos nos atirou em uma vala, tarde da noite, no sábado, num raio de quinze quilômetros de qualquer lugar. Passamos a maior parte do dia seguinte tentando encontrar alguém disposto a interromper o dia de guarda do Senhor e consertar nosso veículo. Não consegui dormir desde que chegou a mensagem de Oldridge, que, a propósito, parece que foi escrita pela filha. Ela interrompeu o meu repouso horas antes de qualquer galo pensar em cantar no sábado.

Alistair começou a se afastar, planejando correr até os estábulos e selar um cavalo sozinho, se necessário fosse. A última frase de Gordy o trouxe de volta rapidamente.

As únicas mensagens expressas mencionadas pela srta. Oldridge haviam sido enviadas mais de uma semana antes.

— Uma mensagem expressa? De Oldridge Hall? No último sábado? Apenas três dias atrás?

— Você calculou o número de dias corretamente — disse Gordy. — Regozijo-me que o dano cerebral não tenha afetado as funções matemáticas simples.

— Dano cerebral. — Não demorou muito para que Alistair juntasse as peças. — Entendi — ele respondeu calmamente, embora sua voz tivesse baixado uma oitava completa. — Que outras notícias interessantes a srta. Oldridge teve a gentileza de comunicar?



Os dois homens se dirigiram à sala particular de Alistair. Lá, Gordy lhe entregou a última mensagem urgente de Oldridge Hall.

Alistair a leu enquanto o visconde tomava um desjejum muito atrasado.

Embora o sr. Oldridge tivesse assinado a carta, os traços decorativos que cobriam ambos os lados do papel não eram dele, nem o estilo de escrita. Alistair tinha certeza de que tanto a escrita quanto o conteúdo eram exclusivamente da srta. Oldridge.

A julgar apenas pela caligrafia, alguém suporia que sua natureza era dada aos ornamentos e que seu cérebro fosse tão leve e indisciplinado quanto o cabelo.

No entanto, a caligrafia era lamentavelmente enganosa. A natureza da srta. Oldridge era surpreendentemente franca, prática... e ferozmente apaixonada. O cérebro sob aquela nuvem flamejante de cabelos sedosos e selvagens era tão suave e elusivo quanto o de um florete comum.

Ela traduzira a “fadiga dos nervos” do dr. Woodfrey como “colapso nervoso”. O galo na cabeça se tornou uma lesão cerebral. Citando os olhos fundos e cansados de Alistair, ela insinuou que ele estava definhando. Ela comparou sua insônia à insônia de Lady Macbeth e à agitação de Hamlet — ou seja, insinuando que Alistair estava caminhando para a insanidade. Como se fosse pouco, ela fez bom uso da sugestão de Alistair de que o dr. Woodfrey era um charlatão de interior. Recomendou que o sr. Carsington fosse examinado em Londres por “médicos mais versados em doenças mentais”.

Ela declarou com modéstia que não era especialista nesses casos. Talvez estivesse enganada. De fato, esperava que estivesse, pelo bem de Lorde Gordmor. Naturalmente, ele sabia o que era melhor, mas ela hesitaria em deixar seus assuntos comerciais nas mãos de um homem que não estava com a cabeça no lugar.

Muito depois que Alistair leu, duas vezes, primeiro com indignação e depois com uma admiração relutante, ele continuou olhando para as espirais com as quais ela cobrira as páginas. Se estivesse sozinho, teria traçado aqueles anéis e redemoinhos com o dedo.

Teve autodomínio suficiente para não o fazer, mas não o suficiente

para se lembrar de devolver a carta a Gordy. Em vez disso, Alistair a dobrou e a guardou dentro de seu colete, próximo ao coração.

Quando percebeu o que tinha feito, já era tarde demais. Encontrou Gordy observando-o com curiosidade por cima da borda de seu caneco de cerveja.

— Sem dúvida, Oldridge... ou a filha... exagera o caso — disse o visconde. — Ainda assim, você deve procurar um médico competente em Londres. A queda no riacho da montanha não pode ter feito bem, e, para ser muito sincero, ambos sabemos que sua cabeça não ficou em perfeito estado após Waterloo.

— Eu tive febre na época — Alistair retrucou, com tensão na voz. — As duas condições muitas vezes andam juntas.

— Mas quando a febre passou, você não se lembrava da batalha — respondeu o amigo. — Não sabia como havia machucado a perna. Não se lembrava de brigar com eles. Você não teria acreditado em mim se eu não tivesse trazido todos esses homens para falar sobre o que você fez.

— Você sabia.

— Claro que eu sabia — confirmou Gordy. — Conheço você desde criança. Eu sei quando algo está errado. Você não percebeu que o recente golpe na cabeça pode ter danificado ainda mais um lugar já frágil?

— Tive amnésia — disse Alistair.

Gordy pareceu cético.

— Amnésia — repetiu Alistair. Quase acrescentou: “seu idiota”, mas lembrou que foi a srta. Oldridge quem primeiro dera nome à doença, então ele era tão idiota quanto Gordy, e todos os outros que notaram e falharam em mencionar o óbvio.

— Amnésia — Gordy confirmou.

— Sim. O recente golpe na cabeça restaurou minha memória.

— Mas você parece doente, Car. Quase tão mal quanto na ocasião em que Zorah e eu o tiramos da tenda do cirurgião.

— Isso se deve à insônia — declarou Alistair.

— Entendo. Amnésia e insônia. Mais alguma coisa?

— Eu não estou louco.

— Eu não disse que você estava. No entanto...

— Transtorno mental não teria ocorrido a você se a carta da srta. Oldridge não tivesse sugerido justamente isso — disse Alistair, impaciente. — Ela está manipulando você, não vê? Está tentando se livrar de mim.

As sobrancelhas loiras de Lorde Gordmor subiram.

— É mesmo? Isso é inédito. Na maioria das vezes, somos obrigados a tirar as mulheres de você. Até Judith Gilford teria aceitado você de volta, especialmente depois de Waterloo, se você tivesse voltado a ela e se humilhado um pouco.

— Eu a usei abominavelmente — murmurou Alistair. — Tenho vergonha de pensar nisso.

— Car, nós dois sabemos que ela era impossível.

— Isso não é desculpa para traí-la com outra mulher... e pior, humilhá-la ao fazer isso publicamente. Não é de admirar que a srta. Oldridge não confie em mim para representar seus interesses de forma justa.

Lorde Gordmor pousou seu caneco.

— Perdão? Não tenho certeza se ouvi direito. Interesses dela?

— Interesses de todos — Alistair disse. — Ela fala pelos outros em Longledge Hill, porque eles estão muito impressionados com meu pai e com o que eles chamam de heroísmo para falar por si mesmos.

Após um curto silêncio atordoado, o visconde falou:

— Em outras palavras, a srta. Oldridge é a única que levantou objeções ao canal. Nossa única oposição é uma mulher. Que não pode votar. Que não controla um único assento na Câmara dos Comuns.

— Ela não é a única oposição — corrigiu Alistair. — Ela é a única que ousa expressar suas objeções.

— Meu caro, não é nosso trabalho encorajar os tímidos a se manifestar — falou Gordmor, pacientemente. — É nosso trabalho construir um canal. Atualmente, nossa única oposição é uma mulher, o que é o mesmo que não haver oposição nenhuma. Devemos aproveitar a oportunidade.

— Não estamos prontos para agir. Há duas semanas tenho estado recluso. Aquela velha coruja do Woodfrey me proibiu de ver qualquer pessoa ou até mesmo de ler uma carta que fosse. Eu mal comecei a discutir o canal com os proprietários de terras.

— Você não precisa discutir.

— Gordy, essas pessoas não são inimigas. Precisamos chegar a um acordo, não aniquilá-los.

Lorde Gordmor se levantou.

— Você é meu amigo mais caro em todo o mundo, Car, mas não posso permitir que sua consciência, lesão cerebral ou o que quer que seja estrague uma grande oportunidade. Há muito em jogo. Se você estivesse com a mente mais em ordem, perceberia isso. Eu gostaria de esperar que você se recompusesse, mas não posso. Estou saindo agora para colocar um aviso nos jornais convocando a reunião do comitê do canal.

— Agora? — Alistair indagou, chocado. — Para quando?

— Uma semana a contar da quarta-feira. O anúncio local será publicado na quarta-feira no *Derby Mercury*. Isso evitará qualquer reclamação sobre falta de aviso, embora todo o condado de Derbyshire já conheça nossos planos a essa altura. Só posso rezar para que quarta-feira não seja tarde demais.



CAPÍTULO 15

A mãe de Mirabel não estava enterrada no cemitério de Longledge, mas no mausoléu da família.

Construída no início do século anterior, a estrutura circular de estilo palladiano ficava em uma colina a certa distância da casa, após a ponte que atravessava um rio artificial criado aproximadamente na mesma época.

Duas horas após sair de Matlock Bath, Mirabel estava ali, contemplando a vista cuja beleza sempre lhe proporcionava uma sensação de paz, não importando quão sombria ou impossível sua vida pudesse parecer naquele momento.

— Oh, mamãe. Ai de mim, o que devo fazer?

Nenhuma resposta veio. Mirabel não havia falado em voz alta à espera de uma resposta. Ela só falou porque não havia ninguém vivo a quem pudesse abrir completamente seu coração.

Continuou andando de um pilar para outro enquanto contava a sua mãe — e a qualquer outro ancestral sepultado que quisesse ouvir — tudo o que havia acontecido nas últimas semanas.

O vento de março soprava forte naquele dia, e os assobios e gemidos provocados enquanto ele varria e passava pela estrutura facilmente abafavam a voz de Mirabel, assim como os cascos de cavalos na ponte abaixo.

Em determinado momento, ela ouviu um relincho fraco, mas o vento o levou e ela supôs que fosse Sophy, mal-humorada naquele dia. A égua havia desenvolvido uma aversão inexplicável à ponte. Uma vez do outro lado, ela se recusava a ir para qualquer lugar que não fosse morro abaixo e não queria levar sua dona morro acima, para o mausoléu.

De tempos em tempos, Sophy desenvolvia essas aversões inexplicáveis. Sem vontade de travar uma batalha de vontades com

um animal muito maior e mais pesado, Mirabel simplesmente cedia. Ela amarrou a égua perto da ponte e continuou a pé pelo resto do caminho.

Nesse momento, ela estava do outro lado do edifício, olhando com frustração para o local onde o canal de Lorde Gordmor cortaria a paisagem. Por isso, ela não viu a alta figura desmontar, amarrar seu cavalo perto de Sophy e começar a subir o morro com determinação.

Mirabel ainda estava olhando para o invisível canal quando ouviu os passos no chão de pedra. Virou-se na direção do som e sentiu o coração disparar dolorosamente.

Ergueu o queixo e assumiu sua expressão mais orgulhosa e fria.

— Sr. Carsington — disse apenas.

— Sua menina má, muito má — respondeu ele.

Seus olhos de ouro cintilavam e seu rosto estava corado. O ar ficou denso e crepitante, como se uma tempestade se aproximasse.

Ela sabia que ele era a tempestade e que o que sentia era a força de sua raiva. A sensação era tão palpável quanto o encanto que fazia até cortesãs experientes se apaixonarem perdidamente por ele. Queria recuar, sair do alcance dessa força irresistível, mas o orgulho não permitiria que ela se afastasse.

Mirabel ergueu o queixo um pouco mais.

— Não me importa o que você pensa de mim — disse. — Você não significa nada para mim.

— Você é a pior das mentirosas. — Ele se aproximou.

Ela foi um pouco lenta demais para reagir, e ele a agarrou e a puxou para seus braços. Ela se contorceu e baixou a cabeça. Se ele a beijasse, ela se desmoronaria.

Ele não a beijou. Apenas a prendeu contra si e começou a falar para seu *bonnet*.

— Woodfrey é um charlatão, não é? Eu falo enquanto durmo e converso comigo mesmo, certo? Eu deveria ser examinado por médicos especializados em doenças da mente, é isso? E você não confiaria seus negócios nas mãos de um homem com problemas mentais. Oh, não, claro que não. Mas seu corpo é outra história, eu acredito.

Mirabel poderia ter lutado até que ele a soltasse. Ele era cavalheiresco demais para soltar se ela lutasse. Mas ela não queria ser solta.

Ele estava roubando seu coração, pedacinho por pedacinho, desde o dia em que Mirabel o conhecera. Logo ela não teria mais nada para chamar de seu. Sabia que, desta vez, a dor seria pior, muito pior do que a que suportara quando desistira de William. No entanto, ela a

suportaria para ter aquele momento.

— Sinto muito — pediu ela, com a voz abafada contra seu casaco.

O sr. Carsington não teve dificuldade em ouvir o pedido de desculpas, ao que parecia, pois a afastou de seu casaco e deu um passo para trás para segurá-la à distância e olhá-la.

— A carta para Gordmor foi monstruosamente ardilosa, Mirabel. Se eu não a conhecesse melhor, pensaria que você me seduziu de propósito para me deixar louco.

— Oh, não. O que eu lhe falei então era a verdade, eu juro.

— Você disse que tinha sentimentos fortes por mim.

— Sim, e para que servem esses sentimentos? — ela reagiu. — Eles não vão fazer esse canal problemático desaparecer, não é? E é ali que ele vai passar. — Ela fez um gesto na direção da rota do canal pela paisagem. — Você vai estragar a vista de mamãe... e todo o trabalho dela e o meu também... e toda vez que eu vier aqui, vou ver esse canal e vai me machucar.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e sua garganta apertou.

— O trabalho de sua mãe — ele repetiu depois de um momento. Mirabel assentiu. A intensidade da própria tristeza a pegou de surpresa, e ela ainda não podia confiar em si mesma para falar. Não chorava na frente de ninguém desde a morte de sua mãe. As lágrimas deveriam ser privadas. E, de qualquer forma, faziam os homens ficarem bravos, desconfortáveis, confusos ou, mais comumente, todas as três coisas ao mesmo tempo.

Ele a soltou e se afastou. Ficou por um tempo olhando para onde ela havia indicado. Depois voltou e segurou a mão dela.

— O paisagismo é dela, imagino?

Ele dera a Mirabel o tempo de que ela precisava para recuperar a compostura.

— Minha mãe era uma artista — ela disse, agora com a voz firme. — Em outras circunstâncias, se fosse homem, ela poderia ter se tornado outro Capability Brown.¹



Ela não precisava dizer mais nada.

Alistair entendeu a partir do momento em que ela falou sobre o canal estragar a vista de sua mãe. No entanto, uma vez que começou, Mirabel continuou com certa fluidez. Falar parecia acalmá-la.

Ela contou a história, a dela e a daquelas terras. Em sua mente, ao que parecia, eram uma coisa só.

Ela lhe disse como a propriedade havia evoluído ao longo dos anos e como a maior mudança ocorrera havia quase um século, quando o mausoléu tinha sido construído e os jardins, redesenhados. Era uma tentativa de emular o estilo naturalista do qual Lancelot “Capability” Brown havia sido o mestre.

O resultado, no entanto, nunca foi inteiramente satisfatório e, ao longo do tempo, vários elementos haviam sido deixados para se deteriorar, seja porque fossem indesejáveis ou houvessem se tornado impraticáveis.

Foi Alicia Oldridge quem começara a transformar o lugar, ao longo dos

quase vinte anos em que esteve casada. Ela morreria sem completar seus planos. Mirabel conhecia todos os detalhes, no entanto. A mãe compartilhara suas ideias e entusiasmo desde que a filha tinha idade suficiente para compreendê-los.

— Ela fez essa vista — a filha estava dizendo agora. — Costumava haver uma casa de verão no meio da colina, acima da ponte. Ela a tirou dali e a escondeu entre aquelas árvores, para que a encontrássemos inesperadamente ao seguir o caminho sinuoso ao longo do rio.

Mirabel apontou para outro lugar, onde tinha feito mudanças de acordo com os planos de sua mãe. Ela descreveu de forma tão vívida o que havia ali antes, que Alistair conseguia enxergar claramente, tanto a extensão da transformação quanto sua arte e sutileza.

Depois de levá-lo ao redor da colunata que circundava o mausoléu e lhe contar a história das vistas correspondentes, ela ficou em silêncio.

Algo no silêncio e na postura o fez se perguntar se ela estava arrependida das revelações. Ele estudou o perfil de Mirabel. Depois inclinou ligeiramente a cabeça, tentando discretamente ver melhor.

Ela não parecia consciente das ações dele. Embora o olhar estivesse fixo em um local distante, Alistair também duvidava de que ela tivesse percebido. Seus olhos mantinham a expressão distante que ele observara mais de uma vez nos olhos de seu pai. Ela olhava para o horizonte exatamente como o sr. Oldridge havia olhado para o lustre na noite em que Alistair tentou arregimentá-lo pela primeira vez para o lado do canal.

Então, devagar, o canto da boca dela começou a subir um pouco, muito pouco.

Alistair dirigiu seu próprio olhar para a frente.

— Eu daria qualquer coisa para saber o que se passa nessa sua mente ocupada — disse ele.

— Eu estava tentando pensar em maneiras de me livrar de você,

mas meu cérebro não coopera — revelou ela. — Nem meu coração. Nem o que quer que seja. Tento pensar, mas então vejo você... nu.

Ele virou a cabeça tão bruscamente que era de admirar que esta não houvesse saído voando de seu pescoço.

— Você o quê?

— Você — ela repetiu. — Nu.

Por um tempo, ele se saía muito bem, sem pensar nela nua. Naquele dia ele apenas a havia segurado nos braços, e também não por muito tempo. Não o suficiente, de forma alguma.

Ele não a beijara nem tentara tirar uma luva que fosse, embora desse qualquer coisa para provar sua boca novamente, para sentir suas mãos sobre ele. Bastava ela tocar seu rosto e o mundo mudava, entrava nos eixos.

No entanto, de alguma forma, ele resistira ao desejo e, por isso, havia se gabado de que, afinal, estava amadurecendo. Desta vez ele não seria tão indescritivelmente estúpido como antes.

Mas assim que ela disse as palavras fatais, ele a viu de pé na cama com as saias levantadas até as coxas, revelando... ah, não, o pequeno coração torto e de cabeça para baixo na dobra do joelho... e então ela estava deitada na cama... os seios perfeitos com bicos que pareciam botões rosados e doces... os cachos macios como penas entre suas lindas pernas.

Ele se lembrou do cheiro e do sabor de sua pele. Lembrou-se da confiança, da ternura, da paixão.

Alistair endireitou os ombros e apertou a mandíbula.

— Quando estivermos casados, você poderá me ver nu o quanto quiser — disse ele. — Até lá, seria melhor não nos referirmos ao assunto.

— Não vamos nos casar.

— Sim, nós vamos, embora possa levar algum tempo. — Alistair a virou para ele, tomando cuidado para manter as mãos apenas levemente sobre seus ombros. — Você não deve tirar a roupa na frente de nenhum outro homem, Mirabel.

— Decerto que não. Não é o tipo de coisa que faço habitualmente. Só você...

— É exatamente o que estou dizendo. Só eu. Esse é o objetivo... um dos sentidos de ser casado.

— Não parecia ser um ponto muito importante para Lady Thurlow — observou ela.

Maldita fosse a tia! O caso Thurlow não era de conhecimento público. Como ela descobrira? E o que a mulher estava pensando, ao comunicar tal conhecimento a uma inocente?

— Você não pode jogar na minha cara as minhas indiscrições juvenis. Meu pai já presta esse serviço admiravelmente bem. Além disso, estou me corrigindo. Se não estivesse, deveria aproveitar este momento. Estamos sozinhos. Ninguém está olhando.

Eles estavam sozinhos. Ninguém estava olhando. E ele não queria se corrigir. Queria ser pior do que nunca. Queria aproveitar qualquer oportunidade oferecida, fazer o necessário para possuí-la, e a honra que fosse para o inferno.

A distância entre eles era tão grande e, ao mesmo tempo, tão pequena. O próprio ar entre eles vibrava. Ele suprimiu a distância com um único passo, puxou-a em seus braços e a beijou.

E ela o beijou de volta, se entregando instantaneamente, sua boca macia cedendo à primeira leve pressão da dele. Suas mãos subiram, segurando-lhe o rosto, não querendo que ele saísse do lugar... como se precisasse, como se ele já não estivesse ligado a ela.

Alistair desamarrou as fitas do *bonnet*, jogou a coisa feia de lado e passou os dedos pelos cachos rebeldes com um toque de cobre. Ela tirou o chapéu dele, riu contra sua boca, e o som rouco e travesso ecoou dentro dele. Ela era inocente de muitas maneiras, mas tinha o gosto e o som do pecado e o deixava embriagado de desejo.

Alistair soltou os fechos da capa horrível e deslizou as mãos sobre seus seios; para baixo, percorrendo a cintura adorável; para baixo, pela curva voluptuosa de seus quadris e de suas nádegas perfeitas.

Ela se mexeu sob suas mãos, deleitando-se sem inibições e buscando mais, e o enlouquecendo de frustração. Muitas roupas, muitos obstáculos. Ele recuperou sua boca, beijando-a profunda, ferozmente, enquanto a apoiava contra uma coluna.

Ele empurrou a capa para escorregar de seus ombros. Enquanto a peça deslizava para o chão de pedra, ele estava soltando os fechos do corpete, depois o puxando para baixo. Ele interrompeu o beijo para enterrar o rosto em seu pescoço e absorver o perfume. Deixou beijos ao longo do ombro dela, até a borda de sua chemise, e a curva lisa de seus seios, estufados contra as restrições do espartilho.

Ela o segurou ali, suas mãos acariciando-lhe os cabelos. Beijou-o no topo da cabeça, uma ternura inesperada em meio à paixão desenfreada. Uma onda de sentimentos o atravessou, como se alguma represa interna tivesse se rompido. Era como se nunca se saciasse dela, como se não houvesse proximidade suficiente.

Ele ergueu-lhe as saias e as anáguas — camadas demais no caminho — e a mão deslizou pela parte interna de sua coxa até a abertura das calças de seda. Ela pressionou-se contra sua mão.

— Oh, por favor. — Sua voz era um gemido suave misturado com riso. — Oh, não. Oh, por favor, sim.

Ele se ajoelhou e a beijou naquele lugar suave, o mais feminino dos lugares secretos, e ouviu-a puxar o fôlego e soltar em um suspiro.

— Oh — ela sussurrou. — Oh, isso é pecaminoso.

Risos, ainda, apenas um vestígio tênue. E ele riu também, internamente, com uma alegria pecaminosa, enquanto fazia amor com ela com os lábios, a língua, enquanto segurava suas belas pernas trêmulas e sentia seu corpo convulsionar, onda após onda de prazer trêmulo. O prazer corria por ele também, em ondas de calor líquido. Inundou seu cérebro, submergindo os últimos vestígios de razão e princípio, e rugiu em seu sangue, girando perigosamente no fundo de seu abdome.

Ele beijou-lhe o interior do joelho, onde estava o coração engraçado, de cabeça para baixo. Então, quando ela ainda estava fraca e impotente, tremendo nos resquícios da euforia, ele se levantou, para fazê-la sua, porque ele precisava. Ele estava quente e louco de desejo, seu membro inchado se esticando em direção a ela.

Mas, quando alcançou o primeiro botão da calça, uma rajada de vento gritou e assobiou pela colunata, tão afiada e súbita que o alarmou e o jogou de volta à consciência.

O vento gritou como um fantasma zangado, e ele se lembrou de onde estavam: o local de descanso eterno da mãe dela.

Um arrepio mais frio do que o vento de março o percorreu. Ele deixou o vestido dela cair, trouxe as mãos para seus ombros e, inclinando-se para a frente, encostou a testa na dela, esperando que o fôlego voltasse e que seu coração disparado se acalmasse.

Quando conseguiu falar, ele disse com a voz carregada:

— Minhas correções não estão progredindo tão bem quanto eu pensava. Eu tinha certeza de que poderia resistir a fazer algo escandaloso com você contra uma dessas colunas.

— Eu esperava que você não resistisse. Mas eu não tinha ideia de que havia algo tão escandaloso assim.

Ele ergueu a cabeça e encontrou o olhar azul atordoado.

— Você gosta de flertar com o perigo, eu vejo — disse ele.

— Não, de jeito nenhum. Eu sou sempre muito cuidadosa e sensata. Mas você me faz tão... — Ela olhou para o lado. — Feliz. A palavra é inadequada. Meu coração fica mais leve quando você está por perto, e eu me sinto como uma garota outra vez.

O coração dele doía. Tudo o que ele queria era fazê-la feliz, e tudo o que parecia fazer era lhe causar problemas. Sua luxúria demente: duas vezes ele havia chegado a um fio de deflorá-la. Seu maldito e crucial estratagema para o canal; o grande obstáculo entre eles era também sua única esperança de independência econômica, que lhe permitiria

pedir sua mão de maneira honrada e orgulhosa.

Ele forçou um sorriso.

— Você quer dizer que eu a faço de tola.

Ela riu.

— Sim, isso também. E você é tolo por vir aqui. Deveria ter tomado o remédio ruim que eu administrei antes e o deixado curá-lo.

— Quando me disse para dominar minha paixão, você quer dizer.

— Eu estava tentando facilitar para nós dois — respondeu ela. Tardamente, notou o estado de desalinho em que se encontrava. Ela puxou o decote para cima. — Oh, veja o que você fez. Eu gostaria que minha criada tivesse metade da sua velocidade. Não posso acreditar que você só teve sete ou oito episódios românticos. É difícil acreditar que tenha feito qualquer outra coisa em toda a sua vida além de vestir e despir mulheres, tamanha a sua experiência.

No momento, ele não tinha certeza se possuía algum outro talento, mas não disse nada, apenas a virou e prendeu os fechos. Ele encontrou a capa e o *bonnet*, e jogou a capa feia sobre os ombros dela. Ele não tentou pegar os muitos grampos de cabelo perdidos, mas arrumou o cabelo dela da melhor maneira que pôde com os poucos que sobraram e enfiou tudo no *bonnet* horrível.

Assim que terminou, ele quis tirar tudo de novo.

— Quando estivermos casados — ele iniciou —, a primeira coisa que farei é queimar até a última peça da abominação que você chama de guarda-roupa.

— Não vamos nos casar. Eu tenho um fraco por você. Estou profundamente apaixonada. Isso pode me fazer esquecer temporariamente o que se espera que seja um comportamento decoroso, mas não posso esquecer por que você está aqui.

— Eu não espero que esqueça — ele disse. — Só peço que tente não me subestimar. Eu sei que existe uma solução.

Ela fechou os olhos e soltou um suspiro cansado, depois os abriu novamente.

— Acha que não tentei encontrar uma solução? Eu conheço Longledge muito melhor do que você, e procurei e revirei o assunto em todos os sentidos. Se eu achasse que uma solução fosse possível, pensa que eu teria escrito aquela carta para Lorde Gordmor?

Ele então lembrou por que tinha vindo — ou parte da razão, a parte racional. Precisava lhe contar. Não podia deixá-la descobrir primeiro no jornal de quarta-feira.

— Mirabel, eu gostaria que você não tivesse escrito para ele. Gostaria que tivesse confiado em mim. Agora você não nos deixou tempo nenhum.

Ele hesitou. Tinha vindo para avisá-la, mas se esquecera de Gordy, do que lhe devia. Pareceria deslealdade. No entanto, Alistair tinha que avisá-la: seria desonroso e a pior traição não fazê-lo.

— Sem dúvida, seu amigo fará o possível para realizar a reunião do comitê do canal — ela disse, a voz anteriormente sedutora agora rápida e objetiva. — Se ele for sábio, enviará o aviso expresso hoje para os jornais, para garantir que chegue a tempo para o *Derby Mercury* desta quarta-feira.

Ela já sabia. Claro que ela sabia. Todos diziam que ela tinha uma boa cabeça para negócios.

Ela entendia como esses assuntos eram gerenciados. Devia saber que as ordens parlamentares exigiam que o anúncio da reunião do comitê do canal fosse publicado tanto no *London Gazette* quanto no jornal local. Era para isso que ela estivera estudando no outro dia? Era para isso que todos esses documentos legais seriam? Ela já havia começado a planejar como criar obstáculos legais em seu caminho?

Ele disse a si mesmo que deveria resistir à tentativa de interrogá-la. No que dizia respeito a ela, Gordy deveria fazer sua própria espionagem. E ela deveria fazer sua própria espionagem em Gordy.

Como um homem trabalhava todas as minúcias de lealdades em um caso como aquele?

— Ele não deseja perder um minuto — Alistair hesitou. — Mesmo assim, você deve confiar em mim para lidar com a situação de forma justa.

— Se deseja que a situação seja tratada de forma justa, deve voltar a Londres — retrucou ela. — Eu esperava que você já estivesse a caminho.

— Sim, eu sei que você contava com a minha partida... ou que fosse levado de volta, provavelmente, em um colete de força.

— Você está sob grande pressão, embora não admita. Não pode cuidar dos meus interesses e dos de Lorde Gordmor ao mesmo tempo; são mutuamente excludentes. Não é de admirar que sonhe incessantemente com a guerra, quando está lutando consigo mesmo.

Ela se aproximou e segurou as mãos dele.

— Eu cuidei dos meus próprios negócios e dos de meu pai por mais de dez anos. Esta não é a primeira crise que enfrento. Não sou indefesa ou estúpida.

— Eu sei — afirmou ele. — Ainda assim, não significa que o homem que a ama não possa tentar ajudá-la.

— Temo que isso possa acontecer. Não posso lutar adequadamente quando você está por perto. Você me deixa transtornada.

— Não é uma fração do que você faz comigo — contrapôs ele,

entrelaçando os dedos nos dela.

Com delicadeza, ela afastou as mãos e as dobrou na cintura.

— Se realmente deseja me dar uma chance de lutar, deve se manter longe de mim. Eu não posso realizar nada de produtivo enquanto você estiver por perto. Londres seria o melhor.

— Eu me recuso a fugir, apenas porque a situação está difícil.

Ela bufou impacientemente.

— Se Lorde Gordmor é realmente o amigo que supomos que seja, ele considerará seu bem-estar e insistirá na sua partida. Se ele for tão egoísta a ponto de mantê-lo aqui... ou se você persistir nessa esperança vã...

— Pelo amor de Deus, Mirabel — ele interrompeu. — Você conhece minha história. Eu sempre me envolvo em situações desastrosas. Nunca na minha vida tive que me livrar de uma. Tenho 29 anos. E estou completamente cansado de deixar os outros lutarem minhas batalhas, enquanto sigo meu caminho me sentindo estúpido e inútil... até tropeçar na próxima dificuldade.

Ela estudou brevemente o rosto dele, se afastou e voltou.

— Não quis tratá-lo como uma criança. Você não é nem um pouco infantil. Não deveria se sentir estúpido ou inútil. Eu não sei por que se sente assim. Todos nós estamos levando com dificuldade. A vida é dura e desconcertante.

— Quero dizer desvendá-la — ele disse — e encontrar uma solução para nós.

Ela sorriu então, um sorriso radiante.

— Você vai me fazer acreditar em você, contra toda razão. Muito bem. Fique ou vá, como preferir, é claro.

— Com certeza não vou embora.

Ela assentiu.

— Como desejar. — Ela deu um passo para trás. Seu queixo se ergueu, e seu tom se tornou friamente polido. — No momento, você é o representante de Lorde Gordmor. Tenha a gentileza de transmitir uma mensagem ao visconde. Pode dizer a ele que estou falando em nome de meu pai, que não consente que o visconde construa um canal nesta propriedade. Diga a ele que o sr. Oldridge é absolutamente contra um canal nos arredores de Longledge e que lutará com todos os meios à sua disposição, tanto aqui como, se necessário, em Londres perante o Parlamento. Além disso, seria bom advertir o visconde que os recursos dos Oldridge não são de forma alguma pequenos. Fará isso por mim, senhor?

A mudança abrupta e o tom frio e determinado pegaram Alistair de surpresa. Mas apenas por um momento. Ele estava se acostumando a

ser atacado pelas costas e recuperou sua calma com a velocidade e a agilidade que a prática muitas vezes traz.

— Certamente, srta. Oldridge. — Ele se curvou. — Haverá mais alguma coisa?

— Por enquanto, não. Se eu pensar em algo, vou mandar chamá-lo. — Ela fez um gesto para dispensá-lo, que estava longe de ser o adeus que ele queria.

Mas ele já tinha tido mais dela do que tinha direito. Permitiu-se um rápido olhar ansioso para a coluna contra a qual a introduzira a um prazer muito além de suas inocentes imaginações.

Então ele disse a si mesmo que mais ou menos havia insistido para que ela o tratasse como um astuto representante de negócios, e que como representante de Gordy, ele nunca esperara ou desejava tratamento especial. Além disso, ele já recebera uma grande quantidade de episódios românticos, mais do que deveria.

Se ele quisesse despedidas carinhosas, teria que ganhar o direito, com o casamento. E não poderia se casar até ter os meios para sustentá-la. Isso não aconteceria até que ele e Gordmor tivessem sucesso nas minas, o que dependia do canal.

Em resumo, esse suposto cavaleiro de armadura brilhante tinha vários dragões a enfrentar antes de poder levar a bela donzela para cima de seu corcel e galopar para longe.

E assim ele lhe desejou um educado bom-dia e começou a se afastar. Ele tinha dado apenas alguns passos quando abruptamente voltou, agarrou-lhe os braços e lhe deu um rápido e feroz beijo.

Então, deixando-a cambalear de volta contra a coluna, ele desceu a colina.

Não olhou para trás, mas sorriu.



Quando Alistair retornou ao Wilkerson's, encontrou Lorde Gordmor na sala de jantar privada, fazendo companhia para outro caneco de cerveja.

Alistair pediu um para si mesmo. Depois que ele chegou e o criado partiu, entregou a mensagem da srta. Oldridge.

Gordmor recebeu a notícia com calma.

— Não é pior do que esperávamos — ele declarou.

— Melhor, na verdade. Quando você partiu de Londres, supúnhamos que todos os proprietários de terras estivessem contra nós. Em vez disso, nosso inimigo se revela apenas uma pessoa. — Ele bebeu. — Mesmo assim, insisto que você retorne à Capital.

— Isso está fora de questão.

— Suas lealdades estão divididas — respondeu o amigo. — Conheço você o suficiente para saber onde isso deve levar. Tentará acomodar interesses opostos, o que só o levará à loucura. Você parece doente o suficiente como está. Seus pais vão se perguntar por que o tirei do abismo na Bélgica, apenas para deixá-lo enlouquecer em Derbyshire. Além disso, era para você ser o representante de Londres. Foi assim que originalmente concordamos em dividir o trabalho, se você se lembra.

— Minha vida é sempre complicada — afirmou Alistair. — Está na hora de eu aprender a administrá-la.

— Gostaria de saber o que você propõe fazer desta vez — disse Gordy. — Você se apaixonou por uma mulher determinada a nos destruir. Ou estou enganado? Talvez tenha corrido atrás da srta. Oldridge para informá-la quanto aos méritos relativos de eclusas e aquedutos, ou para explicar os pontos mais refinados da metalurgia.

Era inútil dissimular, mesmo que Alistair soubesse como. Esconder seus sentimentos por uma mulher, no entanto, era a única forma de fingimento que ele nunca dominara.

— Você não está enganado — ele disse. — Eu admito que isso apresenta um desafio, mas é um que estou decidido a enfrentar.

— Como?

— Ainda não sei, mas estou determinado.

— Car.

— Vou pensar em algo — prometeu Alistair.

Gordy o olhou por um momento, depois deu de ombros.

— O que estou pensando, para perder meu tempo discutindo com um Carsington? Muito bem. Como desejar. Eu não tenho nada a perder com isso. Você pode perder a cabeça, mas alguns homens estão mais confortáveis sem uma. Por outro lado, na remota possibilidade de você ter sucesso, nos poupará uma grande despesa e vexame. Quanto mais essa questão se arrasta, mais cara ela fica.

Alistair entendia a pressa de seu amigo. Ele também teria pressa, se o amor não tivesse retardado sua mente.

Sabia que qualquer atraso daria tempo aos proprietários de terras para pensar em objeções e elevar o preço para superá-las. Sem dúvida, Mirabel ajudaria seus vizinhos a pensar dessa forma.

— Aconteça o que acontecer na reunião de quarta-feira, precisamos continuar rapidamente — disse Gordy. — Caso contrário, estamos em perigo mortal de sua amada enterrar o comitê parlamentar em uma tempestade de petições e contrapetições.

Alistair estava bem ciente disso. Sabia que Mirabel já havia se

comunicado com advogados. Em Londres, desceriam como gafanhotos sobre o Parlamento, onde gerariam enxames de testemunhas para depor. Enquanto isso, os proprietários de terras teriam tempo para descobrir dezenas de novos acordos de acomodação de que precisavam, e o preço da aquisição de propriedade dispararia. E, no caminho, haveria um número crescente de mãos para molhar.

Custaria uma fortuna e levaria uma eternidade. Ele e Gordy não tinham a fortuna nem o tempo.

Alistair tinha menos de dez dias para impedir que a mulher que amava arruinasse seu amigo, seus irmãos e sua última esperança para si mesmo.



Na tarde de terça-feira, o agente de Lorde Gordmor, Thomas Jackson, chegou a Stoney Middleton, uma vila no High Peak, a cerca de 25 quilômetros de Matlock Bath.

Jackson havia servido sob o visconde durante a guerra e foi recompensado em tempos de paz com sua posição atual como representante dele em várias frentes. Era tão profundamente dedicado a Lorde Gordmor quanto o procurador do lorde, Caleb Finch, era dedicado a Caleb Finch. No entanto, Jackson achava que as lealdades do procurador eram da mesma espécie que as suas. Ele acreditava, por exemplo, que Finch viera recentemente para o Peak District apenas para promover os interesses de seu mestre de todas as maneiras possíveis.

Esse foi o primeiro e fatal erro de Jackson.

Naquela noite, ele se encontrou com Finch no Star Inn e Post House, para obter a ajuda do procurador na promoção do plano do canal.

— O visconde quer que os mineiros sejam liberados para comparecer à reunião — explicou Jackson depois de terem desfrutado de um jantar farto. — Ele gostaria que um ou dois dos homens mais articulados dissessem algumas palavras a favor do canal, como o futuro deles depende disso, e todos os outros que dependem deles: esposas, filhos e pais idosos.

— Não há nenhum deles que você chamaria de articulado — disse Caleb. — E eu não acho que nenhum deles tenha uma esposa, crianças pequenas e pais idosos. Os mais velhos já estão a sete palmos há muito tempo, que descansam em paz suas pobres almas — ele acrescentou piedosamente. — E eles e muitos daqueles pobres bebês pequenos que não têm comida suficiente nem remédio quando ficam doentes. Mas como a causa é justa, não haveria mal algum em fingir que é do jeito que você diz. Tudo por uma boa causa.

E tudo por uma boa causa — o que significa, a causa de Caleb Finch —, ele continuou a culpar o capataz do visconde pelo atual estado dos mineiros e suas famílias. Caleb citou falta de disciplina, práticas inseguras, manutenção negligente e métodos ineficientes etc., etc.

Isso ocorreu porque o capataz da mina, para desgosto de Finch, provou ser um sujeito honesto e diligente. Ele se recusou a entender as insinuações de Finch sobre uma mão lavando a outra. Além disso, deixou claro que havia ouvido rumores obscuros sobre o passado de Finch em Derbyshire.

Portanto, era crucial que o capataz fosse rapidamente demitido e totalmente desacreditado. Finch o demitiu na manhã de segunda-feira e imediatamente começou o trabalho de assassinato de reputações. O capataz ainda estava atordoado com o golpe. Finch sabia que Jackson levaria a difamação a Lorde Gordmor antes que a vítima se recuperasse o suficiente para contra-atacar.

Mas esse não era, nem de longe, o assunto mais importante a apresentar ao agente de confiança do visconde.

— Estou preocupado que o visconde não saiba com o que está lidando — contou o procurador a Jackson.

— Se todas as boas famílias estão conosco — disse Jackson. — Eu e meia dúzia de outros homens iremos de vila em vila, fazendo o que pudermos para ganhar apoio.

Todo mundo sabia como isso era feito. Os agentes de Lorde Gordmor espalhariam boa vontade na forma de moedas e bebidas de qualidade: o mesmo método usado de forma tão eficaz nas eleições parlamentares.

— Pelo que sei, você não tem todas as boas famílias — falou Caleb. — Até onde eu ouvi, a srta. Oldridge é decididamente contrária à construção de qualquer canal perto de sua propriedade.

— Uma mulher — respondeu Jackson com desdém. Ele levantou seu caneco e bebeu.

— Como eu disse — continuou Caleb. — Você não sabe com o que está lidando. Se eu estivesse em seu lugar... — Ele levantou a mão. — Mas não ligue para mim. Você está encarregado da política. Meu negócio é cuidar da propriedade. Você não quer meu conselho, mesmo que minha família tenha vivido aqui quase tanto tempo quanto a dela, e eu sei como ela é.

Jackson sinalizou para pedir mais cerveja. Então, ele se inclinou na direção de Caleb.

— Eu quero o que é melhor para o visconde. Se você tem informações úteis, não vamos nos preocupar com formalidades ou com quem está no comando do quê. Devemos trabalhar juntos.

— Bem, tudo bem então — concluiu Caleb. — Tudo por uma boa causa.

¹ Lancelot Brown, também conhecido como Capability Brown, foi um renomado paisagista e arquiteto britânico do século XVIII, reconhecido como o pioneiro da jardinagem paisagista inglesa. Brown era conhecido por desenhar paisagens que pareciam naturais, embora fossem cuidadosamente planejadas. (N. T.)



CAPÍTULO 16

— ... sendo que tal navegação seria de grande utilidade para o comércio e, em particular, para beneficiar o condado de Derbyshire, uma reunião será realizada na sala de assembleias do Old Bath Hotel, em Matlock Bath, no referido dia 11 de março de 1818, às 10 horas da manhã, para discutir as maneiras e os meios adequados para efetuar tal navegação, na qual a nobreza, os senhores de terras e o clero do referido condado, e todos os outros que consideram seu dever se interessar por um assunto de tamanha importância, são convidados a comparecer.

Seu anúncio não apareceu apenas nos jornais, como exigido por lei, mas, para o desgosto de Lorde Gordmor, de forma resumida em cartazes nas vitrines das lojas, em pôsteres colados nas paredes, carruagens e vagões, e em placas de papelão carregadas como estandartes de batalha pelas ruas de todas as vilas entre Cromford e Little Ledgmore, o lugarejo mais próximo de suas minas.

Consequentemente, mesmo aqueles que não liam jornais ou deixavam de notar o aviso neles impresso não podiam deixar de ser informados.

Embora longe de estar encantado, ele não ficou surpreso, na data especificada, ao encontrar a sala de assembleias do Old Bath completamente lotada. Homens de todos os graus lotavam o piso, e uma variedade semelhante de mulheres lotava a galeria de música.

Ninguém precisava identificar a srta. Oldridge, sentada na primeira fileira da galeria. Os olhares que Car enviava a ela de vez em quando — que ela fingia não notar, aquela criatura insensível — teriam dito a Lorde Gordmor quem ela era, mesmo se Sir Roger Tolbert, o presidente da reunião, não tivesse realizado graciosamente essa função.

Decerto, a dama com o odioso *bonnet* verde não havia dormido no ponto.

Nem Lorde Gordmor. Espalhados pela multidão estavam homens que trabalhavam para ele. Seus agentes haviam passado a última

semana angariando apoio e coletando informações em todos os cantos habitados do Peak District.

É verdade que Jackson havia retornado a Matlock Bath na última quarta-feira com notícias preocupantes sobre a influência da srta. Oldridge na região. Mas o pior foi revelado no final da tarde do dia anterior: o sr. Oldridge era tão veementemente contrário que abandonaria a botânica, pela manhã, para falar na reunião.

Mas Jackson estava preparado para isso, e momentos antes havia sussurrado que a situação estava sob controle. Ao que parecia. À medida que a reunião começava, Sir Roger Tolbert se inclinou para Lorde Gordmor e murmurou:

— Parece que o sr. Oldridge estava ocupado com outra coisa. Bem, não é surpreendente, de jeito nenhum. Ele pretendia, é claro. Mas esses filósofos, milorde... — Ele bateu na cabeça careca. — Caixa de conhecimento muito ocupada, sabe.

Se o sr. Oldridge não tivesse se desviado sozinho, então um dos homens de Jackson o teria ajudado. O agente disse que não seria difícil. Bastava mencionar ter avistado um espécime interessante de fungo, musgo ou líquen. O velho cavalheiro não conseguiria resistir à tentação de dar uma olhada.

Seja qual fosse a causa, o mais significativo proprietário de terras e único opositor não havia aparecido, e seria altamente impróprio para uma dama se dirigir a uma reunião como aquela. As mulheres eram banidas para a galeria por uma razão muito boa. Eram os homens que arbitravam questões de tamanha importância econômica. As mulheres observavam e absorviam o que suas mentes frágeis podiam absorver.

Lorde Gordmor relaxou. O restante de sua equipe estava no palco com ele. Seu engenheiro havia chegado na quarta-feira anterior e passado os dias subsequentes com Carsington, revisando o plano original do canal. Tinham feito várias alterações, que revelariam ao público pela primeira vez naquele dia.

Também estavam presentes dois membros do Parlamento de algum lugar ou outro, um dos quais informou a população — em detalhes e com uma grande quantidade de retórica floreada — que a proposta do visconde seria vista com bons olhos como um projeto de benefício duradouro para a região e, portanto, para a nação como um todo.

Quando a parte enfadonha do negócio acabou, o engenheiro fez sua apresentação muito mais curta e menos tediosa. Quando ele terminou de falar, Carsington revelou o novo plano.

Estava em um imenso cavalete no palco e era feito em grande escala, simples, com tinta preta espessa. Do seu poleiro, no alto, a srta. Oldridge podia vê-lo facilmente, assim como a maioria dos outros proprietários de terras importantes.

Para beneficiar aqueles que não conseguiam distinguir detalhes, Car descreveu a rota e as mudanças feitas “para atender às necessidades especiais de certos indivíduos”.

A nova rota ficava a uma maior distância das casas, jardins e parques. No caso da propriedade dos Oldridge, o canal fazia um amplo desvio. Isso aumentava o trajeto, fazendo-o sinuoso quando poderia ter seguido mais facilmente em linha reta; no entanto, praticamente não causaria nenhuma interrupção nos arranjos da srta. Oldridge.

Car e o engenheiro também tinham feito belos ajustes para os outros proprietários de terras. Nenhuma pessoa racional poderia possivelmente objetar, e ninguém o fez. O visconde discernia na plateia não apenas expressões de contentamento e acenos, mas também aprovação claramente audível.

Gordmor olhou para a galeria. Até a srta. Oldridge estava sorrindo.

Maravilha das maravilhas, Car havia conseguido, como prometido.



Alistair não achou o sorriso tão reconfortante quanto seu amigo.

Ele havia aprendido a ler o vasto vocabulário de sorrisos de Mirabel. A curva de sua boca era fria, de forma alguma ensolarada, e rapidamente sentiu que algo estava prestes a saltar sobre ele das trevas.

Não havia nada que pudesse fazer, além de se preparar e esperar.

Ele estava vagamente ciente de vozes, da reunião que continuava interminavelmente, ao que parecia, enquanto ele se encontrava em estado de suspense. Sua perna, que não suportava nem tensão nem imobilidade, expressava seu descontentamento com dor latejante da coxa ao tornozelo.

Então o capitão Hughes se levantou, resplandecente no uniforme da Marinha de Sua Majestade. Ele pediu que as senhoras e senhores lhe dessem alguns minutos de seu valioso tempo.

— Tenho uma carta do meu vizinho, o sr. Sylvester Oldridge, de Oldridge Hall, Longledge — ele disse. — Como o cavalheiro foi detido em outro lugar, fui incumbido da tarefa de lê-la.

O que a srta. Oldridge tinha dito no dia em que se conheceram?

— *Estou pensando em colocar isso como seu epitáfio: “Sylvester Oldridge, Amado Pai, Detido em Outro Lugar”.*

Ali estava, então, o ataque que Alistair estava esperando.

O capitão leu com as notas claras e ressonantes da Autoridade.

Essa mesma voz comandante havia lido, uma vez por mês, por cerca de duas décadas, os trinta e seis Artigos da Guerra para uma

tripulação de várias centenas de oficiais e homens endurecidos pelo combate.

Para seus ouvintes, ele deveria personificar a marinha invencível da Inglaterra e a grande nação que ela servia.

Não é de surpreender que o salão houvesse instantaneamente silenciado, e os rostos ficaram solenemente atentos e respeitosos.

A srta. Oldridge não poderia ter escolhido um representante melhor.

Quando o capitão Hughes comparou as vantagens a serem obtidas com o canal às desvantagens, citando as preocupações de comerciantes respeitáveis — e observando seu trabalho e sacrifício durante as guerras recentes com os franceses —, as cabeças começaram a acenar positivamente. Questões relacionadas à água constituíam uma das maiores ansiedades, ele leu. Ele sinceramente esperava que os senhores tivessem levado em consideração a aridez das colinas de calcário de Derbyshire. Havia estimado com precisão o tamanho do reservatório necessário e os custos de construir essa imensa estrutura? Os senhores tinham calculado isso, aquilo e mais aquilo? Os senhores incluíram tal-e-tal em seus cálculos?

Essa parte da carta, que lançava uma luz brilhante sobre todas as fraquezas e imprecisões do plano, era, felizmente, breve, embora perturbadora.

Então o capitão começou a chamar nomes e fazer perguntas específicas aos homens a que ele se dirigia:

— Não é verdade, Jacob Ridler, que...? Não é o caso, Hiram Ingsle, que...?

Assim interpelados, os homens se levantaram, um por um, e admitiram, a princípio com grande relutância, suas reservas. Uma vez que abriram a boca, no entanto, foram ficando menos tímidos. Suas objeções se tornaram mais articuladas e veementes. Seus colegas — junto com as esposas, filhas, irmãs e mães amontoadas atrás das senhoras na primeira fila da galeria — aplaudiram e gritaram.

Quando comerciantes e fazendeiros terminaram com suas reclamações, o vigário, sr. Dunnet, descobriu que também tinha algumas reservas, afinal. Depois dele, alguns outros cavalheiros encontraram algo a que se opor também.

Quando os senhores terminaram com suas queixas, a multidão, que começara tão dócil e complacente, ficou barulhenta e hostil. Eles vaiaram as respostas de Gordy e não deixaram o engenheiro falar. Sir Roger bateu o martelo em vão. Os políticos de repente descobriram compromissos anteriores e fugiram. Algumas das senhoras também partiram.

Alistair olhou para a srta. Oldridge. Ela exibia uma expressão vazia de inocência, como se não tivesse absolutamente nada a ver com o

pandemônio que estava acontecendo abaixo dela, e não achasse nada disso — incluindo ele — particularmente interessante.

O olhar era um desafio, e ele, um Carsington demais para recuar diante de um desafio.

Ele concordou, embora relutante, em fazer sua apresentação e nada mais.

— Você é muito escrupuloso e de coração mole — Gordy lhe dissera. — Nada é feito na política sem influência e dinheiro. Como não estamos exatamente cheios de dinheiro, devemos aproveitar ao máximo a influência.

O que isso significava, ele descobriu na noite anterior, era que deveria parecer bonito, galante e manter a boca fechada. Deveria deixar todas as negociações com Gordy.

Teria feito isso, sentando-se, cerrando os punhos e mordendo a língua, se Mirabel Oldridge não usasse o sorriso provocante — depois de tudo o que ele fizera para agradá-la.

Ela lhe dissera que o enfrentaria com todas as armas à sua disposição. Ela o avisara que não era escrupulosa demais.

Talvez ela tivesse presumido que ele declinaria heroicamente a lutar em oposição. Talvez tivesse pensado que a única arma em seu arsenal era parecer bonito. Talvez tivesse acreditado que intimidar os caipiras com sua fama e influência familiar — e seduzir a única mulher que não estava intimidada — fosse a única estratégia que ele era capaz de executar.

Ele não conseguia ter certeza do que ela pensava. Não importava. O olhar o enfureceu. Não podia permanecer em silêncio. A honra, o orgulho, a lealdade e o dever exigiam que ele lutasse — e lutasse para vencer.

Alistair se levantou, ignorando a perna, que protestou com dor aguda e quente do quadril ao calcanhar.

— Senhores — ele começou. Não levantou a voz. Raramente os Carsington precisavam desse recurso; só precisavam exercer a força de suas personalidades.

Seu murmúrio baixo chegou aos cantos mais distantes da sala, e o barulho se acalmou ligeiramente.

— Senhores — ele repetiu — e senhoras. — Ele lançou um rápido olhar para a srta. Oldridge.

A confusão se transformou em murmúrio, depois em silêncio.

— Será para mim uma grande honra abordar suas preocupações, uma a uma — prosseguiu ele. — Deixem-me começar com a questão crucial da água e dos reservatórios.



Por volta desse momento, o sr. Oldridge estava caminhando na direção errada — em direção a Longledge Hill em vez de Matlock Bath — na companhia de seu ex-procurador.

Eles se encontraram como parte de um encontro cuidadosamente arranjado.

Caleb estava caminhando casualmente em direção a Matlock Bath quando encontrou o sr. Oldridge, que também estava a pé e resoluto em fazer o seu dever, conforme sua filha havia pedido. Ele ficou surpreso, mas não desagradavelmente, ao ver Caleb Finch. No momento da demissão de Finch, o sr. Oldridge estava atolado nas profundezas da melancolia da qual ele havia começado a emergir recentemente. Sua filha não vira motivo para preocupá-lo com detalhes desagradáveis. Ela simplesmente lhe dissera que Finch havia decidido partir.

Consequentemente, ele cumprimentou Finch com cordialidade, perguntou sobre sua saúde, sua família, seu trabalho. Caleb foi vago sobre o trabalho, mas muito preciso sobre uma descoberta recente. Era isso que os dois homens estavam discutindo enquanto iam na direção errada: para longe, em vez de em direção à crucial reunião do comitê do canal.

— Você tem certeza do formato? — Oldridge perguntou. — Como pequenos charutos?

— Um pouco menor que isso — respondeu Caleb. — Menor que uma formiga. E marrom. No começo, pensei que fosse apenas sujeira, mas algo me fez dar uma olhada mais de perto. Eu tinha certeza de que já vira antes. E agora juro que vi. No meu penúltimo emprego, em Yorkshire. Tive que mandar os homens rasparem de uma parede, porque a patroa não gostava. Eu achei uma pena, senhor, porque era tão interessante.

— É, de fato — disse Oldridge. — Nunca ouvi falar de um musgo assim. E você o encontrou de novo, tem certeza, absoluta?

— Lá em cima, na colina, senhor — Caleb confirmou, apontando para a longa crista à frente. — Não são nem oito quilômetros.

Para o sr. Oldridge, que frequentemente cobria trinta quilômetros em um único dia, uma caminhada de oito quilômetros até Longledge Hill não era nada. Ele estaria de volta horas antes do jantar.

Foi muito tempo antes de que se lembrasse de que o jantar não era a única coisa para a qual ele precisava chegar a tempo naquele dia.

E então já era tarde demais.



A reunião se dissolveu pouco depois do meio-dia.

Terminou em vitória. Com uma maioria votando a favor do canal, um comitê foi formado. Os membros rapidamente redigiram a petição ao Parlamento, após a sala esvaziar.

Apenas Lorde Gordmor e seu sócio permaneceram.

O visconde estava tão abalado pelos eventos recentes que não tentou lançar mão de sua habitual despreocupação.

— Foi por pouco, uma coisa terrivelmente próxima — ele disse. — Por um tempo, senti como se estivesse em um navio agitado pela tempestade. Consegui me segurar até que o vigário... aquele homem doce e amável... nos repreendeu. Até tu, Brutus?, eu pensei. Então, rapidamente, afundei. Sem dúvida, devemos culpar o capitão de mar com aparência de pirata, com seu uniforme cintilante e bigodes elegantes, por essas metáforas náuticas.

Carsington não disse nada. Parecia estar preocupado em rolar seu plano do canal na menor circunferência possível.

— Que tolo fui, dizendo para você ficar quieto e parecer decorativo — Lorde Gordmor continuou, observando seu amigo com inquietação. — Deveria ter me lembrado de como você é diferente quando seu espírito de luta é despertado. Espero que me perdoe. Eu estava sob a impressão errada de que Waterloo houvesse retirado a sua bravura.

Carsington virou-se abruptamente para ele.

— Você pensou que eu tinha me tornado medroso?

O que diabos havia de errado com ele? Havia conquistado uma grande vitória naquele dia, contra probabilidades aparentemente impossíveis.

Oh, Senhor, ele estava lamentando a praga daquela mulher?

— Não diga absurdos — disse Gordmor. — E por favor, não fique pensando na srta. Oldridge. Não hoje. Você a conquistará hora ou outra. Enquanto isso, obteve uma grande vitória. Você nos arrancou das mandíbulas de... de algo. Ah, sim, vitória. Fomos arrancados das mandíbulas da derrota. Pela graça de Deus, estou tão aliviado que estou sem palavras. Aquela carta. Aquela carta brilhante e cruel. Presumo que foi inteiramente obra dela.

— Você estava avisado, Gordy.

— Sim, foi. Assim como minha irmã me avisou. Ela me disse que a dama era perigosa. Quem poderia imaginar que Henrietta poderia ser culpada de subestimação?

— Da forma como está, estou surpreso que tenhamos saído tão

ilosos.

— Está falando sério? Ela quase nos aniquilou. Se você não tivesse intervindo... — Gordmor se calou. Ele mal podia pensar naquilo sem tremer: tudo, absolutamente tudo, à beira de ser destruído. Todas as suas economias cuidadosamente guardadas e planejadas. E todo o dinheiro e esperanças de Car. O homem tinha pegado a última parte da sua mesada e a tinha entregado a Gordmor para investir na “companhia” deles.

Se Car não tivesse se levantado e feito uma impressionante imitação de Lorde Hargate em seu momento mais cativante e eloquente, a ruiva com o *bonnet* inominável teria arruinado a todos eles.

— Perigosa. — Era um eufemismo risível. A mulher era diabólica. Como Car, claramente, não conseguia lidar com ela, cabia a seu amigo resolver o problema.



Na hora em que os dois homens saíram do hotel, os participantes da reunião já tinham ido embora.

A área, que na temporada turística estaria cheia de transeuntes e curiosos, agora estava deserta.

Quando entraram na avenida, no entanto, um sujeito bem-vestido, que Alistair reconheceu como um dos agentes de Gordmor, se aproximou apressadamente.

Vários desses homens haviam seguido o visconde até Derbyshire e jogado um pouco de seu dinheiro para ganhar a simpatia dos locais. Isso não era nada fora do comum. Esse tipo de coisa acontecia em eleições, e com certeza ocorria onde quer que os canais estivessem sob consideração. Alistair não duvidava de que os agentes de Mirabel tivessem feito o mesmo.

Gordmor dissera a seus homens para manterem os olhos e os ouvidos abertos também. Por isso, esse sujeito tinha vindo às pressas para alertar o visconde: a srta. Oldridge e a sra. Entwistle haviam partido para Londres.

— Londres? — Gordy indagou. — Mas já?

— Elas tinham uma carruagem de viagem pronta e preparada, senhor — informou o agente, cujo nome era Jackson. — As senhoras foram as primeiras a sair do salão de assembleias, segundo me disseram, e mal passou um quarto de hora antes de estarem na carruagem, a caminho. Assim que ouvi falar disso, vim lhe contar.

Alistair não esperou para ouvir mais, mas caminhou rapidamente pela avenida até ter uma visão clara da Parade. Estava movimentada

hoje, com veículos e pedestres indo e vindo. Ele mal notou essas coisas. Olhou na direção em que Mirabel tinha ido e tentou entender.

Ela havia desferido um golpe devastador neles. Ela quase os tinha destruído. E ainda assim, e mesmo assim...

— Ela sabia — murmurou ele. — Ela sabia que íamos vencer. — Caso contrário, por que teria a carruagem pronta e esperando por ela?

Um minuto depois, ele ouviu a voz de Gordy atrás de si:

— Parece que a senhora não pretende nos dar tempo para recuperar o fôlego.

— Ela prometeu que não teríamos piedade — disse Alistair.

— De fato, eu a subestimei profundamente, senão já teria arrumado as malas e estaria pronto para partir também — afirmou Gordy. — Não podemos correr o risco de lhe dar um minuto. Ela tem amigos influentes em Londres. Não se esqueça de que a irmã do pai dela é esposa de Lorde Sherfield, e acredita-se que ela tenha alguma influência sobre ele.

Alistair virou-se para o amigo.

— Sherfield? Tia Clothilde é Lady Sherfield? — A condessa de Sherfield era uma das amigas mais próximas de sua mãe.

— Certamente você sabia que eram parentes — disse Gordy. — Lady Hargate deve ter mencionado a conexão quando você contou a ela para onde estava indo.

— Não. — Alistair continuou rapidamente em direção ao Wilkerson's, ciente dos olhares perplexos que Gordy lançava em sua direção enquanto caminhavam.

— Isso é muito estranho — comentou Gordy.

— Longe disso — falou Alistair. — Quando visitei minha mãe antes de partir, eu estava cheio de nosso brilhante plano e das maravilhas da moderna invenção que levaríamos para um posto remoto da civilização. Ela mal conseguia me interromper.

— Você se tornou um orador eloquente, hein? — Gordmor sorriu. — Bem, duvido de que faça muita diferença se você sabia antecipadamente ou não. A srta. Oldridge tem amigos úteis, é verdade. E nós também temos. Além disso, temos todos os pontos práticos a nosso favor, como você explicou de maneira tão eloquente há pouco para a multidão.

O canal deles seria relativamente curto em uma parte pouco povoada de Derbyshire, Alistair havia lembrado a seus ouvintes. O percurso seguiria por terreno relativamente plano, não exigindo aquedutos, túneis ou longos conjuntos declusas. A recente Lei de Emprego dos Pobres de 1817 previa empréstimos do governo para projetos que empregassem os pobres. Isso reduziu a quantia que eles

deveriam arrecadar com investidores.

Ele sabia que o plano era sólido. Os muitos políticos que ele e Gordy consultaram haviam prometido que um esquema de canal tão simples e barato poderia ser aprovado, da primeira reunião do comitê até a assinatura do Príncipe Regente, em dois meses ou menos.

Se não fosse esse o caso, ele e Gordy não poderiam ter conseguido. Não tinham dinheiro para esquemas elaborados e não poderiam esperar arrecadar fundos, dadas as condições econômicas difíceis após o fim da guerra. A safra pobre do ano anterior não melhorava as coisas.

De maneira nenhuma era um plano maligno em primeiro lugar. Em segundo lugar, Alistair havia acrescentado quase oito quilômetros ao percurso para agradar sua amada.

Ainda assim, ela torcera o nariz.

— No momento, estou mais preocupado com o seu bem-estar — disse Gordy. — Tenha cuidado com o seu coração, Car. Não quero caluniar a sua amada, mas você merece um aviso. Henrietta diz que a senhora abandonou um rapaz alguns anos atrás e teve que deixar Londres sob mexericos.

— Eu sei disso — contou Alistair. — Mais do que Lady Wallantree, eu aposto. Houve circunstâncias difíceis. Não que eu me importe se a srta. Oldridge já abandonou uma dúzia de rapazes. Isso está no passado, e o meu próprio passado não é nada de que se orgulhar.

Ele nunca acreditaria que a moça com quem tinha feito amor pudesse ser cruel e de coração frio. Se algo, sua natureza era muito aberta, muito compassiva. O desapego frio era apenas superficial e protegia seus verdadeiros sentimentos. Ele entendia a necessidade de proteger lugares delicados. Ainda assim, não entendia o que ela estava fazendo no momento.

E ele estava desapontado consigo mesmo. Apesar de todos os seus esforços, ele a havia decepcionado.

— Car.

Alistair voltou ao momento, à crise atual.

— O passado dela é irrelevante. O canal é o que importa. Eu gostaria de saber o que a preocupa. Eu estava certo de que meu plano abordava suas objeções pessoais. Se houver outra dificuldade, gostaria de saber antes de estarmos diante de um comitê parlamentar.

Ele estava acostumado a que as coisas saíssem da escuridão e aos golpes metafóricos repentinos na cabeça. Achava as surpresas estimulantes, na verdade. Isso não significava que ele poderia se deixar ser emboscado no Parlamento. A ideia de ser silenciado, mesmo por um instante, diante dos colegas e asseclas de seu pai, fazia seu

sangue gelar.

— Muito sábio — disse Gordy. Eles haviam chegado à entrada do Wilkerson's, e ele baixou a voz. — Vá em frente e saiba o que puder com a dama. Eu vou resolver as coisas aqui e o alcançar assim que puder.



Uma hora depois, Jackson estava olhando com desânimo para a figura imóvel estendida sobre um pedaço de solo com musgo em uma parte arborizada de Longledge Hill.

— O que você fez? — ele demandou de Caleb Finch. — Não lhe falei o que o visconde disse?

— Ele está bem — respondeu Finch. — Eu só lhe dei um pouco de remédio.

— Que tipo de remédio?

— Um pouco do Cordial de Godfrey. Disse que era o cordial de sabugueiro da minha querida tia velhinha. — Ópio era um dos principais ingredientes do Cordial de Godfrey.

Jackson se aproximou. O velho senhor parecia estar dormindo pacificamente. Seus sonhos deviam ser agradáveis, porque ele sorria. Tinha um sorriso doce, o sr. Oldridge. Um homem bastante inofensivo. Jackson não gostava de vê-lo deitado no chão frio. Também não gostava da falha de Finch em aguardar ordens e deixou-o saber disso.

— E se eu esperasse, como você diz, até amanhã ou depois — continuou Finch —, qual é a chance de que eu conseguisse convencê-lo a sair novamente? Nas atuais circunstâncias, ele estava louco para voltar à reunião, mesmo quando eu disse que era quase meio-dia e já teria terminado havia muito tempo quando ele chegasse lá. Além disso, o visconde quer que ele desapareça, não é mesmo? Bem, será mais fácil agora. Nós apenas o colocaremos em uma carroça e o levaremos embora.

— Não temos uma carroça — disse Jackson.

— Sim, temos — afirmou Finch. — Peguei emprestada da mina de carvão. E um cavalo para puxá-la. Eles estão um pouco mais adiante por esse caminho. — Ele apontou para uma trilha de burro antiga e coberta de vegetação. — Eu lhe disse que a srta. O tinha uma centena de truques na manga, não disse? E eu estava certo? Você a deixou ir para Londres, com seus lordes e ladies conhecidos, e ela vai esmagá-lo até virar pó. Eu sabia como seria, e vim preparado. Bem, eu não espero agradecimentos, nem unzinho sequer, por fazer o meu dever.

Era bom que ele não esperasse agradecimentos, porque Jackson não

estava inclinado a oferecê-los. Um homem deveria seguir as ordens de seu superior. Um homem não deveria correr à frente e fazer o que bem entendesse.

Mas Finch tinha ido em frente e feito exatamente isso, e eles não podiam libertar o sr. Oldridge agora.

— É o mesmo plano que o visconde quer — disse Finch. — Vai funcionar perfeitamente. A srta. Oldridge vai voltar correndo de Londres assim que descobrir que seu pai está desaparecido. Enquanto ela estiver aqui procurando-o, o mestre faz a lei do canal passar pelo Parlamento de forma rápida e indolor. Ao mesmo tempo, teremos o sr. O em Northumberland, seguro e protegido. Assim que Lorde Gordmor assinar os papéis, enviaremos o velho cavalheiro de volta para casa. Só pense como todos ficarão felizes na casa, como se ele tivesse voltado dos mortos. Como Lázaro.

— É melhor garantir que ele realmente volte, na mesma condição em que saiu — Jackson avisou. — O visconde me lembrou várias vezes de que o cavalheiro não deveria sofrer nenhum mal, de nenhuma espécie. Recomendo que você seja cauteloso com seus cordiais, Finch. Se lhe der em excesso e o matar, garantirei que você pague por isso.



CAPÍTULO 17

Embora fossem damas, carregadas com toda a bagagem, criados e acompanhantes considerados necessários para uma longa viagem, Mirabel e a sra. Entwhistle haviam percorrido cerca de cem quilômetros quando pararam para passar a noite em uma estalagem em Market Loughborough.

Após um bom jantar, com o qual Mirabel basicamente brincou em vez de comer, elas se dirigiram a uma sala de estar para aguardar o chá.

Quando o criado da estalagem trouxe a bandeja de chá, informou às senhoras de que um certo sr. Carsington desejava lhes falar.

— Céus, ele não perdeu tempo — comentou a sra. Entwhistle.

Mirabel não disse nada, apenas sentou-se mais ereta, enquanto seu coração fazia exercícios calistênicos ruidosos em seu peito.

— Por favor, peça para ele entrar — disse a sra. Entwhistle ao criado.

Ele entrou um momento depois, seu semblante marcado por linhas de cansaço e os olhos, escuros. Estava perfeito, como de costume: cada fio de cabelo arrumado com esmero para parecer romanticamente despenteado, cada dobra do lenço no pescoço precisamente no lugar, e sem um único amarrotado à vista.

Mirabel teve um impulso louco de levantar-se e desarrumá-lo. Ela se lembrou de que isso seria fatal para ela perder a firmeza. Estaria na mão dele. Em vez disso, deveria fingir que ele era seu pior inimigo. Caso contrário, estaria perdida, e tudo o que ela fizera nos últimos dez anos e mais seria em vão.

Deu um aceno frio em resposta à saudação e cumprimentos dele e manteve as mãos firmemente cruzadas sobre o colo. Convidou-o a se juntar a elas para o chá.

— Não vim para o chá — ele rosnou. Jogou o chapéu no chão e avançou em direção a ela. — Acrescentei oito quilômetros ao meu

canal, apenas para agradá-la, embora isso incomode meu sócio e aumente nossos custos. Vim descobrir por que a senhorita insiste em ser tão absolutamente irracional.

— Eu deveria fazer a mesma pergunta — respondeu ela. — Não consigo entender por que o senhor e Lorde Gordmor persistem, quando prometi fazer de tudo em meu poder para impedi-los.

— Se não se importa mais comigo, é melhor dizer. Em circunstâncias normais, seria antiético brincar com meus sentimentos dessa maneira, mas...

— Eu, brincar com um homem cujos assuntos se tornaram lenda? — questionou ela. — Não diga absurdos.

— Neste caso, meus sentimentos não têm importância — ele continuou como se ela não tivesse falado. — Meu coração está à disposição para a senhorita quebrá-lo, se for o que deseja, mas deve encontrar outra maneira. Nem imagina o mal que suas ações causarão às outras pessoas.

— Partir o seu coração? — Ela se sentiu gelar por dentro. Nem William a havia acusado de brincar com ele, embora todos os outros tivessem dito exatamente isso a seu respeito. Depois de romper com ele, metade de seus conhecidos se tornara fria e distante, e aqueles que não a ignoraram se afastaram apenas para que pudessem lhe contar o que os outros estavam cochichando pelas costas.

Diziam que ela havia abandonado William Poynton. Havia usado William Poynton vergonhosamente. As cartas a seguiram de Londres até em casa. Pessoas que o viram em Veneza afirmaram que ele estava em declínio, morrendo de esperanças frustradas. Diziam que mal tinha coragem de levantar um pincel... desabara após concluir o mural... viajara para o Egito... não sobreviveria à jornada... jurou que nunca voltaria para a Inglaterra.

Tudo culpa de Mirabel.

Por um momento, as lembranças daqueles primeiros dois anos sombrios depois que ela terminara com William a engoliram, e ela sentiu a antiga desesperança, sentiu que sua vida nunca se endireitaria novamente.

Queria afundar no chão e chorar.

E o desejo de desistir e chorar a deixou com raiva — daquele homem, por tê-la deixado tão fraca, e de si mesma, por permitir que ele a reduzisse a esse estado.

Ela se levantou, tremendo de indignação.

— Eu estive brincando com o senhor, é isso? Então, essa é a sua opinião sobre mim.

— Não foi isso que eu quis dizer. É a sua opinião sobre mim...

— Eu deveria ter percebido que meu comportamento audacioso me faria perder o respeito aos seus olhos — disse ela. — Mas nunca, nem em meus piores devaneios, imaginei que o senhoralaria meus erros na minha frente.

— Meu respeito? Eu não sou...

— Acredita que oponho-me ao seu canal apenas para atormentá-lo? O senhor me acha tão mesquinha, tão desprezível?

— Claro que não. Por que distorce tanto o que estou tentando dizer? Mirabel olhou para a sra. Entwistle.

— Estou errada? — perguntou ela. — Como você interpretaria as palavras dele?

— Eu não tenho a menor ideia — respondeu a sra. Entwistle, servindo-se calmamente de uma fatia de bolo. — Foi um dia longo, e estou cansada demais para resolver assuntos tão complicados. Se vocês precisam discutir, por favor, levem sua briga para a sala de jantar e me deixem tomar meu chá em paz.



A sra. Entwistle poderia muito bem ter sido um pedaço de mobília pelo pouco caso que Alistair lhe fez. Tudo o que ele tinha visto ao entrar na sala de estar fora Mirabel. Não percebera nem se o criado havia ficado. Até onde sabia, poderia haver uma multidão deles reunidos nas escadas para bisbilhotar. Típico, ele pensou, amargamente. Vinte e nove anos de idade, e ainda não tinha noção de discrição.

Furioso consigo mesmo, seguiu Mirabel para a sala adjacente e fechou a porta atrás dele. Ela cruzou para o canto mais distante, perto do sofá sob as janelas com vista para a rua, como se não suportasse qualquer proximidade.

Ele mal a culpava. Não podia acreditar o quanto havia falado de maneira desajeitada e ofensiva. Havia sido articulado o suficiente na reunião do canal. Por que seu cérebro precisava encolher ao tamanho de uma ervilha quando estava com ela?

— Eu não pretendia... — ele começou. Mas mesmo agora, não conseguia juntar palavras inteligíveis. Não queria falar. Queria abraçá-la, pedir perdão, trazer de volta o calor e a confiança. Ela estava pálida e rígida. Ele a havia magoado.

— Me perdoe — ele disse. — Eu queria tanto agradá-la com o novo plano do canal, mas falhei, e então fiquei extremamente zangado.

— Você não falhou. — A voz dela estava esganiçada. — Você venceu a primeira batalha. Temos que ver quem vencerá a última.

— Não pode me dizer o que fiz de errado? Quero consertar, mas estou completamente perdido. Talvez eu tenha sido precipitado, presumindo que nos casaríamos se ao menos eu pudesse superar essa lacuna entre nós. Você me disse que não, mas presumi que havia apenas o canal no caminho. Fui arrogante em fazer essa suposição? Seus sentimentos... — Ele procurou palavras. — Lancei iscas. Eu a seduzi. Não foi honroso de minha parte tentar conquistá-la assim, mas eu não me importava muito com a forma. Talvez a tenha apenas seduzido, e não conquistado seu coração, afinal. Se for o caso, eu lhe imploro que faça a gentileza de me dizer, e vou parar de atormentá-la.

Ele faria isso, sim, mas o mataria.

O cabelo de Mirabel brilhava como cobre polido à luz das velas. Lembrou-se dele espalhado sobre os travesseiros e seus dedos se enrolando nele. Lembrou-se de arrancar o *bonnet* da cabeça dela e passar as mãos pelos cachos indomáveis, e sua risada quando ela derrubou o chapéu dele com um tapinha. Ele se lembrou de como ela o beijara no topo da cabeça, a ternura, a confiança completa.

Ele se lembrou do que ela dissera.

Você me faz feliz. Você me faz sentir como uma garota outra vez.

Mas ele a deixara infeliz. Ela ficou rígida, o olhar sombrio e solene, as mãos firmemente pousadas na cintura.

— Isso é tudo que preciso fazer? — questionou ela, por fim. — Dizer que não me importo com você? Parece tão fácil, mas é impossível. Eu já lhe disse isso muitas vezes, mas a cada vez se torna uma mentira maior, e você sempre sabe que estou mentindo.

— Meu amor. — Ele começou a atravessar a sala.

Ela levantou a mão.

— Se realmente se importa comigo, mantenha distância. Se me tocar, vou ficar irracional. Isso é tirar vantagem injusta.

Ele queria tirar todas as vantagens injustas.

Porém, obrigou-se a se afastar.

— Você também não deve usar doçura para falar comigo — disse ela. — Você é muito persuasivo. Esta manhã, quase me convenceu de que a Providência não poderia conceder uma bênção maior a Longledge do que o seu canal.

— Só “quase”. É o problema. É por isso que vim. — Ele deu uma risada curta. — Não, não foi por isso que vim. É a razão que dei a Gordmor para ir na frente: para descobrir onde meu novo plano havia falhado para você. Ainda não sei. O que gostaria que fizéssemos?

— Que fossem embora. Desista. Eu não posso acreditar que vocês dois sejam tão tolos ou obstinados a ponto de insistir. Não sou estranha aos negócios ou à política. Sei como esses assuntos são

conduzidos. Você pode vencer no final, mas custará mais do que o previsto, talvez mais do que você pode pagar. Decerto será mais do que essas minas valem.

— Querida, por mais que não valham nada no momento, essas minas são tudo o que temos. — Seus olhos se arregalaram, e a cor subiu pelas bochechas dela. Ela se sentou abruptamente na banquetta.

Alistair permaneceu onde estava, desejando que alguém fizesse um favor e cortasse sua língua.

— Eu gostaria — falou ele — que minha língua consultasse meu cérebro de vez em quando. Nossos assuntos financeiros não são nem um pouco de sua conta.

— Não são da minha conta? — Sua expressão ficou exasperada. — Não admira que Lorde Gordmor tenha sido tão infernalmente obstinado. Como sou tola! Quando escrevi para tia Clothilde, deveria ter perguntado sobre ele também, assim como perguntei sobre você. Teria sido muito mais útil ter detalhes financeiros do que o catálogo de suas aventuras, por mais entretenimento que tenha provocado.

— Entretenimento?

— Você deveria escrever suas memórias.

— Minhas memórias? — Ele estava tão acostumado a ser atingido por porretes na cabeça que nem piscou.

— Trará mais dinheiro do que essas minas insignificantes.

Alistair se aproximou do fogo e observou as pequenas línguas de chama lambendo o carvão enquanto debatia o quanto deveria contar. Por fim, voltou-se para ela. Ela o observava atentamente.

— Mirabel, não há tempo.

— Você ainda não tem nem trinta anos. Por mais emocionante que tenha sido sua vida, a história é relativamente curta. Se você se esforçasse, poderia escrever suas memórias em questão de meses, pois tem um talento com as palavras.

— Não há tempo — ele disse. — Tenho apenas sete semanas.

Em poucas palavras diretas, ele a informou: sobre a reunião com seu pai em novembro, a lista de Episódios de Estupidez e a escolha que seu pai lhe dera.

Ela ouviu, a cabeça inclinada para um lado, como se ele fosse um quebra-cabeça tremendamente complicado. Quando ele terminou, ela falou:

— Não entendo qual é o problema.

Alistair sabia que não era tão articulado quanto gostaria de ser ao falar com ela. Mesmo assim, havia relatado a história em termos tão simples que uma criança não poderia interpretá-la mal. Ele tentou de novo:

— Se Gordy e eu não conseguirmos fazer nosso projeto de canal passar até o 1º de maio, terei que me casar com uma herdeira.

— Mas você disse, várias vezes, que deseja se casar comigo — lembrou ela.

— Nunca desejei tanto algo na minha vida.

— Bem, então.

— Bem, então, o quê?

— Eu sou uma herdeira.



Mirabel esperou por um breve silêncio inquietante.

Então:

— Não — ele disse.

Ele percorreu a sala da lareira até a porta e voltou. Sentou-se em uma cadeira e levantou-se novamente. Ele começou a se aproximar dela e depois se afastou outra vez. Ele voltou para a lareira e franziu a testa.

Não era a reação que ela esperava. Nunca sonhara que o problema fosse tão simples. Ainda assim, continuava sendo um problema para ele, e como poderia esperar algo diferente?

William Poynton também a amava, mas o sacrifício exigido dele era grande demais. Ele não podia abrir mão de seus sonhos e ambições, assim como ela não podia abandonar sua casa e seu pai amigavelmente ausente, a quem todo patife e trapaceiro a quilômetros de distância estava ocupado enganando e fraudando.

— Não esperaria que você se tornasse um cavalheiro rural e ficasse em Derbyshire o tempo todo — ela disse, com o coração disparado. — Naturalmente, você gostaria de estar em Londres na primavera, durante a Temporada.

— Se acha que eu a deixaria sozinha em Longledge, no auge da temporada de turismo, quando o lugar está cheio de homens ociosos, recomendo fortemente que pense melhor — ele rosnou para a lareira.

A luz tremeluzente aprofundou as sombras sob seus olhos e endureceu as linhas de seus traços angulares.

— Você não pode imaginar que eu tenha condições de deixar a propriedade sem supervisão, especialmente na primavera e início do verão, quando há tanto a fazer. — Ela ergueu o queixo, embora suas esperanças afundassem.

— É melhor resolver isso agora. Certos pontos não são negociáveis.

Ele se virou para ela, os olhos frios e duros.

— Não há nada para resolver. Eu não virei até você sem um tostão. Tenho sido um parasita de meu pai. Recuso-me a ser um parasita de minha esposa.

— Um parasita? — Mirabel ficou de pé e o encarou, embora quisesse desesperadamente correr, tão envergonhada que estava. — Entendi. Eu me joguei em você de todas as maneiras possíveis, no entanto, duvida de mim. Você disse repetidamente que desejava se casar comigo... até agora, embora isso resolva todos os seus problemas de uma vez. Acha isso intolerável? Por quê? Seu orgulho não suporta? Talvez imagine que eu vá torná-lo um cachorro de colo, como Judith Gilford tentou. Se é isso o que imagina, então não pode me conhecer de jeito nenhum, e esse amor professado seu é como todas as suas outras paixões: intenso, mas sem força para lidar com as necessidades práticas da vida comum.

— Posso lidar muito bem com elas, obrigado — ele disse bruscamente. — E pretendo provar.

Ele saiu, mancando mais do que o habitual. Apesar de sua vergonha, raiva e desespero, Mirabel se encolheu por ele, pela dor incessante que ele vivia e por sua luta constante para evitar que ela se mostrasse.

Ela disse a si mesma que era tudo orgulho, e ele tinha mais do que sua cota — muito mais. Ainda assim, ela sabia que parte do que o impelia a se comportar como o fazia era a coragem. Por mais zangada que estivesse, sabia também que o mesmo orgulho e coragem a faziam amá-lo ainda mais.

Não, não era amor. Claro que não era amor. Ela o conhecia havia apenas algumas semanas.

Mas tinha sido mais do que tempo suficiente, agora via. De alguma forma, sem que ela percebesse completamente, ele roubara o último pedaço de seu coração. Então, ele pretendia partir, com seu coração em custódia — seu coração — como se fosse nada mais do que um lenço bordado com suas iniciais.

Ele que fosse, então, com seu precioso orgulho e seu maldito canal. Se não quisesse seu dinheiro, era problema dele. Ela prosseguiria como planejado originalmente. Nada havia mudado, de fato, disse a si mesma. Ela sabia que ele a faria infeliz. Aceitara o fato de que pagaria por uma felicidade breve com uma miséria duradoura. Era exatamente o que ela tinha negociado. Estava completamente resignada.

Devia ser a resignação, então, que a fez, quando o ouviu se despedir da sra. Entwistle e sair, pegar o objeto quebrável mais próximo — uma jarra — e jogá-lo contra a lareira.



Crewe entrou com uma bandeja de jantar pouco tempo depois de Alistair retornar de seu encontro tumultuado com Mirabel.

Ele beliscou a comida e, em seguida, cansado e desanimado, se despiu e foi para a cama. Era apenas para descansar as pernas depois da dura viagem da tarde. Ainda era muito cedo para dormir — não que ele esperasse dormir, dada a recente briga com Mirabel e suas impressionantes revelações.

Uma herdeira! Por que Gordy não lhe dissera?

Ele devia ter presumido que Alistair soubesse, junto com tudo o mais que ele deveria saber, mas não sabia. Dado o tamanho e a prosperidade da propriedade, ele presumiu, naturalmente, que ela devia ter uma quantia respeitável. Ele também presumiu, no entanto, que a propriedade deveria ser inalienável, como a do pai, destinada ao herdeiro masculino mais próximo pela linha paterna.

Mas a maneira como ela se oferecera como a solução para todos os seus problemas indicava que seus recursos deviam ser substanciais. Ela sabia que ele era caro. Provavelmente estimara o custo com precisão até o último xelim. Ao contrário da maioria das outras mulheres, ela tivera que aprender quanto custava tudo e como avaliar as vantagens e desvantagens de comprar isso ou aquilo, como decidir se reparar ou substituir era a escolha mais sensata do ponto de vista econômico. Não teria sugerido que ele se casasse com ela para resolver seus problemas se não estivesse certa de que poderia sustentá-lo.

Mas ele não queria que outra — qualquer outra, mas especialmente ela — o comprasse de sua dificuldade atual.

Se ele não pudesse resolver esse problema sozinho, perderia o último fragmento de autorrespeito que lhe restava. Não mereceria o amor dela, o respeito de seu pai ou a amizade de Gordy.

Mesmo assim, ele se sentiu como um monstro por rejeitar o que ela oferecia. Ele a machucara. De novo. Seu cérebro encolheu enquanto seu orgulho masculino inchava para proporções monstruosas. Ele deveria ter explicado. Mas não foi até que estivesse sozinho em seu quarto que as coisas se acomodaram. Enquanto estava com ela, tudo o que ele conhecia era frustração, choque e raiva. Não conseguia pensar, quanto mais falar claramente.

Apesar de toda essa agitação, no entanto, ele caiu em um sono profundo o suficiente para ter o sonho de Waterloo outra vez, em mais detalhes e duração do que na noite anterior. Toda noite ele começava um momento antes na batalha e lançava luz em lugares anteriormente escuros. Toda noite ele via a carnificina com mais vivacidade e revivia seus sentimentos com mais intensidade. Toda noite acordava a si mesmo ou a seu criado com seus desvarios.

Naquela noite, Crewe estava em pé sobre ele, sacudindo-o de leve.

— Acorde, senhor. Está sonhando de novo.

Alistair se esforçou para se sentar.

— Que horas são?

— Perto da meia-noite, senhor.

— Lorde Gordmor já chegou?

Não, o visconde ainda não havia chegado, e Crewe achou improvável que ele chegasse naquela noite. O tempo havia virado e estava muito ruim desde que o mestre fora para a cama.

Alistair se levantou e olhou pela janela. Não conseguia ver nada. Consequia ouvir apenas a chuva e o vento uivando, no entanto, o que foi suficiente para fazê-lo concordar com Crewe. Por maior que fosse a pressa de Gordmor, não arriscaria nem seus homens nem seus cavalos. Ele teria parado na estalagem mais próxima assim que o tempo piorou.

De qualquer forma, não havia espaço para todos ali. A senhorita Oldridge e sua comitiva haviam deixado apenas alguns quartos desocupados. Esses eram os menores e mais escuros, com vista para uma estreita ruela nos fundos do prédio.

Ainda assim, quando ouviu a batida na porta, Alistair presumiu que o pânico de Gordy tinha superado sua prudência. Esperando seu amigo, ele não se apressou em vestir o roupão sobre a camisola quando Crewe abriu a porta.

Alistair ouviu um sussurro.

Crewe disse suavemente:

— Sim, ele está acordado, mas...

Ele foi empurrado sem cerimônia para o lado, e Mirabel entrou em um frenesi de delicados babados e... rendas?

Ela veio até o meio do quarto estreito e, em seguida, parou abruptamente.

— Oh. Eu não percebi. Pensei que Crewe queria dizer que você ainda não havia ido para a cama. — Ela corou e desviou o olhar.

Alistair olhou ao redor, loucamente. Crewe correu até uma cadeira, pegou o roupão e rapidamente o vestiu no mestre. Ele murmurou algo sobre uma bebida quente e desapareceu.

Quando ele partiu, Mirabel voltou-se para Alistair. Ela usava um roupão de cambráia branca fina, guarnecido com uma renda de seda requintada, sobre uma camisola de dormir com a bainha franzida. Parecia uma princesa de conto de fadas. Seu olhar se moveu lentamente, descrente, dos delicados chinelos de seda até as curvas deliciosamente femininas e o seu rosto.

Suas bochechas estavam de um tom rosa profundo, e a luz da vela criava estrelas gêmeas no azul-crepúsculo de seus olhos. Seu cabelo

ruivo-dourado caía sobre os ombros, e uma espuma ardente de cachos dançava em seu rosto.

Ela juntou as mãos na cintura.

— Retiro minha oposição — ela anunciou.



Lá fora, a tempestade continuava sem parar. O vento assobiava e uivava, e a chuva batia nas janelas. Dentro, o fogo crepitava e chiava na lareira.

Mirabel se sentiria mais segura lá fora, no meio da tempestade, do que ali naquele pequeno quarto.

Permaneceu onde estava, como estava, quase desnuda, com os cabelos soltos. Vestia a absurda peça diáfana que a tia Clothilde enviara, sem explicação, junto com a carta descrevendo as indiscrições do sr. Carsington.

As roupas de dormir eram provocantes. Era uma tática sem escrúpulos, mas Mirabel não se importava. Faria o que fosse necessário para conquistá-lo. Estava apaixonada, verdadeira, profunda, desesperadamente apaixonada desta vez, e desta vez ela não desistiria.

— Eu não deveria tê-lo deixado ir antes. Deveria ter tentado entender melhor. Mas estava muito mortificada e zangada para pensar com clareza.

Ela tivera horas desde então para se acalmar, organizar os pensamentos e tomar uma decisão sobre o que era mais importante: uma casa e um pedaço de terra ou o amor de toda a vida.

Ele ainda a olhava daquela maneira vazia. Será que tinha fechado a mente e o coração para ela por causa de seu orgulho? Será que a enxergava de forma diferente agora? Aos olhos dele, ela havia se tornado outra Judith Gilford — a herdeira cujas pequenas tiranias, tia Clothilde acreditava, o haviam afastado?

Não importava o que ele via, Mirabel disse a si mesma. Não o deixaria, não importava o que lhe custasse.

Ele permaneceu firme, queixo erguido, as mãos enlaçadas com força e pressionadas contra o nó de medo que era o seu interior.

— Eu estava irracional — ela disse. — O capitão Hughes aprovou o seu plano revisado. Ele leu minha carta apenas porque prometera que o faria.

Ela sabia que seu pai não apareceria na reunião do canal, não importava o quanto promettesse. Ele insistiu em sair cedo e andar, como sempre fazia. Ela mal podia obrigá-lo a viajar com ela e a sra.

Entwhistle na carruagem. Preparara a carta para a eventualidade provável do não comparecimento de seu pai, e a entregara ao capitão Hughes no dia anterior à reunião.

— Eu deveria ter sinalizado ou mandado avisar para não lê-la — ela continuou então. — Seu novo plano foi muito complacente e bem pensado. Fui tola por não aceitá-lo. Não posso esperar que tudo permaneça exatamente como era. O mundo muda, e nós devemos mudar com ele. Eu deveria estar feliz e grata por todo o esforço que você fez por minha causa, em vez de lhe causar mais dificuldades.

— Foi um bom plano.

— Sim, muito bom.

— Mas não bom o suficiente — acrescentou ele.

— Nenhum plano poderia ser bom o suficiente — prosseguiu ela. — Eu queria que Lorde Gordmor fechasse suas minas e fosse embora, que parasse de nos incomodar com seus problemas de transporte. Eu não queria outros Lordes Gordmor nem outros homens empreendedores, incluindo meus vizinhos, encontrando novas maneiras de fazer fortunas em Longledge Hill. Eu não queria um aumento no comércio. Eu queria a vida pacífica e simples do campo com a qual cresci.

— Então vou encontrar uma maneira de você mantê-la.

Ela olhou para suas mãos ainda entrelaçadas, e depois para o rosto marcante dele. A ternura que viu ali aliviou seu coração.

— Você não deve perder seu tempo com nada disso. Não deve arriscar tudo o que trabalhou tanto para conquistar. Vim aqui para lhe dizer isso. Seria um tipo pobre de afeto se eu não pudesse sacrificar um pouco de conforto por sua causa.

— Acho que você perderia mais do que um pouco de conforto — ele disse.

Sim, a verdade era que partiria seu coração ver seu lar mudar. Mas ela sabia o que ele, o que qualquer pessoa razoável, pensaria. Não se podia fazer o tempo parar. Os tempos estavam mudando, e ela precisava mudar com eles.

Já fazia metade de sua vida que sua mãe havia morrido, e recriar o mundo em que ela vivera e fazer seus sonhos se tornarem realidade não a traria de volta. Aquele homem estava muito vivo, e Mirabel o amava. Preferiria construir uma vida com ele, sob quaisquer condições, a voltar sozinha à sua vida solitária em sua bela Arcádia.

— Já estive apaixonada antes, sabe, e desisti porque não podia abandonar minha terra e vagar pelo mundo como ele queria... como ele precisava fazer. Terminei meu noivado, voltei para casa e me resignei à solteirice. No entanto, parece que não estou totalmente resignada. Perguntei a mim mesma há pouco tempo se estava disposta

a sacrificar meu afeto por você. Decidi que não.

— Ele foi um tolo por ir embora — disse ele, com a voz baixa e feroz. — Deveria ter ficado e lutado por você. Mas fico feliz que tenha sido um tolo, porque sou egoísta. Quero ser aquele que luta por você.

Ela soltou as mãos, e seu coração disparou.

— Você não precisa lutar — respondeu ela. — Fui conquistada. Sou sua.

— Você é, meu amor? — Ele sorriu então e abriu os braços, e ela correu direto para eles. Assim que aqueles braços fortes a envolveram, ela soube que tinha tomado a decisão certa. Havia aprendido a cuidar de si mesma, a viver sem a proteção ou até mesmo o afeto de um homem.

Poderia ficar sem o dele, se necessário, mas apenas se não tivesse outra escolha, apenas se ele a abandonasse.

Ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir que ele não a abandonasse.

— Preciso mandá-la de volta para o seu quarto — ele murmurou em seus cabelos. — Em um momento.

Suas mãos subiram e se enredaram nos cabelos dela. Beijou-lhe a testa e o nariz. Ela inclinou a cabeça para trás, oferecendo os lábios.

— É melhor não — ele murmurou, levantando a cabeça.

— Não, realmente não devemos — concordou ela.

Mentirosa, mentirosa. Ela não se importava com o que deveriam ou não fazer. Já era tarde, eles estavam sozinhos e a tempestade parecia isolar o mundo.

Ele deslizou as mãos até os ombros dela. Olhou-a profundamente nos olhos, como se ela guardasse segredos insondáveis — como se ainda tivesse alguma coisa escondida dele.

Ela abria o coração. Ela o deixara que ele visse, tocasse e fizesse coisas para as quais ela não tinha nome — em partes de seu corpo que ela, uma vez, havia se sentido depravada apenas de olhar.

— Eu quero ser bom — ele disse. — Aproveitei-me terrivelmente de sua inexperiência.

— Sim, foi muito mau da sua parte — ela falou, se afastando. — E foi mau da minha parte não desencorajá-lo. Foi mau da minha parte vir aqui esta noite em toda a minha nudez. Desprezível, na verdade. Não estou usando uma peça sequer de roupa íntima. E essa camisola... no que tia Clothilde estava pensando, ao enviar um traje tão insignificante, diáfano e frufu para uma solteirona respeitável? — Ela olhou para baixo e mexeu nas fitas da frente do decote amplo. — Suspeito de que seja francês. Nenhuma modista inglesa decente faria algo assim.

— Mirabel. — Sua voz estava rouca. — Por favor. Eu não sou feito de ferro.

— Eu sei disso. — Ela sorriu. — Você é de carne e osso. E muito músculo. E o cabelo em seu peito é mais dourado do que na sua cabeça. — Ela desamarrou a fita mais alta.

— Enquanto eu sou bem, bem lisa nessa área. — Ela olhou para baixo. — Mas um pouco mais arredondada.

— Sim. — Uma sílaba estrangulada. — Acho que seu corpo é perfeito, mas não devo olhar para ele agora. Mirabel, você não deve desamarrear a próxima fita. Isso é o pior tipo de crueldade. Sabe que devo resistir a você. Vamos nos casar, e eu absolutamente não vou antecipar os votos de casamento.

Ela desamarrou a segunda fita.

— Achei que você já tinha feito isso. Duas vezes.

— Foi irresponsável e egoísta de minha parte. E de qualquer maneira... De qualquer maneira, você está intacta... por pouco... pela graça de Deus. Oh, por que estou falando sobre isso? Você precisa ir. Boa noite. — Ele se dirigiu à porta e a abriu.

Ela permaneceu onde estava. Desamarrou a última fita e saiu do roupão. Ele fechou a porta.

— Não faça isso — pediu ele.

— Eu não vou fazer. Quero que você faça. Você é muito bom em vestir e despir.

Ele se aproximou dela, os olhos cintilando faíscas douradas, e ela se perguntou se ele pretendia pegá-la e ejetá-la do quarto à força.

Ele segurou-a pelos ombros.

— Você — ele disse. — Você.

— Sim, esta sou realmente eu. — Ela levantou as mãos e passou os dedos pelo cabelo dele, desgrenhado. — Eu não sabia que morava uma mulher pecadora dentro de mim. Você a encontrou e a libertou. Agora deve lidar com as consequências. — Ela o puxou para baixo, a boca dele desceu sobre a dela, e em um instante ele a arrastou para outro lugar, onde ela era jovem novamente, fresca e completamente feliz.

Ela enrolou as mãos em volta do pescoço dele e ficou na ponta dos pés, tentando obter mais dele. Ele aprofundou o beijo e a arrastou para dentro de uma escuridão embriagada. Nenhum fruto do ópio poderia ser nem de perto tão embriagante quanto o sabor dele. Com a língua, ele brincou dentro de sua boca e a fez se lembrar da maneira mais íntima como brincara com ela havia menos de dez dias. O calor se espalhou por sua pele e por baixo dela. A razão evaporou, e o prazer penetrou, frio, escuro e perigoso, fazendo dela outra pessoa, a

pecadora que ele trouxera à vida. Não mais cautelosa, não mais responsável, não mais no controle.

Ela moveu as mãos sobre os ombros dele, seus braços poderosos, e saboreou as carícias em resposta, suas mãos grandes e habilidosas deslizando sobre a camisola de renda, fazendo-a sussurrar sob seu toque como se estivesse viva. Ele fazia tudo ganhar vida, criava um mundo selvagem, vibrante, misterioso e exótico, e ainda assim tão familiar, como se sempre tivesse existido dentro dela.

Ela deslizou as mãos até a faixa do roupão dele. Suas mãos entraram no caminho, afastando as dela, desamarrando a fita de sua camisola, soltando o corpete. Ele empurrou o tecido fino para baixo, e ela prendeu a respiração quando a mão se fechou sobre o seio dela.

— Perfeita — ele murmurou contra sua boca. — Você é perfeita.

Ela se inclinou contra a mão acariciante, saboreando o toque e buscando mais. Queria que ele a tocasse em todos os lugares. O decote da camisola escorregou por seus braços até a cintura, e ela sentiu o ar fresco do quarto em seu torso nu. Mal percebeu o frio. Toda a sua atenção estava voltada para o calor das mãos massageando seus seios. Doíam e ficavam tensos, e todo o seu corpo parecia doer, ansiando por mais, mais e sempre mais.

Ela percebeu vagamente que estava sendo conduzida de alguma forma, para trás, e para trás novamente. Algo duro contra sua espinha. Algo para se segurar. Ela se apoiou na coluna da cama, zonzinha com os sentimentos que a cercavam e a invadiam, e olhou, como se estivesse muito longe, sua camisola escorregando para baixo, para o chão. Olhou para cima, atordoada e boba. A luz do fogo brilhava em seus olhos, agora tão escuros.

— Bonita — ele disse, sua voz tão baixa que poderia ter vindo do chão, onde sua camisola estava. Ele deslizou a mão da garganta dela, entre os seios e até o lugar entre as pernas onde ele a havia feito sentir tanto prazer. — Minha linda.

Mas ele era mais bonito do que ela. Ela estendeu a mão novamente para a faixa e, desta vez, ele permitiu. Ela a desamarrou e empurrou a peça de roupa de seus ombros, por seus braços longos, e observou-a deslizar entre as dobras da camisola descartada. Ela estendeu a mão para a camisa de dormir dele, mas foi lenta demais. Ele a arrancou e a deixou cair junto com as outras roupas.

A luz cintilante brilhava no cabelo castanho-escuro e em seus olhos. Traçou os contornos esculpidos de seu rosto e brincou sobre os músculos do tronco e dos membros. Ela estendeu a mão e deslizou-a para baixo como ele havia feito com ela, da garganta até a barriga tensa, mas ele se afastou antes que ela pudesse fazer algo mais audacioso.

Então ele se inclinou e fez um caminho de beijos formigantes desde o ombro até o seio.

Ele demorou lá, sua língua brincando levemente na pele e depois pausando para sugar. Ela gemeu e passou os dedos pelo cabelo dele e o segurou ali, embora o prazer — a dor —, o que quer que ele estivesse fazendo com ela, fosse quase insuportável. E quando ele levantou a cabeça, ela quase gritou, mas ele ainda não tinha terminado e a torturou um pouco mais.

Depois, ele desceu novamente, sua boca tão perversa quanto, entre as pernas. Pecado, pecado, pecado. Sua mente estava turva e quente. Ela queria... Ela não sabia o que era. Ele precisava lhe dizer. Ela estendeu a mão para ele e o puxou para cima.

— Sua — ela ofegou. — Me faça sua.

Alistair emitiu um som engasgado, pegou-a nos braços e a levantou na cama. Ele se ajoelhou aos pés dela e a acariciou de baixo para cima desde seus tornozelos, e ela abriu as pernas e o teria puxado por cima dela se pudesse alcançá-lo. Mas ele estava logo fora de seu alcance, e ela afundou de volta e o deixou transformá-la em um líquido quente. Ela se contorceu sob seu toque, querendo mais, ainda mais. Ele beijou-a nos joelhos e lambeu a marca, e ela queria gritar.

Ele se moveu para cima, deslizando as mãos por suas pernas enquanto subia. E então ela sentiu o polegar entre as pernas, no lugar onde ele a havia torturado antes, mas isso estava além de qualquer coisa, um prazer que ela mal conseguia suportar. Ela foi reduzida a sentir, a uma necessidade quente e pulsante.

E então chegou: uma alegria dilacerante que a fez gritar. Sua boca cobriu a dela enquanto o prazer explodia do que parecia o núcleo de seu ser, e se derramava em sensações cascadeantes.

E no meio disso, ela sentiu-o entrar nela. Ela parou, consciente de uma estranha e desconfortável pressão.

— Desculpe. — Três sílabas ásperas contra sua boca. — Eu quis dizer...

— Oh — ela disse sem fôlego. — Isso é você. — Ela se contorceu, tentando ficar mais confortável.

— Mirabel.

Ela se contorceu para o outro lado.

— Meu amor.

Ela sentiu a mão dele acariciando o lugar onde estavam unidos. A pressão diminuiu gradualmente. E então estava tudo bem, oh, muito bem.

Ela sorriu estupidamente para ele.

— Oh — ela repetiu, embriagada. — É bom.

Ele fez o som engasgado novamente.

— Sim. Sim, é.

— Podemos fazer de novo? — continuou ela.

— Ainda não terminamos.

Então ele começou a se mover dentro dela; e o mundo mudou novamente, completamente. Ela se segurou, deixando-o levá-la para onde quisesse. Eles foram devagar no começo, até que o prazer selvagem se apoderou uma vez mais. Então ela estava se movendo com ele, procurando algo, algum lugar na escuridão quente. O mundo desapareceu e com ele o que restava do pensamento. Apenas os sentimentos e sensações permaneciam, por ele, proporcionados por ele, uma felicidade quase dolorosa e uma necessidade que ela não conseguia satisfazer. Ela se impulsionou contra ele, instintivamente em busca de mais, e cravou os dedos nas costas dele.

— Eu amo você. — A voz masculina, baixa, ecoou através dela. — Eu amo você.

Seus lábios formavam palavras, mas ela estava além das palavras. Seu corpo estava preso em uma corrente poderosa, desfazendo-se mais e mais rápido, depois a jogando em uma costa selvagem e tempestuosa. Um batimento cardíaco depois, um tremor poderoso percorreu seu corpo e viajou através dela, como um relâmpago, e explodiu o mundo em pedaços cintilantes.



CAPÍTULO 18

Por um tempo depois, Alistair permanecia entorpecido. Então ele a puxou para perto de si e assim ficaram, deitados de conchinha.

O traseiro perfeito se encaixou contra sua virilha. Sua mão segurava um seio perfeito. Cachos sedosos faziam cócegas em seu rosto. Ele pressionou a boca em seu pescoço e inalou seu cheiro, e isso também era perfeito.

Sua vida, naquele momento, estava absolutamente certa.

Ela estendeu a mão para trás e acariciou a cicatriz. Quando não o estava incomodando ativamente, a dor sempre pairava em segundo plano. No entanto, recuava sob o toque gentil.

Mirabel não se importava de tocar na cicatriz ou de olhar para ela, embora fosse horrível, a pele nodosa e brilhante.

— Você a odeia? — indagou ela, com a voz ainda rouca no rescaldo da paixão.

A rouquidão o confundiu.

— Odiar o quê?

— Sua lesão.

Ele queria dizer que nunca pensava nela, mas era uma grande mentira.

— É um incômodo infernal — disse ele. Hesitou e acrescentou: — E é feia, e eu não posso... — Ele respirou fundo, soltou o ar e enterrou o rosto em seu pescoço. — Será que devo contar tudo a você? — murmurou contra a pele dela.

Ela virou-se em seus braços e trouxe a mão até a face dele. Ele virou a cabeça para beijar a palma de sua mão. Alistair amava as mãos dela. Amava o toque dela. E ela parecia muito satisfeita com o seu amor. Ele não tinha mais nada a desejar, exceto um casamento rápido.

— O que você não pode? — disse ela.

— Gostaria que não me fizesse andar de modo tão desajeitado —

respondeu ele, e fez uma careta interior. Parecia tão infantil, tão ingrato. Tinha sorte de estar vivo, e estava reclamando de ser manco.

— Não duvido de que pareça mais desajeitado para você do que para os outros. Não vai acreditar em mim... vai dizer que estou cega de amor... mas a maneira como você anda tem um efeito estranho. Talvez seja eu. Talvez faça parte da minha perturbação devido à minha idade avançada, mas a pequena interrupção em sua caminhada desperta sentimentos carnavais em mim. Não sabia o que eram a princípio, apenas que eram agradáveis e perturbadores.

O porrete invisível atacou de novo.

— Sentimentos carnavais? Você quer dizer luxúria?

Ela assentiu.

— Você está zombando de mim — disse ele.

Ela pôs a cabeça em seu peito. Os cachos rebeldes faziam cócegas em seu queixo.

— Eu nunca zombaria de você por uma coisa dessas. Já é embaraçoso o suficiente ter que admitir, mas, afinal, não sinto mais vergonha.

Ela achava seu manquitolar erótico.

De todas as noções que poderiam ter ocorrido a ele, essa nem sequer estava em último lugar. Estava em lugar nenhum dentro das possibilidades que ele imaginara. Mas então, ela também não estivera dentro de suas possibilidades. Não poderia ter imaginado uma mulher assim, e estava apenas começando a descobri-la.

Ela suspirou.

— Mesmo que eu não sinta mais vergonha, devo escondê-lo e fingir ser recatada. Como eu queria ter pensado em drogar todo mundo na estalagem antes de vir! Mas, como isso não me ocorreu, preciso voltar para o meu quarto. Pelo menos inventei uma desculpa plausível para tê-lo deixado.

Ele não queria que ela fosse embora, nunca mais. Mas também não queria que a reputação dela fosse manchada. Ele se sentou, levando-a com ele.

— Estou ansioso para ouvir sua desculpa.

— Tive um pesadelo e acordei desorientada, achando que estava em minha casa — contou ela. — Depois de andar um tempo em confusão, gradualmente recuperei meus sentidos e voltei para o meu quarto. — Ela se inclinou em sua direção e o beijou de leve na boca.

Os bicos rosados perfeitos roçaram seu peito. A boca era tão macia; o gosto, tão doce. O cheiro nadava em sua mente e exalava das roupas de cama.

Alistair disse a si mesmo para ser homem e suportar. Ele se levantou

da cama.

— Vou deixar você ir, e pode contar a mentira que quiser, desde que se lembre de que estamos para nos casar, o mais rápido possível.

— Significa que você vai se casar comigo, com ou sem o canal?

Alistair estava ciente de que ela o observava mancar até a pia.

— Significa que vou resolver o problema. E não diga: “E se você não conseguir resolver?”, porque eu vou. Já tomei minha decisão. — Ele despejou água na pia, pegou uma toalha e a levou até ela.

Ela se lavou depressa, muito depressa.

Ele pegou o robe e a camisola de renda, permitiu-se um último estudo demorado de seu corpo lindamente torneado e depois a ajudou a vestir as roupas.

Enquanto amarrava as fitas do robe, ele disse:

— Sua tia envia roupas tão atraentes com frequência?

— Não — Mirabel respondeu, e corou.

Ela não corava com frequência ou facilidade.

— Eu imaginei. Senão, eu me perguntaria por que você se veste assim. Por que ela enviou, então?

— Ela não disse. Preciso ir.

— Mirabel.

— Vou ficar com ela em Londres. Vou perguntar. Estou feliz que você aprove a escolha dela. — Mirabel falava apressadamente. — Ela vai me levar às compras. Eu estava temendo isso. Demora tanto tempo, e eu tinha tanto o que fazer, com minhas maquinações políticas. Mas agora terei muito tempo para fazer compras. — Ela desferiu-lhe um sorriso: — Para meu enxoval.

— Não, não, não — disse ele.

O olhar surpreso encontrou o dele.

— Sim, você fará compras para seu enxoval, mas mais tarde, comigo.

— Você não aprova meu gosto.

— Com a exceção presente, você não tem gosto do qual falar. Esse não é o problema. O problema é que você não deve abandonar sua campanha.

— Sr. Carsington — ela começou.

— Alistair.

— Alistair — repetiu ela, e o nome de batismo dele nunca soara assim antes. Era infinitamente diferente quando proferido naquela voz noturna sussurrante. E ele, ele percebeu, era um homem diferente e melhor ali, com ela.

Ela pôs a mão no peito dele.

— Por favor, lembre-se de que o objetivo de minha campanha era destruir seu projeto de canal. Isso, ao que parece, arruinaria seu melhor amigo, bem como seus irmãos mais novos. Não posso ser responsável por tanta carnificina, certamente não por causa de uma estreita faixa de canal com pouco mais de trinta quilômetros de comprimento.

— Existe uma solução melhor — respondeu ele. — Está em algum lugar no fundo da minha mente. Nunca chegarei a ela a menos que você continue me desafiando e provocando.

Ele segurou gentilmente os ombros dela e olhou nos olhos crepusculares.

— Durante toda a minha vida, foi fácil demais — prosseguiu ele. — Eu sempre soube que alguém estaria lá para resolver meus problemas. Como resultado, nada estava em jogo. Nada era importante o suficiente para me fazer me esforçar. Nada jamais testou minha inteligência ou engenhosidade. Até agora. Até você. Você não permitirá que nada seja fácil. Você me fez reexaminar tudo. Você me fez pensar, planejar e conspirar. Não pode desistir agora. Nunca fui tão afligido e assediado por problemas em toda a minha vida... e sei que isso é bom para mim. Eu não me senti tão vivo desde... Deus, não consigo me lembrar desde quando. Você entende, minha querida e problemática garota? Eu preciso da urgência dos fatos.

Ela o estudou com aquele jeito direto dela, sem esconder sua tentativa de desvendá-lo.

Então:

— Ah — disse. — Ah, sim, eu entendo muito bem. — Ela sorriu, um grande sol nascente de um sorriso. — Estou tão aliviada.

Ela o beijou com força nos lábios do jeito que ele a beijara na despedida naquele dia no mausoléu. Em seguida, ela saiu do quarto, apressada, em meio a babados e rendas.



Mirabel chegou ao seu quarto sem chamar a atenção e se enfiou debaixo das roupas de cama, embora soubesse que não conseguiria dormir.

Na sequência, ela percebeu uma agitação ao seu redor, passos apressados para lá e para cá, vozes abafadas. Olhou para a janela. O céu ainda estava cinza, o sol ainda não tinha nascido. Houve uma batida à porta que conectava seu quarto ao da sra. Entwhistle. Um momento depois, a própria senhora apareceu em uma incrível profusão de fitas e babados. Seu traje de dormir era, embora mal

parecesse possível, ainda mais frívolo do que o traje de odalisca de Mirabel.

— Querida, sinto muito por aparecer assim — disse ela. — Mas Jock trouxe notícias perturbadoras.

Seu pai. Acontecera alguma coisa.

Com o coração disparado, Mirabel pulou da cama, vestiu o robe e saiu apressadamente para o corredor, onde Jock, completamente encharcado, esperava.

Um sinal ruim, um sinal muito ruim, se o cavaliário tinha sido enviado a ela em mau tempo, no meio da noite.

Ele se desculpou por perturbar, mas o sr. Benton tinha dito que eles não poderia perder um minuto.

— O senhor nunca voltou para jantar, senhorita — anunciou o cavaliário. Ele disse mais, embora nada mais precisasse ser dito. Pouco depois, ela, a sra. Entwistle, seu séquito e acompanhantes estavam todos correndo de volta para Oldridge Hall.



O clamor do lado de fora, com cavalos sendo preparados para a viagem e criados se apressando entre a estalagem e a carruagem, acordou Alistair, mas apenas brevemente. Ele olhou para a janela, viu que ainda estava escuro e, sonolento, presumindo que o barulho que ouvira era a tempestade, voltou a dormir.

Foi seu sono mais profundo desde que chegara a Derbyshire, havia um mês.

Sonhou que estava em uma carruagem puxada pela famosa locomotiva a vapor Catch Me Who Can do sr. Trevithick.

Alistair estava dando voltas e mais voltas na pista circular em Euston a uma velocidade louca de vinte quilômetros por hora. Gordy gritava para que ele descesse — era perigoso, estava prestes a explodir — e Alistair apenas ria. Ele era jovem, inteiro e destemido — ou pelo menos acreditava ser. Waterloo estava anos à frente, em um futuro que sua mente ainda imatura não poderia imaginar.

A carruagem sacudia violentamente, e ele mal conseguia ouvir Gordy sobre o barulho da máquina.

— Senhor, por favor. São quase nove horas.

Alistair abriu os olhos. O quarto estava apenas um grau menos escuro do que antes. Crewe olhava para ele, preocupado.

— Nove horas? — repetiu Alistair. Ele lutou para se sentar. — Por que está tão escuro?

Embora a tempestade tivesse passado horas antes, o céu permanecia

nublado, Crewe informou. Alistair então lembrou que o grupo de Mirabel tinha tomado os melhores quartos, exilando-o e a Crewe para aquele canto sombrio da estalagem, onde a fraca luz do dia mal conseguia penetrar.

Rezou para que o isolamento tivesse funcionado a favor dela. Se alguém soubesse de sua longa estadia naquele quarto...

Sorrateiramente, ele começou a apalpar a cama em busca de grampos de cabelo perdidos. Em seguida, lembrou-se de tê-la visto entrar, com seu glorioso cabelo cor de amanhecer caindo sobre os ombros. Ela usava apenas a camisola e o robe, ambos amarrados com fitas.

E as pantufas de seda. Ela não poderia ter deixado nenhuma peça de roupa para trás para os curiosos serviçais da estalagem encontrarem.

Ele arregalou os olhos. Ele a havia desonrado! Os lençóis!

Ele pulou da cama e jogou os lençóis para trás.

Nada. Nenhuma mancha.

Antes que pudesse considerar o significado dessa falta de evidências, Crewe o distraiu.

— Senhor, preciso lhe pedir desculpas — disse o criado. — Eu dormi demais, do contrário o teria acordado há muito tempo.

— Você ficou de guarda novamente, imagino. Até altas horas da madrugada.

— Eu sabia que o senhor não gostaria que a visita de uma certa dama fosse mal interpretada por pessoas maliciosas — continuou o criado, com tato. — Estou feliz em assegurar que a dama retornou ao quarto dela sem chamar a atenção. A equipe da estalagem estava ocupada lá embaixo, na sala de jantar pública, acomodando viajantes que a tempestade havia detido. Eles não tiveram tempo para espionar outros clientes.

— Lembre-me de indicá-lo para a canonização na primeira oportunidade — falou Alistair, enquanto se dirigia para o lavatório. — Enquanto isso, assim que meus negócios permitirem, dobrarei seu salário.

— Eu gostaria de merecê-lo, senhor. No entanto, eu estava dormindo no meu posto e falhei com o senhor.

Consciente de que os padrões de serviço de Crewe eram impossivelmente altos, Alistair derramou água na bacia.

— Duvido disso — disse Alistair. Começou a espirrar água no rosto.

— A srta. Oldridge e sua comitiva partiram há algumas horas — anunciou Crewe. — Para casa.

Alistair se endireitou, com o rosto molhado.

— Ela voltou? — Mas havia concordado em prosseguir até Londres

e continuar a atormentá-lo.

— O pai dela desapareceu, senhor.



Jackson não iria embora.

De acordo com o plano, ele deveria garantir que Caleb tivesse tudo sob controle e dinheiro suficiente para a viagem a Northumberland. Depois, Jackson deveria voltar para ajudar seu senhor em Londres.

Mas porque Caleb havia encorajado o sr. Oldridge a engolir algumas gotas do Cordial de Godfrey, Jackson decidiu agir como enfermeiro. Quando a tempestade chegou na noite de quarta-feira, foi Jackson quem os fez parar na casa do capataz da mina, que estava deserta.

De nada adiantou Caleb lhe dizer que não havia mal algum no Cordial de Godfrey. Os médicos faziam seus pacientes beberem baldes dele, não é? Jackson só ficou de expressão fechada e cuidou do velho como se fosse seu próprio pai.

O sr. O não era um pai querido para Caleb. Ele era um velho irritante, meio senil e não servia para nada. Amável, diziam? Então por que ele nunca colocava a filhinha ruiva em seu lugar? Como permitia que ela enfiasse o nariz onde não era chamada? Por que nunca tinha uma única palavra boa para Caleb, depois de todos aqueles anos de serviço fiel? Em vez disso, o velho tolo permitiu que ela o dispensasse sem recomendações. Era como se estivesse difamando-o, dispensando-o sem dar nenhuma explicação a ninguém e se recusando a escrever nem mesmo dez palavras de recomendação ao próximo empregador. Por causa dela, as pessoas não queriam falar com ele. Ninguém o contrataria — ele, que tinha vivido entre eles toda a sua vida, e seus pais antes, e os pais deles antes disso. Era pior do que se ela tivesse manchado seu caráter de vez ou o mandado para o castigo físico.

Mas ela não ousava processá-lo, porque sabia que não tinha nenhuma evidência real contra ele.

Ela o perseguira, e a culpa era do velho, por deixá-la fazer o que quisesse. Ele deixou que ela pisoteasse pessoas que sabiam mais do que ela, sem se importar se era quase o mesmo que mandar um homem para o trabalho forçado.

Este era o pensamento de Caleb, e quanto mais ele pensava nisso, menos gostava da ideia de viajar até Northumberland, cuidando do velho e olhando por ele como se fosse da realza.

Se Jackson tivesse ido embora, como deveria, Caleb poderia ter derramado mais um pouco de cordial na goela do velho maluco no

início da noite anterior e o jogado na mina abandonada mais próxima. A colina estava coalhada de antigos poços e minas. Acidentes aconteciam o tempo todo. As pessoas pensariam que o sr. O tinha escorregado, como era provável que escorregasse mais cedo ou mais tarde, com suas andanças pelas colinas daquele jeito, em todos os tipos de clima. Ninguém ficaria surpreso quando encontrassem seu corpo. Se o encontrassem.

Mas Jackson não iria embora, e agora estavam presos, os três, naquela choupana esfumçada — e o sr. O, sendo um cavalheiro, ficava com a única cama, e todas as melhores iguarias, e até vinho, por gentileza.

A noite de quarta-feira se transformou na manhã de quinta-feira, e os efeitos do cordial haviam passado, então o velho tentou escapar. Depois disso, tiveram que começar a medicá-lo regularmente com o láudano que Caleb tinha à mão — para o caso de acidentes nas minas, ele dizia.

Mas Jackson era quem dava o remédio ao prisioneiro, e era extremamente mesquinho com a droga — apenas o suficiente para manter o sr. O sorrindo e sonhador, feliz em ficar sentado no mesmo lugar, olhando para um galho ou uma pena antiga por horas a fio.

Conforme a manhã avançava, a paciência de Caleb regredia.

— O dia está passando, e Northumberland não está ficando mais perto — ele avisou a Jackson.

— Vou ver sobre a contratação de uma carruagem — disse Jackson. — Voltarei o mais rápido possível.

Ele logo partiu, levando seu único cavalo e, para a irritação de Caleb, a garrafa de láudano.



Alistair não chegou a Oldridge Hall até a tarde estar bem avançada. Encontrou o lugar quase deserto, pois a maioria dos funcionários estava ajudando na busca pelo sr. Oldridge. Três grupos separados vasculhavam os locais habituais do botânico. Sir Roger Tolbert organizara um grupo para procurar na área ao redor de Matlock e Matlock Bath. O capitão Hughes e seu grupo estavam cobrindo a parte sudeste de Longledge Hill. Mirabel e seus criados estavam trabalhando em toda a vasta propriedade em si.

A sra. Entwistle permanecia em Oldridge Hall como coordenadora da busca, recebendo e enviando mensagens das várias partes. Quando Alistair foi conduzido à biblioteca, ele a encontrou à escrivaninha.

Ela não perdeu tempo com amenidades sociais, e imediatamente o

informou da situação.

Lembrou a ele que o sr. Oldridge nunca deixava de comparecer ao jantar. Era muito raro que ele pudesse ser persuadido a jantar fora de casa. Quando ele não apareceu na noite de quarta-feira, Benton imediatamente supôs um acidente. O sr. Oldridge nunca se perdia a ponto de não conseguir voltar para casa a tempo do jantar. Ele nunca era impedido pelo mau tempo, e no dia anterior o tempo não havia piorado até muito depois da hora marcada para o jantar. A única explicação possível era que tinha sofrido um acidente. Tinha sido por isso que Benton imediatamente enviara uma mensagem para a sua senhora. Segundo o seu raciocínio, se o sr. Oldridge aparecesse nesse meio-tempo, seria fácil enviar outro mensageiro para interceptar a srta. Oldridge quando ela estivesse voltando.

No entanto, o sr. Oldridge não aparecera nesse meio-tempo. Ele não havia jantado em nenhum outro lugar.

— Por consequência, só podemos esperar que o acidente tenha sido um incidente menor — contou a sra. Entwistle.

Alistair se lembrou da sua própria queda no riacho Briar. Um tornozelo torcido. Uma concussão leve. Ele poderia ter quebrado o pescoço.

— O sr. Oldridge tem vagado por esses campos a maior parte de sua vida — disse ele. — Ele é mais ágil do que eu; na verdade, é tão ágil quanto um menino, eu acho. Quem conhece melhor essas colinas e vales do que ele? Não pode ser nada além de um acidente menor. E com tantas pessoas envolvidas na busca, ele decerto será encontrado antes do final do dia. Por favor, me diga como posso ajudar.

— É melhor o senhor ir até Mirabel. Ela sabe o que está fazendo, mas poderia se beneficiar de um apoio moral. — A ex-governanta lhe deu um olhar firme, o que contrastava desagradavelmente com sua aparência feminina e rechonchuda. — O senhor é capaz de fornecer esse apoio, não é?

Embora desagradável, o olhar — que certamente já havia reduzido crianças travessas a uma obediência aterrorizada — não era nada comparado ao olhar de Górgona que sua avó paterna poderia desferir.

— Decerto, senhora — confirmou ele, completamente inabalado —, e tudo o mais que a senhora exigir.

Quase uma hora depois, ele encontrou Mirabel no mirante onde, agora percebia, suas percepções sobre Longledge haviam começado a mudar. Ela estava montada no imperturbável pangaré, em vez da nervosa Sophy, mas estava sozinha, e em muito pouco tempo anoiteceria.

Ele tinha chegado na hora certa.

Mirabel ouviu o som dos cascos dele se aproximando e se virou na

sua direção.

— Você está chateado comigo — disse ela, lendo seu semblante com facilidade.

— Claro que estou chateado. Você está sozinha, o chão ainda está escorregadio da tempestade de ontem à noite e sei que você não dormiu muito. É uma combinação perigosa.

— Veio cuidar de mim?

— Sou seu noivo, não seu enfermeiro. Vim para ajudá-la a procurar seu pai. Deveria ter me enviado uma mensagem antes de sair hoje de manhã, mas estava muito preocupada para pensar nisso, eu suponho. Venha, não pode ficar aqui olhando para as charnecas e se permitir adoecer. Vamos encontrá-lo.

— Eu não queria acordar você tão cedo. Você nunca dorme o suficiente. E eu estava esperando que fosse um engano: que papai tivesse marcado um jantar com um dos vizinhos e, como de costume, se esquecido de contar para alguém. O caminho todo para casa, eu estava esperando encontrar um mensageiro me dizendo que ele jantou com os Dunnet, por exemplo, e acabou passando a noite lá por causa da tempestade. Eu continuava dizendo para mim mesma: “A qualquer minuto, vou voltar e ir a Londres, onde vou causar um sem-fim de aborrecimentos ao sr. Carsington”. — A voz dela tremeu. — Alistair, quero dizer. Vai demorar um pouco para me acostumar a provocar você pelo seu nome de batismo.

— Pode me provocar com qualquer nome que quiser. Só saia deste lugar. É desesperadamente romântico, mas no momento não favorece o pensamento otimista. Deve-se vir aqui para refletir, Mirabel, não para planejar a melhor forma de encontrar um pai desaparecido.

Ela se virou das charnecas e começou a caminhar com ele pela trilha.

— Ele não pode estar correndo nenhum perigo — Alistair lhe disse. — Ele conhece esse lugar bem demais, cada galho, musgo e líquen daqui. Você não deve ficar ansiosa.

— Sim, ele deve estar seguro em algum lugar neste momento, com certeza. Talvez em uma das aldeias que ele gosta de visitar. Provavelmente está bem à vontade na sala de estar de alguém ou na pousada local, falando sobre canforeiras de Sumatra e deixando todos dentro do alcance de audição em um estado de estupor indefeso.



O sr. Oldridge estava longe de se encontrar seguro, embora estivesse reduzindo o seu único ouvinte a um estado de estupor indefeso.

O sol estava se pondo, o efeito do ópio estava desaparecendo, e o velho chato estava fazendo uma palestra para Caleb Finch sobre tamareiras e papoulas.

Tudo começou em grego, que Caleb não entendia uma palavra, e não via motivo para isso, ele disse, já que era uma língua pagã, feita para adorar deuses falsos.

— Nas paragens orientais — falou seu irritante prisioneiro — é a língua da igreja cristã, e não é mais pagã do que o latim.

— O papismo é tão bom quanto o paganismo.

O sr. O suspirou.

— Em sua grande obra, a *Odisseia*, Homero fala de Helena, filha de Zeus, que derramou nepente no vinho que os homens estavam bebendo no banquete, para fazê-los esquecer todo o mal. Ela soube desta poção, Homero nos conta, pela esposa de Thos do Egito, onde a terra fértil produz tantos bálsamos, alguns bons e outros perigosos. Os homens no banquete estavam lamentando a perda de seus amigos e familiares na Guerra de Troia, veja só, e a mistura de ópio que ela colocou em seu vinho lhes provocou um esquecimento temporário. Um alívio. Foi só isso que eu quis dizer — disse ele, falando consigo mesmo. — Uma forma de pensar em coisas terríveis com menos sofrimento. Pensei que ele pudesse dormir melhor, pobre rapaz. Virgílio escreveu sobre a papoula, assim como Plínio, o Velho.

— Queria ter um pouco daquele cordial de sabugueiro — Caleb falou em voz baixa. — E a garrafa que Jackson pegou. Eu iria ajudá-lo a esquecer, com certeza.

Ele foi até a porta — o casebre não tinha janelas — e olhou para fora. Assim que escurecesse, prometeu a si mesmo, levaria o velho para fora. Um golpe na cabeça, uma queda longa em um poço de mina, e esse seria o fim de seu sermão e de sua história como um cavalheiro educado que sabia latim e grego. Seria o fim de sua tagarelice sobre musgos, papoulas e pagãos.

Então, a ruivinha se arrependeria. E com o tempo ela se arrependeria ainda mais. Em breve, o canal de Lorde Gordmor cortaria seus belos campos, fazendas e árvores preciosas. Todos os dias, pelo resto de sua vida, ela teria que olhar para ele.

Caleb ficou parado na porta e observou o céu escurecer.



Alistair também estava estudando o céu, enquanto o horizonte começava a engolir o sol. Mirabel o observava. A uma distância respeitosa, seu grupo de busca aguardava. Ela lhes dissera para se

reunirem ali ao pôr do sol. Presumira que, naquele momento, já houvessem encontrado seu pai muito tempo antes. No momento, não via outra opção a não ser desistir por aquele dia e deixar todos irem para casa. Todos estavam cansados e com fome. Os outros poderiam comer e dormir. Ela tentaria fazer o mesmo, pelo bem de seu pai. Tentaria acordar no dia seguinte, revigorada e esperançosa.

Alistair se virou para ela.

— O céu já está mais limpo — disse ele. — A lua vai aparecer daqui a algumas horas. Não está completamente cheia, mas dará um pouco de luz. Sugiro que aproveitemos o intervalo para comer e descansar. Uma hora de sono fará um bem tremendo. Eu pedi à sra. Entwistle que preparasse provisões. Em breve, alguém deve chegar com cestas de comida. Aqueles que escolherem voltar para suas casas pelo menos poderão fazer isso de estômago cheio.

— Pretende continuar? — indagou Mirabel. — Procurar durante a noite?

— Sim, já que teremos alguma luz da lua.

Então ela se lembrou: o amigo dele o procurara à noite. Se Gordmor não tivesse feito isso, Alistair não estaria ali naquele momento, tão seguro e confiante. Enquanto ela o ouvia, seu próprio ânimo abatido se elevou.

Ele estava tão certo que era impossível duvidar.

Ele se aproximou do grupo de homens e lhes contou a estratégia noturna. Eles se dividiriam em dois grupos. Um grupo permaneceria. Os outros voltariam para casa, teriam uma boa noite de sono e se juntariam a eles ao nascer do sol.

Nesse momento, se o sr. Oldridge ainda não tivesse sido encontrado, aqueles que buscaram durante a noite voltariam para casa e descansariam.

As provisões chegaram quando ele terminou seu breve discurso. Ele se juntou a Mirabel. Os homens se apressaram em fazer sua refeição e depois se dividiram em dois grupos.

Mirabel assistiu de onde estava, sentada com ele, em uma grande rocha plana.

— Eles são tão organizados — comentou ela, observando a metade misteriosamente escolhida partir. — Como soldados. Eu não consegui acreditar quando você os deixou fazer isso.

— Por que está surpresa? Você sabe que sou irresistivelmente charmoso.

— Acho que é algo maior e mais profundo do que charme. Acho que você é um líder nato.

Ele pegou um sanduíche da cesta pesada, cortou-o ao meio e deu

metade a ela.

— Sim, isso também. — Sua voz caiu para o murmúrio mais baixo quando acrescentou: — Eu a desviei do caminho com muito pouca dificuldade.

— Discordo respeitosamente. Fui eu quem o conduzi ao erro. Por favor, não esqueça quem tomou a primeira atitude. Por favor, lembre-se de quem foi o primeiro a se despir. Em mais de uma ocasião. — Ela deu uma mordida na metade do sanduíche.

— Isso fazia parte do meu plano diabólico — disse ele.

— Eu quase acredito. Você é um planejador talentoso. Eu não tinha pensado se teríamos luar ou não. Eu não tinha pensado em pedir provisões. Eu não tinha pensado em dividir nosso grupo de busca.

— Eu tive tempo de elaborar uma estratégia no caminho até aqui. Não tinha um exército de assistentes com quem lidar. Não tive que descobrir como afagar o orgulho tanto do capitão Hughes quanto de Sir Roger, dois homens acostumados a dar ordens a outros, e tentar adivinhar qual tarefa os agradaria mais. Além disso, apesar de gostar muito do sr. Oldridge, ele não é meu pai. Eu não tenho seu afeto e não posso sentir tão profundamente quanto você. É mais fácil para mim ver a situação com um grau de objetividade impossível para você. Por favor, pare de se criticar e coma seu sanduíche.

Mirabel comeu, embora não quisesse. Mais tarde, quando ele colocou cobertores para ela, ela descansou, embora não conseguisse dormir. Fechou os olhos e ouviu a voz dele enquanto ele conversava baixinho com alguns dos homens. Não conseguia ouvir o que ele dizia, mas o som de sua voz profunda a confortava.

Ela devia ter adormecido, porque a próxima coisa que soube, ele estava murmurando seu nome. Ela abriu os olhos e viu primeiro a lua, que não estava completamente cheia, mas brilhante, e depois ele.

Sua expressão era muito séria.

Ela despertou por completo então e ficou de pé em um instante.

— O que houve? — perguntou. — O que aconteceu?

— Não tenho certeza — disse ele. — O que você sabe sobre um homem chamado Caleb Finch?



CAPÍTULO 19

Caleb Finch se considerava um homem pacífico, que nunca levantava a mão contra seus companheiros. Ele preferia, de longe, superar seus colegas com a astúcia ou trocar favores.

No momento, no entanto, tinha um forte desejo de esmagar o crânio do sr. Oldridge contra uma pedra.

Ele tinha passado a última hora tagarelando sobre alguma árvore que crescia em algum país canibal na África, na China ou em um daqueles lugares ímpios, e não parecia perto de terminar.

Caleb não podia pôr fim a isso, porque Jackson estava lá. Ele havia voltado minutos antes de o céu azul-escuro apagar as últimas faixas do pôr do sol.

— Koempfer disse: “*Sed haec arbor ex Daphneo sanguine non est*” — falou o sr. Oldridge. — Definitivamente não é do gênero *Laurus*, mas sim *Dryobalanops*, como Gcertner declarou. No entanto, o sr. Colebrook propõe chamá-la *Dryobalanops camphora*, em vez de *D. aromatica*. O problema é que ele não é um botânico, e sua descrição não é completamente satisfatória. Além disso, os espécimes que ele recebeu não sobreviveram ao tempo frio, e ele tinha apenas as sementes para tirar suas conclusões.

Caleb lançou um olhar irritado para Jackson.

— Estive ouvindo isso o dia inteiro. Você vai dar a ele algum remédio ou deixá-lo nos transformar em lunáticos babões, como ele?

Jackson serviu um copo de vinho e acrescentou uma dose de ópio a contragosto. Ele o colocou na mesa em frente ao prisioneiro.

— É melhor beber, senhor — disse Jackson. — Estamos prestes a viajar, e isso vai deixá-lo mais confortável.

— Está bem — respondeu o sr. Oldridge. — Vamos jantar em breve, eu espero?

— Sim, senhor. Eu pedi um cesto para a carruagem.

— Um cesto. — Caleb revirou os olhos. — E pratos de ouro para ele comer, suponho.

O sr. Oldridge ergueu o copo e murmurou algo sobre velhos amigos e genros, e o bebeu.

Quando o copo estava vazio, Jackson lançou a Caleb um olhar estreito.

— Não faça essas caras de mártir para mim — disse o agente em voz baixa. — Você já causou problemas suficientes, não esperando por ordens e fazendo tudo às pressas. Já disse que você era muito apressado, não disse? Sabia que já estão procurando por ele?

— Você me disse que ela partiu direto para Londres depois da reunião — retrucou Caleb. — Não poderiam tê-la avisado tão depressa. Sem mencionar que ninguém lá faria nada sem que ela dissesse.

Eram quase 240 quilômetros até Londres, uma jornada de pelo menos quinze horas — e isso no estilo da diligência dos correios: forçando os cavalos, fazendo trocas rápidas no caminho e mal parando para beber, comer ou urinar. Uma carruagem particular com senhoras — e com um séquito de criados e bagagem — levaria vários dias. Quando a casa começasse a se alarmar, a srta. Atrevida já estaria em Londres. Caleb havia planejado tudo com antecedência.

— O sr. Oldridge é como um relógio, dizem — afirmou Jackson. — Quando ele perdeu o jantar, o mordomo ficou apavorado e imediatamente mandou chamar a senhora.

O mensageiro a alcançou antes do amanhecer na estalagem onde ela parou para passar a noite, continuou Jackson. Enquanto isso, toda a vizinhança começou a procurar pelo sr. Oldridge ao amanhecer.

— Se você tivesse esperado, do jeito que o patrão queria, até que ela chegasse a Londres, teríamos tempo — continuou Jackson. — Mas você não esperou, e agora temos apenas meio dia de vantagem sobre eles. Graças a você, metade de Derbyshire já sabe que ele desapareceu. Teremos que partir imediatamente e atravessar essa maldita montanha no meio da noite, e rezar para que eles sejam cautelosos demais para tentar o mesmo. E se acabarmos em pedaços no fundo de uma ravina, teremos você para agradecer.

Caleb fingiu estar mais contrito. A verdade era que Longledge Hill não o assustava, mesmo sendo a parte mais íngreme e pedregosa. Ele havia crescido no Peak District e não tinha medo de seus vales e colinas, no verão ou inverno, de dia ou de noite. Um acidente aconteceria, com certeza, ele pensou. Mas não seria ele quem acabaria em pedaços.



Mirabel contou a Alistair sobre sua experiência com Caleb Finch enquanto faziam sua jornada até a ponta de Longledge Hill, em direção às minas de carvão de Lorde Gordmor.

Seu destino era resultado de conjecturas, que, por sua vez, se baseavam principalmente em rumores: um artigo que as colinas de calcário seco produziam em abundância. Uma das mulheres que ajudara a levar provisões de Oldridge Hall disse que tinha visto um sujeito alto e magro, que parecia ser Caleb Finch, rondando o galpão de ordenha de seu vizinho na manhã de quarta-feira.

Havia outros rumores: Finch visto na igreja em Ledgemore em um domingo e alguém parecido com ele na estalagem em Stoney Middleton fazia uma semana ou mais.

Como Alistair era o representante de Gordy, ele também ouviu uma história aparentemente não relacionada sobre o capataz das minas do visconde perder o emprego de repente, porque o procurador de Lorde Gordmor se indispusera contra ele. O capataz estava murmurando sobre ir à justiça, os mineiros não estavam felizes e o murmúrio se espalhou de casa em casa, para a taverna do povoado e para a estalagem onde Alistair estava, e chegou a Longledge naquela semana.

Alistair, que havia visitado as minas menos de uma quinzena antes e encontrado tudo em ordem, estava começando a desenvolver uma teoria. Ele não disse nada de suas suspeitas aos informantes, mas prometeu investigar o assunto.

Tudo isso aconteceu enquanto Mirabel descansava.

Agora ela sabia que Caleb Finch e o procurador de Lorde Gordmor eram a mesma pessoa — um homem que poderia estar alimentando uma antipatia pelos Oldridge havia onze anos.



Como nenhuma carruagem poderia se locomover nas trilhas estreitas e esburacadas daquelas partes, Oldridge tinha que viajar no carrinho de carvão. Enquanto Jackson estava do lado de fora, estendendo cobertores para que o delicado traseiro do grande filósofo não ficasse machucado, Caleb esvaziou uma dose considerável de láudano na garrafa de vinho e empurrou-a na frente do velho.

— Beba o quanto quiser — disse ele. — Vai tornar a viagem mais tranquila.

Oldridge franziu a testa para a garrafa.

— Espero que a cozinheira não se ofenda e peça demissão — respondeu. — Quantos jantares eu perdi? Já não sei mais. É preciso ter cuidado com os artistas. Seus sentimentos são facilmente ofendidos. — Ele olhou para Caleb. — Talvez alguém pudesse enviar um recado para a cozinheira? Apenas para dizer que fui retido por motivos inevitáveis.

— O que desejar, senhor — falou Caleb, lisonjeando-o. — Uma ideia muito boa. Um compromisso de negócios, hein? Convocado de repente. Negócios no norte.

— Não tenho me dedicado muito aos negócios — continuou o velho com tristeza. — Fui negligente. O grande dr. Johnson sofria de melancolia, sabia? Uma doença estranha, de fato. Que irônico que alguém deva lê-lo para entender um jovem, apenas para descobri-lo em si mesmo.

— Tenho certeza de que é estranho — disse Caleb, para quem as palavras eram incoerentes. — Tome mais um copo, senhor. Não teremos outra oportunidade até chegarmos à carruagem. A viagem será bem difícil até lá, mas isso vai acalmá-lo.



Muito depois da meia-noite, Alistair e Mirabel chegaram à mina de carvão. Subiram a trilha dos cavalos de carga o mais rápido que ousaram e agora estavam muito à frente dos outros, que continuavam a vasculhar sistematicamente o terreno acidentado em busca do pai de Mirabel: sob arbustos, entre pedras, em cavernas e fendas.

A mina estava deserta. Nem mesmo um vigia.

Nenhuma testemunha, pensou Mirabel. Com o capataz demitido e os homens de férias, Finch estaria livre para fazer o que quisesse.

Ela não se permitiria imaginar o que poderia ter acontecido.

— Quero verificar a cabana do capataz primeiro — informou Alistair. — Há um tempo, pensei ter visto fumaça nessa direção.

Ela o seguiu até a cabana, a meio quilômetro de distância. Parecia deserta. Desceram de seus cavalos, e Alistair tentou cautelosamente a porta. Abriu com facilidade.

A estrutura era apenas ligeiramente melhor do que a cabana de um mineiro. A vela que Alistair acendeu revelou um único cômodo contendo uma lareira pequena, fortemente enegrecida. A sala ainda cheirava a fumaça, o que significava que seus ocupantes deviam ter saído recentemente. A única cama estava nua. Algumas louças estavam na única prateleira estreita acima do fogo, e uma garrafa de vinho vazia estava sobre a mesa arranhada.

— Vê alguma coisa? — Alistair perguntou. — Qualquer coisa dele, algum sinal de que ele esteve aqui?

Mirabel moveu-se lentamente pela sala pequena e suja, procurando um sinal. Se o pai não estivesse lá, ele poderia ter sido jogado em uma mina. Ele estaria doente, faminto, machucado e com frio. Quanto tempo um homem prestes a fazer sessenta anos, acostumado a refeições fartas e todo conforto material, poderia sobreviver em tais circunstâncias?

Se, é claro, ele tivesse sido deixado vivo.

Ela deveria ter processado Finch quando teve a chance. Não deveria ter deixado os problemas românticos turvarem seu julgamento. Deveria ter sido mais decidida.

Disse a si mesma para parar de se preocupar com o passado. Isso não adiantava. O presente era o que importava. No entanto, a ansiedade devia ter aparecido em seu rosto, porque Alistair falou bruscamente.

— Peço que não entretenha pensamentos mórbidos — disse ele. — Você descreveu Finch como uma criatura gananciosa e desonesta. O que ele ganharia ferindo seu pai?

— Vingança — afirmou ela. — Contra mim.

— A vingança não encherá os bolsos dele — prosseguiu Alistair. — Tenho certeza de que qualquer coisa que ele faça é por ganho. — Ele levantou uma garrafa de vinho vazia e a cheirou. — Ele bebe um bom vinho. Roubado de Gordy, eu não me surpreenderia. — Ele começou a colocá-lo de volta na mesa, mas depois parou, a garrafa no meio do ar, olhando para um ponto na mesa.

Mirabel se juntou a ele. Algo reluziu em uma das muitas rachaduras da mesa. Alistair pegou a faca e foi removendo o objeto para fora da rachadura.

Um palito de ouro.

Ele entregou a Mirabel.

— Pode ser do seu pai, você acha?

Ela o examinou.

— Pode ser do papai, sim. Não consigo imaginar que Caleb use um palito de ouro, embora seja possível. Não pode pertencer ao capataz da mina. Talvez... — Ela se interrompeu quando Alistair se inclinou para examinar mais de perto a mesa.

— Há algo riscado aqui — disse ele. — N. T. Será um H?

Ela franziu os olhos para as marcas, pequenas, que corriam na vertical. Seria possível facilmente confundir a linha tênue de letras com arranhões.

— Ou um N — tentou ela. — N. T. H ou N. Depois um M, um L e

um retângulo que poderia significar um O ou um D.

Ele estudou por um longo tempo, enquanto Mirabel experimentava várias palavras e combinações de palavras.

— Talvez seja um código?

Alistair balançou a cabeça.

— Por que deixar uma mensagem em código? Se seu pai deixou isso... — Ele parou, e seu olhar se tornou distante.

— O que foi? — indagou ela.

— Northumberland. Lembre-se de que Finch é o procurador de Gordy. A casa ancestral está fechada, a maioria dos funcionários foi demitida. Finch deve ter escolhido a dedo os poucos restantes. Gordy não a visita há anos. Diz que deprime sua mente.

Ele conseguia imaginar como Lorde Gordmor se sentia. Finch devia ter arruinado sua propriedade, da mesma forma que quase havia arruinado a de seu pai.

— Devemos fazer uma busca nas minas — decidiu Alistair —, mas acredito que você e eu deveríamos continuar seguindo para o norte. Tenho certeza de que seu pai deixou essa mensagem. A mesa foi arranhada há pouco tempo, então a marca é bastante recente.

— A menos que seja um truque.

— Acha que Finch é tão esperto assim?

Mirabel considerou.

— Não sei. Não vi Finch desde que o dispensei. Eu era jovem, e metade da minha atenção estava em outro lugar. Talvez ele seja inteligente. Por outro lado, se é tão brilhante em enganar, como é que não conseguiu enganar uma garota de vinte anos preocupada em perder o amor de sua vida?

— Se você acreditava que Poynton era o amor da sua vida, qualquer tolo poderia enganá-la — disse Alistair.

Ela sorriu, apesar da preocupação.

— Sim, claro. Que bondade a sua apontar isso. Claramente estou superestimando a inteligência de Finch.



Já que Caleb se considerava um homem profundo e perspicaz, odiava admitir que tinha cometido um erro. Mas não havia como evitar o fato: ele havia julgado mal os efeitos de uma grande dose de láudano.

Em vez de desmaiar — ou morrer — o velho insuportável começou a vomitar.

E Jackson, o tolo de coração terno, parou o carrinho — porque o balanço causa náusea nele, entende?

Esses cavalheiros finos tinham digestões delicadas, dissera Jackson. O sr. Oldridge provavelmente não podia suportar a comida camponesa simples que comera no desjejum, ou o bife e a torta de rim que comera ao meio-dia, ou as fatias fritas da sobra de pudim de banha que tinha comido no jantar. Tudo estava voltando para assombrá-lo, como o fantasma no banquete em Hamlet. Jackson tinha visto a peça no palco em Londres não fazia muito tempo e agora se considerava um erudito.

Perderam uma hora esperando o velho vomitar as tripas, e depois disso se arrastaram. Jackson caminhava ao lado do carrinho, prometendo um bom chá quente assim que chegassem a Ledgemore, onde a carruagem os esperava.

Até um caramujo poderia tê-los vencido, com facilidade.

Arrastaram-se por horas na parte arborizada da colina, com o tempo prestes a piorar novamente, e o temperamento de Caleb ficando cada vez mais feio a cada minuto, enquanto o velho ficava deitado no carrinho, dormindo como um bebê, com Jackson pairando nas proximidades, como se fosse uma babá.

Mas quando Jackson se afastou para responder ao chamado da natureza, Oldridge pulou do carrinho e correu para a floresta.

Isso aconteceu tão de repente que ninguém estava preparado. Jackson precisava de um momento para terminar e abotoar-se, e Caleb, que era mais rápido nas circunstâncias, tropeçou em uma raiz e caiu, de cabeça. Ele se levantou a tempo de ver Oldridge desaparecer atrás de um monte.

Caleb correu atrás dele, praguejando baixinho, porque Jackson estava gritando, idiota que ele era. Deveria economizar seu fôlego para pegar o canalha. Ouviriam os rugidos de Jackson no vale, com certeza, ou pelo menos os cachorros ouviriam, acionariam um alarme e acordariam todos.

Vários minutos depois, com músculos e pulmões queimando, Caleb enfim alcançou o fugitivo.

Ele estava diminuindo a velocidade e tropeçando. Não havia fôlego suficiente nele para correr mais rápido que um homem cerca de dez anos mais jovem, Caleb pensou com satisfação. Esticou as pernas longas e correu, pulando sobre pedras e galhos caídos. Em um último impulso de velocidade, ele pulou e derrubou Oldridge, com força. Então Caleb o arrastou, com a faca contra o pescoço.

— Sua babá não está aqui agora — disse, ofegante. — É hora do seu acidente.

Ele puxou o homem com ele, a faca em seu pescoço, enquanto

procurava um lugar adequado...

Ah, sim. Ali. Uma boa queda de um penhasco escarpado de pedras.



Alistair havia parado para olhar o céu, que estava rapidamente se encobrendo outra vez. Se ele não tivesse parado, talvez não tivesse ouvido o grito e percebido que estava relacionado com os subsequentes grasnidos e gritos de aves irritadas. Os pássaros estavam voando para longe das árvores, reclamando do intruso que havia perturbado a paz deles.

Se não tivesse ouvido o grito, teria pensado que um cachorro ou gato havia vagado pelo meio deles.

Ele virou o cavalo naquela direção, embora não houvesse trilha visível no luar que minguava rapidamente. Os cavalos estavam escolhendo o caminho ao longo de uma antiga estrada batida, cheia de sulcos, enquanto seguiam os sinais de passagem recente: as marcas deixadas pelas rodas na terra, as pegadas de pés, cascos e fezes frescas.

Ali, na luz do luar que diminuía rapidamente, Alistair não conseguia distinguir nada como uma trilha ou caminho.

Mas a inquietação que ele carregava por todas essas longas horas se aprofundou em ansiedade, e ele instigou seu cavalo cansado a aumentar a velocidade.

No entanto, quando ele e Mirabel chegaram à clareira, os pássaros se acalmaram novamente e tudo estava em silêncio.

Eles pararam e ouviram. Estavam bem à frente dos outros e não ouviam vozes, apenas o vento suspirando entre os galhos despidos e sussurrando entre os pinheiros.

E então um grito rompeu o silêncio, um grito de um homem, curto e terrível, e próximo. Eles desmontaram e correram na direção do som.



O grito de alerta parou Alistair de supetão.

— Cuidado, cuidado — a voz sem fôlego do sr. Oldridge vinha de perto.

— Papai!

Mirabel teria corrido na direção do som, mas Alistair a segurou.

— O som está vindo de baixo — disse ele. — Espere aqui.

Ele avançou cautelosamente, esforçando-se para ver o chão à frente. Nuvens espessas engoliam a lua e liberavam uma garoa fria.

— Aqui, aqui — chamou o sr. Oldridge. — Um poço de ventilação. Tenha cuidado, eu imploro.

Alistair se ajoelhou e se arrastou na direção da voz. Parou quando viu o buraco, uma forma irregular, apenas um tom mais escuro que a escuridão circundante. Ele se aproximou o máximo que ousou e olhou para baixo. Não conseguia ver nada.

— Sr. Oldridge — chamou. — O senhor está bem?

— Sim, sim, claro.

— Vamos buscar uma corda e tirá-lo daí em um instante.

— Temo ser mais complicado do que isso.

Mirabel se aproximou de Alistair.

— Papai, o senhor está ferido? Alguma coisa quebrada?

— Acho que não, mas é difícil ter certeza. Caleb Finch caiu em cima de mim. Ele está... morto.

Náusea subiu. Alistair respirou fundo e exalou devagar. Ele se lembrou. A lama. O corpo rígido e gelado prendendo-o no lugar. O cheiro. Afastou a memória.

— Nesse caso, vou descer até o senhor — disse ele.

— Alistair.

Ele não conseguia ler o rosto de Mirabel na escuridão, mas ouviu o medo em sua voz.

— Se vocês dois ficarem presos aí, como vou tirá-los?

— Não ficaremos presos — prometeu Alistair. — Eu preciso descer.

— Mais audível, ele acrescentou: — Sr. Oldridge, pode me dizer mais alguma coisa? É difícil ver.

— Eu vi a depressão característica no solo e hesitei — contou Oldridge. — Então Finch me pegou e, quando tentei avisá-lo, ele pensou que era um truque. É um dos poços de ventilação antigos. A colina é cheia deles. Este sucumbiu pela idade, pelo clima e pela gravidade e, em resumo, está desabando. Parece que estamos apoiados sobre um monte de detritos que bloqueia parcialmente o buraco.

— O senhor não está no fundo, então — concluiu Alistair.

— Oh, não. Estamos presos sobre a abertura. — Ele não tinha certeza da profundidade do poço, acrescentou. Dada sua posição na encosta, estimava que houvesse pelo menos mais seis metros até o fundo. — Não tenho certeza se seria sábio tentar quebrar para chegar ao fundo — disse Oldridge.

— Não, é muito imprudente — respondeu Alistair. O poço devia levar a uma antiga mina, mas provavelmente estava bloqueado com escombros ou inundado. Isso significava que, se o monte de detritos que os sustentava cedesse, os dois homens cairiam até o fundo. Se a queda não matasse o sobrevivente, ele seria enterrado vivo ou

sufocado.

— Acho que seria melhor pedir ajuda — falou o sr. Oldridge. — Estou pronto para esperar.

E se a chuva aumentasse e se tornasse uma daquelas enxurradas torrenciais repentinas, como aquela que Alistair tinha enfrentado semanas antes? As paredes do poço poderiam desabar, enterrando o sr. Oldridge vivo ou jogando-o no fundo. Nunca conseguiriam resgatá-lo a tempo.

Tinha que ser agora, e Alistair precisava agir.

— Vamos precisar de um bom pedaço de corda — anunciou ele para Mirabel.



Alistair amarrou a corda na árvore mais próxima e jogou a outra ponta no buraco.

A chuva estava aumentando em ritmo constante.

Ele desceu, os dedos apertados na corda. Estava escorregadia. Se sua pegada falhasse, ele cairia através do monte de detritos instável e despencaria até o fundo, levando Oldridge e o cadáver com ele.

A cada movimento, pedaços de terra e rochas cediam.

A chuva batia em sua cabeça e espirrava lama em seu rosto. À medida que descia, ele percebia o cheiro que não era de terra úmida. Era tudo muito familiar. Sangue. E excremento.

O cheiro da morte repentina e violenta. Um assunto muito diferente de um passamento tranquilo na cama.

Queria vomitar, mas não permitiria. Se cedesse ao enjoo ou ao pânico, a mulher que ele amava perderia o pai e o futuro marido de uma só vez. Mesmo agora, ela poderia estar carregando o filho dele.

Pensar na criança — seu filho — firmou seus nervos e o levou até o monte de detritos inseguro onde os dois homens estavam encaixados. Podia ouvir a respiração de um deles. Seus olhos se acostumaram à escuridão e ele distinguiu o rosto amigável do sr. Oldridge.

— Consegue alcançar minha mão? — ele perguntou, curvando-se em direção a Oldridge. Ele ouviu um som de arrastar, depois terra e cascalho caindo no fundo. Era um som distante que ele ouvia? Na chuva, era difícil de dizer.

— Primeiro, preciso tirar o corpo — disse Oldridge.

— Deixe-me ver se posso ajudar — falou Alistair.

Ele se aproximou mais. Ainda segurando a corda, sentiu com a mão livre até encontrar um membro imóvel.

— Eu o peguei — avisou Alistair. — Para qual lado nós o movemos?

— Para minha esquerda.

— Agora, juntos, em três, mas devagar, devagar. Um. Dois. Três.

Ele puxou e Oldridge empurrou, e eles moveram o corpo para o lado. Outro punhado de terra cedeu.

— É melhor nos apressarmos — anunciou Alistair, aliviado que a chuva torrencial abafava o batimento de seu coração. — Pegue minha mão.

Oldridge segurou sua mão.

— Consegue subir nos meus ombros? — indagou Alistair. O buraco era apertado; suas paredes, instáveis; o chão sob seus pés ameaçava ceder a qualquer momento. Oldridge estava longe de ser jovem, provavelmente estava machucado e rígido, e isso poderia ser o menor de seus problemas. Mas anos escalando as colinas e vales de Peak District o mantiveram forte e ágil. Embora se movesse mais lentamente do que o habitual, o botânico conseguiu subir nos ombros de Alistair.

Com cautela, Alistair endireitou-se.

— Consegue alcançar? — ele ofegou.

— Ah, sim.

No topo do buraco, a escuridão clareou para um cinza-escuro. Ele viu a cabeça de Oldridge a poucos centímetros do topo. Então o rosto de Mirabel. Ela estava de bruços, com a mão estendida.

— Venha, papai — instruiu ela.

Com sua ajuda, Oldridge se contorceu e se içou sobre a borda.

Alistair se virou para lidar com o corpo. Mas, quando se inclinou para ele, o corpo desabou e o barro — que estava se transformando em lama — sob os pés de Alistair se moveu e escorregou. Ele recuou, segurando firmemente a corda, e ouviu a terra e as pedras retinirem no fundo.

— Alistair — Mirabel chamou. — Por favor.

— Eu não posso deixá-lo... isso... aqui.

Ele estendeu a mão novamente para Finch, mas quando se moveu, a lama sob o corpo cedeu e o corpo escapou do alcance. Outra parte da borda instável cedeu.

A chuva caía mais rápido e mais pesada, batendo na cabeça de Alistair. Lama e pedregulhos também caíam do limite desintegrado do buraco.

A corda estava molhada; suas mãos, dormentes. Mesmo ficando parado, colocando pouco peso sobre ela, mal conseguia segurá-la, e o chão sob seus pés estava se desmoronando. Se tentasse subir e colocar seu peso total na corda, perderia o apoio e cairia. Se tentasse escalar a

parede instável do buraco, esta desabaria sobre ele.

Ele olhou para o rosto que mal podia ver. Não precisava vê-lo. Ele a tinha memorizado, esculpido em seu coração.

— Eu amo você — declarou ele.



Mirabel compreendeu o que estava acontecendo, por que ele tinha dito as três palavras. O buraco estava se desfazendo, e Alistair ia ser enterrado vivo.

Ela tinha uma vaga percepção de uma voz, a certa distância atrás dela. Uma voz desconhecida, conversando com seu pai. Não conseguia distinguir as palavras, e não se importava. Toda a sua consciência estava concentrada no homem abaixo. Seu coração batia nos ouvidos. Tinha que descer de alguma forma. Tinha que ajudá-lo. Não podia perdê-lo. Não perderia.

Então, seu pai gritou:

— Está tudo bem, minha querida. Passamos a corda pelo estribo da sela. O cavalo vai puxá-lo para fora. Vou guiar o animal. Você ajuda o sr. Carsington.

— A corda está molhada — Alistair disse. — Não consigo me puxar, e a parede do buraco provavelmente vai ceder se eu tentar me segurar.

— Não, não tente, senhor — avisou a voz desconhecida. Seu dono se deitou de bruços ao lado de Mirabel. — Deixe-nos puxá-lo.

Eles abaixaram mais corda, e o homem disse a Alistair para dar uma volta na cintura, depois na mão.

— Vamos içá-lo — anunciou o homem.

Mirabel não conseguia falar. Mal conseguia respirar. Ela não pensava, mas cegamente fazia o que lhe diziam.

Foi lento, e duas vezes ele escorregou para trás, mas com a ajuda do estranho, conseguiram tirar Alistair. O que pareceu ser uma vida depois, sua mão gelada estava segurando a dela.

Mais um minuto e eles o puxaram para fora e sobre a borda. Ele estava molhado, sujo e provavelmente sentindo uma dor indescritível, mas estava seguro, e ela ousou respirar novamente.

Ela o abraçou e sentiu o chão ceder. Ele a puxou para longe, e um batimento cardíaco depois, o buraco implodiu.

Observaram em silêncio a terra engolir Caleb Finch.

Por um longo momento, ninguém falou. Eles olharam para o local por um tempo e depois se afastaram. Depois de ajudarem seu pai a

montar em um cavalo, o estranho finalmente quebrou o silêncio.

— Desculpe-me, senhor — disse ele a Alistair.

— Jackson? — Alistair perguntou. — Achei que tinha reconhecido sua voz.

— Sim, senhor. Eu realmente sinto muito, senhor. Isso é tudo culpa minha, só minha, mas eu nunca quis que terminasse assim, eu juro.



CAPÍTULO 20

Alistair não tinha a intenção de ficar em Oldridge Hall. Não estava satisfeito com a confissão de Jackson e queria pensar sobre o assunto. Se as coisas eram como ele suspeitava, a honra proibía que ele aceitasse a hospitalidade do sr. Oldridge. De qualquer forma, quanto mais longe de Mirabel, mais claro seria seu pensamento.

Mas o sr. Oldridge se mostrou surpreendentemente obstinado.

Eles tinham ido até a casa, e Alistair — planejando seguir para Bramblehurst e impor-se ao capitão Hughes — estava tentando recusar o convite do homem mais velho, agradecendo e recusando com educação.

— Não, não — disse o sr. Oldridge. — Não é conveniente que parta. Não posso ficar correndo atrás do senhor por toda a vizinhança. Está aqui agora e não duvido que Benton já tenha encomendado banhos quentes. Ele pensa em tudo, sabe. O senhor vai tomar banho e dormir, e nós o acordaremos a tempo para o jantar. Alguém encontrará seu valete até lá, eu suponho, mas se não conseguirmos encontrá-lo, o senhor jantará com um roupão e se absterá de definhar por causa disso. Não vai morrer por falta de uma gravata engomada ou qualquer outra coisa com a qual tanto se preocupa. Eu o verei no jantar, então, e aí conversaremos.

Durante esse discurso, Mirabel olhou para o pai, seus olhos se abrindo cada vez mais.

O sr. Oldridge encontrou o olhar dela.

— Caleb Finch estava segurando uma faca quando caímos — explicou ele. — No impacto, poderia facilmente ter entrado no meu corpo em vez de no dele. Muitas coisas passaram pela minha mente entre esse tempo e sua chegada. Nada na Terra é tão caro para mim quanto você. Sinto muito profundamente que fui como um estranho, e que foi necessário a recente série de choques para me trazer de volta à

razão.

Ele não deu a nenhum dos dois a chance de responder, mas desmontou às pressas e se apressou para dentro da casa.



Crewe estava lá para acordar seu mestre na hora marcada e para informá-lo, durante o processo de vestir, de tudo o que acontecera enquanto Alistair dormia.

O sr. Oldridge se recusou a apresentar acusações contra Jackson, que havia sido autorizado a partir imediatamente para Londres.

Ele havia partido para alertar Gordy, é claro.

Gordy, o traidor.

— Totalmente ideia de Jackson, na verdade — murmurou Alistair, enquanto abotoava a calça. — Como se ele ousasse fazer tal coisa... sequestrar um cavalheiro... sem a ordem expressa de seu mestre. “Vou resolver as coisas aqui”, disse Gordy. Eu posso adivinhar o que ele estava sussurrando para Jackson nas minhas costas.

— Senhor?

— Não pode esperar — disse Alistair. — Amanhã, na primeira hora, devemos partir para Londres. Cuide disso, por favor.

— Sim, senhor.

O processo de vestir continuou em um longo silêncio, finalmente quebrado por uma pequena tosse pensativa. Alistair suspirou.

— O que foi?

Crewe lhe entregou uma gravata.

— Eu só queria observar, senhor, que o senhor dormiu sem ser perturbado.

— Não, eu não dormi. — Alistair enrolou o linho em volta do pescoço. — Sonhei com a ferrovia circular em Euston.

Ele se lembrava do sonho claramente: a locomotiva a vapor correndo ao redor dos trilhos, Gordy gritando para ele sair.

Na realidade, Alistair havia andado na máquina com segurança, todos aqueles anos atrás. Mas pouco tempo depois, a locomotiva havia saído dos trilhos. Trevithick não tinha recursos para fazer reparos. Outros, no entanto, fizeram o dispositivo funcionar em outros lugares. Não estavam usando locomotivas a vapor correndo sobre trilhos, para transportar carvão no País de Gales?

A linha férrea era a grande vantagem. Locomotivas a vapor não eram muito mais rápidas do que cavalos, exceto em terreno plano. Mas os cavalos não podiam galopar interminavelmente por horas,

enquanto a máquina a vapor continuaria funcionando enquanto estivesse sendo alimentada. No entanto, a grande vantagem eram os trilhos. Eles tornavam o caminho suave como a água. Um cavalo podia rebocar uma carga muito mais pesada viajando na água — ou ao longo dos trilhos de uma estrada de ferro — do que poderia carregar em suas costas.

Os trilhos, no entanto, poderiam ser colocados em quase qualquer lugar. Não precisava de eclusas ou aquedutos para passar por declives. Não precisava de grandes reservatórios.

Com a mente ocupada com questões de engenharia, Alistair amarrou rapidamente a gravata. Só estava vagamente ciente do olhar chocado de Crewe enquanto o ajudava a vestir o colete e o paletó.

— Quero que você faça as malas — disse Alistair. — Precisamos partir para Londres, à primeira hora. — Sem sequer dar uma olhada no espelho, ele saiu às pressas.



O sr. Oldridge continuou em excelente humor durante o jantar. Ele fez pouco caso de suas recentes atribuições, chamando-as de aventuras, e ficou encantado quando Mirabel explicou como Alistair havia descoberto e interpretado a mensagem arranhada às pressas na mesa.

Depois do jantar, quando se retiraram para a biblioteca, ele assumiu um ar mais solene. Assim que o chá foi servido e os criados saíram, disse ele a Alistair:

— Não seja muito duro com seu amigo. Ele estava sob uma grande pressão, e a carta de Mirabel para ele dizendo que você não estava certo da cabeça não ajudou em nada.

Alistair estava tão surpreso com a perspicácia do homem, que não respondeu.

Mirabel tentou dizer algo, mas seu pai ergueu a mão.

— Um momento, por favor. Eu assinei aquelas cartas para Lorde Gordmor e para os Hargate porque estava profundamente preocupado com o sr. Carsington, assim como o capitão Hughes. Ele me procurou naquele dia na tentativa de compreender minhas teorias sobre o mal-estar do sr. Carsington.

— Mas não é nenhum mistério — disse Alistair. — Eu sofro de insônia.

— Ele estava sonhando com Waterloo, papai — explicou Mirabel. — Acontece que o sr. Carsington tinha amnésia, e os pesadelos começaram quando sua memória voltou.

— Um capitão consciente prefere um navio feliz — falou o sr. Oldridge, como se não tivesse ouvido. — Os homens unidos trabalham e lutam melhor. Um bom capitão está intimamente sintonizado com o humor da embarcação em geral, bem como nos detalhes.

Mirabel olhou para Alistair, cuja expressão perplexa refletia a dela.

— Eles vivem em espaços muito próximos, sabe, tantos homens apertados, isolados do mundo exterior por dias, semanas, meses — continuou o sr. Oldridge. — Seria difícil não notar quando um dos oficiais, por exemplo, fica desanimado ou se retrai, ou se torna perigosamente imprudente na batalha, ou passa por uma mudança radical de comportamento. O capitão Hughes, eu raciocinei, portanto, era mais propenso do que o médico civil médio a ter encontrado e tentado lidar com doenças da mente e do espírito. Ele deve ter visto mais dessas coisas do que o médico civil médio. Mas não fui capaz de me fazer claro para o capitão.

Abalado, Alistair pousou sua xícara de chá, levantou-se de sua cadeira e caminhou pelo comprimento da biblioteca até as janelas. Olhou para fora e lembrou-se do primeiro dia em que chegara ali. Ele olhava pelas janelas da sala de visitas, sem se emocionar com a paisagem, sua atenção fixada em Mirabel, o único ponto brilhante na paisagem monótona.

Mas a vista tinha mudado desde então. O mundo além das janelas era bonito, mutável, cheio de possibilidades. E era acolhedor. Era... um lar.

Ele se virou e encontrou dois pares de olhos azuis o observando.

— Sempre achei que os dândis eram criaturas frívolas e superficiais, não excessivamente inteligentes — falou o sr. Oldridge. — Quando Mirabel o chamou de um espécime desses, fiquei profundamente confuso. O instinto botânico me dizia que sua vestimenta era uma espécie de armadura. — Ele olhou para Mirabel. — Espinhos de cacto.

Armadura, para proteger o que estava por dentro, pensou Alistair. O que ele estava tentando proteger? Do que estava se escondendo? Incerteza, talvez. A chance de que a batalha tivesse danificado sua mente em caráter permanente. E, sempre, em segundo plano, mesmo quando não conseguia se lembrar dos detalhes da batalha e de suas consequências, pairava uma vaga sensação de vergonha.

Ele agora sabia que a carnificina o havia chocado e enojado. Cada vez que ele caía, e uma parte dele queria ficar ali e chorar pelos mortos, tanto por estranhos quanto por companheiros. Jovens e meninos morreram por causa dele, alguns em horríveis agonias. Ele continuou lutando, porém, sem pensar, porque pensar só geraria tristeza e desespero.

Agora também sabia que tinha pavor dos instrumentos dos

cirurgias — ele, que sempre acreditou que o medo era para as mulheres e para os homens mais fracos.

A voz do sr. Oldridge o tirou de sua reflexão.

— Talvez eu tenha reconhecido sua dificuldade porque era algo parecido com a minha — disse o homem mais velho. — Não recuei do mundo de propósito após a morte de minha esposa. A coisa veio sobre mim, como uma doença ou um hábito pernicioso, e não consegui me livrar dela. Eu me vi perguntando se sua dolorosa experiência em Waterloo tinha um efeito semelhante sobre o senhor. Eu recuei para a botânica, e o senhor... — Ele sorriu. — E o senhor, para a ciência misteriosa do vestuário.

— Meu Deus — Mirabel falou, os olhos arregalados enquanto observava Alistair. Ela se levantou do sofá, atravessou a sala e o examinou de cima a baixo, como se nunca o tivesse visto antes. — Eu estava com preocupações demais para prestar atenção adequada. Mas agora que percebo, estou espantada. Meu querido, você está todo... — Ela ergueu as mãos, claramente sem saber o que dizer. — Seu lenço. As palavras me fogem.

Alistair olhou para baixo e piscou. Ele havia amarrado o lenço de qualquer jeito no pescoço. Como Crewe o deixara sair do quarto com aquela aparência?

Ele olhou para o sr. Oldridge, que estava sorrindo. Alistair sorriu.

— Se sua teoria estiver correta, parece que estou me recuperando, senhor — concluiu ele.

— Fico aliviado em ouvir isso — respondeu o homem mais velho. — E em ver isso. — Ele caminhou até uma estante de livros e pegou um volume. — Já que está mostrando sinais de retorno à sanidade, vou esperar por uma reunião privada em meu escritório. Acredito que o senhor tem algo em particular para me dizer sobre minha filha. — Ele saiu.



Londres

Depois de receber outra carta expressa de Oldridge Hall no sábado à noite e, pouco depois, um relato pessoal de um certo Jackson profundamente angustiado, Lorde Gordmor estava infelizmente ciente de tudo o que havia acontecido nos dois dias anteriores.

Ele enviou Jackson a Northumberland para avaliar a devastação lá e resolver as questões da melhor forma possível. Enquanto isso, o visconde esperava estoicamente pela desonra pública e possível desmembramento em privado.

Ele teve uma longa espera.

A mensagem de Carsington chegou dez dias depois. Ela pedia ao senhor visconde que marcasse um horário e um local para uma reunião.

Lady Wallantree estava visitando o irmão quando a nota curta chegou e, como de costume, não tinha escrúpulos em arrancá-la de suas mãos.

— Ele está desafiando você para um duelo? — ela gritou. — Mas você não deve lutar com ele, Douglas. Ele não está em seu juízo perfeito. E sempre foi o melhor atirador, além de ser o melhor espadachim. Não estou nada confiante de que a perna aleijada dele dará a você grande vantagem.

Lorde Gordmor a olhou com uma expressão levemente confusa.

— Desde quando você se tornou uma especialista em assuntos de honra, Henrietta? Mas por que estou perguntando? O que há entre mim e Carsington não é da sua conta e nunca foi. Você sempre profetiza catástrofes, sempre enxerga a nuvem de tempestade sob a prata mais brilhante. Comparada a você, Cassandra parece alegre.

— Ninguém a ouvia, não é? — ela gritou. — Essa era a maldição do dom dela. Também é a minha maldição. Você zomba de mim. Você se recusa a ouvir a verdade.

— É uma verdade distorcida fora de todo reconhecimento. Permite que suas histerias perturbassem a paz da minha vida uma vez mais. A última vez constitui um erro que vou lamentar até o fim dos meus dias. No entanto, se seus poderes clarividentes se mostrarem precisos apenas uma vez, esses dias podem ser misericordiosamente poucos.

Lady Wallantree desmaiou prontamente.

Lorde Gordmor chamou um criado para atendê-la, pediu seu chapéu e bengala, saiu de casa e foi em busca do homem que fora seu amigo mais próximo por vinte anos.



No mesmo dia, na segunda-feira seguinte à Páscoa, Alistair estava andando pelo chão ricamente atapetado da modista mais procurada e cara de Londres.

Finalmente, sua noiva emergiu do provador. Ela parou diante dele. Ele fechou os olhos.

— Lavanda — disse ele em tons de mártir. — É um presente, uma verdadeira dádiva, eu juro. Uma habilidade rara de encontrar... entre uma coleção de vestidos tão elegantes que até os parisienses devem chorar de inveja... aquele que faz seu rosto parecer cinza.

— Alistair — Lady Hargate falou repreensivamente.

Ele abriu os olhos e observou a mãe com estoicismo. Ela estava sentada ao lado de Lady Sherfield, uma mulher bonita que se parecia muito com a sobrinha. Elas estavam folheando livros de moda.

Como ele sentia falta da não companhia de sra. Entwistle! Sua mãe e Lady Sherfield estavam sempre por perto. Ele não teve um momento sozinho com Mirabel desde que chegaram a Londres na quinta-feira anterior.

— Se você está entediado com esse assunto — sua mãe continuou —, por favor, leve seu mau humor para outro lugar. Caso contrário, a srta. Oldridge pode repensar sobre se casar com um bruto tão deselegante e sarcástico.

— Eu nunca devo usar lavanda? — indagou Mirabel.

— Não — disse ele. — Você deve se ater a cores quentes e fortes. Essa é uma cor fria e pálida. Não é para você. E de qualquer forma, parece que você está de meio-luto, quando deveria ser uma noiva radiante.

— Gosto de cores frias e pálidas — retrucou ela. — São muito calmantes.

— Deixe-me acalmá-la. Peço, deixe que as roupas valorizarem você.

— Você não foi uma companhia calmante esta manhã — retrucou ela.

Ele olhou significativamente para sua mãe e a tia de Mirabel, ambas novamente absortas nas ilustrações de moda, e fez um teatro de arrancar os cabelos.

— Sim, fazer compras é muito entediante — falou ela. — Mas foi você quem insistiu que eu substituísse cada peça do meu guarda-roupa.

— Também foi você quem insistiu, Alistair, em participar desses procedimentos tediosos — acrescentou sua mãe, sem olhar para cima.

— Eu não insisti que ela fizesse tudo de uma só vez — rebateu Alistair. — Eu tinha esperança de mostrar algo de Londres para minha noiva. Pensei que pelo menos poderíamos dar uma volta no parque. Se não aparecermos, as pessoas vão se perguntar o que estamos escondendo.

Ambas as senhoras mais velhas olharam para cima.

— Acho que eles também vão se perguntar por que precisamos de vigilância tão estrita — continuou ele. — Nós estamos noivos, afinal. O anúncio foi publicado no jornal. Vamos nos casar em dois dias. Realmente deveríamos ser autorizados a sair em público sozinhos. Não concorda, srta. Oldridge?

— Oh, sim — disse ela. — Um excelente ponto. Não desejamos

causar fofocas. Só me deixe tirar essa coisa horrível e estarei pronta em um instante.



Todo o processo levou um pouco mais de tempo do que “um instante”.

Eles tiveram que levar as acompanhantes de volta, e a srta. Oldridge precisou se trocar enquanto Alistair pegava a charrete de seu irmão mais novo, Rupert. Como resultado, já eram quase quatro horas quando chegaram ao Hyde Park. Em outra hora, o local estaria cheio. Eles não só não teriam privacidade, mas seriam interrompidos a cada poucos minutos, enquanto as pessoas buscavam apresentações à sua noiva prometida e ofereciam votos de felicidades, apaziguando sua curiosidade.

Ele não duvidava de que muitos homens ficariam doentes de inveja também. O vestido verde-musgo de Mirabel não era apenas lisonjeiro, mas estava na moda. Tinham feito esse e outros itens às pressas. Embora as provas entediassem Mirabel profundamente, ela estava feliz com suas novas roupas bonitas e, naquele dia, deixara a criada fazer seu cabelo com calma.

— Você está deslumbrante — elogiou ele depois que entraram no parque, e ele não precisava mais dar atenção total às congestionadas ruas de Londres.

— Acho que você está cego pelo afeto — disse ela. — Mas não me importo. É um alívio ter você escolhendo minhas roupas. Raramente sou indecisa, exceto quando se trata de vestir. As escolhas e todos os detalhes irritantes me sobrecarregam. E lembre-se de que, até agora, minha situação exigia que eu me vestisse de maneira simples. Tive que lidar muitas vezes com homens em assuntos de negócios, e eles se distraem com a maior facilidade. Mas é muito agradável ter coisas bonitas novamente.

Ela não recusou um único item bonito apresentado a ela. Quando lhe davam três vestidos para escolher, ela escolhia os três. O mesmo valeu para *bonnet* e sapatos. Quanto às suas peças íntimas, Alistair ficou de fora dessas transações, mas viu as pilhas de caixas quando ela voltou de uma viagem de compras com sua tia.

— Fico feliz que esteja satisfeita. Não imaginava que você poderia ser tão extravagante nesse aspecto quanto eu. Mas estou mudando meus hábitos. Se eu abrir mão dos meus antigos hábitos de gastos, não teremos dificuldade em viver dentro do nosso orçamento.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando seu perfil.

— O que foi? — indagou ele. — O que eu disse que é tão intrigante?
— Querido, você não leu o contrato de casamento antes de assiná-lo?

— Claro que li. — Eles se casariam na quarta-feira, por licença especial, que lhes permitiria dispensar proclamas e se casar quando e onde escolhessem.

Lorde Hargate não perdeu um instante para obter o documento ou fazer os acordos e assiná-los.

— Se eu os entendi é outra questão — Alistair acrescentou. — Em primeiro lugar, há a péssima linguagem jurídica, que é indecifrável. Em segundo lugar, há a péssima linguagem jurídica, que é incompreensível. Recordo-me de uma grande quantidade de zeros em algumas das cifras e um erro de cálculo, ao qual chamei a atenção de meu pai. Ele riu muito com isso e eu adotei uma expressão de resignação heroica e assinei meu nome onde me disseram para assinar.

— Meu dote é de duzentas mil libras — disse Mirabel. — Além disso, há...

— Perdão? Algo está errado com minha audição. Achei ter escutado você dizer duzentas mil.

— Foi isso o que eu disse.

O porrete golpeava outra vez.

— Querido, você não está se sentindo bem? — ela perguntou, ansiosa. Levantou a mão enluvada e a encostou em sua bochecha.

Alistair parou os cavalos e virou a cabeça para pressionar os lábios contra a palma de sua... luva. Não foi muito satisfatório. Ele pressionou os lábios na estreita faixa de pele visível em seu pulso e, em seguida, se afastou.

— Não se preocupe — murmurou. — Foi apenas uma vertigem momentânea. Duzentas. Mil. Não admira que meu pai tenha dado risada.

— Você não sabia?

— Pensei que alguém tinha lido errado e contado alguns zeros a mais. Presumi vinte mil ou algo assim. — A filha do duque de Sutherland, um dos homens mais ricos da Inglaterra, trouxe vinte mil para seu casamento. — Não fiquei pensando no assunto, porque é vulgar falar de dinheiro.

— Mamãe herdou a fortuna bancária da família dela. A herança de papai também foi substancial.

— Entendi — disse Alistair, fraco. Ele olhou ao seu redor, vagamente consciente das árvores desabrochando suas novas folhas verdes, dos pássaros cantando e de algumas figuras a cavalo. Em

pouco tempo, o parque estaria lotado da Boa Sociedade, montando cavalos caros ou conduzindo elegantes veículos, vestidos na última moda e trocando as últimas fofocas.

— Você está chateado — constatou ela.

— Não admira que meu pai fosse tão excessivamente carinhoso — comentou Alistair. — Depois que assinei os papéis, ele chegou até a me dar um tapinha no ombro.

— Bem, você é muito caro. Ele se preocuparia que você fosse encontrar uma moça que pudesse bancá-lo.

— Eu não sou tão caro assim. Apenas o Príncipe Regente é tão caro. E posso lembrá-la de que vesti-lo requer uma quantidade muito maior de tecido do que vestir a mim.

A figura do Príncipe Regente havia crescido de forma exponencial com o passar dos anos.

— Lembro-me do que você disse sobre se recusar a ser um parasita de sua esposa — disse ela. — Espero que não fique remoendo isso e se torne infeliz. Não há nada de errado em um filho mais novo se casar com alguém que tenha dinheiro.

Alistair estudou a mulher que em breve seria sua esposa. Cabelo: aurora. Olhos: crepúsculo. Voz: noite. Ele tinha visto tudo isso no primeiro olhar. Tinha sido antes de ele aprender as vertiginosas mudanças de seu rosto, a rapidez de sua mente, a abertura de sua natureza e a bondade de seu coração. Foi antes de tê-la segurado em seus braços e descoberto como ela podia se entregar a ele completamente, confiante e sem inibições.

Ele sorriu.

— Eu disse algo engraçado? — perguntou ela.

Ele se inclinou na direção dela.

— Eu estava pensando em você nua — ele sussurrou.

— Peço mil desculpas por interromper, Car — veio uma voz familiar de perto. — Eu realmente sinto muito, mas há apenas um limite para a tensão que os nervos de um sujeito podem suportar.



Mirabel, que havia se tornado alheia ao seu entorno, teve um sobressalto. Alistair, não. Em vez disso, ele ficou rígido, e devagar se afastou dela.

— Gordmor — disse ele, com frieza.

Um tom avermelhado opaco se espalhou pelo rosto anteriormente pálido do visconde.

— Srta. Oldridge — cumprimentou ele, tirando o chapéu. Ela assentiu educadamente.

— Peço que perdoe a intromissão — falou Lorde Gordmor. O clima, que já estava pesado, ficou ameaçador.

Mirabel olhou ao redor. O parque estava praticamente deserto. Instantes antes, ela encantava-se de ter um momento a sós com Alistair finalmente. Agora, lamentava o isolamento.

Não havia ninguém por perto para intervir ou interromper a confrontação que agora ameaçava ocorrer.

— Eu considero, Car — iniciou o visconde —, e é por isso que vim. Eu poderia ter explodido meu cérebro, ou cortado minha garganta, mas nunca fui dramático. Além disso, duvido de que pudesse fazê-lo com a elegância apropriada e só causaria uma confusão...

— Explodir seu cérebro? — Alistair interrompeu. — Do que está falando?

— Não tenho certeza — disse Gordmor. — Mas eu não suportaria fazer isso por meio de terceiros. Se formos lutar, Car, façamos isso sem...

— Lutar? — Mirabel se virou para Alistair. — Diga-me que você não o desafiou para um duelo.

— Certamente não — Alistair respondeu. — Ele é péssimo de mira e poderia matar um espectador inocente.

— Péssimo de mira? — repetiu Gordmor. — Eu sou excelente...

— Seu manejo da espada é ainda pior — continuou Alistair.

— Você pensa assim porque deixo você se sair melhor do que eu de vez em quando — retrucou Gordmor. — Por piedade.

Os olhos de Alistair estreitaram-se em fendas douradas.

— Piedade — ele rosnou. — Pela minha incapacidade, você quer dizer.

— Você estava incapacitado muito antes de deixar aqueles estrangeiros o destroçarem em Waterloo. Passei a maior parte da minha vida cuidando de você.

— Você estava me observando para me salvar — disse Alistair — desde o primeiro dia da escola.

Gordmor se virou para Mirabel.

— Não posso contar quantas vezes tive que resgatar esse idiota de uma enrascada ou de outra. Aquela garotinha loira, qual era o nome dela? Quando estávamos em Eton. A filha do zelador.

— Clara — contou Mirabel, lembrando-se da carta de sua tia.

— Clara. — Gordmor apontou para o nariz. — Este aqui costumava ser reto, até que um dos brutamontes amantes de Clara o quebrou.

Depois, houve Verena.

— Você não me resgatou de Verena — rebateu Alistair.

— Eu o avisei. Quantas vezes eu o avisei? — Gordmor se virou novamente para Mirabel.

— Ele nunca teve um pinga de bom senso com mulheres. Nunca enxerga o que é óbvio para todos os outros que não são surdos, mudos e cegos.

— Gordy, devo lembrá-lo de que está se dirigindo à minha futura esposa — alertou Alistair.

— Eu não estava me referindo à srta. Oldridge. Mas você me descompôs tanto que não consigo pensar direito. Eu vim com a intenção, como me lembro, de pedir desculpas.

— Então siga em frente — disse seu amigo.

— Srta. Oldridge, eu me comportei de forma muito estúpida e sinceramente lamento. Cometi tantos erros de julgamento que levaria uma semana para enumerá-los. Eu nunca me perdoarei por colocar seu pai em perigo, embora eu lhe assegure que não foi intencional. Eu só queria criar um desvio que a mantivesse fora de Londres enquanto nosso ato do canal era considerado. Eu estava prestes a oferecer, antes de Car duvidar de minha mira, as mais abnegadas das desculpas. Estava prestes a admitir, antes que ele começasse a discutir sobre Verena, que meu recente Episódio de Estupidez supera, de longe, todos os seus juntos.

— Obrigada — disse Mirabel.

Gordmor olhou para Alistair.

— Se a srta. Oldridge estiver satisfeita, acho que eu também devo estar — afirmou Alistair, em tom frio. — Acho que devo convidá-lo para o casamento agora.

— Seria a coisa nobre a fazer — falou Gordmor.

— Eu não sou tão nobre — respondeu Alistair. — O problema é que, se você não vier, um dos meus irmãos será meu padrinho. Você é um pouco menos tedioso do que os mais velhos e um grau menos irritante do que os mais jovens.



A manhã seguinte encontrou Alistair no quarto de vestir de Lorde Gordmor quando este estava se preparando para sair.

O visconde, que estava trabalhando em seu lenço ao redor do pescoço, não desviou o olhar do espelho quando o amigo entrou.

— Estou tentando inventar um novo estilo — disse ele. — Principalmente porque tenho uma dificuldade infernal de atar os que

já foram inventados. No entanto, não tenho certeza se conseguirei me concentrar adequadamente. Estou ansioso para saber o que o tirou da cama a esta hora. Os sinos do meio-dia mal terminaram de tocar.

— Quero falar com você sobre uma ferrovia — anunciou Alistair.

Gordy desistiu de seu lenço, se afastou do espelho e olhou para ele.

— Uma ferrovia — repetiu.

Alistair explicou o plano que havia discutido com o sr. Oldridge quando buscara sua bênção para o casamento. O sr. Oldridge havia aprovado tanto os planos da ferrovia quanto o casamento.

Em vez de construir um canal, eles colocariam trilhos diretamente das minas para as fornalhas de cal e outros lugares, ao norte. Poderiam instalar máquinas a vapor estacionárias para puxar os carrinhos pelas inclinações íngremes. Não precisariam seguir terreno plano. Não precisariam de eclusas ou aquedutos. Precisariam apenas de água suficiente para operar as máquinas a vapor. Custaria menos do que construir um canal e levaria menos tempo. Levaria o carvão, de forma barata e rápida, desde a colina rochosa de Longledge até os clientes mais próximos. Eles não precisariam passar pelas terras dos Oldridge ou de nenhum de seus vizinhos.

— Um carril de bondes — concluiu Gordy quando Alistair terminou.

— Por que não pensamos nisso desde o início?

— Porque Finch, seu confiável supervisor, sugeriu um canal, e ficamos com a ideia fixa — disse Alistair. — E porque falhei em exercitar suficientemente minha imaginação.

Gordy considerou.

— Suponho que a srta. Oldridge aprova esse plano.

— É para ser uma surpresa. Um presente de casamento. Eu não queria contar a ela sobre isso até ter certeza de que você cooperaria. — Ele prometera a Mirabel que resolveria o problema, e tinha resolvido.

— Claro que vou cooperar. Estou grato por ela não ter responsabilizado você pelo meu comportamento estúpido. — Gordmor arrancou seu lenço, jogou-o de lado e pegou outro da pilha de linho dobrado cuidadosamente sobre uma mesa próxima ao espelho. Então ele o pôs de volta na mesa e se virou para Alistair. — Car, devo pedir desculpas.

— Você já pediu. Ontem, no Hyde Park.

— Não, pedi desculpas à srta. Oldridge. Mas todos os problemas começaram porque eu não acreditava em você. Minha irmã ficava falando sem parar sobre o quanto você mudou desde Waterloo, e eu quase estava convencido de que você estava “*non compos mentis*”. Ela estava falando sobre melancolia perniciosa, e eu não sabia como

discutir com ela. Você parecia ter perdido toda a sua paixão e energia desde Waterloo. Mal notava as mulheres, embora elas estivessem se jogando em cima de você, a torto e a direito.

— Talvez ela não estivesse tão errada. Era alguma melancolia, aparentemente, embora eu nunca tenha ouvido chamarem de “perniciosa”. E isso aconteceu comigo depois de Waterloo. Dizem que tais coisas não são incomuns entre ex-soldados e marinheiros. Alguns não se recuperam. Mas meu caso não pode ter sido tão pernicioso.

Gordy o estudou por um momento.

— Não, hoje você é o Car que sempre conheci, não o estranho que voltou do Continente.

— Não entendo como cheguei a ser desse jeito, ou por quê, exatamente.

— Acho que o tempo na tenda dos cirurgiões seria suficiente para desorganizar a mente de qualquer homem.

— Eu estava aterrorizado — revelou Alistair. Era a primeira vez que admitia isso, em voz alta, para alguém. Ele nem mesmo tinha contado a Mirabel ainda. Mas contaria.

Gordy nem piscou.

— Você disfarçou bem. Eu não fazia ideia. Mas, então, eu também estava muito assustado para prestar muita atenção em você. Sabia que precisava ficar ao seu lado, Car, e deveria ter feito isso, mas deveria ter nos envergonhado a ambos, e vomitado... e provavelmente caído morto. Sei que parecerá louco e egoísta, mas fiquei imensamente aliviado quando você recusou a gentil oferta do cirurgião de amputar.

— Você vomitou? Sério?

— Foi pior, infinitamente pior, do que a própria batalha. Então, pelo menos, alguém está envolvido no calor da batalha. Céus, eu mal podia esperar para tirar nós dois daquele lugar horrível.

— Aquela serra — Alistair falou —, coberta de sangue.

— Os cirurgiões — continuou Gordy —, cobertos de sangue e Deus sabe o que mais. E o fedor do lugar.

— Se eu pudesse correr, teria saído correndo gritando, como uma mocinha — respondeu Alistair, com o coração se aliviando.

— Eu teria estado bem atrás de você, gritando mais alto e em um tom muito mais agudo. Você sabe que não tenho sua voz grave viril, não é?

E em mais um momento, estavam rindo de sua reação tão nada cavalheirescas àquele glorioso e horrendo dia, e Alistair não teve problemas em lembrar por que Gordy sempre fora seu amigo mais querido.



CAPÍTULO 21

O dia do casamento amanheceu claro, e o noivo estava bem acordado, vestido e andando de um lado para outro em seu quarto em Hargate House bem antes da hora marcada.

Crewe tivera uma Premonição.

— Por que você não teve uma no dia em que o sr. Oldridge desapareceu? — disse Alistair. — Por que tem que ter uma agora?

— Peço desculpas, senhor. Talvez não tenha importância. Talvez seja apenas nervosismo pré-nupcial.

— Você não vai se casar, Crewe. Sou eu que vou.

— De fato, senhor, mas estamos mudando nossas circunstâncias. A nossa casa não é mais de solteiro. — O serviçal deu uma pequena tosse ansiosa. — Minha mente está muito inquieta em relação às roupas de cama. O sr. Oldridge e o senhor têm opiniões diferentes sobre a goma. Ele prefere as roupas de cama um pouco menos rígidas. E a principal lavadeira de Oldridge Hall é uma mulher singularmente intimidadora.

Alistair parou de andar de um lado para outro para olhar fixamente para seu valete.

— Você tem medo da lavadeira?

Crewe tossiu um sim.

— Não ficaremos o tempo todo em Oldridge Hall — revelou Alistair. — Teremos nossa própria casa na cidade aqui, assim que encontrarmos um lugar adequado. Então, eu lhe dou permissão para escolher nossa lavadeira em Londres e exigir toda a goma que desejar. Tenho certeza de que não fará diferença para a srta. Oldridge, de qualquer maneira. Talvez, em Derbyshire, por outro lado, possamos ser um pouco menos... hum... engomados do que em Londres.

— Tem certeza, senhor? Será... — Uma tosse muito pequena e depreciativa interveio. — ... um ajuste.

— Dizem que a vida de casados requer um grande número de ajustes, Crewe. E lembre-se de que a srta. Oldridge também terá que fazer algumas mudanças para acomodar um marido. Ela está acostumada, há mais de dez anos, a organizar todos os assuntos da maneira que achar melhor. Agora ela terá um pai e um cônjuge dando palpites.

Não que o pai dela já não tivesse dado um palpite. Ele tinha uma crescente suspeita de que alguma forma de comunicação havia passado entre Oldridge Hall e Hargate House antes de sua chegada a Derbyshire no mês anterior. Lorde Hargate não parecia demonstrar a mínima surpresa com a notícia do casamento iminente. Ele parecera, na verdade, satisfeito — e mais especialmente quando os contratos de casamento estavam sendo assinados.

Alistair estava se casando com uma herdeira, assim como seu pai recomendara em novembro.

— Mas foi impossível conspirar — disse ele, meio para si mesmo, enquanto estudava seu reflexo no espelho pela décima sétima vez. — Mirabel abria todas as cartas de seu pai. Foi pura coincidência ela não ter visto a minha.

Crewe tossiu.

— Sim, o que foi? — indagou Alistair.

— Eu só queria observar, senhor, que certas cartas têm sido conhecidas por chegar diretamente às mãos do sr. Oldridge. Elas seriam incluídas em uma carta endereçada ao jardineiro-chefe. Lady Sherfield usava esse método de vez em quando.

Lady Sherfield, a íntima amiga de sua mãe.

Alistair deixara sua carta a Oldridge na bandeja com as outras, para seu pai selar. Seu pai deve ter colocado dentro de uma carta endereçada ao jardineiro.

Foi assim que o sr. Oldridge a recebeu.

Ele enviara uma resposta positiva e encorajadora a Alistair, embora o botânico não quisesse um canal em sua propriedade tanto quanto sua filha.

Por quê?

— Arranjo de casamento — Alistair disse ao seu reflexo.

— Senhor?

— Fui atraído até lá. De propósito. Eles fizeram uma armadilha, os dois. Meu pai viu a oportunidade e aproveitou. Foi maquiavélico. — Ele se afastou do espelho e sorriu. — E extremamente bondoso da parte dele. Eu talvez não a tivesse descoberto de outra forma.

Alguém bateu à porta.

Crewe atravessou o cômodo e abriu a porta.

Ele voltou para Alistair carregando uma pequena bandeja onde repousava uma nota com o selo de Lorde Sherfield.

Com o coração batendo acelerado, Alistair a abriu e leu.

Então ele saiu correndo do quarto.



O casamento estava marcado para acontecer em Hargate House às onze horas.

Eram dez e quinze, e a noiva, em Sherfield House, tinha expulsado sua criada e se trancado em seu quarto às dez e quinze, dizendo que o casamento deveria ser cancelado.

— Eu tentei falar com ela — disse o sr. Oldridge a Alistair quando ele chegou. — Minha irmã a tranquilizou através da porta, dizendo que era apenas um ataque de nervos de última hora, o que acontece com todo mundo. Mas nem Clothilde, nem eu, nem mesmo a sra. Entwistle conseguimos obter qualquer tipo de resposta. Lorde Sherfield teme que ela esteja doente e quer arrombar a porta. Confesso que estou ansioso com relação a isso, embora Mirabel nunca fique doente. Mas ela também nunca é tão irracional.

Oldridge franziu a testa.

— Pelo menos, eu sempre supus que ela não era dada a comportamento irracional ou temperamental. Mas não prestei muita atenção, como o senhor sabe.

— Ela não é irracional ou temperamental. Muito provavelmente ela está insegura. Perfeitamente razoável, nas circunstâncias.

Ele se lembrou do que tinha dito a Crewe, sobre dois homens dando seus palpites, quando ela estava acostumada a comandar. Sua vida estava prestes a mudar dramaticamente. Ela precisava de mais tempo para se acostumar com a ideia. Alistair não deveria tê-la apressado. Mas ele estava preocupado que ela estivesse grávida. E, sim, ele estava febril para se casar e se livrar de todos os malditos acompanhantes. Bruto egoísta. Ele deveria tê-la tranquilizado no dia anterior, em vez de se tranquilizar com Gordy.

Tudo isso passava pela sua cabeça quando o sr. Oldridge o conduziu até a escadaria. Lorde Sherfield estava andando de um lado para o outro no pé dela. Lady Sherfield estava conversando com a sra. Entwistle. Ela interrompeu a conversa quando Alistair se aproximou.

— Eu não entendo — disse a Lady Sherfield. — Ela estava tão alegre quando subi, mais cedo. E Mirabel não é dada a melancolia.

— Acho que ela se retirou para o quarto de vestir — falou a sra. Entwistle. — Terá que gritar o mais alto possível para que ela ouça.

Alistair parou no primeiro degrau.

— Eu não vou gritar com minha noiva no dia do nosso casamento — retrucou ele.

Ele considerou. Então a ideia veio.



A porta do quarto de vestir deixava as vozes de fora, mas não podia impedir tudo.

Mirabel estava sentada longe da penteadeira em um banquinho no final do cômodo, longe da luz da janela. Não precisava das vozes para perceber que estava se comportando mal. Abominavelmente. Mas não conseguia prosseguir. E não conseguia explicar. Eles não entenderiam. Diriam que ela estava sendo boba, que era apenas um caso de ansiedade de última hora, que todo mundo passava por isso. Eles a tranquilizariam dizendo que não havia nada de errado e gentilmente lembrariam que ela constrangeria a família de Alistair e incomodaria os convidados. Alistair ficaria humilhado. Ela fechou os olhos.

Não podia fazer isso com ele. Tinha que seguir em frente.

Ela se levantou, mas sua coragem falhou instantaneamente, e ela afundou de novo no banquinho, com a cabeça nas mãos. Um barulho alto, como se fossem pedras de granizo batendo na janela, a fez pular de novo.

Com o coração acelerado, ela foi até a janela e olhou para fora. O céu ainda estava azul, pontilhado de nuvens brancas e fofas. Depois ela olhou para baixo.

E piscou.

E abriu a janela.

Do último degrau de uma escada, Alistair a observava.

— O que você está fazendo? — indagou ela.

Ele colocou o dedo indicador nos lábios e subiu rapidamente.

— Eu vim para resgatá-la. Vou levá-la embora no meu cavalo branco como a neve, para onde você quiser. Ou melhor, atrás de um par de cavalos cinza, já que eu tive que pedir emprestado a charrete de Rupert outra vez. Achei que a carruagem seria mais confortável para uma fuga um pouco mais longa. — Enquanto falava, ele subia na janela e entrava no quarto. — Você teve uma mudança de ideia sobre se casar comigo. Eu não a culpo. Fui insuportavelmente arrogante. Eu a mandei se casar comigo. Nunca lhe pedi direito.

— Esse não é o problema — disse ela, recuando.

— Não sou o herói que você imagina que eu seja. Eu deveria ter contado o motivo real de eu ter recusado a amputação. A verdade é

que eu estava muito mais assustado com os cirurgiões do que com o inimigo.

— Ter medo era sensato. Você não teria sobrevivido a uma amputação. Esse não é o problema.

— Eu não lhe contei o pior. Fiquei apavorado quando desci naquele buraco atrás do seu pai.

— Mas você desceu mesmo assim. Isso é a verdadeira coragem: agir apesar do medo. E foi um medo racional. Eu nunca tive tanto medo na minha vida quanto naquele momento. Esse não é o problema.

— Eu escondi coisas de você — continuou ele. Ele se aproximou do espelho, fez um pequeno ajuste na gravata, e depois voltou para ela. — Seu pai e eu conspiramos às suas costas. Eu tenho um novo plano. Em vez de um canal, Gordy e eu vamos construir uma ferrovia das minas para nossos clientes. Seu pai aprovou a ideia, e Gordy está encantado. Eu deveria ter lhe contado primeiro, mas queria que fosse um presente de casamento. Imaginei que você desmaiaria de admiração pelo meu brilhantismo.

Uma ferrovia. Ela havia procurado e procurado uma solução, mas sempre achou que eles deveriam ter um canal. Uma ferrovia nem passou pela cabeça dela.

Ela pressionou o punho contra o peito.

— É brilhante, e eu desmaiaria se soubesse como. Talvez eu tenha aprendido a arte, mas foi há muito tempo, e eu esqueci. É apenas uma das várias habilidades femininas que me faltam. — Seus olhos ardiam de lágrimas. — Você me disse que encontraria uma solução, e encontrou. É uma surpresa maravilhosa. É um presente perfeito. Certamente não é um problema.

Ele veio até ela e segurou gentilmente seus ombros. Ele a olhou daquele jeito dele, fazendo-a olhar para cima, direto nos olhos dourados, tornando impossível fingir qualquer coisa.

— Não importa que eu não tenha sido o primeiro — disse ele, gentilmente. — Tive um lampejo de ciúmes vez ou outra, admito. É absurdo, claro. Não é como se eu tivesse vivido como um monge. Mas minha natureza é um pouco possessiva, e eu não queria compartilhar você com ninguém, mesmo que o compartilhamento tenha acontecido no passado distante, praticamente antes de eu nascer. Mas isto é tudo: orgulho e possessividade. Não muda meus sentimentos por você.

— Não o primeiro? — falou ela, perplexa. — Não o primeiro o quê? Ser abandonado por mim? Mas não o estou abandonando. Isso é, não...

— Sei que não sou o seu primeiro amante. Isso não importa. Você não era obrigada a me contar. É história antiga, não mais relevante do que meus próprios episódios. Apenas porque os homens têm mais

liberdade nessas questões não significa que seja certo ou justo.

Mirabel recuou, atônita. Alguém em Londres que a conhecia no passado sussurrara calúnias no ouvido dele? William Poynton tinha sido muito popular. Muitas damas haviam demonstrado ciúmes de Mirabel. Alguns poderiam tê-la culpado por ele deixar a Inglaterra e nunca mais voltar. Era possível que ainda estivessem ressentidas, depois de tanto tempo?

— Não sei quem lhe contou isso — ela começou.

— Ninguém me contou. Eu vi a evidência. Ou melhor, a falta de evidência. Depois que fizemos amor, na estalagem. Os lençóis. Nenhuma mancha.

— Nenhuma mancha — ela repetiu. Então, por fim, percebeu o que ele estava dizendo e, apesar de sua miséria, ela sorriu. — Meu amor, eu tenho trinta e um anos. Não pensou que meu hímen poderia ter encolhido e morrido... de desespero, muito provavelmente.

— Claro que não pensei. Para mim, você é uma garota. — Ele a soltou e deu um passo para trás, com expressão perplexa. — Minha querida, estou completamente perdido agora em relação ao que a está preocupando. Mas não preciso saber. Tudo o que importa é que você está com dificuldades de algum tipo e quer cancelar o casamento. Não vou tentar forçá-la...

— Eu não posso fazer isso! — ela exclamou. — Eu não posso. — Seus ombros afundaram. — Olhe para mim.

— Você está linda — disse ele. O vestido era branco-ostra com um tom quente, guarnecido com renda fina, um pouco parecido com a camisola cativante que ela usara naquela noite na estalagem.

Ela o encarou.

— O que há de errado com você? Não é o meu vestido. Esse parece bom o suficiente. É o meu cabelo. Eu não posso acreditar que você não notou. Está todo errado!

Ele piscou.

— Seu cabelo — falou ele. — Quer cancelar o casamento porque seu cabelo não está certo?

— Não está vendo? A criada da tia Clothilde fez isso, e está muito alto na testa, e há esses cachos desarrumados pendurados nas minhas orelhas, e ela levou uma eternidade, e estou presa com mil grampos, e não há tempo para tirar todos e começar de novo, e sei que você não vai conseguir se concentrar na cerimônia porque estará sofrendo por isso, e vou constrangê-lo na frente da sua família e amigos.

Houve um curto silêncio.

Depois:

— É a última moda — disse ele.

Sua boca tremeu.

— Oh.

— Não importaria para mim se fosse a moda do século passado. A única agonia que vou sofrer é impaciência pela noite de núpcias. Faz muito tempo desde que a segurei em meus braços.

— Sim, tem sido cansativo e irritante. Um passeio pelo parque em uma carruagem aberta... com meio mundo olhando e a outra metade interrompendo para conversar... não é muito satisfatório.

Ela se aproximou dele novamente e inclinou a cabeça para trás.

— Temos direito a um beijo, eu acho.

— Para nos sustentar durante a provação que está por vir — concordou ele. E inclinou a cabeça.

No momento em que sua boca tocou a dela, o mundo voltou ao lugar certo. Ela se aproximou e enlaçou suas mãos em torno do pescoço dele, e suas mãos passaram pela cintura. Ela amava suas mãos e o cheiro limpo e masculino de sua pele, misturado com goma e sabão. Ela amava a forma como sua boca se movia sobre a dela, a leve pressão a persuadindo a abrir os lábios, e o gosto dele. Ela estremeceu e se aproximou, e ele apertou seu abraço.

Ela se sentira tão insegura, tão fria e sozinha. Agora estava quente de novo e desejada. As mãos dele se moveram por suas costas, e ela suspirou de prazer.

— Sonhei com isso — ela murmurou contra a boca dele. — Suas mãos, suas mãos maravilhosas.

— Eu também sonhei com isso — disse ele. E afundou o rosto em seu pescoço. — Precisamos parar.

— Oh, sim.

Ele fez uma cascata de beijos desde o lugar delicado atrás da orelha até a linha do vestido. Ele desceu o decote e passou um dedo por dentro, contra a pele. Fez outro caminho de beijos desde seu ombro até a borda do tecido, sobre o volume superior dos seios. O carinho delicado de sua boca a fez arder.

Ela se aproximou dele, suas mãos deslizando para a parte de trás de sua cintura. Havia tanta coisa no caminho. Ela levantou o casaco e suas mãos deslizaram sobre o colete de seda e desceram, sobre a lã lisa e a curva firme de suas nádegas.

Ele se contraiu e rosnou algo contra seu pescoço, e ela se pressionou contra ele. Mesmo através das camadas de seu vestido e anáguas e as calças dele, Mirabel sentiu seu desejo. Estaria quente ali e duro.

Ela se lembrou do calor penetrando nela, e o calor se espalhou por ela, mergulhando no fundo de seu ventre. Sua mente também afundou, em um lugar profundo e escuro, enquanto o mundo se

afastava.

— Não me faça parar — ela implorou, com a voz baixa e espessa, as palavras arrastadas entre os suspiros entrecortados. — Eu quero você dentro de mim. — Ela moveu a mão sobre o volume de suas calças. — Agora.



A ousada carícia tirou-lhe o fôlego e minou sua vontade. Ele ergueu a cabeça e olhou para ela. Seus olhos estavam azul-esfumaçados, quase fechados. A cada inalação, ele sentia o cheiro dela, e isso nublou e tornou sua mente mais densa.

No entanto, alguma consciência permaneceu. Não poderiam continuar. O casamento. Os convidados esperando. Ele se afastou e tentou recuperar o fôlego e o equilíbrio.

Ela avançou, puxando o corpete que ele havia desarrumado. Seus seios incharam, suaves como pérolas, acima da renda. Ela deslizou as mãos sobre eles, para baixo sobre a cintura graciosa, e mais para baixo, sobre os quadris. Os dedos dela se apertaram na saia, e ela a puxou para cima.

O olhar dele desceu para as sapatilhas de pelica e subiu: as meias brancas... a curva bonita de seu tornozelo... o contorno perfeito de suas panturrilhas.

Ele deu mais um passo para trás, e ela avançou, puxando o vestido ainda mais para cima, quase até os joelhos. Mais um pouco, e ele veria o coração desajeitado de cabeça para baixo, tão parecido com ela, que viraria sua mente e seu coração, seu mundo, do avesso.

Ele fechou os olhos. Não. O casamento. Os convidados. Esperando.

Deu mais um passo para trás, e bateu em algo, e tropeçou para trás. Ele bateu na parede, mas sua perna ruim cedeu, e ele escorregou para o chão, sobre o tapete.

E antes que pudesse pensar em se levantar, ela estava lá, de pé sobre ele, com suas saias ainda reunidas nas mãos. Ela estava olhando para baixo, para a frente de suas calças, e sua boca se curvou em um sorriso malicioso.

Ela enfiou a mão por baixo do vestido e desamarrou as calças, e elas caíram sobre a barriga dele. O pênis, pouco afetado pela queda, estava ereto, em posição.

Ela desceu e ficou de joelhos, sua feminilidade a poucos centímetros de seu membro ansioso.

Ele deslizou as mãos pelas coxas levemente arredondadas, sobre ligas e o topo das meias, até a pele macia. Percorreu os dedos sobre a

curva de sua barriga, o lugar macio logo acima dos cachos suaves. Ela emitiu um gemido baixo e se moveu contra sua mão.

Ele deixou o polegar escorregar mais para baixo, onde ela queria, e a acariciou, embora sua mão tremesse e sua mente fosse um lugar selvagem, cheio de necessidade e instinto animal. Ela estava tão perto, quente e pronta, o lugar macio sob seu polegar tão suave e úmido.

Ele sentiu-a tremer contra ele. Ela afastou a mão dele, depois se ergueu um pouco, segurou o membro e o introduziu nela, lentamente.

— Ah — disse ela, e era meio-gemido, meio-suspiro. Em seguida, ela se inclinou para ele, e ele estendeu a mão e a segurou, seus dedos percorrendo as mechas grossas e selvagens, e a trouxe para perto, trazendo sua boca até a dele.

— Você está no comando — ele murmurou.

— Sim.

Ele sentiu um sorriso contra sua boca. Ela se levantou e desceu, e sua mente ficou em branco. Nada restou além de sensação, calor correndo por ele enquanto ela subia e descia, enquanto ele subia e descia com ela, devagar a princípio, depois cada vez mais rápido... até que ela se ergueu, soltou um grito e estremeceu, de novo e de novo, enquanto o levava ao ápice com ela, a uma explosão de brilho ardente. Então eles caíram juntos em uma doce escuridão, e sua boca encontrou a dele de novo, e ela respirou:

— Eu amo você.

— Eu amo você — ele respondeu, rouco. — Minha maravilhosa e travessa garota.



Na sala de visitas de Hargate House, o capitão Hughes tirou seu relógio de bolso e franziu o cenho.

A sra. Entwhistle, de pé ao lado dele, enfiou o cotovelo em suas costelas.

— Isso não é a Marinha Real — disse ela em voz baixa e desaprovadora. — Nossas vidas não são regidas pelo relógio. Seis badaladas para isso. Três badaladas para aquilo. Pressa, pressa, pressa. Não podemos perder um minuto.

Ele guardou o relógio e virou o franzir de sobrancelhas para ela.

— Eu havia suposto que mesmo um par de civis poderia se organizar para chegar no horário para o próprio casamento.

Ele certamente chegaria na hora para o seu, se conseguisse persuadir aquela senhora a olhar gentilmente para ele. Isso, ele calculou, dada a taxa de progresso atual, levaria alguns anos. Ele

esperava que seus dentes e cabelos não caíssem antes disso.

— Eles estão apenas alguns minutos atrasados — falou ela. — Houve um contratempo. Mas o sr. Carsington prometeu resolver e nos disse para seguir em frente.

Um momento depois, o burburinho da conversa diminuiu para um murmúrio. O noivo avançou para o lugar diante do celebrante, seu padrinho juntou-se a ele, e as portas da sala de visitas se abriram para revelar a radiante noiva, apoiada no braço de seu pai.

Ela estava mais do que radiante, observou o capitão Hughes. Estava corada, e seu cabelo...

Seu olhar foi para o noivo — o famoso dândi que descia para o desjejum vestido com perfeição, cuja ideia de desalinho era um roupão de seda em vez de um casaco sobre seu colete de seda usual, uma camisa recém-passada e um lenço de pescoço engomado amarrado em nós tão complicados que até o marinheiro mais experiente deveria considerá-lo com mistificação e desespero.

Aquele era o homem que havia recusado a hospitalidade de Oldridge em uma das piores noites do inverno e cavalgado duas horas até Matlock Bath em uma tempestade de gelo. Tudo porque não trouxera uma roupa reserva.

No momento, o cabelo do sr. Carsington parecia ter sobrevivido recentemente a uma tempestade atlântica. Seu lenço de pescoço estava torto, o nó tão simples que um meio-almirante de sete anos, com metade da visão e uma mão amarrada nas costas, poderia administrá-lo.

O capitão Hughes sorriu. Não tinha ideia de qual havia sido o contratempo, mas podia adivinhar como o noivo o havia resolvido.

— Por que você está rindo? — sussurrou a sra. Entwhistle.

— Não estou rindo — ele sussurrou de volta. — Estou sorrindo benignamente para o casal feliz.

— Você está rindo. Eu posso adivinhar por quê. É feio da sua parte reparar.

— Você foi a governanta dela. Eu me pergunto o que lhe ensinou. Para sua alegria, as bochechas da viúva ficaram coradas.

— Lionel, você é incorrigível.

Lionel. Aha. Talvez não tantos anos, afinal.

— Caríssimos — o celebrante começou, e eles ficaram em silêncio, virando sua atenção para lá.



Lorde Hargate havia esperado por um tempo que lhe parecia intolerável para o início da cerimônia. Ele já tinha ouvido falar da relutância da noiva antes mesmo que o noivo a ouvisse. No entanto, o conde havia conversado amavelmente com seus convidados, depois tomado seu lugar apropriado na sala de visitas no horário marcado. Ele havia permanecido estoicamente nesse lugar enquanto os minutos se arrastavam, enquanto os instintos paternos o instavam com um agudo crescente para apressar-se ao socorro de seu terceiro filho.

Consequentemente, ele soltou um suspiro de alívio profundo quando pareceu que Alistair havia lidado com a crise por conta própria. O conde não questionou os meios de persuasão empregados.

Afinal, ele era um político.

Mesmo assim, não respirou aliviado novamente até que a cerimônia terminou.

Em seguida, ele olhou para o sr. Oldridge, que lhe deu um sorriso conspiratório. Apesar de sua distração e preocupação com assuntos botânicos, ele havia conseguido perceber a leveza daquele casamento em particular.

O conde se virou para a esposa.

— E então, Louisa? — ele murmurou.

— Você fez muito bem, Ned — disse ela, baixinho. — Muito bem mesmo, meu querido.

Sim, Lorde Hargate pensou. Um filho solteiro algemado em segurança. Só precisava cuidar de mais dois.



Em 2 de maio de 1825, a aprovação real foi recebida para “Um Ato para a construção e manutenção de uma Ferrovia ou Linha de Bonde, do Canal de Cromford, em ou perto de Cromford, na paróquia de Wirksworth, no condado de Derby, até o Canal Peak Forest, em ou perto de Whaley, (de outra maneira, Yardsley-cum-Whaley) no condado palatino de Chester”.

Entre os cento e dezesseis membros da Companhia de Ferrovia Cromford e High Peak estava uma mulher, a viscondessa viúva Anson.

A ferrovia, inaugurada em 1830, foi considerada uma das façanhas de construção mais notáveis e ousadas da época.

Joseph Priestley, autor de *Relato Histórico dos Rios, Canais e Ferrovias Navegáveis da Grã-Bretanha* (publicado pela primeira vez em 1831), chamou-a de “um grande projeto, por atravessar uma região tão montanhosa”.

Entre em nosso site e viaje no nosso mundo literário.

Lá você vai encontrar todos os nossos
títulos, autores, lançamentos e novidades.



Acesse: [Loja Editora Charme](#)

Além do site, você pode nos encontrar em nossas redes sociais:

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)

[Tik Tok](#)

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Copyright](#)
3. [Elogios](#)
4. [Prefácio](#)
5. [Prólogo](#)
6. [Capítulo 1](#)
7. [Capítulo 2](#)
8. [Capítulo 3](#)
9. [Capítulo 4](#)
10. [Capítulo 5](#)
11. [Capítulo 6](#)
12. [Capítulo 7](#)
13. [Capítulo 8](#)
14. [Capítulo 9](#)
15. [Capítulo 10](#)
16. [Capítulo 11](#)
17. [Capítulo 12](#)
18. [Capítulo 13](#)
19. [Capítulo 14](#)
20. [Capítulo 15](#)
21. [Capítulo 16](#)
22. [Capítulo 17](#)
23. [Capítulo 18](#)
24. [Capítulo 19](#)
25. [Capítulo 20](#)
26. [Capítulo 21](#)
27. [Epílogo](#)
28. [Charme](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)

5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)

49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)

93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136

137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)

181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)

225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)

269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)

313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)

357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)

401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)